

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, Nº 52

ANO 1996

ARQUEOLOGIA NOS CERRADOS DO BRASIL CENTRAL

SUDOESTE DA BAHIA E LESTE DE GOIÁS

O Projeto Serra Geral

Pedro Ignácio Schmitz
Altair Sales Barbosa
Avelino Fernandes de Miranda
Maira Barberi Ribeiro
Mariza de Oliveira Barbosa

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo - Praça Tiradentes, 35 - Rio Grande do Sul - BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Pedro Ignácio Schmitz, S.J. - Diretor

Arthur Rabuske, S.J. - Coordenador para História

Josef Hauser, S.J. - Coordenador para Zoologia

Josafá Carlos de Siqueira, S.J. - Coordenador para Botânica

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 3 secções independentes. **Antropologia, História, Botânica.**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 3 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Botanik.**

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

Pesquisas publishes original scientific contributions in current western languages.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff.

Pesquisas is divided into 3 independent series: Anthropology, History, Botany.

We ask for exchange with publications of similar character.

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, Nº 52

ANO 1996

ARQUEOLOGIA NOS CERRADOS DO BRASIL CENTRAL

SUDOESTE DA BAHIA E LESTE DE GOIÁS

O Projeto Serra Geral

Pedro Ignácio Schmitz

Altair Sales Barbosa

Avelino Fernandes de Miranda

Maira Barberi Ribeiro

Mariza de Oliveira Barbosa

Instituto Anchieta de Pesquisas

São Leopoldo – Praça Tiradentes, 35 – Rio Grande do Sul – Brasil

SUMÁRIO

Participantes e financiadores do projeto	7
1. A pesquisa, o ambiente e a população atual.....	8
Introdução	8
Aspectos físicos da área	9
Os sistemas naturais e a população atual	13
2. Os sítios arqueológicos da vertente goiana.....	19
3. Os sítios dos Gerais	24
3.1. Os sítios do rio Correntina.....	25
BA-RC-13.....	25
BA-RC-14.....	29
BA-RC-15.....	29
BA-RC-16.....	31
BA-RC-17.....	34
BA-RC-18.....	34
BA-RC-19.....	36
BA-RC-20.....	50
BA-RC-21.....	50
BA-RC-22.....	50
BA-RC-23.....	52
BA-RC-24.....	54
3.2. Os sítios do rio Pratudão/Formoso.....	56
BA-RC-34.....	56
BA-RC-35.....	56
BA-RC-36.....	66
BA-RC-37.....	66
BA-RC-38.....	66
BA-RC-39.....	66
BA-RC-40.....	67

BA-RC-41	67
BA-RC-42	67
BA-RC-29	67
3.3. Resumo: Os sítios dos cerrados	67
4. Os sítios da caatinga	70
4.1. Os sítios do baixo curso do rio Correntina	70
BA-RC-25. Remanso	70
BA-RC-26. Brejo dos Aflitos	72
BA-RC-30. Ponte Velha	73
4.2. Os sítios da proximidade do rio Corrente	79
BA-RC-33. Gruta do Barreiro do Cedro	79
BA-RC-31	84
BA-RC-31A	89
BA-RC-43. Abrigo do Olho d'Água do Cumba	90
BA-RC-46. Abrigo da Cana Brava	94
BA-RC-45. Abrigo na serra do Cumba	94
BA-RC-32. Abrigo da Pedra Escrita	95
BA-RC-47. Dolina do Amadeu	99
BA-RC-44. Sítio Tupiguarani	101
4.3 Os sítios do Morro Furado, Serra do Ramalho	112
4.3.1. Os sítios fora do <i>canyon</i>	112
BA-RC-51	112
BA-RC-52. Um sítio da tradição Una	113
BA-RC-53. Outro sítio da tradição Una	120
4.3.2. Os sítios dentro do <i>canyon</i>	121
BA-RC-49	124
BA-RC-54	125
BA-RC-28	125
4.4. Resumo: Os sítios da caatinga	177
5. O assentamento dos grupos pré-coloniais nos cerrados e na caa- tinga	180
Bibliografia citada.	193
Anexo I	197

PARTICIPANTES E FINANCIADORES DO PROJETO

Pedro Ignácio Schmitz, IAP/UNISINOS, coordenador geral do campo e laboratório, responsável pela redação final e a maioria dos desenhos finais. Bolsista do CNPq.

Altair Sales Barbosa, IGPA/UCG, coordenador de campo e laboratório.

Avelino Fernandes de Miranda, IGPA/UCG, responsável pelo estudo do ambiente e a maior parte das plantas e croquis de campo.

Eurípedes Balsanulfo de Freitas e Abreu, IGPA/UCG, ativo na maior parte dos trabalhos de campo.

Maira Barberi Ribeiro, IGPA/UCG, participante de várias expedições, responsável pelas plantas, perfis e parte da cópia das pinturas do sítio BA-RC-28 e pelo estudo geológico da área.

Mariza de Oliveira Barbosa, IGPA/UCG, participante de várias expedições e responsável pela arte do Rio Corrente.

Dulce Madalena Rios Pedroso, IGPA/UCG, ativa nos trabalhos de campo.

André Osorio Rosa, IAP/UNISINOS, responsável pela classificação dos restos biológicos. Bolsista do CNPq.

Osmar Santos, motorista das expedições.

Mário Arruda, Eloísa Fernandes, Jesus Marco de Athaídes, todos do IGPA/UCG, participaram, cada um, numa expedição de 15 dias.

O projeto foi financiado pela SPHAN, o CNPq, a Universidade Católica de Goiás, o Instituto Anchieta de Pesquisas e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

1. A PESQUISA, O AMBIENTE E A POPULAÇÃO ATUAL

INTRODUÇÃO

No início do Programa Arqueológico de Goiás, executado pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da UCG e o Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, o Projeto Serra Geral, que estuda o sudoeste da Bahia e pequena parte do leste de Goiás, estava destinado simplesmente a dar amostras das culturas da fronteira entre Goiás e Bahia, sendo impossível prever, então, os problemas que posteriormente aí seriam levantados. Era um espaço escolhido no leste do estado de Goiás, como havia um para o norte, para o oeste, para o sul e o centro.

Foi com o desenvolvimento das pesquisas em Serranópolis (Schmitz e outros, 1989) e depois em Caiapônia (Schmitz e outros, 1986) que a maior parte das questões foram levantadas: a tradição Itaparica de caçadores generalizados do começo do Holoceno, a coleta de moluscos marcando o começo da fase Serranópolis, as oscilações climáticas, a diversidade das pinturas e gravuras, os horticultores das áreas abertas e dos abrigos. Tudo isso precisou ser testado na execução do novo projeto. Ainda havia outros problemas: o sistema de exploração de um ambiente variado, no qual temos campinas nas áreas mais altas, cerrados nas intermédias e caatingas na proximidade do rio São Francisco. Finalmente o aparecimento de datas pleistocênicas se acavaram com os problemas anteriores.

Paralelamente com nossas próprias pesquisas, as de colegas em áreas vizinhas, como a do Projeto Integrado da Bacia do Paranã (ISCB e UFGO), a de São Raimundo Nonato (École des Hautes Études en Sciences Sociales e FUFPI, posteriormente FUNDHAM), e do Alto Médio São Francisco (UFMG), enriqueceram ainda mais o já extenso panorama de perguntas.

Os resultados que divulgamos provêm de 4 anos de atividades de campo e longos anos de laboratório e compilação.

Os primeiros interesses na área datam de 1975. Os trabalhos sistemáticos no campo foram realizados nos anos de 1981 (maio e julho), 1983 (maio e julho), 1984 (julho), 1985 (abril e julho), somando aproximadamente 170 dias da equipe no trabalho externo. Na prospecção da área foram realizados trabalhos mais

intensivos no lado goiano ao longo da fronteira com a Bahía; na Bahía foram pesquisadas duas áreas ao longo do rio Correntina, uma área ao longo do rio Pratudão, afluente do rio Formoso, uma área na serra do Ramalho e uma área no rio Corrente, nos arredores da cidade de Santa Maria da Vitória. A varredura abrangeu os municípios goianos de Alvorada do Norte, Mambai, Damianópolis, Posse, Jaciara, Guarani de Goiás, São Domingos, Galheiros, Arraias, Aurora do Norte, Taguatinga, Dianópolis; e os municípios baianos de Correntina, Coribe, Santa Maria da Vitória e Santana dos Brejos.

O enfoque inicial era mais histórico-distribucional, inclinando-se depois fortemente para uma abordagem de sistemas ecológicos e culturais. Também há um forte interesse na arte rupestre.

A arte rupestre será estudada em volume separado.

ASPECTOS FÍSICOS DA ÁREA (Figura 01)

A área em estudo, dentro do Projeto Serra Geral, é limitada a oeste pela coordenada de $46^{\circ}30'$, a leste pelo rio São Francisco, ao norte e ao sul pelas latitudes de $13^{\circ}00'$ e $14^{\circ}30'$.

Tendo em vista as dimensões da área e as variações de ordem ambiental nela existentes, que provocaram o surgimento de diferentes processos adaptativos, optou-se por dividir a região, a partir das características fisiográficas, em dois sistemas, denominados Sistema da Serra Geral e Sistema do Corrente.

O Sistema da Serra Geral, mais homogêneo, compreende a região conhecida como Serra Geral de Goiás, que constitui o limite entre os estados de Goiás e Bahía.

Predominam nessa área rochas do Sub-grupo Paraopeba, Grupo Bambuí, datadas do pré-cambriano superior e representadas por calcários dolomíticos, siltitos e folhelhos, constituindo seqüências de predominância carbonática.

Junto à estrutura da Serra Geral de Goiás, as camadas de pelitos, quando afetadas por leve metamorfismo, tornam-se mais resistentes à erosão, fato este que, associado à facilidade de dissolução dos calcários, quando se encontram sotopostos aos quartzitos, e ao intenso fraturamento do pacote, possibilitam a formação de grandes abrigos e cavernas, onde é comum a presença de rios subterrâneos.

Essas grutas, que alcançam dimensões extraordinárias, como a de Terra Ronca, com aproximadamente 100 m de abertura e 2 km de extensão, não são, entretanto, próprias para a ocupação humana, devido à intensa umidade e à falta de iluminação que dominam esses abrigos.

Os sítios arqueológicos registrados dentro desse sistema correspondem a pequenos abrigos-sob-rocha, desenvolvidos em calcário, freqüentemente

próximos a um córrego ou rio de pequena dimensão, ou em entradas luminosas de grutas.

O relevo da região apresenta-se acidentado, com cotas em torno de 600 m e com cristas alinhadas segundo a direção principal norte-nordeste. A estrutura principal da Serra Geral de Goiás, com cotas atingindo 800 a 1.000 m, assemelha-se a uma frente de *cuesta*, onde a área conhecida como *Gerais* corresponderia, então, ao reverso da *cuesta*.

Os rios de caráter perene nascem próximo às encostas da Serra Geral de Goiás, dirigindo-se para oeste, rumo à bacia do Paranã. Apresentam freqüentemente sedimentação quaternária nas margens.

Dentro do Sistema da Serra Geral a vegetação dominante é o cerrado, que se desenvolve sobre um solo de tipo latossolo Vermelho-Amarelo, e se caracteriza por apresentar árvores de pequeno porte, com casca grossa rugosa, raízes profundas e folhas geralmente desenvolvidas, agrupadas ou isoladas sobre uma vegetação rasteira de gramíneas associadas.

Uma maior concentração de elementos arbóreos caracteriza o cerradão, presente na região, cuja existência parece estar ligada a uma melhor qualidade do solo ou maior porosidade, possibilitando assim o armazenamento de água.

O Sistema do Corrente abrange uma extensa faixa de direção E/W com variações faciológicas que conduziram a uma subdivisão do mesmo em Sub-sistema dos Gerais e Sub-sistema da Caatinga.

O Sub-sistema dos Gerais limita-se a oeste com o Sistema da Serra Geral e caracteriza-se por uma extensa área onde afloram arenitos da Formação Urucuia.

A Formação Urucuia, termo consagrado para sedimentos de origem continental fluvio-eólica, datados do Cretáceo, se sobrepõe em discordância angular e erosiva a sedimentos do Grupo Bambuí.

Apresenta grande homogeneidade litológica e caracteriza-se por arenitos finos a médios, róseos, impuros, com alguns níveis conglomeráticos e áreas com maior silicificação do material, formando normalmente pequenas cristas, mais resistentes à erosão e constituindo fonte de matéria-prima para a fabricação de instrumentos líticos.

O relevo caracteriza-se por uma topografia uniforme, que compõe uma superfície de aplainamento, com cotas em torno de 1.000 m no extremo oeste, decrescendo em direção a leste até alcançar menos de 800 m próximo ao rio Formoso, onde se limita com o Sub-sistema da Caatinga. Pequenas cristas ressaltam localmente na topografia, que limitam pequenos vales abertos de fundo chato, onde normalmente se observa uma sedimentação cenozóica areno-argilosa de cor acinzentada, podendo o talvegue apresentar-se seco ou não.

A drenagem, na região, parece apresentar um forte condicionamento estrutural, já que os rios se apresentam paralelos, correndo em direção E/W, encaixados em leitos sem barrancos, observando-se raramente áreas de sedimentação recente.

A vegetação, dentro do Sub-sistema dos Gerais, é caracterizada no extremo oeste por campos, localmente com ocorrência de matas-de-galeria. Junto às drenagens passa gradativamente, em direção leste, para o cerrado característico nas áreas de menor altitude.

Ambas as formações desenvolvem-se sobre um solo arenoso, resultante de processos lateríticos desenvolvidos sobre os arenitos da Formação Urucuia, estando aparentemente a ocorrência dos campos condicionada ao fator altitude.

Os sítios arqueológicos registrados dentro do Sub-sistema dos Gerais são predominantemente pré-cerâmicos, representados por assentamentos a céu aberto, próximos às margens dos rios e áreas onde afloram níveis de arenito silicificado, formando verdadeiros sítios-de-mineração, com grande quantidade de material lítico lascado. Em nosso projeto conseguimos boas amostras dos sítios pré-cerâmicos ao longo do rio Correntina e ao longo do rio Pratudão, mas não conseguimos boas amostras dos sítios cerâmicos.

O Sub-sistema da Caatinga tem sua expressão característica junto à Serra do Ramalho. A coluna estratigráfica adotada é a apresentada pelo projeto RadamBrasil, volume 29, Folha Brasília SD-23 (1982), que toma como modelo a divisão utilizada por Dardenne em 1978.

Desta forma predominam na região sedimentos caracterizados como Formação Lagoa do Jacaré, Sub-grupo Paraopeba, Grupo Bambuí.

A Formação Lagoa do Jacaré, que corresponde a uma sedimentação epicontinental, processada sobre uma plataforma estável, compreende uma seqüência de calcários pretos e cinza, com intercalações de pelitos e margas.

Apresenta contatos concordantes com a Formação Santa Helena, à qual se sobrepõe, e, na região em questão, contato superior discordante com os arenitos da Formação Urucuia.

Constitui-se basicamente, na área em questão, de calcários pretos a cinza, microcristalinos, compactos, com intervalos finamente laminados e intensamente odorosos. Apresenta-se fraturado, com as fraturas freqüentemente preenchidas por calcita bem cristalizada.

Sobreposto aos calcários, na região da Serra do Ramalho, ocorre um metasiltito de cor clara, creme acinzentada, finamente laminado e intensamente fraturado.

Capeando os sedimentos da Formação Lagoa do Jacaré, em contato discordante com os mesmos, ocorrem, em áreas localizadas, pequenos pacotes de arenitos da Formação Urucuia.

A feição geomorfológica da área, denominada Serra do Ramalho, caracteriza-se por formas do tipo Patamares de Chapadão (Projeto RadamBrasil - Folha Brasília SD-23), intercalados com modelados de dissolução com feições cársticas posicionadas a aproximadamente 800 m de altitude.

Nessa área são comuns formas cársticas como grutas, com ou sem estalagmites e estalactites, sumidouros, lapiés, caneluras e corredores com paredões tipo canyon, nos quais se desenvolveram, pela queda de blocos e

dissolução do calcário, pequenos abrigos, freqüentemente com evidências de ocupação humana.

Quanto ao aspecto da vegetação, observa-se a ocorrência da caatinga arbórea, com variações locais, que receberam as denominações de Floresta Montana estacional semi-decidual e Floresta Montana estacional decidual.

A Floresta Montana estacional semi-decidual ocorre na área, preferencialmente, dentro dos corredores com paredões tipo canyon, devido a maior concentração de umidade do local, desenvolvendo-se sobre um latossolo Vermelho-Amarelo distrófico, que se encontra associado aos calcários da Formação Lagoa do Jacaré.

A Floresta Montana estacional decidual ocupa, preferencialmente, as áreas dos patamares de chapadão, ocorrendo sobre rochas predominantemente carbonáticas e pelíticas da Formação Lagoa do Jacaré, onde o solo mais fértil, por influência do calcário, possibilita a implantação da floresta estacional, embora o domínio climático de semi-aridez a caracterize como decidual. Nessas áreas desenvolveu-se um cambisolo eutrófico que são solos de textura argilosa, susceptíveis de erosão, que possuem elevada fertilidade natural e que têm como principal limite de utilização a falta de água em função de precipitações insuficientes e mal distribuídas.

Os cambisolos ocorrem em geral em áreas com precipitações médias anuais da ordem de 800 a 1.800 mm e 5 a 10 meses secos.

No que se refere ao clima da região, segundo Koeppen, a área está inserida no domínio AW, que é caracterizado como clima quente com estação seca bem acentuada, coincidindo com o inverno. Apresenta, pelo menos, um mês com precipitação inferior a 60 mm.

Quanto à rede de drenagem, a área em estudo está relacionada à bacia do rio Corrente, convergindo todos os córregos que a drenam para a margem direita do rio Formoso, que, ao se unir ao rio Correntina a aproximadamente 6 km a SW de Santa Maria da Vitória, dá origem ao rio Corrente.

Os córregos da região, de pequeno porte, são normalmente intermitentes. Os de maior porte, com água constante, são geralmente aqueles associados a sumidouros, que apresentam trechos subterrâneos com o abastecimento de água proveniente do próprio lençol freático, já que atingem grandes profundidades.

Quanto aos aspectos da flora e da fauna, que se relacionariam às ocupações humanas, constatou-se, através da observação de modelos atuais, que a caça, mais abundante na seca, é representada por tatu, veado catingueiro, onça pintada e mocó, com o pique nos meses de agosto e setembro. É possível também a pesca nos córregos da região, que possuem traíra, dourado, bagre e curimatã.

São comuns e abundantes, nas áreas de mata estacional semi-decidual, as aves, como a codorna, a juriti, a rolinha, a seriema.

Na coleta destaca-se o umbu e a pitomba, que frutificam em novembro e dezembro, e o jatobá, que frutifica em julho.

Os sítios arqueológicos antigos encontram-se em abrigos calcários pouco profundos, formados por queda de blocos; excepcionalmente na boca de grutas profundas formadas por dissolução e que dão acesso a rios subterrâneos. Os sítios de horticultores são encontrados em áreas de Floresta Montana que tenham possibilidade de água em pequenos córregos intermitentes, em rios subterrâneos ou superficiais. Conseguimos boas amostras de ambos os tipos de sítios na Serra do Ramalho e na proximidade dos rios Correntina e Corrente.

OS SISTEMAS NATURAIS E A POPULAÇÃO ATUAL

A região, pouco desenvolvida até hoje, por suas condições naturais, está sendo atingida com a interiorização da economia brasileira, tanto por uma frente agro-pastoril secundária, como por companhias florestadoras.

Em nossos quatro anos de trabalho de campo documentamos a estrutura sócio-econômica tradicional tanto como estratégia para entender as formações pré-coloniais, como para fazer uma história contínua da área.

Vai aqui um pequeno esboço da situação atual, no lado baiano.

Como vimos anteriormente, o Sistema do Corrente está subdividido em dois sub-sistemas: o Sub-sistema dos Gerais e o Sub-sistema da Caatinga.

Os Gerais são uma área muito pobre e um deserto humano. As estradas que o atravessam, ligando Goiás e Bahia, uma ao longo do rio Correntina e outra ao longo do rio Pratudão-Formoso, numa extensão de uns 200 km, são de areia e quase intransitáveis. Ao longo delas não há povoados, mas umas poucas casas isoladas, muito pobres.

Nos Gerais os recursos naturais são mais abundantes que na Caatinga e ocorrem com certa regularidade durante todo o ano. Todavia o tipo de solo arenoso impede o desenvolvimento da criação e da agricultura, salvo em algumas áreas marginais aos rios, onde se cultiva mandioca e feijão em pequeníssima escala, que não dá para o abastecimento familiar. Os rios são elemento fundamental de sobrevivência, porque eles fornecem a água escassa e nas suas margens existe uma vegetação mais variada, em solos um pouco melhores. Eles quase não têm córregos afluentes, o que faz que não haja água nos interflúvios. As casas estão ao longo do rio, de preferência nessas confluências. Os poucos cultivos (mandioca e feijão) estão localizados nos fundos das casas e ocupam uma área muito reduzida. O criatório se dá de forma incipiente, com porcos soltos, que se alimentam de minhocas nas margens úmidas dos rios, por não haver sobras de alimento, que possam ser jogadas para eles. As cabras não são viáveis, pois a falta de alimento em áreas concentradas as obriga a longas marchas em solo arenoso com areias finas, soltas e profundas, provocando torcimento das pernas. Gado vacum, eqüino e asinino é colocado na área pelos moradores da Caatinga nos meses secos do ano, quando pode alimentar-

se de gramíneas ao longo do rio. No começo das chuvas ele é retirado porque os respingos fazem que estas gramíneas fiquem impregnadas da areia fina, que provoca *embuchamento* e morte dos animais. Na Caatinga, por sua vez, as chuvas fazem crescer pastos que possibilitam a volta dos rebanhos. Estas condições fazem que o estilo de vida do homem dos Gerais seja muito simples em termos de complexidade social, restringindo-se ao nível de subsistência e uma expectativa de vida insignificante.

Os elementos retirados do ambiente são fibras utilizadas na tecelagem e manufatura de certos artefatos, como cordas, redes, cestas, esteiras, vassouras, chapéus, todos manufaturados primordialmente das folhas do buriti e, em proporção menor, da taboa e de cipós. O buriti ainda fornece o coco, de cuja polpa se produz uma massa amarelada, rica em óleo e açúcar, usada no fabrico de bolos, doces e refrescos. Na estação chuvosa pode-se coletar uma série de frutos. Na estação seca pratica-se, com certa assiduidade, a caça de animais campestres. Outro recurso explorado é o mel de abelha, principalmente de uruçú. Além do mel, utiliza-se a cera para a confecção de *rolo*, um tipo de vela, usada para iluminação.

Há uma estreita ligação entre simbolismo e adaptação, manifestada através da utilização de inúmeras raízes, empregadas na cura de doenças. Com tal parcimônia de recursos, mesmo as poucas festas, como a do Divino, que reúne moradores dispersos, se realizam quase sem alimentação.

Em tempos pré-coloniais esta área se prestaria para caça generalizada, mas teria imensas dificuldades para a instalação de horticultores.

Na Caatinga a população humana é mais densa, formando cidades ao longo dos rios ou córregos maiores, povoados e inúmeras fazendas de cultivo e criação.

Ao contrário dos Gerais, não existe nem grande quantidade, nem regularidade de recursos naturais faunísticos e florísticos. Mas o solo é fértil e propício tanto para cultivo, como para criatório variado. Essas atividades, entretanto, estão na dependência direta da imprevisibilidade climática, e de uma maior ou menor proximidade de cursos de água perene. Quando a estiagem é prolongada a vida humana nas pequenas fazendas baixa ao nível da penúria.

Água aqui é difícil, comida mais ainda, na época de seca brava. Quando se pode plantar, nós aproveitamos muito a mandioca, para fazer a farinha, o beijú, a crueira, a puba e a tapioca. Comemos isso... Para dar de comer aos meninos coamos num pano o caldo da tapioca, ou mesmo da mandioca e fazemos o chotão e o mingau. (Depoimento de um morador da caatinga, julho de 1983)

Contrastando com os Gerais, na Caatinga há fazendas organizadas com proprietários titulados. Essas fazendas não chegam a caracterizar grandes propriedades e suas sedes refletem seu tipo de organização arcaica.

Ao lado das casas, ou nos pátios, sempre se localiza uma pequena e rústica oficina para processar a mandioca e o caldo de cana, que é moída no próprio quintal por engenhocas de madeira, movidas com um par de bois.

Na sua maioria os trabalhos de criatório, plantio, colheita e processamento, cabem ao proprietário e a seus filhos.

No período da seca muitas fazendas, por falta de pastos, levam seu gado para os Gerais, trazendo-o de volta no período da chuva, o que provoca um grande transtorno para os homens e os animais, mas não há outra forma de sobreviver.

A trama de relações sociais mostra maior complexidade que nos Gerais. Quando não há estiagem prolongada, há fartura de alimentos e, em torno dessa fartura, uma série de festejos.

O simbolismo é riquíssimo e reflete sempre esse dualismo climático seca-chuva, com todas as suas nuances, de fartura alimentar na chuva e penúria na estiagem.

Este homem já não usa com intensidade os recursos vegetais e animais naturalmente disponíveis. Estes recursos restringem-se a alguns frutos que podem ser colhidos no tempo da chuva. A possibilidade de caça também existe, mas em proporção menor que nos Gerais. Há muita sabedoria no manejo de raízes e ervas medicinais. O homem da caatinga já é um criador e, a partir de seus produtos, precisa sobreviver.

Embora aparentemente muito distantes, os Gerais e a Caatinga vivem em contínua interação e é esta integração que possibilita a fixação e permanência de populações em suas áreas. A integração se dá através da mobilidade de uma área para outra, visando complementar os recursos de uma com os da outra.

Esse tipo de complementariedade ainda hoje pode ser observada nas feiras, que se multiplicam nos distritos e cidades e exercem importante papel de convergência, unindo os produtos da Caatinga e dos Gerais.

Exemplo típico dessas feiras é a de Correntina, sede de um dos maiores municípios do Brasil, localizada na fronteira entre os Gerais e a Caatinga, às margens de um rio perene, o Correntina. Todos os sábados para aí convergem as populações próximas ou longínquas com o intuito de suprir suas necessidades através do comércio e troca de bens naturais e produtos manufaturados em regime de atividade doméstica. Vinte quilômetros em carro de boi, quarenta quilômetros a pé ou cem quilômetros de caminhão não é uma distância excessiva para ir à feira levar seus produtos e trazer na volta os necessários para a sobrevivência, nestes quase desertos humanos.

Produtos dos Gerais se originam do buriti, como esteiras, vassouras, cestas, chapéus, redes, peneiras, cordas, bolos; outros da taboa, como esteiras. Provenientes de coleta são assum preto, lenha, mel de uruçú, coco de tucum, cascudo, cajú, croadim, pequi e toda uma série de plantas medicinais. Da caça originam-se couros de veado, de gato-do-mato, de raposa (*Dusicyon* sp) e araras.

Da Caatinga vem elementos de coleta como imbé, choconã-cipó, rosário de coco, coco catolé, lenha, cagaita, pussá, umbu e pitomba, além de chapéus manufaturados com algodão-seda.

Muito ricos são os produtos medicinais de origem vegetal nos Gerais, usados em casa ou levados para a feira: alho bravo (para reumatismo), resina de amescla (dor de cabeça), casca de amescla (tosse), resina de angico (tosse), casca de angico (catarro nos peitos), agoniado (inflamação), batata de purga (vermes), vagem de barbatimão (inflamação), barbatimão (inflamação do útero), barba-de-bode (bronquite), calunga (fígado), carqueja (diabete), carapiá (inflamação de mulher), carobinha (inflamação), capim lanceta (febre e inflamação), dorete (nervos e reumatismo), casca de jatobá-do-campo (úlceras), resina de jatobá (contusão), junco (reumatismo), milona (inflamação), marcela (dor de barriga e febre), pé de perdiz (inflamação), raiz de perdiz (regulador), quatro patacas (inflamação), ruibarbo (problema de quentura), raiz de cabelo (bronquite), rabo de tatu (estômago e fígado), sabiú (inflamação), truciço (cólica), unha d'anta (congestão), verga-teso (impotência sexual), velame branco (inflamação).

Um pouco menos na Caatinga: algodãozinho (inflamação de mulher), resina de aroeira (bronquite), arnica (dores no corpo), buxinha (sinusite), cainana (furúnculos), cabelo-de-nego (hemorragia), cabeça-de-índio (rins), raiz-de-cascavel (picada de cobra), guindiroba (dores), casca de imburana (estômago), jurema preta (lavar enfermidade), malvinha (estômago), mucunã (hemorroidas), manacá (reumatismo), poalha (bronquite), pimenta-de-macaco (dores), pimenta-da-serra (pontadas), quina (inflamação), roseta (inflamação), fruta-de-São Cipriano (mordida de cobra).

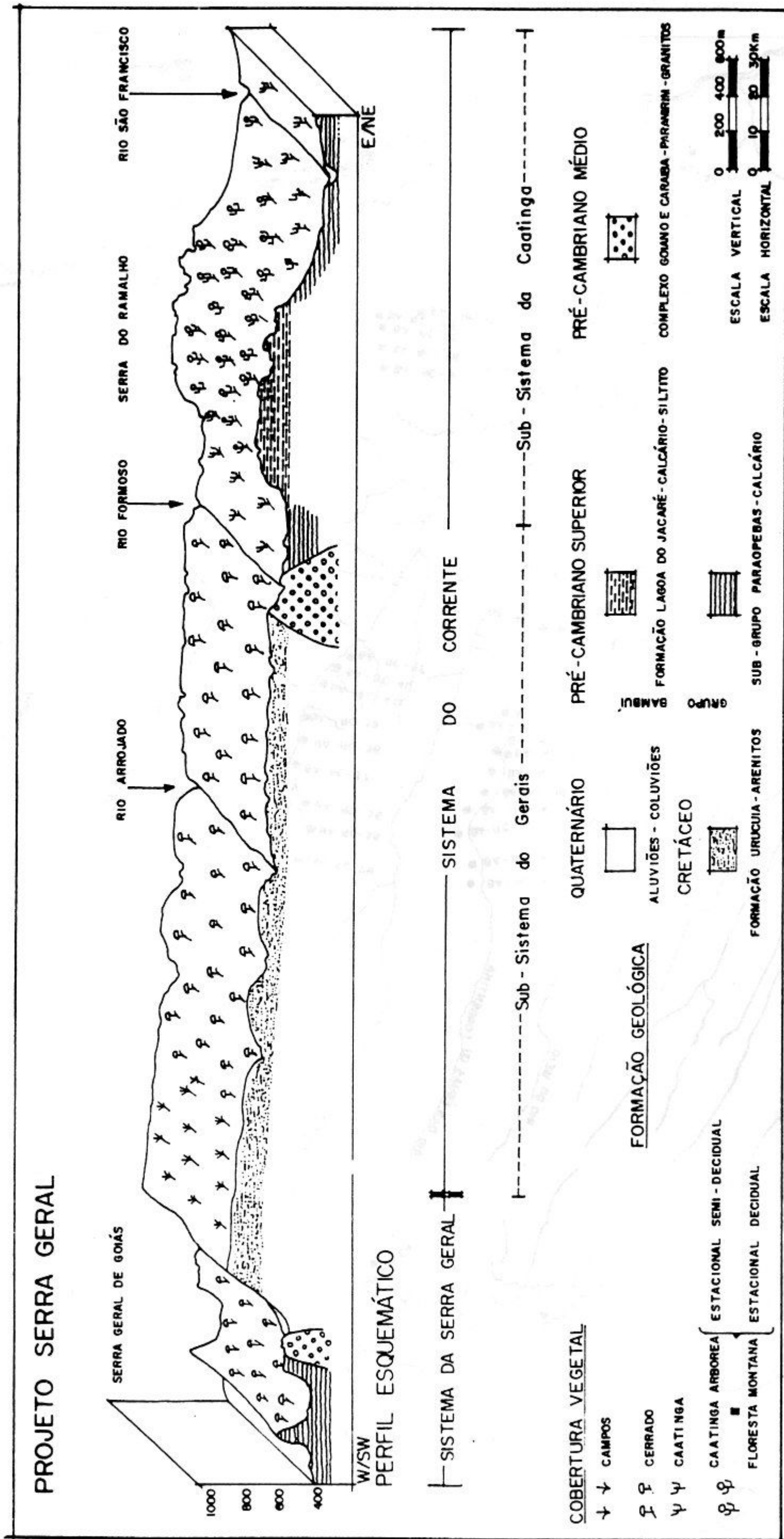


FIGURA 01. Perfil da área do projeto, mostrando formação geológica e cobertura vegetal. (Desenho da Geol. Maira Barberi Ribeiro)

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

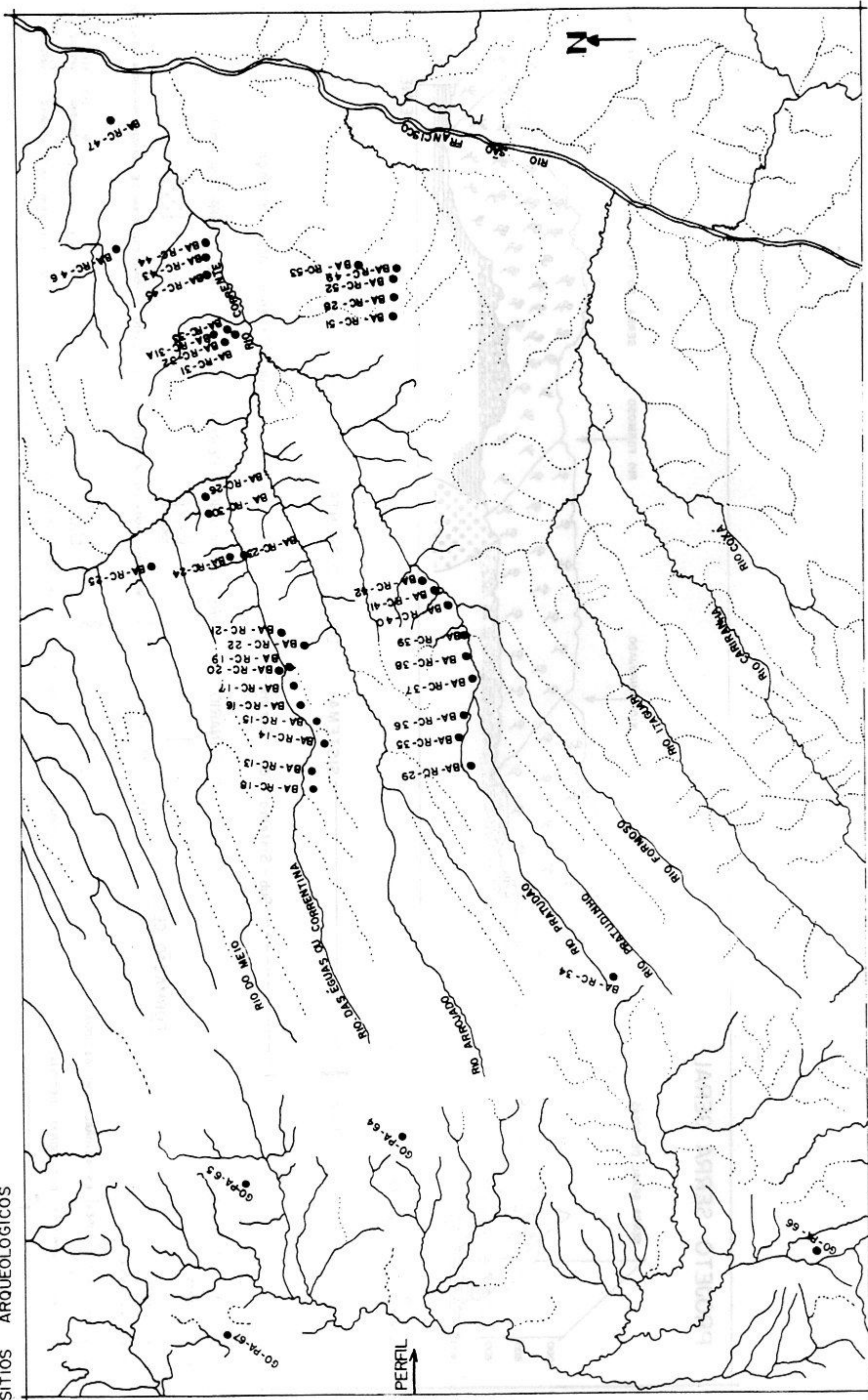


FIGURA 02. Mapa com os cursos de água e a localização dos sítios arqueológicos.

2. OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA VERTENTE GOIANA (Ver Figura 02)

A BR-020 foi o principal eixo de deslocamento da expedição, que a explorou em ambas as margens. Também foram pesquisadas as áreas ao longo das rodovias que ligam Posse, Jaciara, São Domingos e Galheiros. A população regional revelou-se pouco familiarizada com a matéria e isso dificultou a localização dos sítios.

Mesmo assim foram encontradas áreas promissoras no distrito de Prata, do município de Monte Alegre de Goiás e arredores, que já havia sido percorrida pelo arqueólogo Alfredo Mendonça de Souza e sua equipe do Instituto Brasileiro de Estudos Superiores, do Rio de Janeiro. (Mendonça de Souza e outros, 1977). Também no corredor ao longo da rodovia, que liga São Domingos à BR-020 foram encontrados dois abrigos com pinturas e cerâmica. O primeiro, GO-PA-65, denominado Furna Boca da Onça, na fazenda São João do Buriti, dos Irmãos Gravia Ltda, Flores de Goiás, consiste de pequenos abrigos calcários ao longo de um paredão, onde aparecem pinturas esparsas nas paredes e no teto e cerâmica na superfície. O sítio encontra-se hoje cercado por pastos e cerradão e está próximo ao Ribeirão Gameleira. O segundo, GO-PA-66, denominado Furna do Olho d'Água, na fazenda Coité, de Isaltino Alves Magalhães, Galheiros, consiste de um paredão calcário com pinturas bem erodidas e uns poucos fragmentos de cerâmica na superfície. Está dentro da mata.

Foram recebidas ainda informações de diversos outros abrigos e sítios cerâmicos a céu aberto, alguns dos quais foram inspeccionados, mas sem qualquer trabalho ulterior.

Num sítio cerâmico a céu aberto (GO-PA-82), na Fazenda do Dr. Cruz, do Descoberto, Dianópolis, foram recolhidos 169 cacos (incluídas 2 bordas), que são da tradição Aratu/Sapucaí. Não há qualquer outra informação sobre o sítio, nem sua localização.

Dois sítios são da tradição cerâmica Tupiguarani, com os quais Barbosa (1984) formou a fase São Domingos (Ver também Schmitz & Barbosa, 1985). O primeiro, GO-PA-64, situado na proximidade do rio São Bernardo, no município de São Domingos, está localizado no sopé de um paredão calcário, sobre uma plataforma que sobressai do rio uns 50 m. Na estreita plataforma, que se originou rente ao paredão, usada como local de sepultamento, há, enterradas em covas rasas, uma certa quantidade de urnas, algumas das quais já afloram à superfície.

Foi realizada pequena escavação em três localidades diferentes, mas próximas. Todas estas localidades proporcionaram urnas, utilizadas para sepultamentos.

Denominamos as três localidades escavadas, respectivamente, de sepultamento 1, 2 e 3.

Sepultamento 1: Neste sepultamento aparece material que, provavelmente, pertenceu a cinco vasilhames, sendo um recipiente menor, com engobe branco e pintura vermelha e vinho. A pintura se concentra no ombro e na borda (Figura 04 a). Há manchas de fogo, parecendo indicar utilização doméstica. Este vasilhame servia de tampa. O segundo vasilhame é bem maior que o primeiro e é nele que os ossos foram colocados (Figura 03 a). Não traz decoração. Há ainda fragmentos decorados de um outro vasilhame, que são intrusivos, fruto provavelmente de deturpação feita por outro sepultamento, localizado na proximidade.

Os restos humanos que aparecem neste sepultamento são fragmentos de crânio e ossos maiores de um indivíduo alto e idoso.

Sepultamento 2: Nele aparece material correspondente a três vasilhames. Um menor que servia de tampa e um outro maior que recebeu o corpo ou ossos humanos (Figura 03 b). O vasilhame pequeno mantém restos de engobe branco, mas já sem pinturas. O vasilhame grande não tinha nem engobe, nem pintura. Havia, ainda, um caco de ombro, pintado de branco e moldura preta sobre fundo natural (Figura 4 d).

Os ossos que aparecem caracterizam três indivíduos, sendo um adulto jovem, cujo terceiro molar ainda não emergiu e sexo provavelmente feminino e dois indivíduos muito jovens, crianças com dentição aparentemente incompleta.

Sepultamento 3: Nele aparece material correspondente provavelmente a três vasilhames, sendo dois menores, com decoração pintada e outro maior, sem decoração.

Neles aparecem escassos restos ósseos de indivíduo, com idade relativamente avançada.

O segundo sítio, GO-PA-67, está localizado num amplo vale, aberto, quase no sopé de maciços calcários. Caracteriza uma aldeia típica da tradição Tupiguarani. A cerâmica é simples e pintada, como no sítio anterior. No IGPA havia uma caixa com material sem identificação que, por semelhança com o do outro sítio, julgamos que seja deste.

As características gerais da cerâmica destes sítios são típicas da tradição Tupiguarani. Está presente cerâmica simples e pintada; nenhuma decoração plástica. Mas é necessário um certo cuidado nas afirmações porque só foram realizadas coletas ocasionais, não sistemáticas.

O antiplástico é mineral (quartzo, mica, hematita), grosso, variado, muito denso e bem distribuído.

A textura é compacta; a fratura irregular e áspera.

A queima é oxidante incompleta.

Com exceção das partes pintadas, as superfícies são ásperas e mal acabadas.

As bordas são típicas do Tupiguarani; as bases arredondadas, um pouco apontadas.

Os vasilhames maiores costumam ser simples, alcançando alguns mais de 40 cm de diâmetro de boca (Figura 03 a).

Depois há um conjunto de vasilhames menores, pintados, com bordas típicas, cujas aberturas se situam entre 22 e 34 cm (Figura 03 b e a maior parte das bordas da Figura 04).

Um vasilhame pequeno, simples, com apenas 12 cm de abertura de boca (Figura 03 c).

Finalmente há tigelas grandes, simples, cuja abertura de boca vai de 32 a quase 40 cm.

A decoração também está dentro da tradição Tupiguarani, embora apresente talvez características um pouco destoantes nas cores usadas. Uma cor não muito comum na tradição é um alaranjado brilhante, e pintura de traços vermelhos e brancos emoldurados de preto sobre superfície não engobada (Figura 04 b e d).

Se ainda comparamos esta ocorrência cerâmica com a dos sítios BA-RC-44 e 31 (mais adiante no texto) vê-se como ela destoa completamente daquela, que também é Tupiguarani, subtradição Pintada. Como não temos outros sítios bem estudados no lado goiano, não podemos dizer se estes sítios são uma ocorrência solitária ou se fazem parte de uma área arqueológica Tupiguarani.

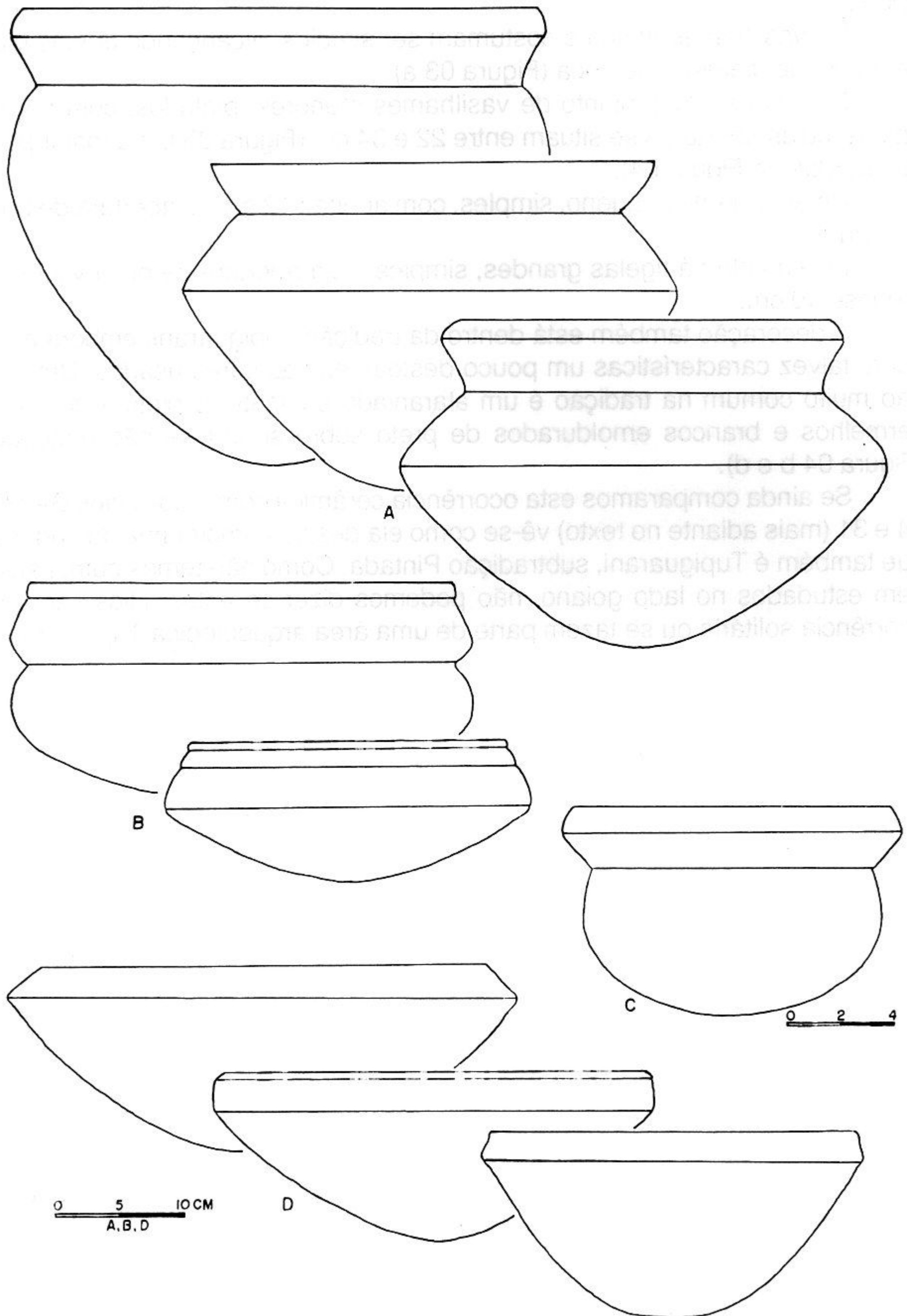


FIGURA 03. Modelos de formas da cerâmica Tupiguarani, construídos a partir de fragmentos de bordas, corpo e bases dos sítios GO-PA-64 e 67.

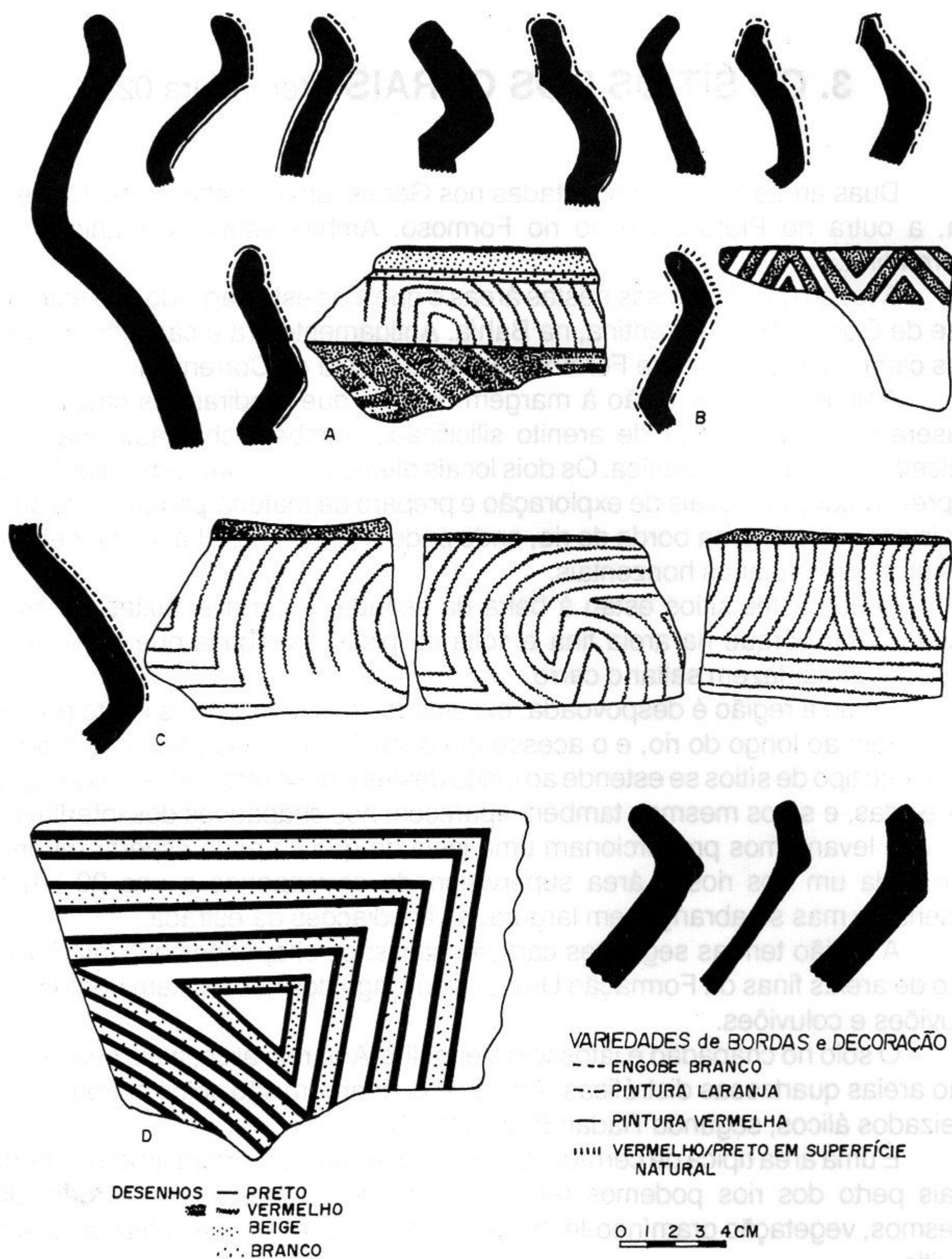


FIGURA 04. Bordas e fragmentos da cerâmica Tupiguarani dos sítios GO-PA-64 e 67.

3. OS SÍTIOS DOS GERAIS (Ver Figura 02)

Duas áreas foram prospectadas nos Gerais: uma no alto-médio Correntina, a outra no Pratudão e no rio Formoso. Ambas estão no município de Correntina.

A razão das pesquisas nestas áreas é que elas estão ao lado das estradas que de Goiás vão a Correntina, na Bahia. Antigamente era o caminho do gado dos campos do planalto de Formosa à área agrícola de Correntina.

Ambas as áreas estão à margem de rios, que erodiram as chapadas e puseram à vista morros de arenito silicificado (também chamado quartzito), calcedônia e canga limonítica. Os dois locais oferecem conjuntos de sítios líticos, representados por locais de exploração e preparo de matéria-prima, ou de sítios mais permanentes, na borda do rio, onde podem vir acompanhados de petroglifos em lajedos planos horizontais.

Todos estes sítios estão à beira da estrada de terra e muitas vezes se fazem notar porque na areia fina e solta da pista, os diques que fornecem a matéria-prima, fazem saltar o carro.

Como a região é despovoada, excetuados uns povoadores muito pobres, que vivem ao longo do rio, e o acesso em geral é difícil, não podemos dizer se o mesmo tipo de sítios se estende ao longo destes e dos outros rios em condições parecidas, e se os mesmos também aparecem nos chapadões dos interflúvios. Os que levantamos proporcionam uma idéia do que se pode esperar da área. Em cada um dos rios a área supervisionada corresponde a uns 20 km de extensão, mas só abrange, em largura, as imediações da estrada.

A região tem as seguintes características: os chapadões dos interflúvios são de areias finas da Formação Urucuia; ao longo dos rios existem pontos com aluviões e coluviões.

O solo no chapadão é latossolo Vermelho-Amarelo álico, mais perto do rio são areias quartzosas distróficas. Ao longo da margem são solos hidromórficos gleizados álicos, segundo RadamBrasil (1962).

É uma área típica de cerrado: Os chapadões têm cobertura arbórea aberta, mais perto dos rios podemos ter vegetação de parque e, na margem dos mesmos, vegetação gramíneo-lenhosa sem floresta de galeria, mas veredas de buritis.

Os rios são estreitos, profundos, correntosos, de águas transparentes, geralmente verdes. Parte do leito é rochoso, produzindo pequenos saltos. As margens são rasas e o desnível para o rio costuma ser muito pequeno. O relevo

na margem do rio, é um pouco ondulado por causa dos morrotes resistentes à erosão.

O trabalho nos dois locais foi de levantamento e avaliação das ocorrências. Num sítio estratificado da margem do Correntina foi feito um corte estratigráfico (BA-RC-19). Num grande sítio superficial da margem do Pratudão foi começado um estudo da produção e da distribuição do material em superfície (BA-RC-35).

3.1. OS SÍTIOS DO RIO CORRENTINA BA-RC-13 (GERAIS 01)

Mais ou menos 3 km do lugar denominado *Véia da Galinha*, existe, no rio Correntina, uma corredeira, que mede menos de 5 m de largura. A corrente principal cai em ferradura, a secundária está separada por um afloramento rochoso, que forma pequena ilha. Junto da corredeira existem vários sítios, sendo um de gravações rupestres e outros de afloramento de material lítico.

A montante da corredeira existem gravações nos lajedos limpos do leito do rio. Na margem esquerda, onde são mais abundantes, elas distam uns 50 m, na margem direita estão imediatamente acima da queda. (Figuras 05-07)

O rio mede ali desde menos de 10 até 20 m de largura, sendo tão fundo que é impossível vadeá-lo a pé. Também é difícil atravessá-lo a nado por causa da grande correnteza. As águas são claras, levemente esverdeadas.

Esta corredeira, bem como várias outras rio abaixo e rio acima, formou-se devido ao afloramento de rochas, formadas por arenitos pouco silicificados.

As margens do rio são fracamente inclinadas, sendo as barrancas de poucos decímetros. O leito do rio é formado pelo lajedo, a margem, no local, é limpa, coberta de gramíneas até uns 50 m de distância, onde começa o cerrado, primeiro ralo, depois mais denso.

As gravações, em julho, estavam cobertas por 10 cm de água, de modo que foi impossível copiá-las diretamente; elas foram desenhadas em escala aproximada.

A maior parte representa pisadas de aves e de alguns mamíferos. Elas têm em média ao redor de 10 cm de comprimento, um pouco menos de 1 cm de largura e uns 5 mm de profundidade. Foram produzidas por fricção e estão bem conservadas. As da margem esquerda e as da margem direita formam um conjunto só, interrompido pelas águas. (Ver Figuras 05-07)

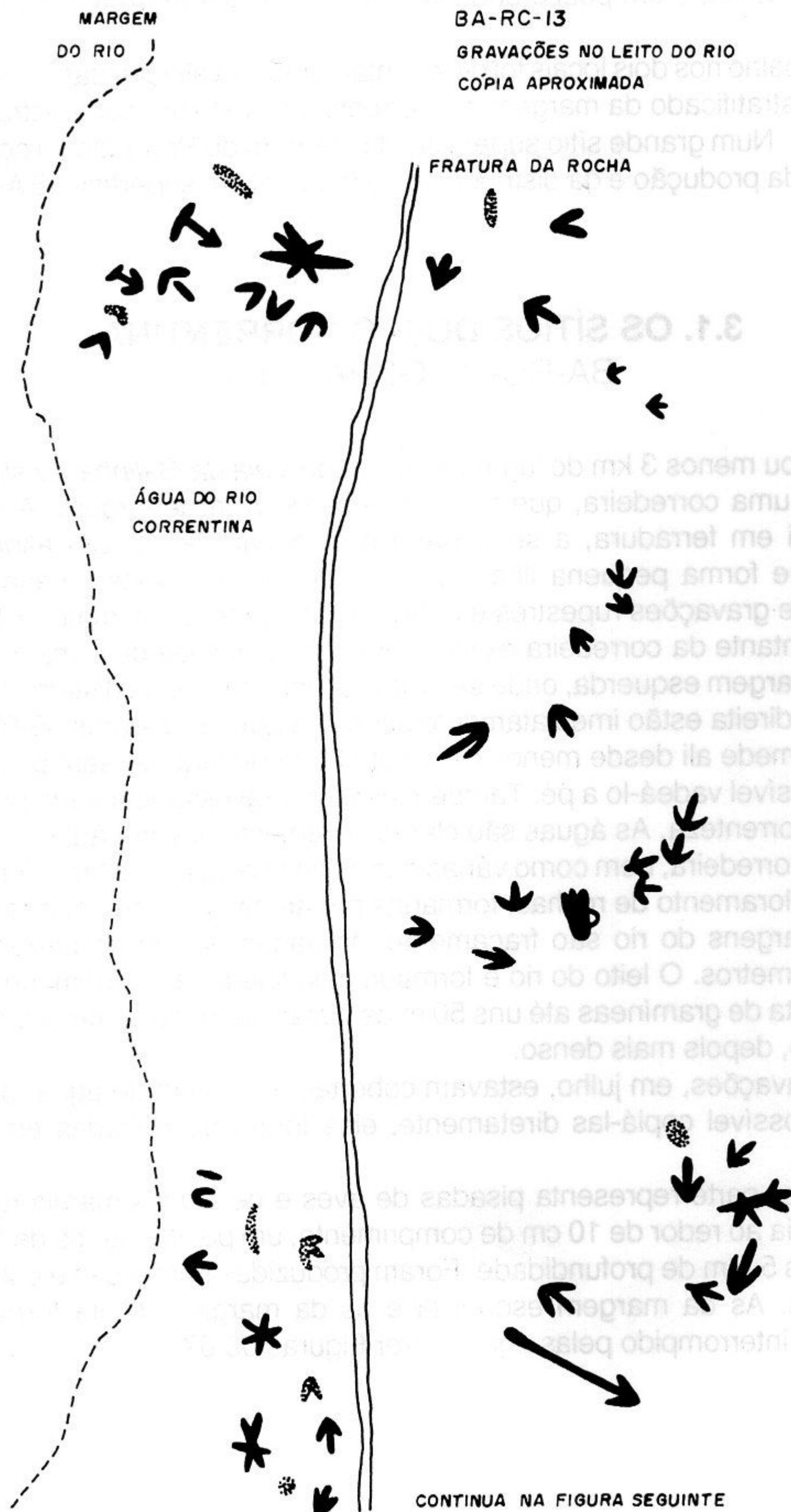


FIGURA 05. Gravações do sítio BA-RC-13.

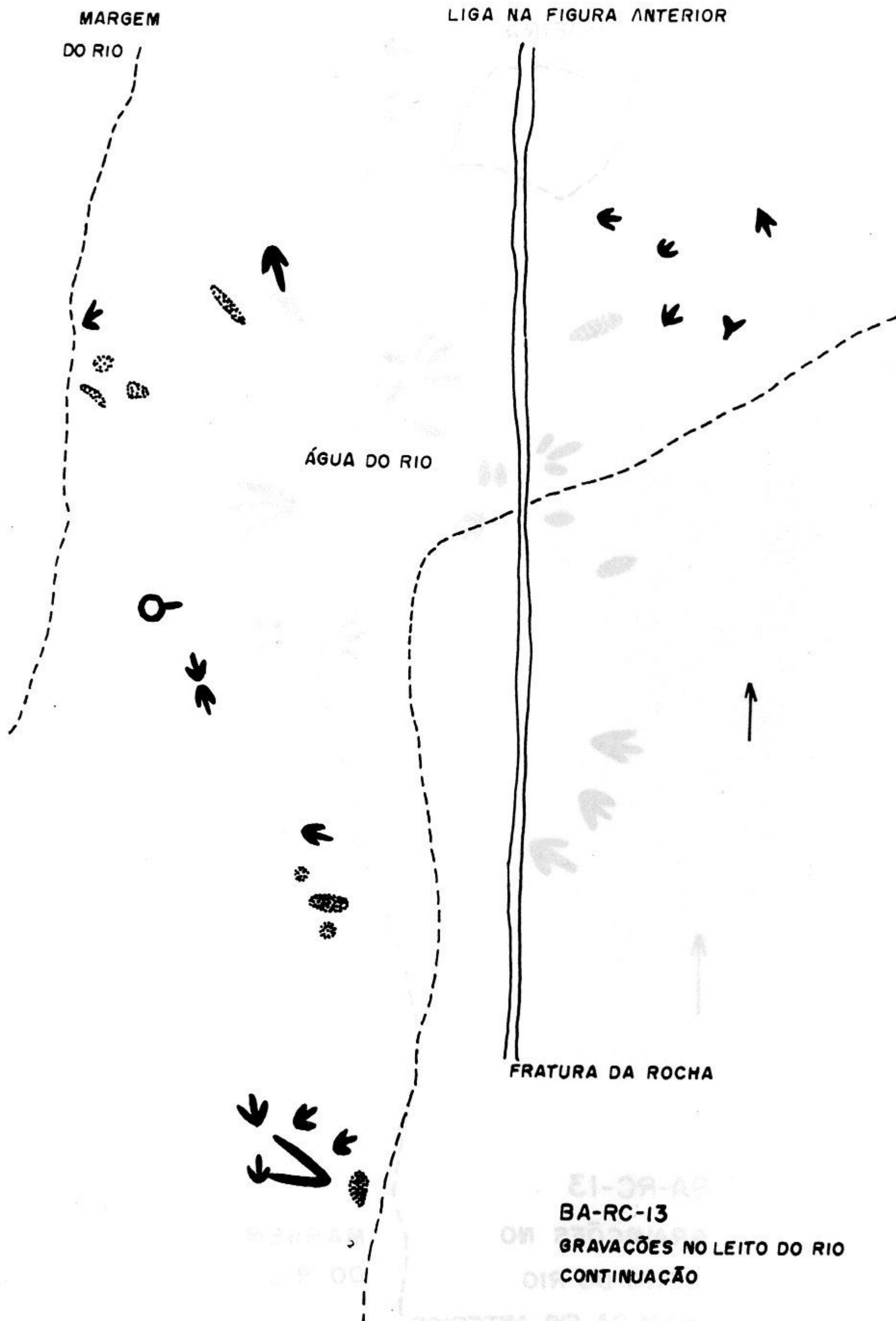


FIGURA 06. Gravações do sítio BA-RC-13.

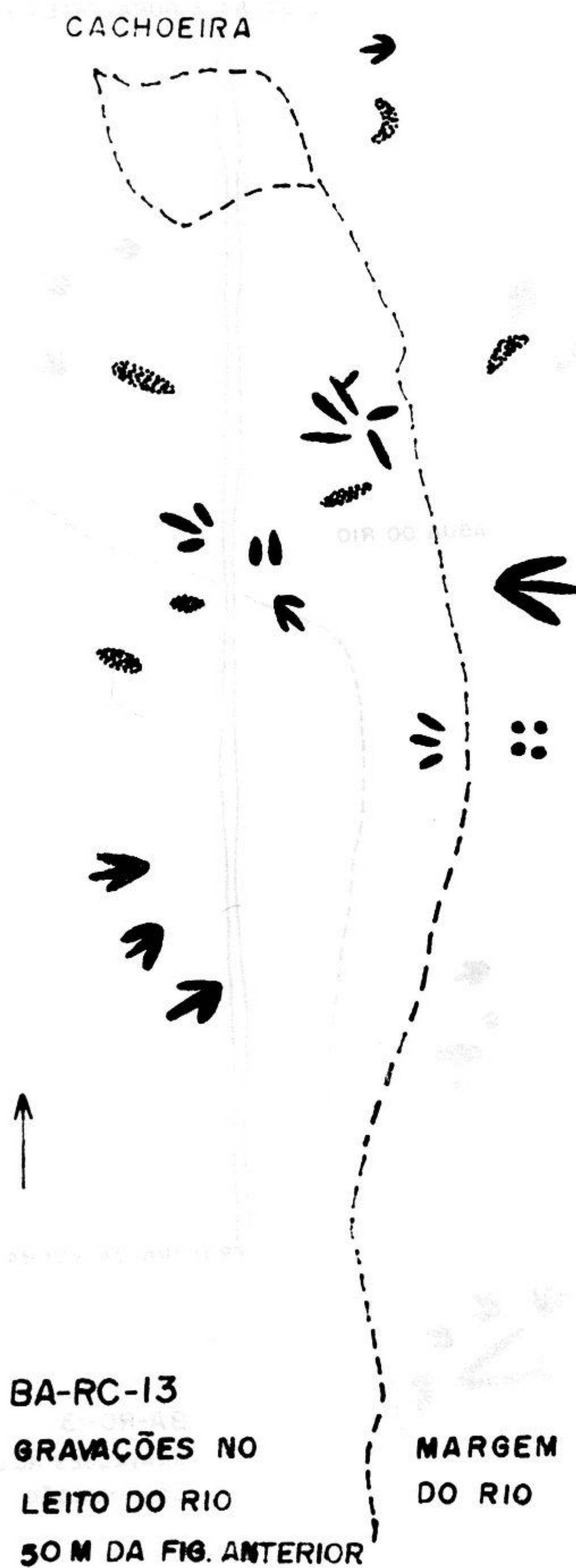


FIGURA 07. Gravações do sítio BA-RC-13.

BA-RC-14 (GERAIS 02)

(Ver Figura 08)

Uns 500 m abaixo da corredeira mencionada afloram os arenitos perto da barranca, formando uns 3 degraus largos, recobertos por areia e capim ralo.

Na pequena prainha que o rio formou apareceram lascas de arenito silicificado semelhantes às dos outros sítios do rio Correntina; na parte submersa estavam as lascas maiores. Sobre o primeiro degrau de arenito apareceram lascas de matéria-prima aparentemente diferente, junto com oito pequenos cacos de cerâmica, talvez de um mesmo vasilhame.

O antiplástico é areia fina com inclusão de algum caco maior, pasta uniforme, compacta, núcleo escuro entre faces castanho. Ao menos em 4 cacos a superfície externa apresenta um alisado estriado, quase escovado. Existe uma bordinha levemente infletida, de um vasilhame pequeno. É possível que esta manchinha com fragmentos cerâmicos pertença a outra ocupação, mas em outros sítios com abundante material lítico também apareceu cerâmica semelhante. O material foi recolhido.

No local não aflora matéria-prima, mas ela existe a pequena distância, no sítio BA-RC-15.

O material lítico é produzido em arenito silicificado vermelho e escuro, havendo apenas uma lasca em calcedônia (chamamos assim todas as estruturas de sílica microcristalina). Foram coletadas 129 lascas pequenas (menores que 5 cm); 7 lascas médias (entre 5 e 7,5 cm), das quais 3 são estreitas (menos de 2/3 do comprimento) e 4 largas (mais de 2/3 do comprimento); 2 lascas grandes (7,5 a 10 cm); 5 lascas de redução secundária; 76 fragmentos pequenos. Uma lasca média larga tem bom gume natural e uma tem marcas irregulares de uso num dos bordos longitudinais. Total: 219 peças, das quais só 11% tem algum resto de córtex.

BA-RC-15 (GERAIS 03)

(Ver Figura 09)

A pequena distância rio abaixo, a jusante de outra forte corredeira, junto de um barranco de uns 2 m de altura, coberto por capim e buritis, numa prainha, aparecem nódulos, núcleos e lascas de arenito silicificado. No local foram acumulados pelo rio blocos de arenito silicificado, redondos, de 20 a 40 cm de diâmetro, usados como matéria-prima.

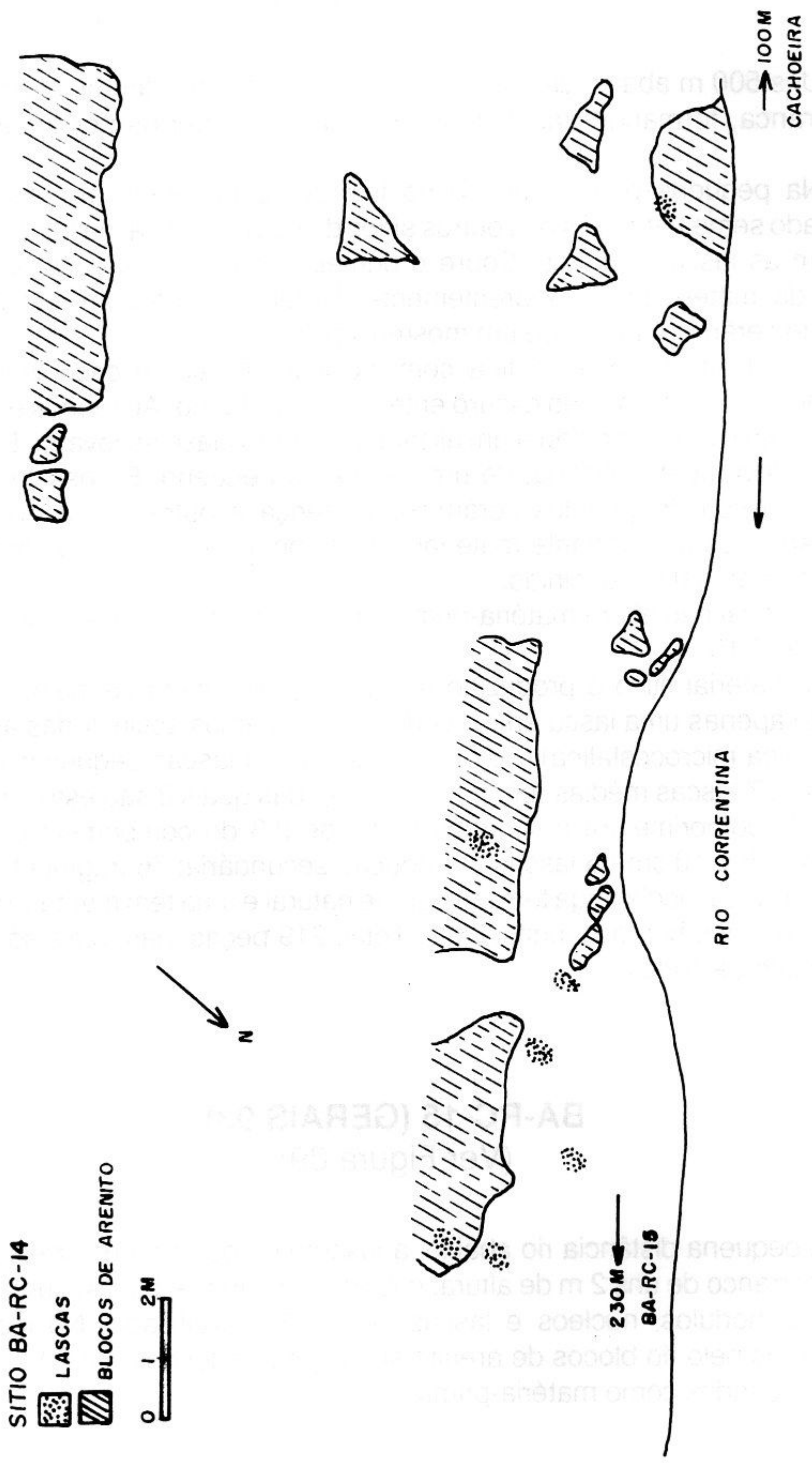


FIGURA 08. Croqui do sítio BA-RC-14.

O material arqueológico é muito abundante, consistindo de lascas trapezoidais, cujos gumes apresentam mossas de utilização, como se fossem machadinhas; também aparecem muitos núcleos e uma infinidade de lasquinhas, que num espaço de apenas 20 por 30 cm permitiram reunir uma considerável amostra. Foi feita uma coleta em toda a extensão da prainha.

A matéria-prima do material recolhido é arenito silicificado. A amostra se compõe de 48 lascas pequenas; 27 lascas médias: 21 estreitas, 6 largas, 8 com microlascamento de uso em bordo longitudinal, mais 6 com bons gumes naturais, mas sem marcas de uso visíveis; 6 lascas grandes: 6 estreitas, sendo 5 com bons gumes, mas sem marcas de uso, 1 com microlascamento num bordo longitudinal; 4 lascas muito grandes (maiores que 10 cm): 2 estreitas com bons gumes naturais, 2 largas com maus gumes naturais. - Uma única lasca (média, larga) com retoque grande num bordo para reduzir aresta dorsal e marcas de uso no mesmo bordo. - Total: 86 lascas; 2,3% com restos de córtex.

O material é abundante porque a matéria-prima está disponível em grande quantidade tanto na barranca, como principalmente no rio.

Embora apareça material na barranca erodida seria arriscado fazer um corte nela porque o material pode ter sido transportado.

BA-RC-16 (GERAIS 04) (Ver Figura 10)

A 30 km do sítio Gerais 01, em direção a Correntina, numa pequena colina ou morrote pedregoso à beira do caminho, onde afloram blocos de arenito silicificado e, em menor escala, também de calcedônia, encontram-se superficialmente numerosos núcleos, lascas e alguns artefatos.

O sítio é fácil de localizar, embora não haja nenhuma referência maior, porque forma um calombo no meio do caminho, por onde passa o dique de arenito silicificado. O material aparece abundante na encosta do morrote, coberto de cerrado esparsos, que vem até a estrada. Depois desta começa o capim da beira do rio, com buritis e árvores retas higrófilas, que formam uma fímbria que pode ir de 1 a 10 m de largura. O rio dista do sítio uns 100 m.

Os blocos usados como matéria-prima são pequenos, tendo os menores não mais de 20 cm. A maior parte desses blocos está coberta por um córtex grosso menos silicificado. O pequeno tamanho dos blocos faz que os núcleos residuais não sejam prismáticos ou piramidais como nos sítios de nódulos grandes, as lascas tão retangulares ou triangulares como naqueles, nem o material tão abundante.

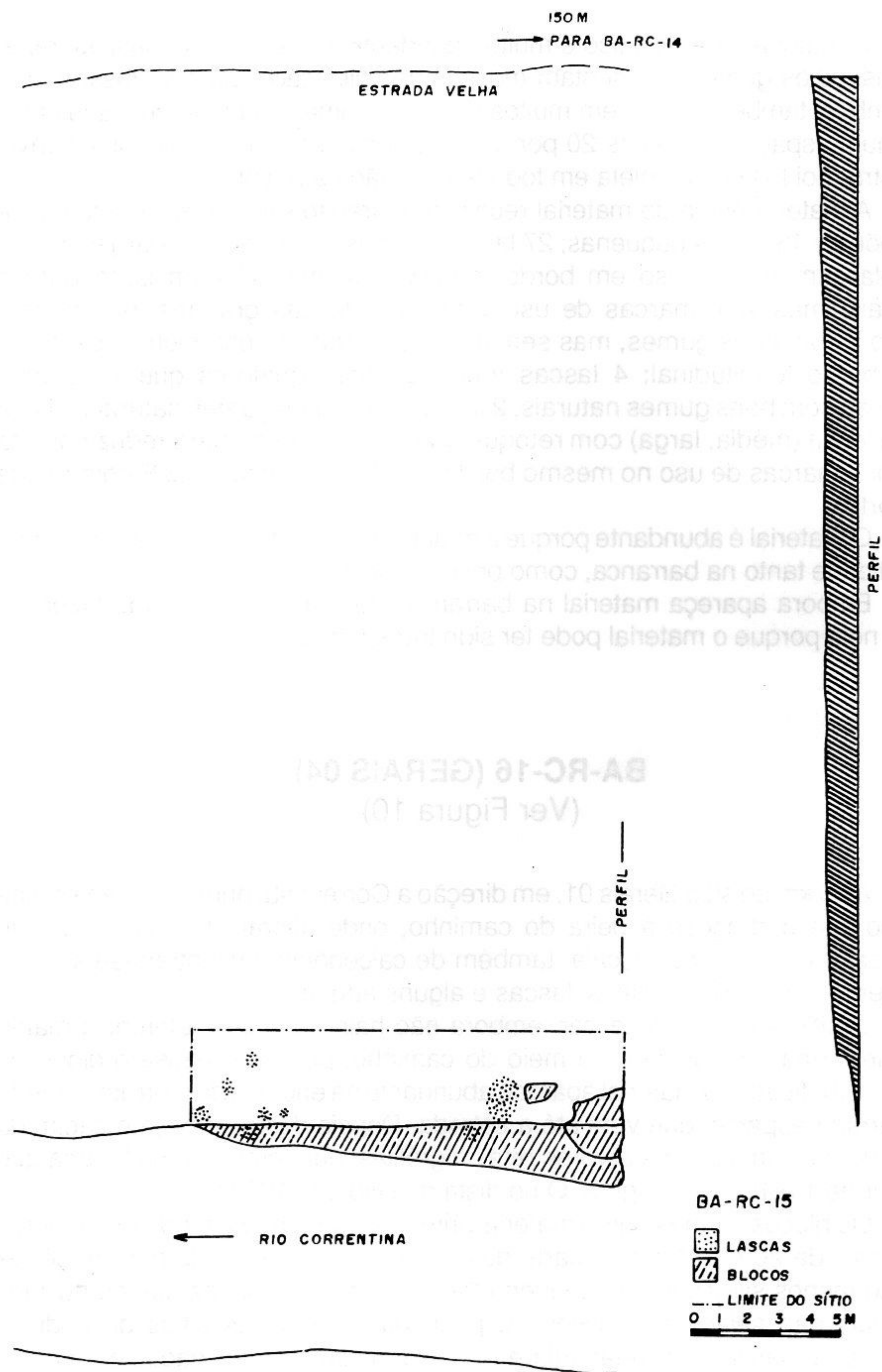
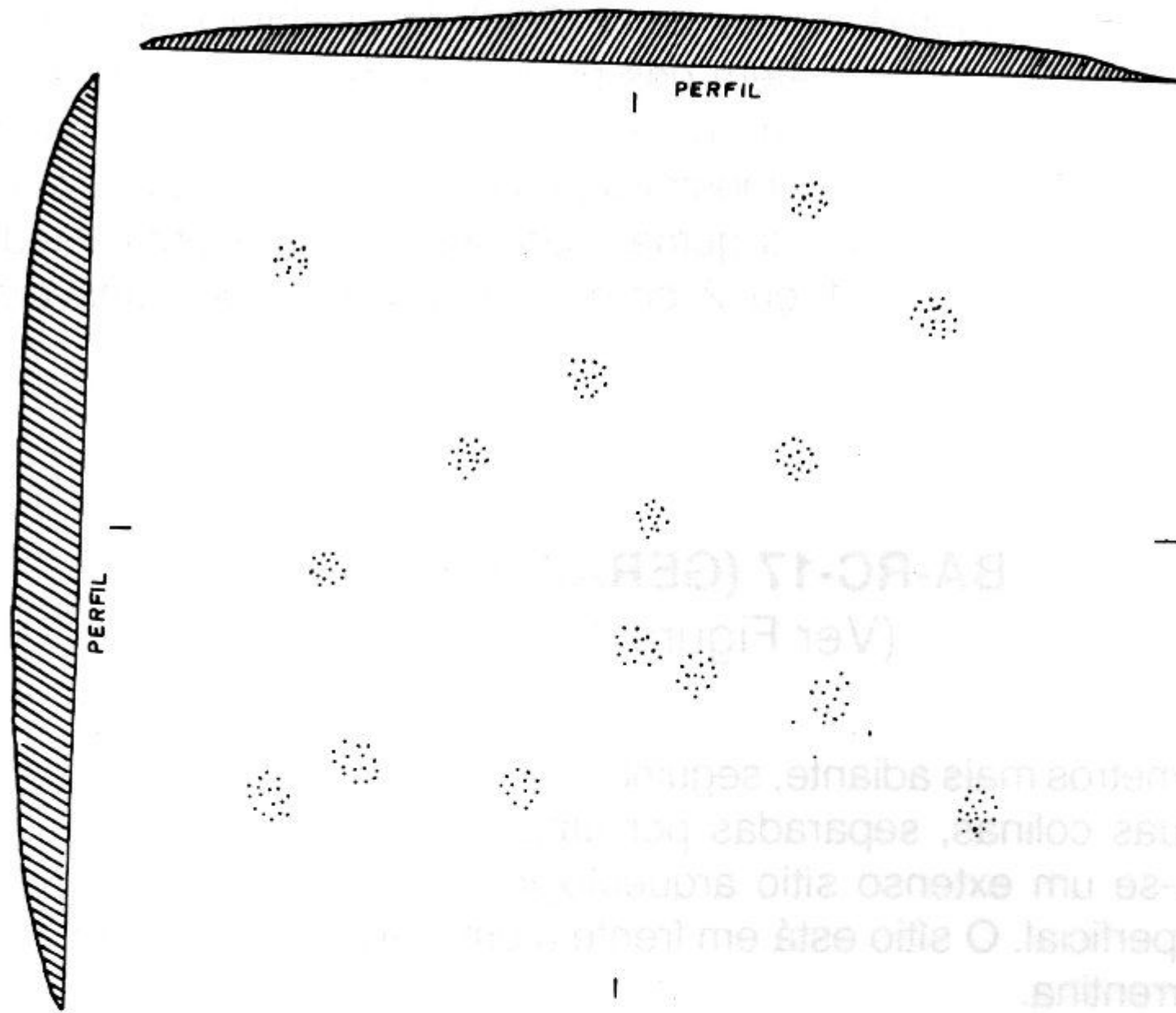


FIGURA 09. Croqui e perfil do sítio BA-RC-15.



← PARA O CAJUEIRO

N

BA-RC-16



MATERIAL ARQUEOLÓGICO

0 2 4 M

ESC. HORIZONTAL

0 1 2 M

ESC. VERTICAL

← RIO CORRENTINA

FIGURA 10. Croqui e perfis do sítio BA-RS-16.

Em campo foram anotados uma parte distal de um biface grosseiro e alguns raspadores pouco típicos. Além dos principais instrumentos foi feita a coleta do produto do retalhamento de um bloco, material que estava reunido numa pequena vala de erosão. A amostra se compõe de 5 lascas médias: 1 estreita, 4 largas, 4 delas com bons gumes naturais; 5 lascas entre médias, grandes e muito grandes com 1 ou 2 bordos longitudinais ou transversais retocados.

BA-RC-17 (GERAIS 05) (Ver Figura 11)

Sete quilômetros mais adiante, seguindo o caminho de Correntina, cobrindo ao menos duas colinas, separadas por uma depressão mais úmida com capim, encontra-se um extenso sítio arqueológico com alta concentração de material lítico superficial. O sítio está em frente a um alagado e dista entre 50 e 150 m do rio Correntina.

As colinas estão cobertas de cerrado aberto, ao passo que no alagado cresce capim alto e o rio está ladeado por buritis e árvores eretas higrófilas, numa fímbria que vai de 1 a 10 m.

A extensão do sítio deve ser de um quilômetro ou mais. O material aparece juncando o chão densamente: blocos pequenos ou grandes, intactos, lascas, núcleos e instrumentos. Instrumentos bem definidos que foram notados: longos raspadores rudimentares, raspadores denticulados, núcleos prismáticos e grande quantidade de lâminas ou lascas longas, tiradas de nódulos originais grandes. Parece não se tratar de simples área de mineração de material porque os artefatos estão bastante acabados e são numerosos.

Foi realizada coleta de instrumentos numa largura de uns 50 m ao longo da estrada, onde o cerrado havia sido queimado, mas eles continuavam aflorando morrote acima, onde não se viam tão claramente porque o solo estava coberto de folhas. Assim não pudemos definir precisamente até onde o sítio se estendia.

Só foi feito este registro.

BA-RC-18 (GERAIS 06)

Uns três quilômetros a montante do Gerais 01, na margem direita do rio Correntina, junto de uma corredeira, foi localizado pequeno afloramento de arenito silicificado e calcedônia, com núcleos e lascas.

Não se fez nenhuma coleta, mas só este registro.

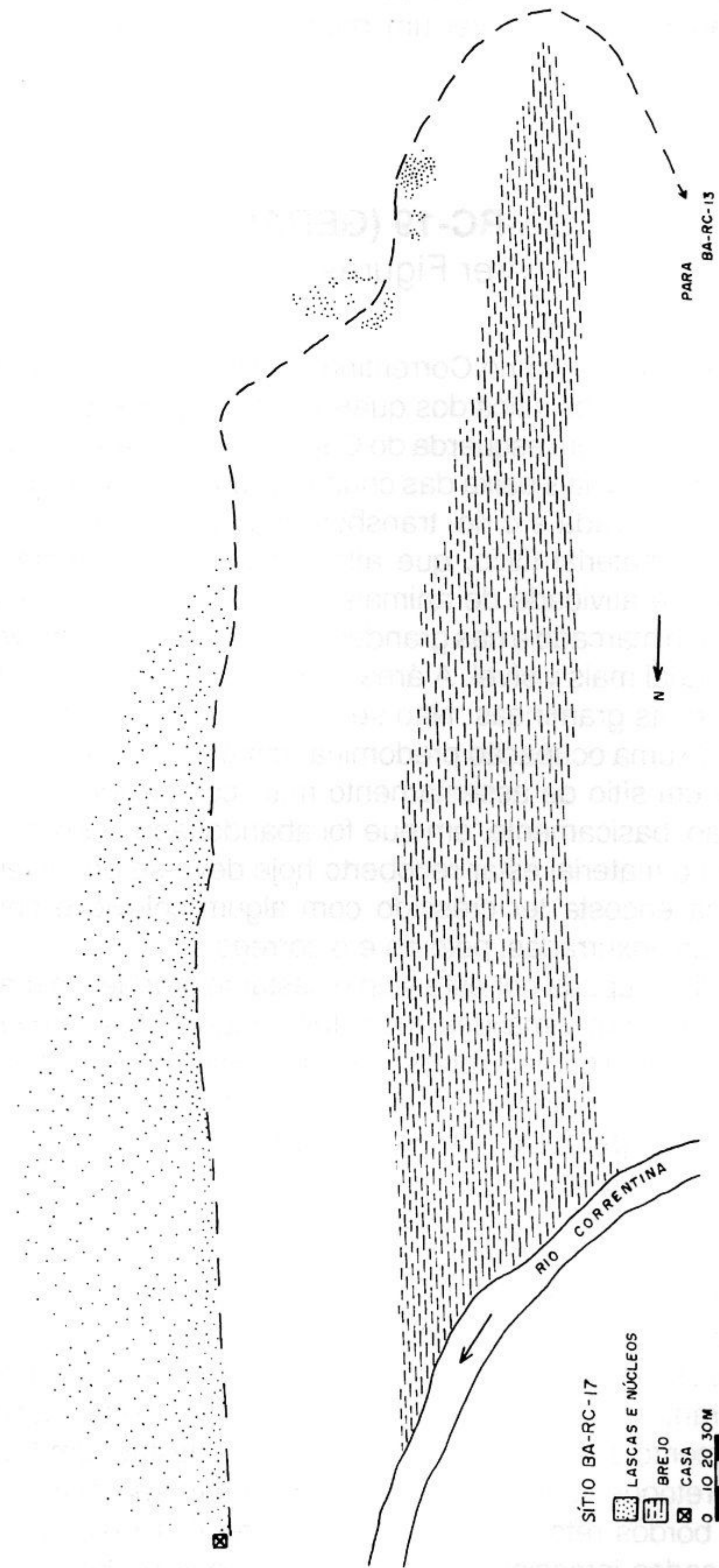


Figura 11. Croqui do sítio BA-RC-17.

Subindo o rio mais um quilômetro, junto a uma corredeira de não mais de um metro de altura, abaixo da queda, num lugar erodido, também aparecem lascas do mesmo feitio das registradas em outros sítios. O material não era abundante e aparecia num nível um pouco mais elevado que o dos outros lugares.

BA-RC-19 (GERAIS 07) (Ver Figuras 12-18)

Na margem direita do rio Correntina, junto à desembocadura do córrego Cajueiro existem diversos sítios dos quais o mais importante é o Gerais 07. Ele está localizado na margem esquerda do Cajueiro, em área suavemente inclinada para o rio, na vertente mais baixa das chapadas arredondadas que o circundam. O terreno entre a estrada e o rio, transbordando para o outro lado da estrada, está coberto por material lítico, que aflora mais intensamente nos locais de erosão antrópica e atividade de animais, especialmente na beira do rio. Este forma um cotovelo marcado e nas grandes enchentes deve remover sedimentos, deixando o material mais visível. A área é úmida, razão por que as árvores não crescem, mas só as gramíneas. Não se trata, como na maior parte dos outros sítios da área, de uma ocupação predominantemente de exploração de matéria-prima, mas de um sítio de assentamento mais continuado. O material parece estar na posição, basicamente, em que foi abandonado pelos seus usuários.

O fato de o material estar recoberto hoje deve-se provavelmente ao fato de o terreno da encosta ter crescido com algum colúvio e com sedimentos carregados pelas enxurradas, pelo rio e o córrego.

A extensão ocupada por este sítio é bastante grande e o material é denso.

Outros sítios em cima dos morrotes circundantes, provavelmente são minas de exploração e primeiro preparo de instrumentos. Em alguns sítios aflora mais a calcedônia, em outros o arenito silicificado com granulação original mais ou menos fina, que permitiam um abastecimento variado de nódulos e talvez núcleos meio desbastados.

Várias atividades foram realizadas no sítio pelos arqueólogos.

Os petroglifos do leito do córrego não foram desenhados. São, em tudo, semelhantes aos do sítio BA-RC-13.

Em todo o sítio foram recolhidas peças típicas.

Na parte superior do declive, num quadrado de 4 x 4 metros foi estudado o material aflorante: Foram contadas aproximadamente 400 lascas entre 1 e 10 cm de comprimento segundo o eixo morfológico; destas, um total de 10 apresentam algum retoque. Existem 37 núcleos de tamanhos variados, 5 raspadores com todos os bordos retocados, 1 raspador lateral, 1 raspador nucleiforme, 4 furadores retocados intencionalmente, 2 blocos que poderiam ser percutores.

Como matéria prima encontramos a calcedônia e o arenito silicificado, este predominante. Na área afloram mais 19 blocos e bolotas de arenito. - Todo o instrumental é unifacial. Os instrumentos são trabalhados sobre lascas grandes, com bulbo, plano de percussão e ponto de impacto visível. Há um núcleo esgotado que foi retocado e utilizado como instrumento.

A 5 metros do rio e 6 do córrego foi realizada uma primeira sondagem (amostra B). A estratigrafia se comporta da seguinte maneira: na superfície há pequena camada de areia escura, praticamente estéril. Segue uma fina camada de areia esbranquiçada com numerosos núcleos e lascas; eles são mais abundantes entre 4 e 10 cm de profundidade. Ela repousa sobre bolotas solidificadas, também esbranquiçadas, de arenito. Por baixo dessas bolotas não se encontrou material.

Os restos animais e vegetais não ficaram preservados.

A 6 m do rio e 9 do córrego do Cajueiro foi realizado um corte estratigráfico, de 2 x 2 m, em níveis artificiais de 10 cm. A estratigrafia é a mesma da sondagem.

A superfície estava coberta por gramíneas e pequenas plantas sub-arbustivas.

De 0-20 cm: sedimentos arenosos, escuros, com húmus. 114 restos líticos: 59,64% de quartzito; 40,35% de calcedônia. Destes só 2 no nível de 0-10 cm. Nenhuma peça trabalhada.

De 20-30 cm: sedimentos arenosos, claros. 1.235 restos líticos: 61,05% de quartzito; 38,94% de calcedônia. 1 peça trabalhada.

De 30-40 cm: sedimentos arenosos, claros. 963 restos líticos: 56,17% de quartzito; 43,82% de calcedônia. 5 peças trabalhadas.

De 40-50 cm: sedimentos arenosos, claros. Já aparecem os cabeçotes de arenito endurecido. 1.083 restos líticos: 65,28% de quartzito; 34,71% de calcedônia. 9 peças trabalhadas.

De 50-70 cm: sedimentos arenosos claros. 387 restos líticos: 69,50% de quartzito; 40,49% de calcedônia. 8 peças retocadas ou com marcas. Em alguns lugares já existem só os cabeçotes de arenito, em outros os sedimentos vão até os 70 cm ou até mais. Água começou a penetrar por vários pontos. No começo havia carvão muito diluído, depois começaram a aparecer grãos maiores nos níveis permanentemente úmidos, de que foi recolhida uma amostra, que produziu uma data de 7.170 +- 65 anos A.P. (SI-5566).

Os restos animais e vegetais (com exceção de algum carvão) não tinham sido preservados.

O material em todo o corte encontra-se disposto em veios por toda a superfície, mas é especialmente denso ao redor de dois blocos de rocha de 40 x 20 x 15 cm, que aparecem nos níveis 3 e 4, sobre os quais os lascadores deveriam ter sentado para realizar o seu trabalho. As lascas acompanham as cabeças do conglomerado indicando claramente que a ocupação começou quando os mesmos estavam sem sedimentos, talvez só com uma pequena cobertura de musgos. A superfície, no começo, seria irregular, e as fogueiras teriam sido realizadas nas pequenas depressões entre os blocos.

Olhando a disposição do material e os sedimentos imaginamos que os cabeçotes estariam descobertos num período mais seco, quando o rio se encontraria mais baixo. O grupo teria acampado quase na confluência, produzindo seus instrumentos e fazendo fogueiras. Em períodos sucessivos, mas separados no tempo, acampou novamente: o primeiro veio de lascas está sobre os cabeçotes do conglomerado, depois há um nível de uns 10 cm com pouco material, e um novo nível rico a uns 20 cm de profundidade.

O MATERIAL

Como esta é a única amostra estratificada do sistema dos Gerais e o material é muito abundante, buscamos entender principalmente a produção a partir do retalhamento dos blocos. Um exercício semelhante foi realizado com o material superficial do BA-RC-35, que complementa muito bem os resultados do sítio do Cajueiro.

A geóloga Maira Barberi Ribeiro fez um estudo da matéria-prima. Nós organizamos uma tabela, detalhando as características do material de modo a possibilitar comparações.

Do corte principal resultaram 3.806 peças; do corte experimental, 154; da coleta superficial, 30. A coleta de superfície nos deu as peças mais representativas, mas raras, que aparecem na superfície.

A *matéria-prima* se compõem de quartzitos (ou arenitos silicificados) e calcedônia (nome geral para todas as sílicas microcristalinas).

A calcedônia é de cor castanho claro, de aspecto mosqueado, com faixas de coloração avermelhada, aparentemente de caráter epigenético.

Apresenta córtex de coloração esbranquiçada, resultante da alteração da calcedônia, com uma espessura da ordem de 0,5 mm, podendo abranger, eventualmente, em alguns locais, cerca de 15 mm de espessura. O córtex apresenta-se, em alguns fragmentos, com a superfície sub-arredondada a sub-angulosa e, em outros, com a superfície angulosa e áspera, mesmo estando alterado, o que poderia sugerir a existência de níveis ou camadas de calcedônia expostas ao intemperismo e fornecedoras de blocos de matéria-prima básica.

Os fragmentos com córtex de superfície lisa sub-arredondada poderiam provir de blocos desprendidos das camadas e apresentariam a superfície mais lisa e arredondada devido, provavelmente, ao transporte.

As manchas avermelhadas, ou pontos avermelhados, podem resultar da presença de ferro nas soluções que deram origem ao material, por precipitação química.

O quartzito apresenta-se na coloração branco amarelado, castanho claro, e escuro.

O quartzito de cor branca amarelada é compacto, provavelmente por alto grau de metamorfismo, já que não se observa a granulometria do material original. Apresenta aspecto maciço e uma fratura conchoidal semelhante à do quartzo.

O quartzito castanho claro é compacto, constituído basicamente de quartzo de granulometria areia fina, bem selecionada; aparentemente foi *cozido* em função do metamorfismo atuante, que provocou a cimentação dos grãos. Em uma ou outra amostra é possível observar a disposição original dos grãos de quartzo, que constituem níveis.

O quartzito escuro, em verdade, se apresenta em cores variadas, apresentando faixas de coloração castanho escuro, associadas a zonas castanho avermelhado, cinza escuro e preto. Não existe gradação de uma cor para outra, nem mudança de um nível para outro; a alteração da cor se dá de forma irregular em todas as direções. O material é constituído por quartzo de granulação areia fina a média, bastante silicificado, de aspecto compacto. Apresenta intercaladas faixas de dimensão e espessura variadas, nas quais parece ter ocorrido precipitação química em fraturas, falhas, quebras, dando origem a uma calcedônia, podendo-se observar em alguns locais a presença de pequenos núcleos de precipitação. As superfícies externas são variadas, podendo ser de aspecto irregular, onde predomina o quartzito, ou de aspecto alisado esbranquiçado e arredondado, sobre a calcedônia. Internamente há pequenos bolsões ou cavidades, que poderiam ter sido preenchidas por calcedônia, dando ao material o aspecto variado que apresenta. Neste caso a calcedônia representaria um episódio epigenético e poderia estar associada ao ferro, que forneceria à amostra as manchas e zonas avermelhadas.

O material das amostras é todo lascado, não aparecendo nem o picoteamento, nem o polimento. Ele é todo unifacial, com exceção dos núcleos e de uma só peça bifacial. Nas amostras não constam percutores ou bigornas.

Dividimos o material em lascas, fragmentos, núcleos e peças trabalhadas. Os intervalos usados nas medidas: pequeno (até 5 cm), médio (até 7,5 cm), grande (até 10 cm), muito grande (mais que 10 cm).

Nas lascas pequenas separamos as de redução. Nas médias e grandes indicamos se são estreitas (a largura bastante menor que o comprimento, até aproximadamente $\frac{2}{3}$ do comprimento), ou largas (as demais); se possuem bons gumes naturais ou não.

Separamos, depois, as peças que mantêm algum córtex, daquelas que não têm.

As peças retocadas recebem uma pequena descrição individual.

Os nódulos usados são grandes. Deveriam passar dos 20 cm na calcedônia; no quartzito seriam, às vezes, bem maiores. No quartzito o córtex que recobre a matéria útil é relativamente fino, ao passo que na calcedônia muitas vezes é grosso e exige cuidadoso descorticamento.

O retalhamento, tanto do quartzito, como da calcedônia, é feito com percutor duro, com golpe unipolar, raramente bipolar.

Os núcleos rejeitados como inúteis não têm forma definida: havia certa tendência de tirar lascas longas de bordos paralelos ou convergentes a partir de uma primeira plataforma; depois se podiam tirar a partir de mais uma ou duas. Com isso a forma do núcleo rejeitado podia tornar-se piramidal, prismática, tabular, cônica ou poliédrica. Para tirar melhores lascas freqüentemente se criavam bicos na borda do plano de percussão. A maior parte dos núcleos ainda mantém, no final, algum córtex. O tamanho dos núcleos esgotados varia de 14,5 x 12,3 x 7 cm a 3,1 x 3,1 x 2,4 cm. Não se percebe uma diferença clara entre os tamanhos dos núcleos de calcedônia e os de quartzito. Os núcleos maiores muitas vezes apresentam falhas por intrusões de outros materiais ou silicificação irregular, o que faz que sejam abandonados com tamanhos maiores.

No corte aparecem só 30 (0,79% do total dos restos). (Figura 15: 1, 10, 13, 15-17)

As lascas e fragmentos formam o maior volume dos restos. Estão assim distribuídos:

Lascas pequenas: 2.173 (57,45% do total dos restos). Destas 93 são lascas de redução.

Fragmentos: 1.314 (34,74%): pequenos 1.229; médios 75; grandes 10.

Lascas médias: 227 (6,00%): 158 estreitas; 69 largas.

Lascas grandes: 35 (0,92%): 26 estreitas; 9 largas.

Total: 3.782.

As características das lascas são as seguintes (Figura 14 e 15): O plano de percussão é preparado, liso ou, em pequena proporção, cortical. Pode ser largo, estreito ou esmagado. O bordo externo do plano freqüentemente foi retocado para tirar as arestas nascidas de retiradas anteriores, ou os bicos destinados a orientar o eixo de força. O ângulo entre o plano e a face interna está entre 100 e 110°. O bulbo é médio a grande, inteiro, com esmagamento ou estrias. A face interna é convexa, convexa-côncava, raramente plana. A face externa predominantemente apresenta uma aresta central ou um pouco lateralizada, duas paralelas ou duas convergentes, acompanhando o eixo de força; nas lascas largas as arestas podem ser transversais ao eixo de força.

A morfologia mais comum é a de lascas longas e estreitas, formando quadrilátero, ou triângulo, tendo por base o talão. Mas também há lascas atravessadas.

Muitas lascas, especialmente as médias, grandes e muito grandes, nascem com bons gumes longitudinais ou transversais, que não precisam de retoque para serem usados. As que receberam algum retoque para melhorar um gume, criar um bico, uma ponta-entre-entalhes, um denticulado ou reduzir um bordo dorsal muito cortante, são poucas e geralmente de tamanho médio (Figura 16). Tudo indica que a intenção do lascador era produzir longas lascas cortantes imediatamente úteis, em tamanho médio, grande e muito grande.

Como há poucos retoques, há poucas estilhas.

As lascas de redução, tipicamente curvas, facetadas, de planos de percussão reduzidos, lineares ou esmagados, podem ter-se originado da preparação de núcleos para sucessivos lascamentos ou da produção dos poucos artefatos maiores, como as *lesmas*. São apenas 93.

Quando se observa a presença de córtex nas peças por grandes conjuntos e matéria-prima, vê-se que na calcedônia ela é mais freqüente que no quartzito; na calcedônia são corticais 33,33% das lascas pequenas, 40,44% dos fragmentos, 75,38% das lascas médias, 100% das grandes. No quartzito estas porcentagens são mais baixas: 21,60% das lascas pequenas, 17,13% dos fragmentos, 41,19% das lascas médias, 66,66% das grandes. Isto sugere que os nódulos de calcedônia eram menores e ainda possuíam um córtex grosso e inútil que tinha de ser removido para chegar à matéria-prima boa. No quartzito, além de os nódulos serem maiores, muitas vezes o córtex é tão fino e consistente que não há necessidade de removê-lo.

A porcentagem de gumes bons e maus produzidos também é significativa. Consideramos bons gumes naturais os retos, ou levemente côncavos ou convexos, cujos bordos sejam bastante consistentes e com ângulo suficiente para agüentarem o uso como facas ou raspadeiras. Na calcedônia 58,82% das lascas médias e grandes têm bons gumes naturais; no quartzito apenas 34,02%. Na calcedônia 12,50% dos bons gumes têm marcas de uso, no quartzito 16,16%, uma diferença não tão grande.

Quando comparamos o total de lascas e fragmentos com o número de núcleos do qual este total deve ter nascido, notamos que a cada núcleo correspondem 126 outros restos; como nestes restos praticamente não há estilhas, chega-se também por aqui à conclusão de que o núcleos eram bastante grandes.

Os materiais transformados em artefatos imediatamente reconhecíveis e as lascas com marcas de uso são os seguintes, por nível (Figura 16):

Nível 3: 1 lasca média, larga, com córtex, retocada; quartzito.

Nível 4: 2 lascas pequenas, sem córtex, com pontas entre entalhes; calcedônia. 1 lasca grande, estreita, sem córtex, com retoque em bordo longitudinal e em bordo oblíquo; quartzito. 1 lasca grande e larga (12,5x10, 5x5 cm), com gume como enxó parcialmente trabalhado; quartzito. 1 lasca média, estreita, sem córtex, com retoque no bordo transversal; quartzito. 1 lasca média, larga, idem.

Nível 5: 1 fragmento distal de *lesma*; calcedônia. 1 lasca grande, grossa, retocada em toda a borda, menos no talão; quartzito. 4 lascas médias com bordo retocado; quartzito. 2 lascas pequenas, com bordo retocado; quartzito. 1 lasca muito grande, semi-cortical, com forma de machadinha; quartzito.

Nível 6: 5 lascas pequenas com marcas de uso; calcedônia. 1 lasca pequena com retoque; quartzito. 2 lascas médias com retoque; quartzito.

Ainda vale a pena olhar o produto líquido, que consideramos as lascas médias e grandes de bons gumes e as lascas retocadas: elas representam 3,35% do total das peças. Se considerássemos exclusivamente as peças retocadas chegaríamos, seguramente, à conclusão de que o operador era muito inepto; considerando, porém, que ele está produzindo lascas bastante padronizadas, prontas para serem usadas, compreendemos que ele conseguiu um bom aproveitamento da matéria-prima, com um mínimo de trabalho.

A coleta geral de superfície (Figuras 17 e 18) compõe-se de 30 peças, todas em quartzito, menos as assinaladas. São 12 lascas retocadas em toda a periferia, menos, às vezes, no antigo plano de percussão. Comprimentos: 10 a 16,20 cm; a largura em 27% corresponde de 30-40% do comprimento; em 36% a largura corresponde de 41-54%; em 36% a largura corresponde a 45-60% do comprimento.

1 grande biface (17,2 x 8 x 4 cm). O único da área.

1 raspador em pata-de-cavalo (9,7 x 9 x 5 cm). Em calcedônia.

1 raspador lateral sobre lasca grande (8,8 x 6 x 2,5 cm).

7 lascas médias, grandes e muito grandes, retocadas para produzir um gume, um bico, uma ponta-entre-entalhes.

6 lascas médias e grandes a muito grandes, sem córtex, nem marcas, mas bons gumes naturalmente cortantes. Algumas se parecem com *lesmas* naturais.

2 núcleos muito grandes e um médio em calcedônia.

Finalmente uma palavra sobre a amostra escavada e a coleta de artefatos selecionados na superfície. Os artefatos mais representados na superfície, também aparecem na pequena escavação. Não aparecem aquelas peças que também na superfície são únicas, como o grande biface (único em toda a área) e o raspador em pata-de-cavalo (do qual existe mais um exemplar no sítio BA-RC-35).

BA-RC-19 é um sítio grande, de longa duração, a tecnologia lítica do qual pôde ser bastante bem caracterizada pela escavação e a coleta de superfície. Não se trata exclusivamente de um sítio de mineração e primeiro retalhamento de matéria-prima, mas de um acampamento de atividades múltiplas, de ocupação continuada no tempo, que foi marcado inclusive por petroglifos dentro do pequeno córrego do Cajueiro. Sua posição, ao lado do rio e na confluência de um dos poucos córregos permanentes, cercado de boa matéria-prima por todos os lados, lhe dava estas condições, partilhadas por poucos sítios dos Gerais.

Talvez ele exercesse o papel de acampamento central com relação aos numerosos outros sítios, espalhados ao longo do rio Correntina.

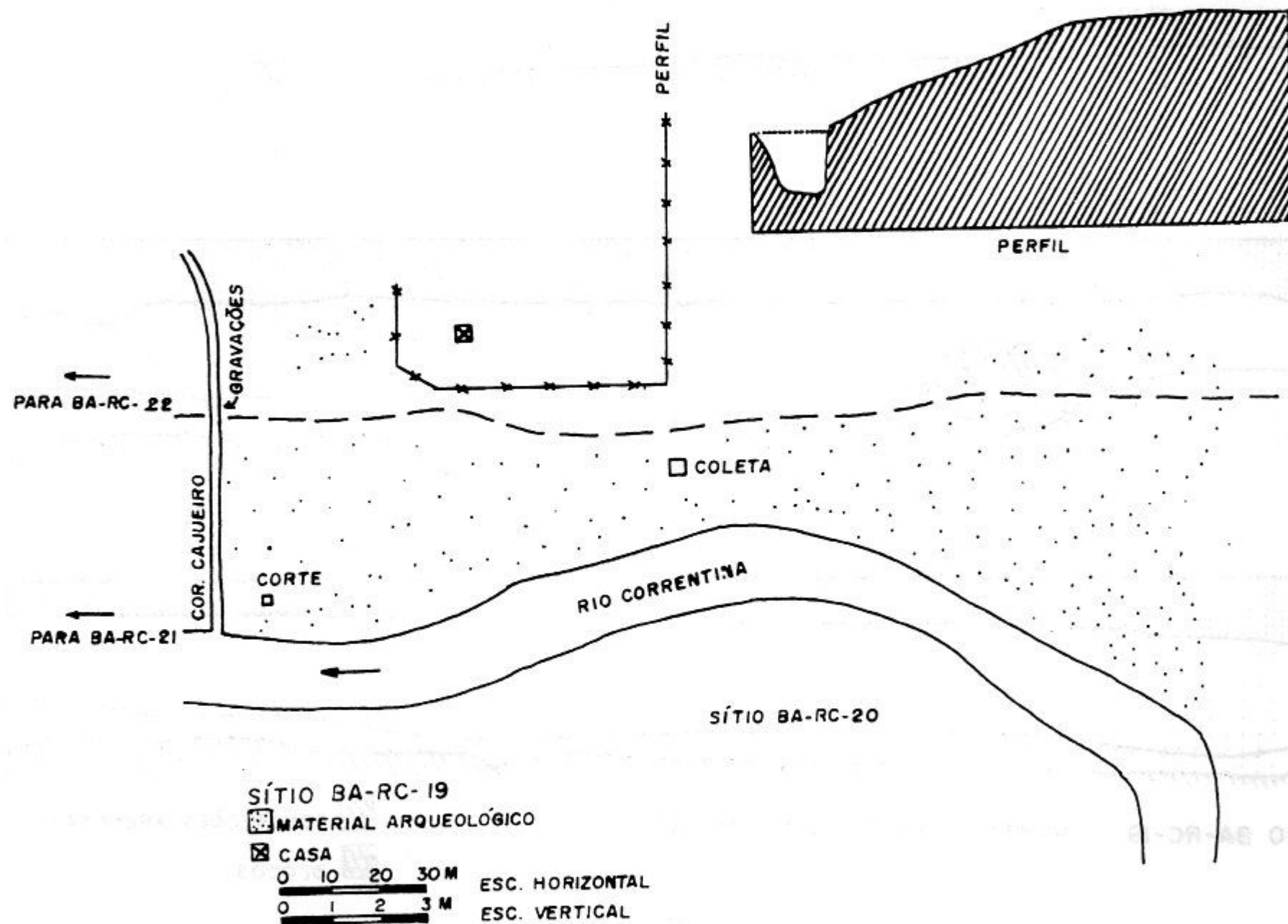


FIGURA 12. Croqui e perfil do sítio BA-RC-19.

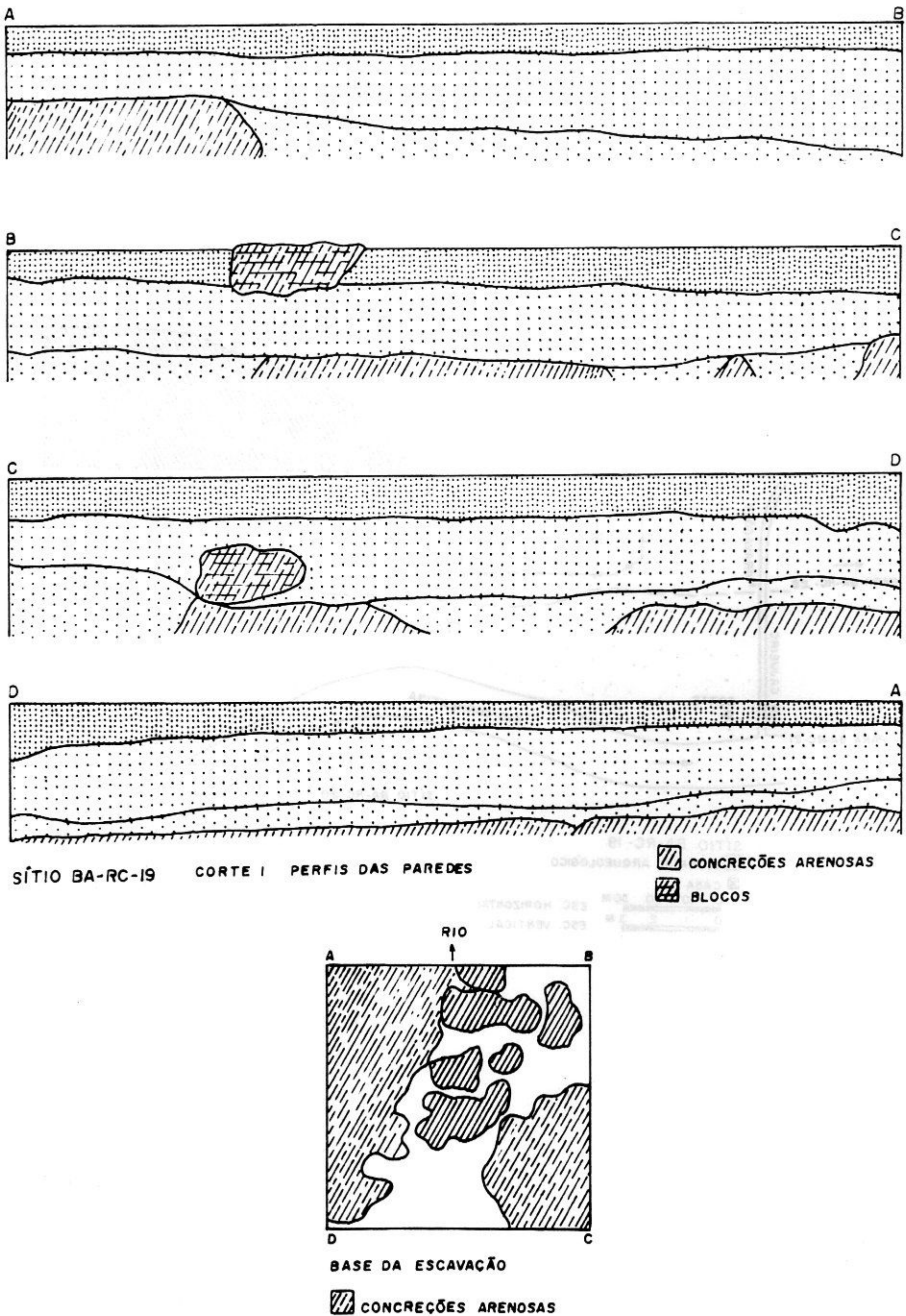


FIGURA 13. Perfis e croqui da base do corte I, no sítio BA-RC-19.

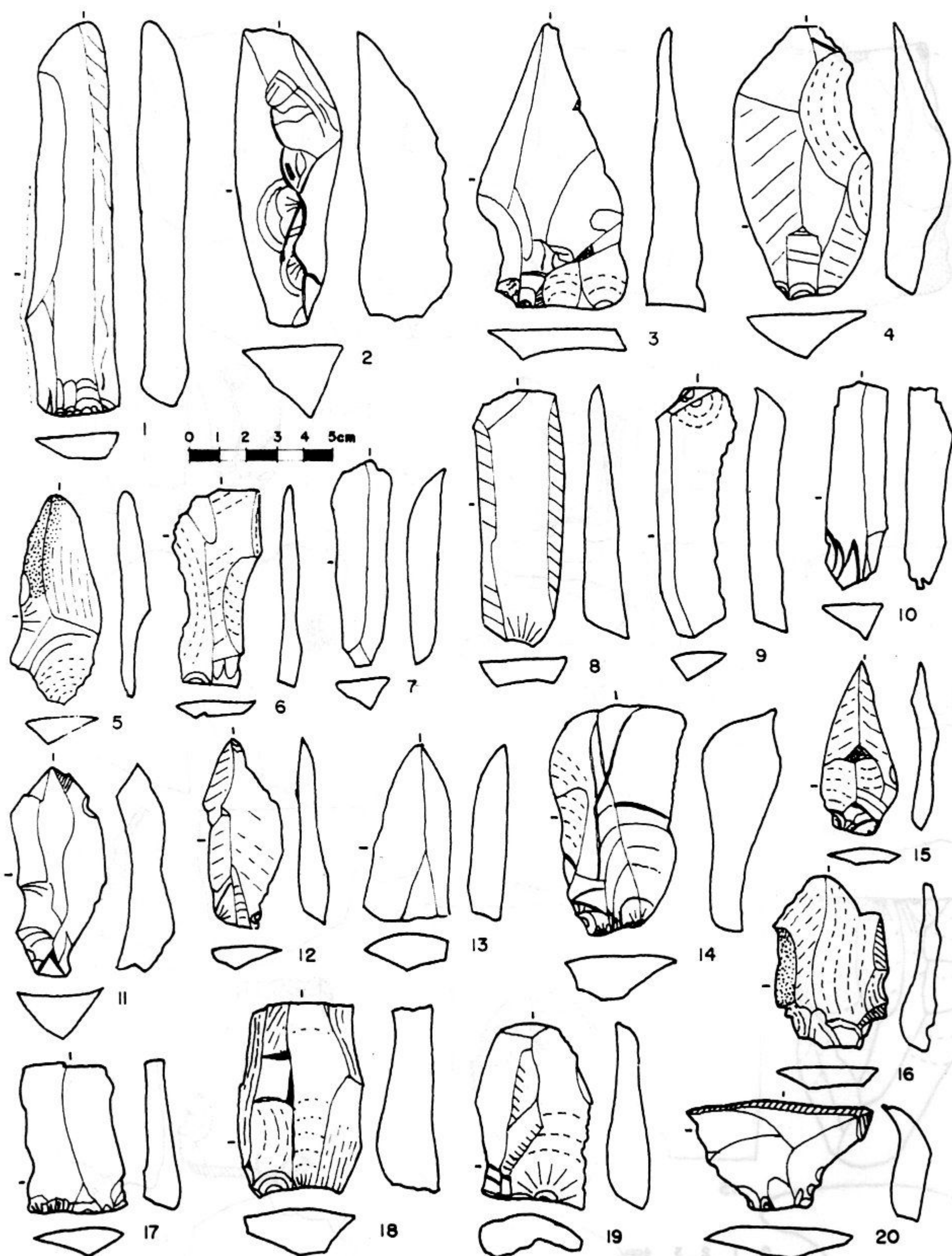


FIGURA 14. Lascas do corte I do sítio BA-RC-19.

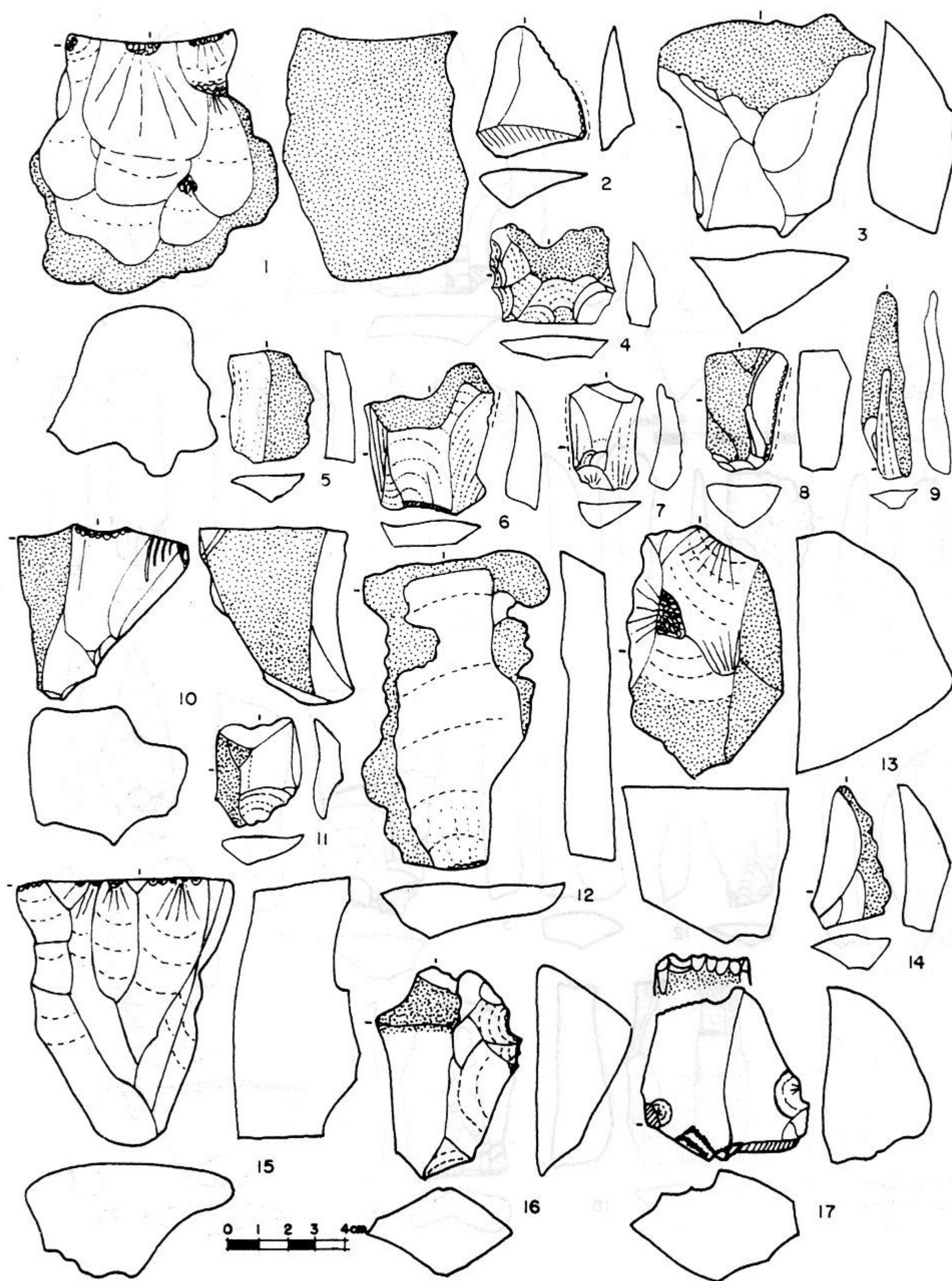


FIGURA 15. Núcleo e lascas do corte I do sítio BA-RC-19.

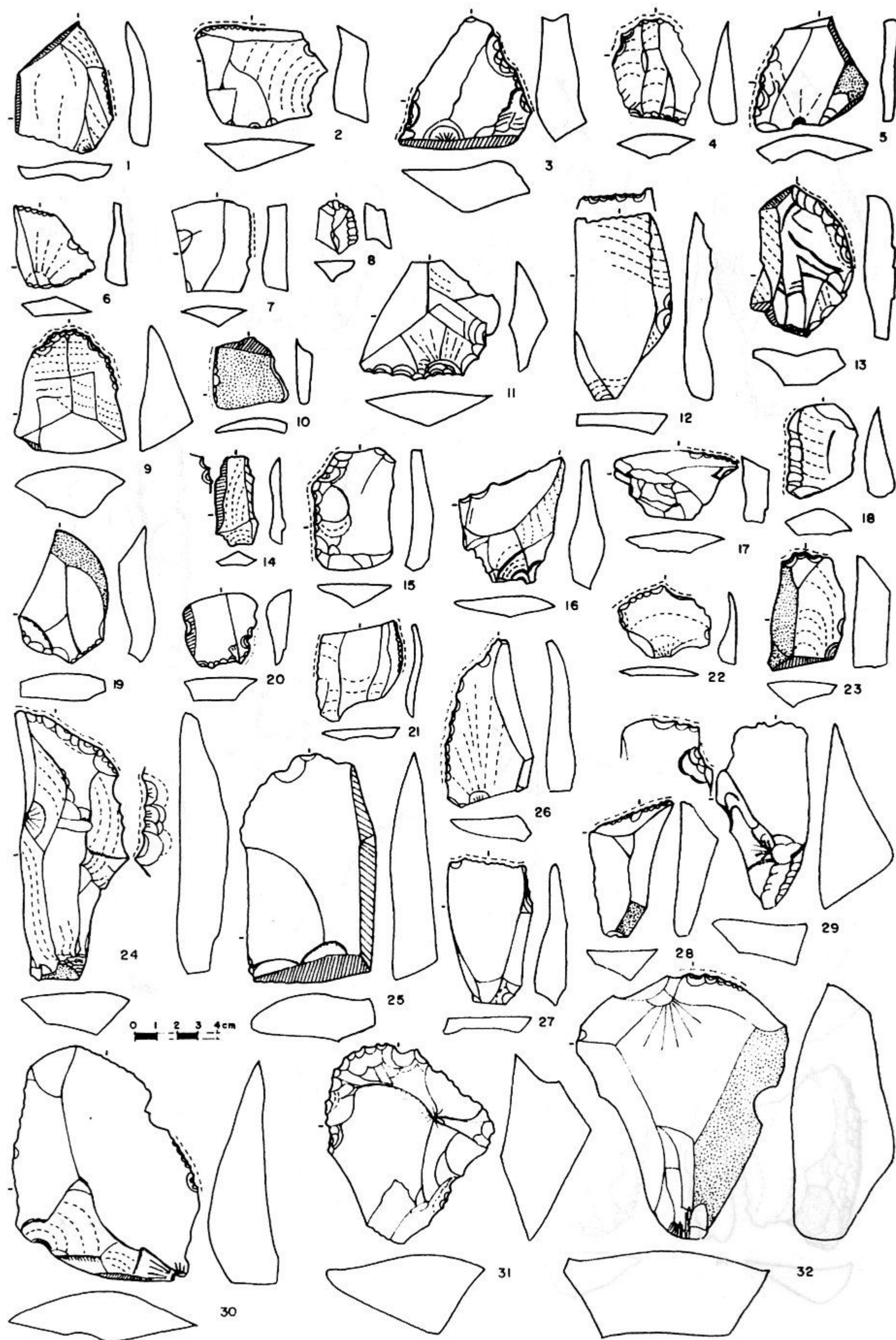


FIGURA 16. Lascas retocadas ou usadas do corte I do sítio BA-RC-19. O tracejado junto à borda indica retoque ou uso.

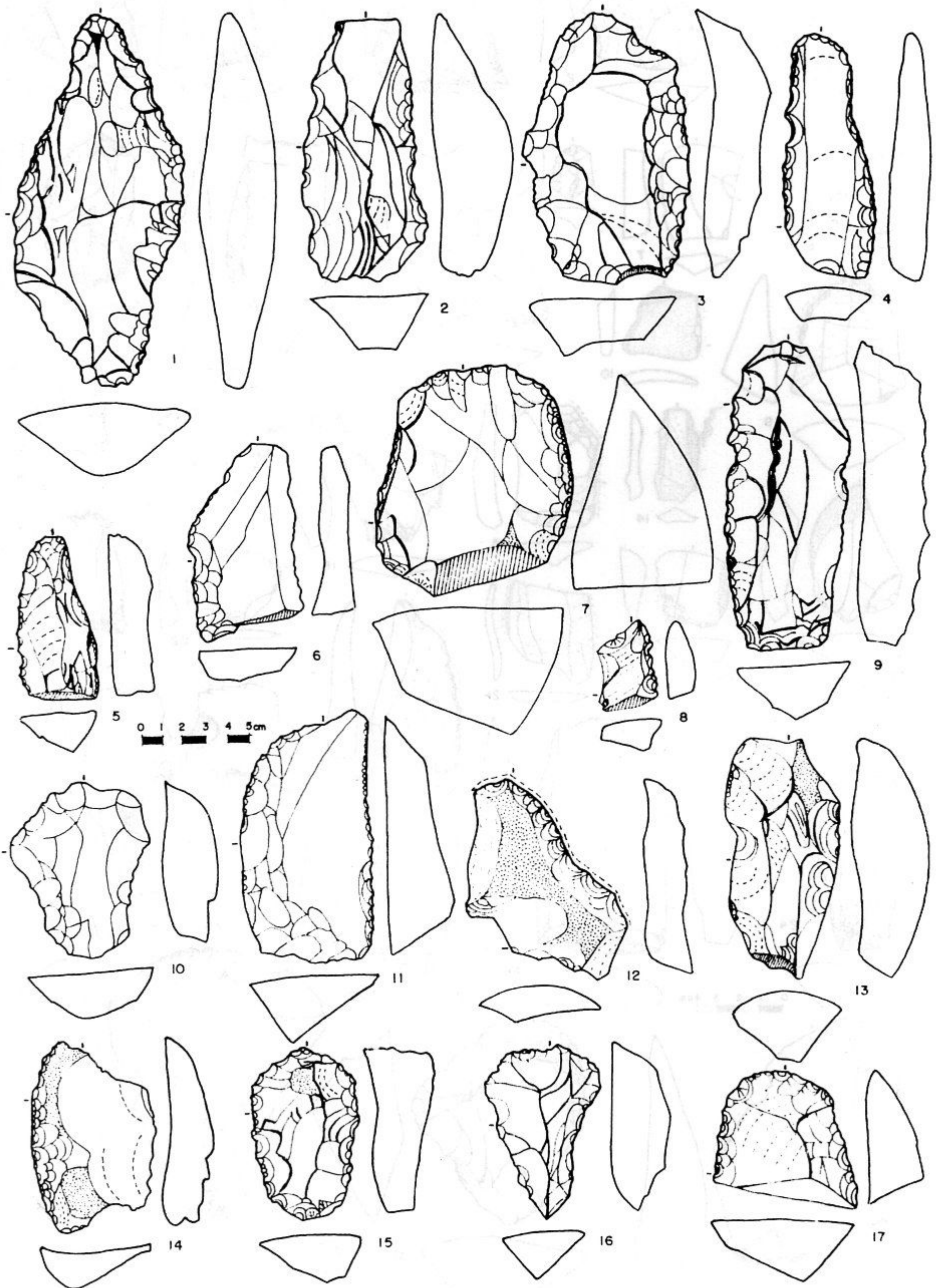


FIGURA 17. Peças trabalhadas da superfície do sítio BA-RC-19. 1=biface; as demais peças são unifaciais.

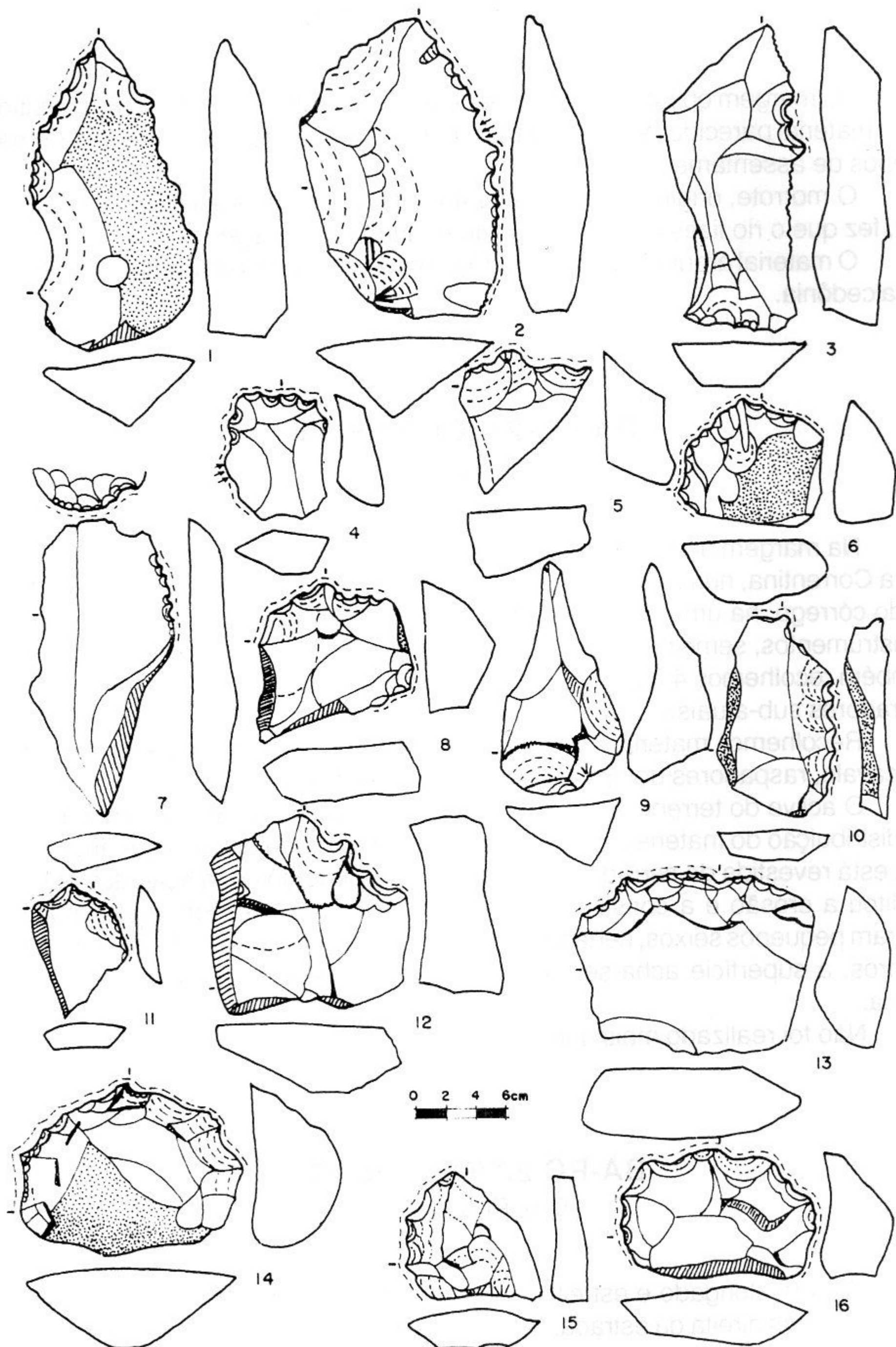


FIGURA 18. Peças trabalhadas da superfície do sítio BA-RC-19.

BA-RC-20 (GERAIS 08)

Na margem oposta do rio, sobre pequeno morrote, encontra-se outro sítio, com material parecido. Mas o sítio mais parece de exploração de matéria-prima, menos de assentamento.

O morrote, originado de um afloramento de arenito silicificado e calcedônia, fez que o rio fizesse uma curva, circundando a elevação.

O material arqueológico é o mesmo: núcleos e lascas de arenito silicificado e calcedônia.

BA-RC-21 (GERAIS 09)

(Ver Figura 19)

Na margem direita do córrego Cajueiro, no lado esquerdo da estrada que vai a Correntina, numa extensão de uns 500 m e uns 10 m de largura, a uns 100 m do córrego, há uma série de pequenas manchas (seis) com lascas, núcleos e instrumentos, semelhantes aos dos outros sítios. Na mais próxima do córrego também recolhemos 4 cacos de cerâmica, recentes (neo-brasileira ou talvez de moradores sub-atuais).

Recolhemos material em diversos pontos, aparecendo raspador em pata-de-cavalo, raspadores denticulados e raspadores simples.

O aclave do terreno vai de 10 cm sobre o nível do rio até 220 cm na área de distribuição do material, chegando a 400 cm a 20 m de distância. A área mais alta está revestida de cerrado, ao passo que ao longo do rio, a ação dos porcos facilitou a erosão e a conseqüente exposição do material. Em alguns pontos afloram pequenos seixos, certamente deixados pelo rio em período de enchente; noutros, a superfície acha-se coberta de cascalhos que se prolongam morro acima.

Não foi realizado mais que o registro.

BA-RC-22 (GERAIS 10)

(Ver Figura 20)

Morrote alongado e estreito, com material lítico, na frente do sítio Gerais 09, na margem direita da estrada, começando atrás das construções do Cajueiro e estendendo-se por 140 m de comprimento por uns 20 de largura. Dista da estrada uns 20 m.

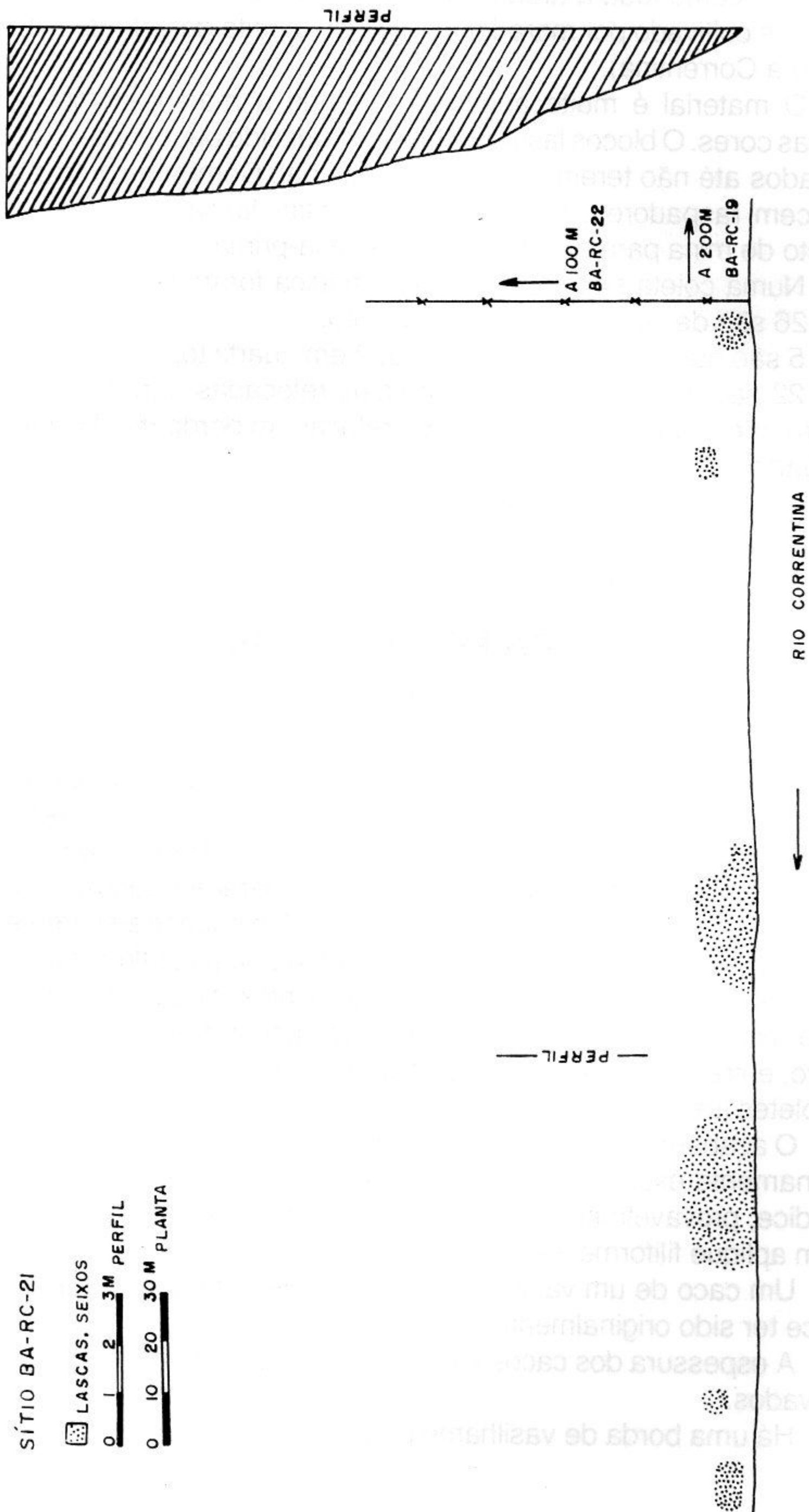


FIGURA 19. Croqui e perfil do sítio BA-RC-21.

Depois do morrote o terreno cai e chega rapidamente ao córrego. Tanto o morrote, como toda a área é coberta por cerrado. A metade do morrote está cercado e cultivado por morador da margem direita da estrada (sempre indo em direção a Correntina).

O material é muito abundante, sendo a matéria-prima calcedônia em diversas cores. Os blocos lascados parecem ter sido pequenos e os núcleos foram esgotados até não terem mais quase material. Como nos outros sítios da área aparecem raspadores, um biface rudimentar, lascas e núcleos. O local tem aspecto de mina para exploração de matéria-prima.

Numa coleta superficial não sistemática foram recolhidas 32 peças, das quais 26 são de calcedônia, 6 de quartzito.

5 são núcleos: 3 em calcedônia, 2 em quartzito;

22 são lascas pequenas e médias retocadas para formar denticulados, pontas-entre-entalhes, bicos (17), ou retocar um bordo (5); 18 em calcedônia, 4 em quartzito;

6 *lesmas* em calcedônia.

BA-RC-23 (GERAIS 11)

(Ver Figuras 21 e 22)

Uns 15 km a jusante do Cajueiro, no local chamado Mata-Burro Queimado, à margem direita do rio Correntina e à margem direita do córrego local, quase na sua confluência, ao longo do barranco da estrada e em locais erodidos próximos, numa extensão de uns 100 m, apareceu cerâmica, um cachimbo tubular cônico e numerosos restos líticos. O sítio encontra-se frente ao brejo que ocupa o espaço entre o rio e o córrego, junto à sua confluência.

A *cerâmica* se compõe de 42 fragmentos, finos, com antiplástico areia, denso, com grãos que vão até 3 mm. O núcleo dos fragmentos cerâmicos é escuro, entre paredes que vão do castanho ao cinza. A produção parece ter sido por roletes justapostos.

O acabamento das superfícies é o alisamento, com exceção de três cacos externamente escovados. Um destes tem uma cicatriz da implantação de um apêndice, provavelmente uma alça lateral. Há também um pequeno fragmento de um aplique filiforme, de perfil triangular.

Um caco de um vasilhame pequeno tem a face externa muito irregular e parece ter sido originalmente unguado.

A espessura dos cacos vai de 0,4 a 1,0 cm, sendo mais grossos os cacos escovados.

Há uma borda de vasilhame pequeno, alisado, direta, com lábio arredondado.

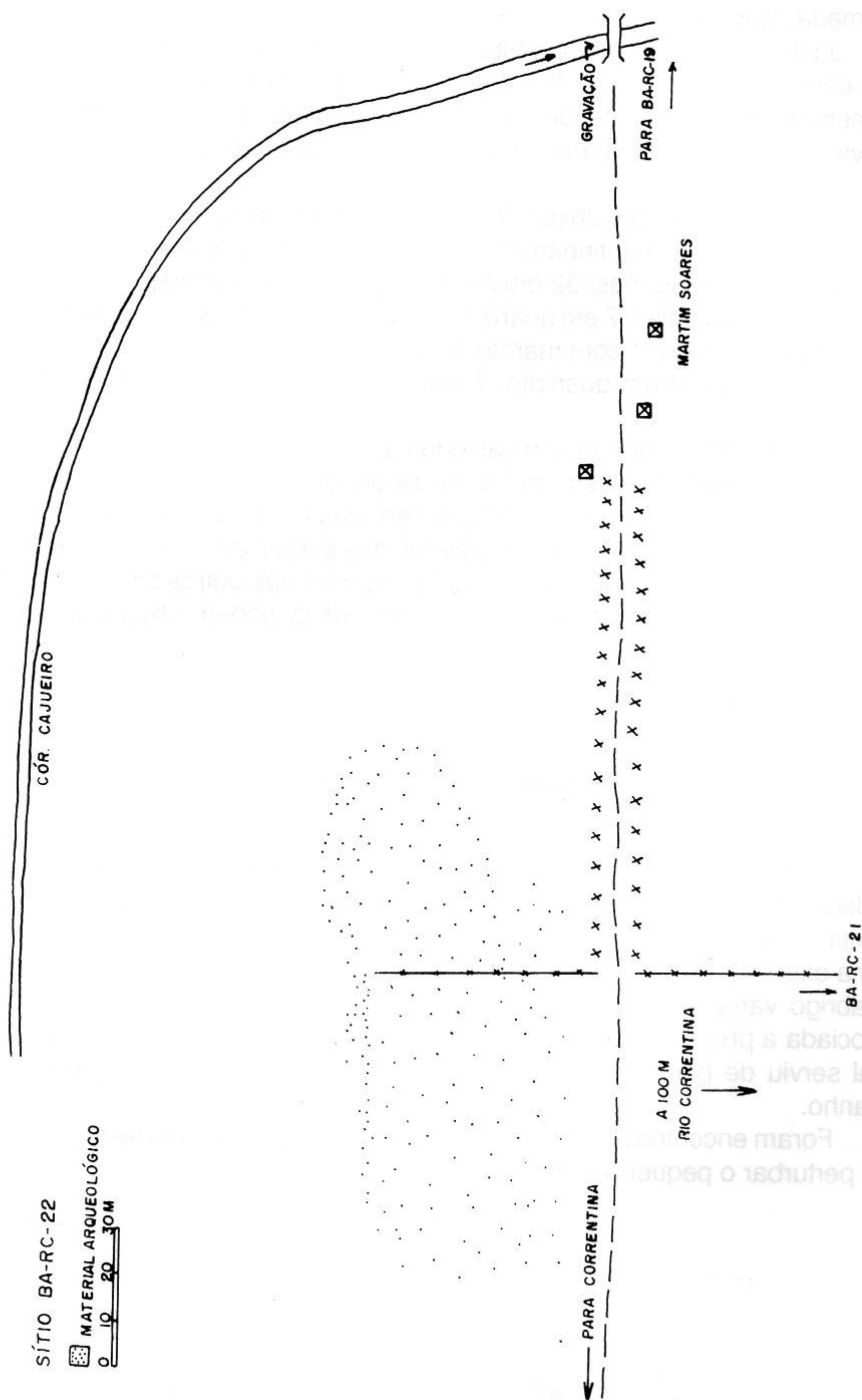


FIGURA 20. Croqui do sítio BA-RC-22.

Há também três cacos de cerâmica recente, castanho claro, totalmente queimada, com espessura de 1,10 cm.

Junto havia um cachimbo tubular, cônico, de superfície e núcleo escuros, feito com antiplástico areia fina, mas contendo grânulos grandes, de vários milímetros, provavelmente de calcedônia hidratada. Externa e internamente estava bem alisado e acabado. Encontrava-se quase inteiro, só trincado. (Figura 22)

Também foram recolhidos 83 *artefatos líticos*, sendo 54 em quartzito, 29 em calcedônia; 19% mantinham restos de córtex na superfície.

49 lascas pequenas: 32 em quartzito, 17 em calcedônia;

10 lascas médias: 7 em quartzito, largas, 3 em calcedônia, estreitas; 6 com gumes naturais bons, 1 com marcas de uso;

16 núcleos: 9 em quartzito, 7 em calcedônia; 8 pequenos, 5 médios, 3 grandes;

1 fragmento pequeno, em calcedônia;

7 lascas trabalhadas para formar bicos, denticulados ou regularizar bordos; 6 em quartzito, 1 em calcedônia; 6 pequenas e médias, 1 grande.

Não há certeza se todos estes elementos seriam coetâneos e associados. O material lítico é parecido com o que se encontra nos outros sítios da área. Se estivessem associados, indicaria que estes sítios podem chegar ao período colonial e até ao nacional.

BA-RC-24 (GERAIS 12)

Pequeno abrigo em arenito, localizado a 1 km do córrego das Pedras, na verdade pequena reentrância num bloco de arenito bem compactado de cor laranja. A altura máxima não passa de 210 cm; a profundidade não é maior. Numa extremidade tem um canal que conduz água de enxurrada. O solo dentro do abrigo varia de cinza escuro a cinza claro; a primeira tonalidade parece associada a presença de carvão de fogueira recente sobre a superfície, pois o local serviu de pouso para algum peão que aí se estabeleceu para vigiar o rebanho.

Foram encontrados alguns fragmentos de cerâmica. Não se fez corte para não perturbar o pequeno espaço disponível.

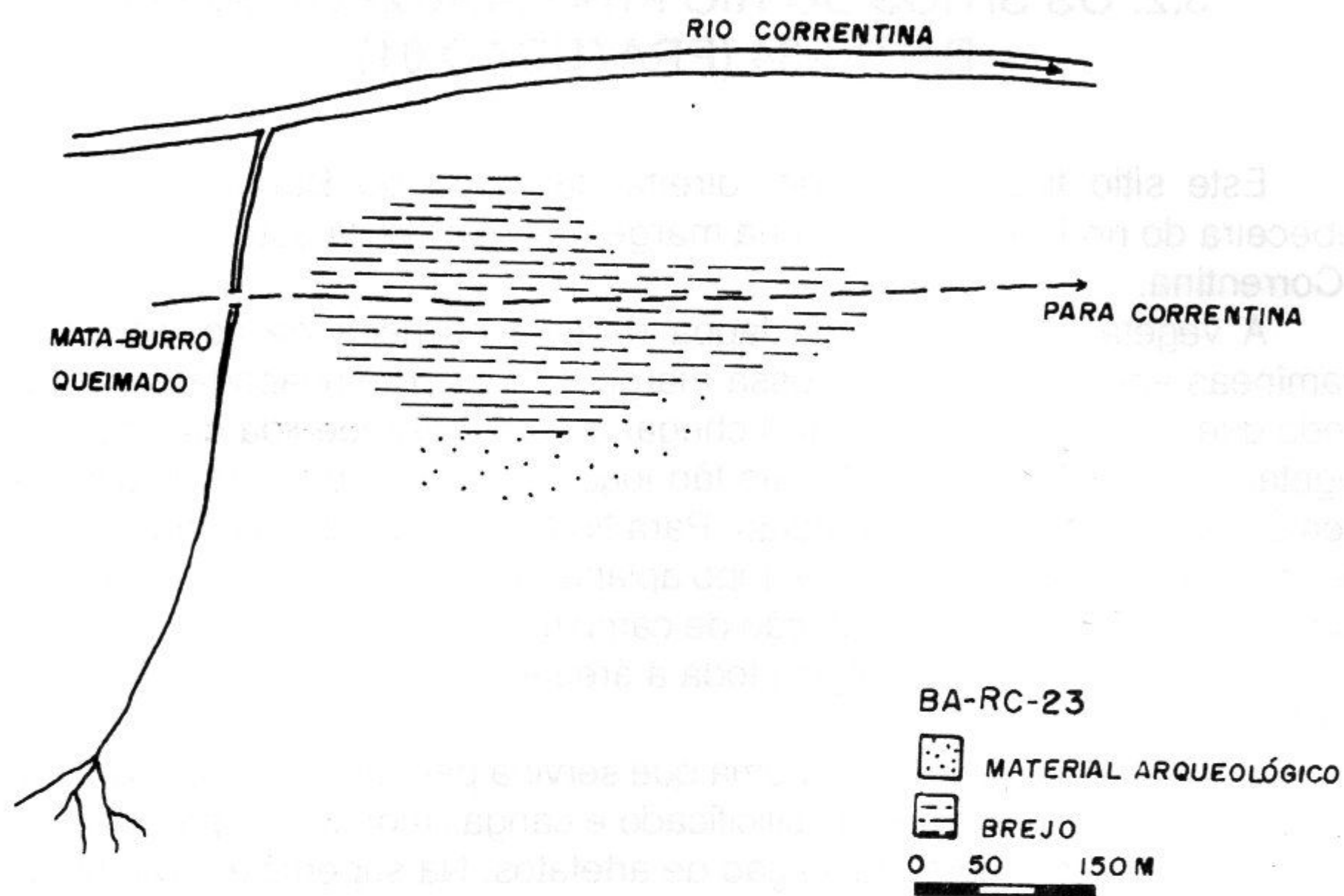


FIGURA 21. Croqui do sítio BA-RC-23.

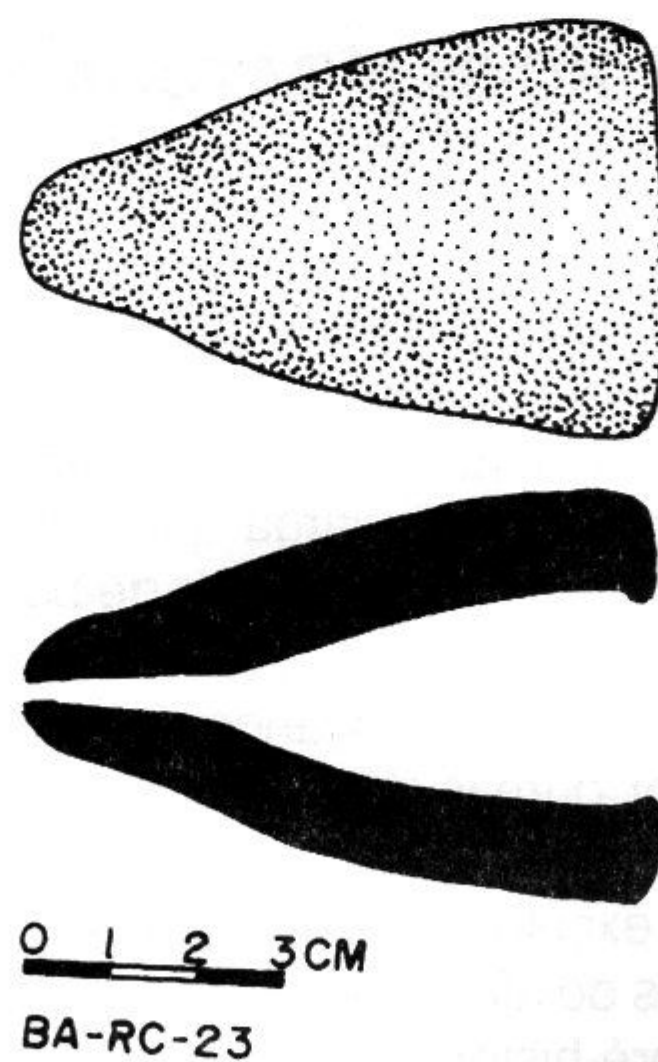


FIGURA 22. Cachimbo cônico encontrado no sítio BA-RC-23.

3.2. OS SITIOS DO RIO PRATUDÃO/FORMOSO BA-RC-34 (PRATUDÃO 01)

Este sítio fica na margem direita da lagoa do Buriti, que forma a cabeceira do rio Pratudão. Está na margem esquerda da estrada de Mambai a Correntina.

A vegetação da beira da lagoa é típica de beira de rio, com buritis, gramíneas altas e ciperáceas; essa margem é rasa e empapada de água, de modo que se torna inclusive difícil chegar à água desimpedida da lagoa. Essa vegetação passa para cerrado ralo tão logo se atinge terreno mais alto, fortemente arenoso, como toda a região. Para NW da lagoa há uma pequena crista rochosa, que forma uma serra de topo aplanado, constituindo uma chapada, na qual se desenvolve uma vegetação de campina.

Segundo o mapa geológico toda a área é constituída de arenito Urucuia, cretáceo.

A lagoa cria o nicho do sistema que serviria para acampamento na época da seca. No local aflora arenito silicificado e canga limonítica, o primeiro usado como matéria-prima para fabricação de artefatos. Na superfície havia nódulos, núcleos, lascas trabalhadas, que não foram recolhidos, mas só anotados.

Não existe morador na proximidade.

BA-RC-35 (PRATUDÃO 02) (Ver Figuras 23-26)

O sítio encontra-se alguns quilômetros a jusante da ponte sobre o rio Pratudão, na proximidade do povoado Mato Grosso do Pratudão, ao lado da estrada de Mambai a Correntina, na margem esquerda do rio. Este (rio) apresenta aí uma várzea especialmente larga que pode atingir um quilômetro em cada margem e está coberta por uma *vereda* de buritis.

Limitando a vereda, por vários quilômetros, temos um afloramento de arenito silicificado, coberto por tapiocanga, que forma pequenos morros ou chapadas, devido à maior dureza da rocha, sendo a área em geral arenosa, Formação Urucuia.

A vegetação atual, excetuadas as veredas, é de cerrado.

Em diversos lugares do afloramento foi observada exploração de matéria-prima pelas populações pré-históricas, deixando em alguns pontos mais restos, em outros menos.

No lugar que denominamos BA-RC-35, existe uma chapada baixa, em cuja borda leste, numa extensão de aproximadamente 80 m, a sul, numa extensão de aproximadamente 240 m, aflora arenito silicificado maciço ou em nódulos,

que recobrem hoje o lajedo exposto. Esta chapada sobressai da planície, formada pela vereda, entre 4 m (na extremidade leste) e 8 m (em direção ao oeste).

Na extremidade leste, o arenito silicificado é predominantemente avermelhado, com faixas mais claras e mais escuras, e a silicificação é incompleta; como ele está mais exposto, devido à erosão mais intensa neste local, começou a rachar superficialmente em blocos que parcialmente se estão esfolhando, devido ao intemperismo natural, hoje acentuado pela queima do cerrado no período da seca.

Na borda sul da chapada o arenito silicificado é predominantemente claro, leitoso, com uma silicificação média mais avançada; na parte média do barranco ele aflora num estrato maciço recoberto de nódulos de tapiocanga e parcialmente de areia, tendo sofrido menos da ação erosiva das chuvas. Na extremidade oeste ele aparece mais como nódulos externamente meteorizados e cujos tamanhos geralmente não ultrapassam os 30 cm de diâmetro. Material parecido ocorre também numa parte do setor leste. (Ver Figura 23)

Sem mover o material do lugar procuramos entender o sítio, que se encontra exposto como se tivesse sido decapado superficialmente.

Primeira observação: O arenito silicificado avermelhado do setor leste, apesar de aflorar mais e apresentar nódulos superficiais grandes, foi muito menos explorado que o arenito silicificado claro, que costuma aparecer mais coberto. Com exceção de um único ponto, onde houve maior retalhamento e os resíduos e artefatos são mais abundantes, o resto do setor leste apresenta consideravelmente poucos restos de atividade humana.

Neste setor aparecem diversos nódulos descascados, expondo matéria prima sã, mas sem ulterior aproveitamento; estes nódulos preparados podem chegar a mais de 40 cm de diâmetro maior, como veremos adiante.

Nos setores de afloramento de arenito silicificado branco, pelo contrário, houve intensa atividade de retalhamento, estando o solo juncado de dezenas de milhares de lascas, núcleos esgotados e artefatos falhados. Foram retalhados, na extremidade oeste, inclusive nódulos pequenos, que não teriam mais de 20 cm de diâmetro.

A comparação da matéria-prima dos dois setores, claramente limitados, embora contíguos, nos leva à suposição de que a diferença na intensidade da silicificação, sendo constantes as demais variáveis, parece ter sido a razão desta opção preferencial.

Segunda observação: O sítio é de mineração, retalhamento e confecção terminal de artefatos. Os passos puderam ser bastante bem documentados. O material inicial são grandes blocos quebrados do estrato maciço, blocos já desprendidos por intemperismo e nódulos independentes, recobertos por uma crosta não ou pouco silicificada.

A maneira como os nódulos eram preparados é bastante clara no setor leste, onde estão os núcleos preparados, mas não utilizados. Estudamos alguns:

a) 30 x 20 x 16 cm. Primeiro se tirou uma grande lasca do nódulo coberto de córtex, formando duas facetas lisas; a partir de uma delas se tirou outra lasca

grande, que foi usada para preparar um núcleo aproximadamente prismático com diversas cicatrizes paralelas. Uma parcela ficou recoberta por córtex de aproximadamente 7 cm de espessura.

b) 22 x 22 x 20 cm. Um núcleo poliédrico com uma face cortical, as outras descascadas a partir de diversas cicatrizes sucessivas.

c) 30 x 22 x 20 cm. Núcleo poliédrico, com uma parte cortical, outra descascada por intemperismo.

d) 45 x 42 x 38 cm. Núcleo parcialmente cortical, parcialmente descascado por intemperismo, uma parte saliente com várias cicatrizes de descascamento.

e) 42 x 40 x 30 cm. Bloco ainda preso no barranco, do qual se desprende com 2 golpes violentos uma parte, deitada na frente e que mede 40 x 40 x 30 cm, descascada a partir de vários pontos.

f) 46 x 42 x 30 cm. Bloco parcialmente coberto de córtex fino, parcialmente descascado por intemperismo, com uma das extremidades fortemente percutida, donde saltaram 5 lascas em raio.

g) 36 x 32 x 22 cm. Núcleo quase todo recoberto de córtex fino. De vários pontos foram retiradas lascas de descascamento, sem produzir uma plataforma viável.

No setor de arenito silicificado claro não se observaram núcleos preparados e não utilizados. Mas aí ficou mais claro como os núcleos eram retalhados e os instrumentos produzidos.

No setor leste os núcleos eram retalhados e os instrumentos produzidos sobre o lajedo, no próprio local do afloramento. No setor sul a maior parte dos núcleos eram retalhados no talude fronteiro ao afloramento do estrato maciço de matéria-prima; aí o refugo ocupa uma grande densidade fechando a superfície completamente numa extensão de uns 100 m por uns 10 m de largura; não buscamos saber qual a espessura do refugo para deixar a área intacta para um projeto mais amplo. A partir da borda da chapada, na qual se encontra a matéria-prima, o material está distribuído numa largura de aproximadamente 40 m, sendo tanto mais denso quanto mais perto estamos do ponto de mineração na barranca.

Nas áreas onde os restos estão mais densos, como no talude e na borda sul da chapada, não se percebe tão bem o retalhamento dos blocos como nos pontos mais afastados, onde o material está distribuído em pequenos círculos separados um do outro, contendo cada um deles 1 núcleo esgotado (às vezes 2), as lascas desprendidas, que podem ser de uma a várias dezenas e geralmente um ou mais artefatos falhados.

Os núcleos esgotados podem ser prismáticos e têm medidas parecidas às seguintes: 24 x 16 x 18 cm; 16 x 12 x 9 cm; 12 x 12 x 7 cm; 11 x 16 x 8 cm; 11 x 11 x 10 cm (a primeira medida é a do eixo de debitagem); ou podem ser aproximadamente piramidais: 10 x 14 x 18 cm; 9 x 13 x 8 cm (a primeira medida é a do eixo de debitagem); ou poliédricos: 24 x 15 x 11 cm; 19 x 9 x 8 cm; 19 x 13 x 9 cm; 13 x 11 x 6 cm; 12 x 8 x 6 cm. Às vezes o núcleo, especialmente o

prismático, está reduzido de tal maneira que a espessura não passa de 5 cm, para um comprimento de 20 cm.

As lascas e fragmentos desprendidos dos núcleos têm os tamanhos correspondentes desde o do núcleo em início de retalhamento até o seu final. Um certo número é laminar, mas as formas e espessuras como um todo não são muito padronizadas, como não o são os núcleos.

Em algumas manchas se vêem no centro do conjunto as lasquinhas de preparação dos instrumentos (estilhas), mas na maior parte dos casos elas foram levadas pela água e se podem encontrar retidas em pequenas barreiras; nos lugares, onde os resíduos ocupam uma camada maior, podem ser vistas por debaixo das lascas superficiais.

Os artefatos falhados são lascas longas ou laminares com retoques sempre unifaciais em um ou ambos os bordos longitudinais e às vezes também em extremidades, mostrando claramente que se comportam como os artefatos característicos da tradição Itaparica (raspadores terminais longos, estreitos e espessos). É fácil de ver que se trata de peças quebradas, rachadas, falhadas no processo de produção; como estão, algumas poderiam ser tomadas por raspadeiras ou raspadores, outras por rabotes; às vezes aparece uma peça inteira, que se poderia considerar concluída, com a sua característica forma de raspador terminal. Elas sempre se encontram misturadas com as lascas de retalhamento, no meio do refugio não aproveitado. Elas podem ser abundantes nos pontos onde o refugio está mais denso, isto é, onde o retalhamento de diversos núcleos se sobrepôs, na proximidade do local de mineração. Aí, num espaço de 5 x 6 m, foram registrados 26 instrumentos falhados superficiais.

Os percutores foram difíceis de visualizar; só encontramos 2 no setor do arenito silicificado avermelhado: um deles é um núcleo quase globular, do qual se usou um dos polos; o outro é um fragmento grosso, do qual se usou uma ponta e uma aresta; aproximadamente 14 cm de diâmetro maior, ao redor de 10 cm de diâmetro menor; ambos de arenito silicificado trabalhado. É possível que, além de fragmentos e núcleos esgotados de arenito silicificado, se tenham usado nódulos de tapiocanga, que são abundantes em toda a extensão do sítio.

Não foi visto nenhum material fora da área delimitada pelos resíduos superficiais descritos; isto é, não foi visto nem na planície fronteira, nem na chapada, mais longe do ponto de extração. Isto ainda não quer dizer que não exista, porque o trabalho foi de mera inspecção e se refere à parte que observamos, que é certamente o sítio de extração.

Terceira observação: sobre a disposição e o significado do material:

Os materiais de certo tamanho encontram-se no local em que foram deixados, sem maiores movimentos laterais e provavelmente verticais; isto pode valer para os núcleos, as lascas, os instrumentos falhados; os mais leves, que são lascas de preparação e retoque de artefatos, só raramente são vistos, no centro da mancha, ou em determinado espaço, onde estão aglomerados. Em locais, onde o acúmulo de lascas é mais espesso, podem ser vistas por debaixo das lascas superficiais.

A extração é feita em blocos ou nódulos de tamanho considerável, podendo chegar a 40 cm ou mais, mas não se deixa de testar nódulos, que não têm muito mais que 20 cm, quando a matéria-prima é boa. Depois de desbastado o núcleo, com a retirada de córtex e a criação de superfícies de ataque, se extraem lascas grandes, entre as quais algumas são retocadas para a produção de artefatos característicos, unifaciais, sendo o resto abandonado. Os artefatos resultantes são grandes, com 10 cm de comprimento ou mais, e a redução do núcleo é considerável: tomando como referência os nódulos descascados e os núcleos esgotados, poderíamos conjecturar que um núcleo de uns $30 \times 20 \times 20$, ou 12.000 cm^3 é reduzido a $15 \times 10 \times 10$ ou 1.500 cm^3 , equivalente a $1/8$ da massa inicial. Hoje não é fácil de ver se mais alguma das lascas desprendidas foi utilizada diretamente no local porque elas apresentam, nos bordos cortantes, aderências difíceis de retirar.

Como a mina é explorada intensamente deve-se supor que os caçadores da época tenham ficado no local durante algum tempo, acendido fogueiras e se abastecido de alimentos no cerrado, na vereda e no rio. No tempo da chuva, mas só neste, teriam à disposição a água no dreno, que cruza o barranco do afloramento na extremidade oeste; no tempo seco teriam que recorrer necessariamente ao rio, que dista uns 1.000 m. - Estes restos provavelmente não estariam na área de extração, onde os resíduos e a tapiocanga machucariam os pés, mas na periferia, sobre a chapada, ou na planície fronteiria. Para localizar estes pontos do acampamento seria necessário fazer sondagens amplas, que não estavam previstas para esta etapa.

Antes de nossa visita de inspeção, de que resultaram as observações acima, havia sido feita uma coleta de material mais em evidência, a qual deu o resultado que segue. Não se trata de uma coleta sistemática e por isso os resultados não podem ser tomados como representativos para todo o material do sítio.

Nessa coleção constam 96 peças (Ver Figuras 24-26); com exceção de dois núcleos, todas unifaciais, produzidas sobre lascas, em quartzito, com exceção de uma peça, que é de calcedônia. O quartzito usado é o claro da borda sul, com uma só peça em quartzito vermelho da borda leste e duas peças em quartzito escuro, de procedência desconhecida. As peças são grandes, indo os comprimentos de 8 a 17 cm. Provavelmente muitas delas foram abandonadas ainda em estágio de formação, mas algumas foram inclusive retomadas, indicando uso anterior, no sítio.

A produção das lascas-base é semelhante para todos os artefatos, tratando-se de lascas, geralmente alongadas, algumas alargadas, com plano de percussão preparado e liso, bulbo saliente, face interna côncava ou convexo-côncava, a face externa pouco facetada, muito raramente com restos de córtex, retoque periférico ou um pouco invasor. Nota-se uma certa tendência a simetria, coincidindo o eixo de produção geralmente com o eixo morfológico dos artefatos.

Para fins de melhor visualização dividimos as peças em grandes grupos:

Das 96 peças recolhidas, 55 são alongadas, estreitas, elípticas ou ogivais, com retoques mais ou menos invasores, mais ou menos densos, em todos os bordos (com exceção, muitas vezes, do lado que era o plano de percussão da lasca), deixando na face externa, em posição central ou um pouco deslocada, um dorso, identificando o que no planalto central brasileiro se tem chamado de *lesma*, ou raspador terminal sobre lasca longa ou lâmina. A face inferior é lisa, raramente com algumas cicatrizes da remoção de um bulbo muito saliente; côncava (às vezes acentuadamente), ou convexo-côncava. As peças menores, que parecem definitivas e podem apresentar retomada num dos bordos longitudinais, costumam apresentar retoque mais fino e mais denso, ao passo que as peças maiores freqüentemente apresentam retoque mais grosseiro e pouco acabamento, como se fossem inacabadas, nas quais faltaria a última mão. Há muitas peças quebradas, perpendicularmente ao eixo morfológico ou em diagonal.

Se os artefatos bem acabados costumam ter as medidas do material encontrado em Serranópolis, as mais grosseiras são bastante maiores. O comprimento varia de 8,6 a 17,2 cm; 41% tem uma largura correspondente a 25-40% do comprimento; em 17% a largura corresponde a 41-54% do comprimento; em outros 41% a largura corresponde a 55-65% do comprimento. A espessura predominante está entre 2 e 4 cm.

27 são lascas grandes, com formas e medidas semelhantes às da categoria anterior, com um ou dois bordos longitudinais, raramente ainda algum transversal, retocados para o indireitar ou reforçar, raramente para formar bicos ou denticulados. O que separa esta da categoria anterior é a extensão do trabalho.

Muito parecidas são 8 lascas de bordos naturalmente cortantes, que não tiveram, nem precisaram, retoque.

4 são lascas grandes, em forma de leque, cujo bordo transversal foi retocado. Entre estas encontra-se a única peça em quartzito vermelho, com a face externa cortical, os bordos laterais reduzidos na proximidade do talão como preparativo para encabamento, o bordo transversal com retoque irregular na face externa.

Existe ainda um raspador grande em pata-de-cavalo (8,2 x 8,4 x 5,6cm).

Um núcleo cônico e um núcleo em *chapéu de gendarme*: 6,3 x 5,3 x 6,8 cm.

Das peças mais significativas dessa coleta foram representados os contornos nas Figuras 24-26.

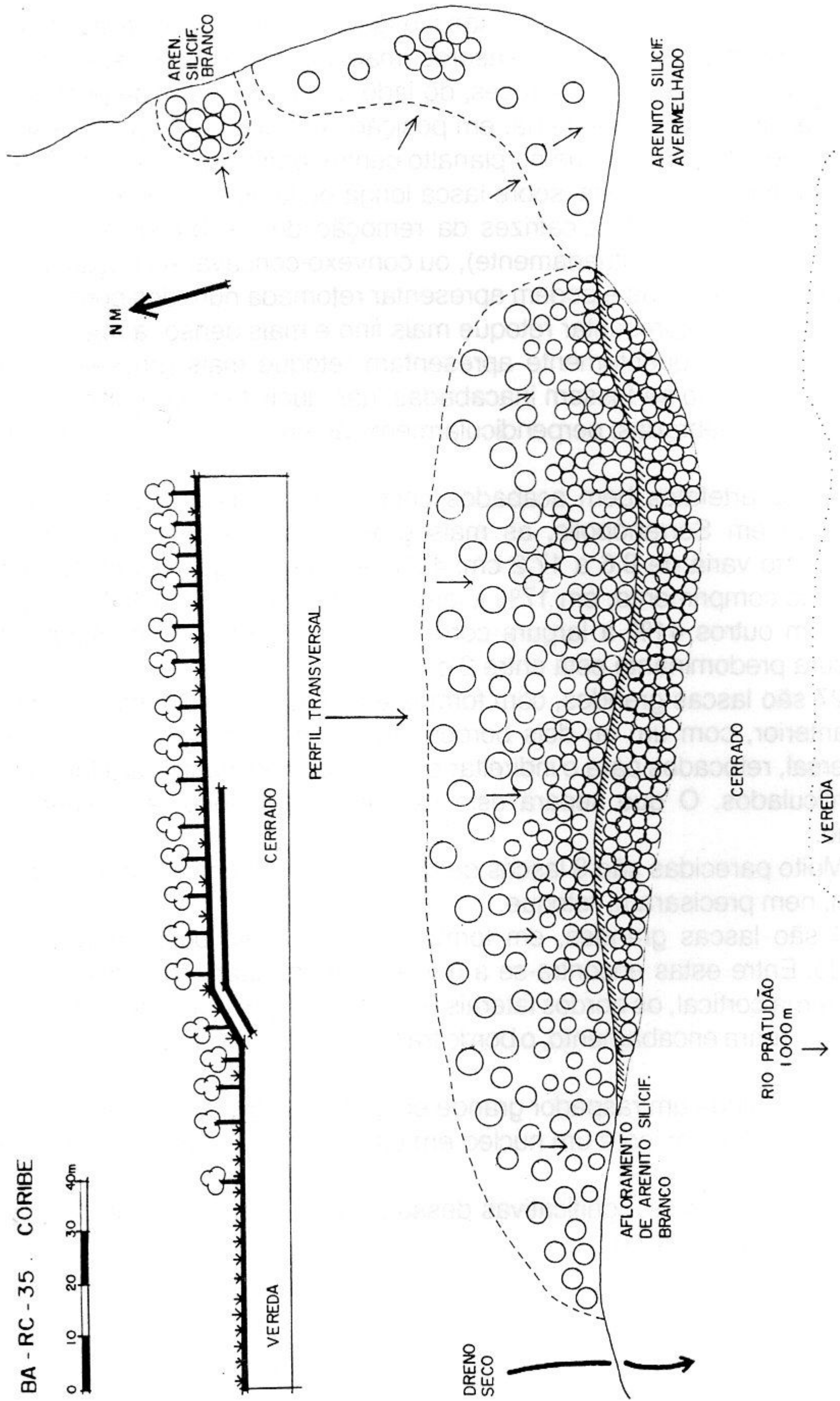


FIGURA 23. Croqui e perfil do sítio BA-RC-35.

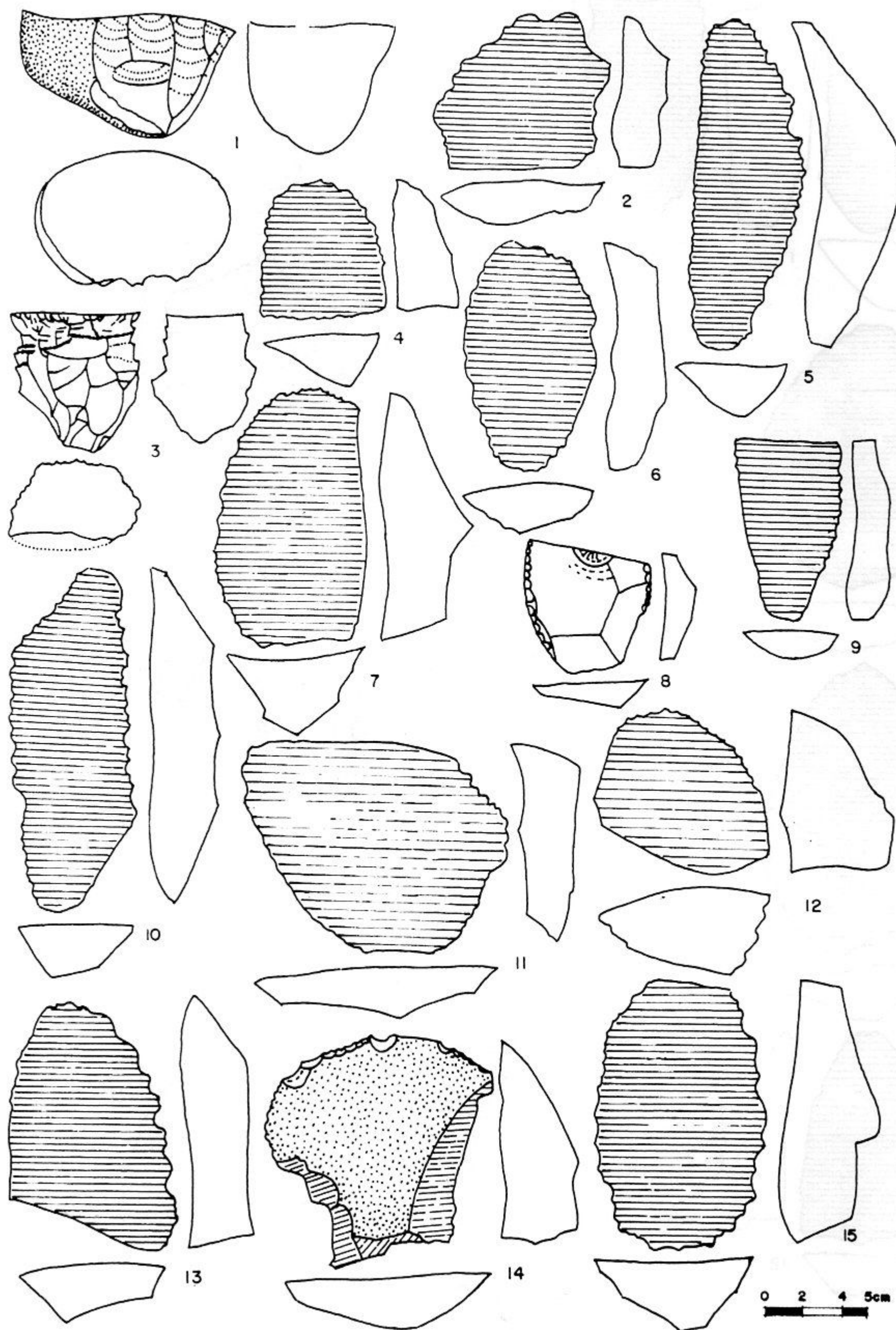


FIGURA 24. Esboços do material da coleta superficial do sítio BA-RC-35.

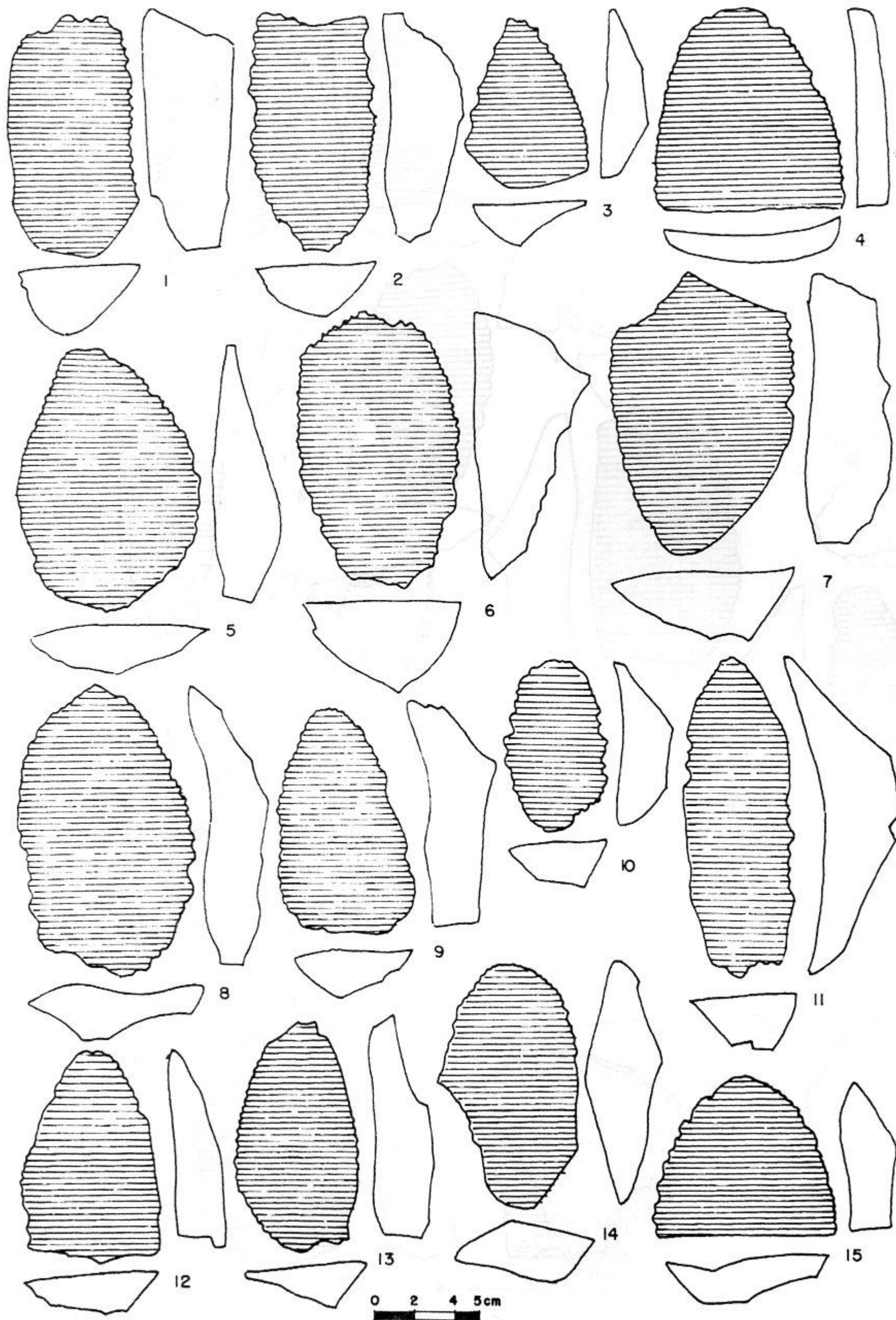


FIGURA 25. Esboços do material da coleta superficial do sítio BA-RC-35.

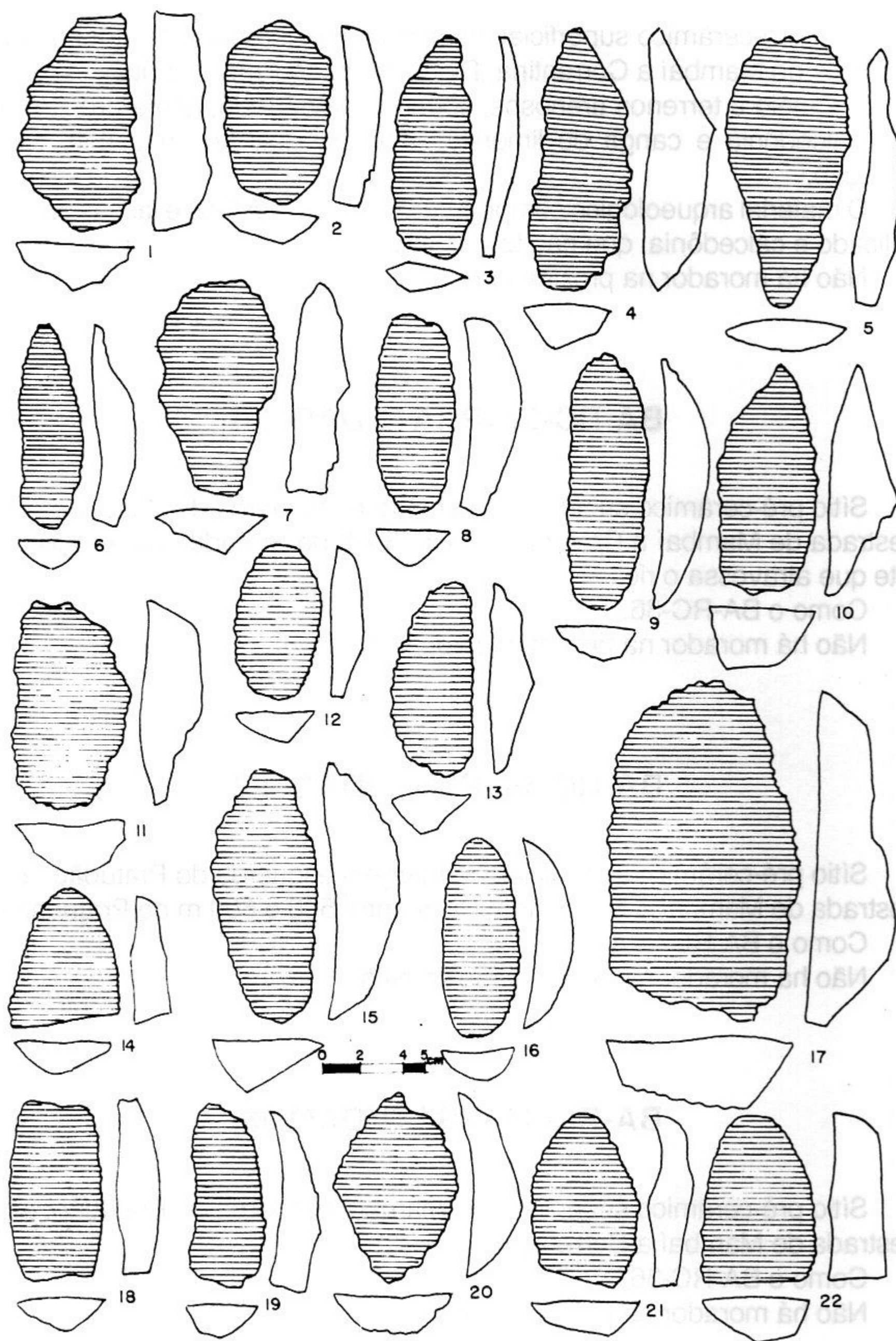


FIGURA 26. Esboços do material da coleta superficial do sítio BA-RC-35.

BA-RC-36 (PRATUDÃO 03)

Sítio pré-cerâmico superficial, na margem esquerda do Pratudão, à beira da estrada de Mambai a Correntina. Dista 700 m do Pratudão 06.

Em meio a terrenos arenosos, cobertos de cerrado, aflora arenito silicificado, calcedônia e canga de limonita, junto ao qual se criou este sítio de mineração.

O material arqueológico compõe-se de blocos, núcleos e lascas de arenito silicificado e calcedônia, que não foi recolhido.

Não há morador na proximidade.

BA-RC-37 (PRATUDÃO 04)

Sítio pré-cerâmico superficial, na margem esquerda do Pratudão, à beira da estrada de Mambai a Correntina. Dista 3 km do Pratudão 02, em direção à ponte que atravessa o rio.

Como o BA-RC-36.

Não há morador na proximidade do sítio.

BA-RC-38 (PRATUDÃO 05)

Sítio pré-cerâmico superficial, na margem esquerda do Pratudão, à beira da estrada de Mambai a Correntina. Dista entre 500 e 600 m do Pratudão 04.

Como o BA-RC-36.

Não há morador na proximidade do sítio.

BA-RC-39 (PRATUDÃO 06)

Sítio pré-cerâmico superficial, na margem esquerda do Pratudão, à beira da estrada de Mambai a Correntina.

Como o BA-RC-36.

Não há morador na proximidade do sítio.

BA-RC-40 (PRATUDÃO 07)

Na frente do Pratudão 06, distante 100 m, sítio pré-cerâmico superficial, na margem esquerda do Pratudão, à beira da estrada de Mambai a Correntina. Como o BA-RC-36. Não há morador na proximidade do sítio.

BA-RC-41 (PRATUDÃO 08)

Na frente do Pratudão 07, distante 150 m, sítio pré-cerâmico superficial, na margem esquerda do Pratudão, à beira da estrada de Mambai a Correntina. Como o BA-RC-36. Não há morador na proximidade.

BA-RC-42 (PRATUDÃO 09)

Sítio pré-cerâmico superficial, que inicia à margem esquerda do pé da ponte e se prolonga pelo lado esquerdo numa pequena serra que margeia o rio. Como o BA-RC-36. Não há morador na proximidade.

BA-RC-29 (PRATUDÃO 10)

Sítio pré-cerâmico superficial, à margem direita do rio e ao longo da estrada de Mambai a Correntina. Como o BA-RC-36. Não há morador na proximidade.

3.3. RESUMO: OS SÍTIOS DOS CERRADOS

Nosso estudo levantou 11 sítios ao longo do rio Correntina e 9 sítios ao longo do rio Pratudão e Formoso, seguindo as estradas que levam de Goiás a Correntina.

A maior parte dos sítios são superficiais primários, em meio ao cerrado e na proximidade dos rios. Em todos eles predomina a atividade de mineração, retalhamento e produção de artefatos líticos, junto ao afloramento de nódulos, blocos ou lajes de quartzito e calcedônia, postos a descoberto pela erosão, da qual os rios são os principais responsáveis. Alguns poucos sítios têm uma camada mais espessa de restos (BA-RC-19 e 35), mas na maior parte dos casos o material está mesmo na superfície. Materiais encontrados abaixo de corredeiras, no rio Correntina, podem ser originários de acampamentos à beira do rio, mas não se pode excluir, em todos os casos, o transporte e acumulação de restos trazidos de outros lugares pela água.

Considerando que matéria-prima de boa e excelente qualidade se encontra espalhada por muitos pontos ao longo dos rios, qualquer um desses pontos daria apoio suficiente para a instalação de um acampamento; elementos indispensáveis, além da matéria prima, seriam água, caça, pesca, frutos, fibras e madeira, e estes não faltavam em nenhum lugar. Aparentemente não existem sítios nos interflúvios entre os rios porque aí faltariam os afloramentos rochosos e especialmente a água, com exceção do curto período das chuvas.

Talvez os grupos fizessem incursões a esses territórios, mas os acampamentos de certa duração estariam perto da água.

Também buscamos avaliar a importância e hierarquia dos lugares visitados. Os dois sítios nos quais nos detivemos mais (BA-RC-19 e 35) apresentam maior variedade e quantidade de material. Existe mais, ao menos, um sítio grande, o BA-RC-17, mas cuja avaliação é mais difícil.

O BA-RC-19 se encontra na confluência de um dos poucos córregos permanentes com o rio Correntina e está cercado de pequenos morros, nos quais aflora matéria-prima de excelente qualidade. Junto a ele há petroglifos que marcam o território. Provavelmente têm um caráter mais estável, de busca mais freqüente, que os demais sítios encontrados ao longo do rio Correntina. Podemos pensar em algo parecido com um acampamento central com relação a acampamentos de hierarquia inferior. Hoje novamente existe aí um pequeníssimo conjunto de casas, de paupérrimas populações, que vivem de coleta, caça, pesca, minúsculas roças, artesanato e apoio aos raros passantes pela estrada que liga Goiás a Correntina. É um ponto de referência para as populações dispersas e nele está o cemitério.

O BA-RC-35 se encontra junto ao afloramento de uma grande laje de quartzito, de excelente qualidade, em frente a um alargamento da várzea do Pratudão. Mesmo que a água, no tempo da seca, esteja mais longe, a qualidade da rocha pode explicar a importância do lugar. Entre todos os sítios do Pratudão/Formoso este é o mais importante, com forte acento na mineração de material, mas também de produção de artefatos acabados e seu uso. O caráter de produção parece mais importante que o uso. O sítio poderia abastecer populações dispersas pela área, acampando ora aqui, ora acolá, tendo também um certo aspecto de acampamento central. Também aqui existe hoje um pequeno povoado, com características semelhantes às do Cajueiro.

Nesses dois sítios procuramos caracterizar bem a tecnologia de produção dos artefatos. Os resultados mais aparentes são lascas médias, grandes, mas também pequenas, que poderiam ser usadas sem ulteriores transformações, por causa de seus bons gumes naturais. Ou estas lascas eram retocadas em um ou dois bordos para produzir raspadeiras, denticulados, bicos, pontas-entre-entahes, raspadores, *lesmas* e até algum biface grande, mas nenhuma ponta-de-projétil.

Especialmente para fins de comparação com a área da caatinga teria sido muito importante recuperar os restos alimentícios, mas eles não ficaram conservados.

A cronologia de ocupação desta área não está clara. As *lesmas* e artefatos parecidos, que são bastante comuns, poderiam ligar o primeiro horizonte de ocupação à tradição Itaparica, assim como ela é representada em Serranópolis e outras áreas de Goiás, em Minas Gerais, no Piauí e Pernambuco, com datas do Holoceno inicial. Especialmente os sítios superficiais desta tradição em Goiás se parecem muito com os dos Gerais. A única data que possuímos é, entretanto, posterior, do VIII milênio A.P.

Como a região oferece recursos abundantes durante todo o Holoceno, podemos supor que a exploração pelos grupos caçadores-coletores não teria sido interrompida em nenhum período, até a chegada dos colonizadores de origem européia. Alguns sítios com fragmentos cerâmicos servem para apoiar esta hipótese. A exploração da área continuaria sendo feita por grupos nômades, em incursões estacionais dos portadores da cerâmica da tradição Una, da caatinga, sem fixação em aldeias e sem horticultura.

Mesmo a ocupação branca, no século passado e neste, continuou tendo um caráter exploratório. Durante uma estação do ano moradores de áreas vizinhas, mais abastecidas, colocam na área algum gado, guardado por pastores, num verdadeiro movimento de transumância; os poucos moradores fixos, paupérrimos, além de apoio aos poucos viajantes de uma estrada difícil, antigamente de um caminho de tropas de Formosa (GO) para Correntina (BA), vivem da extração de produtos do sertão que levam à feira de Correntina, de pequenas roças e de uns poucos animais criados soltos. A visão atual pode dar uma idéia da vida dos Gerais através dos milênios.

4. OS SÍTIOS DA CAATINGA

Três áreas foram pesquisadas na área da caatinga: o baixo curso do rio Correntina, uma parte do rio Corrente, na proximidade de Santa Maria da Vitória e o Morro Furado na Serra do Ramalho.

4.1. OS SÍTIOS DO BAIXO CURSO DO RIO CORRENTINA (Ver Figura 02)

Nesta área foram percorridos diversos paredões próximos ao rio, entre os quais descobrimos alguns ocupados por populações indígenas pré-históricas. Também tivemos informações de diversos lugares, nas várzeas, onde teriam sido descobertos cacos de cerâmica. Os sítios registrados são os seguintes:

BA-RC-25. REMANSO (CORRENTINA 1)

Na margem direita do rio do Meio, em terras de Joel, existe um pequeno abrigo, que apresenta pinturas nas paredes e material superficial.

O abrigo dista do rio Correntina uns 100 m. A margem é formada por uma várzea fértil, onde existem diversas casas dedicadas a uma plantação de subsistência.

Na superfície do abrigo foram recolhidos três cacos de cerâmica.

Foi realizado um corte, com 90 cm de lado, que pôs à mostra a estratigrafia: Os primeiros 30 cm produziram cinza, carvão, caramujos terrestres, lascas inespecíficas e cerâmica. São de cor cinza um pouco carregada. Os próximos 30 cm são de cor marron amarelado claro, com algum material e cerâmica até 50 cm da superfície. Esta segunda camada é mais úmida que a primeira e mostra claramente que se formou sob a ação da água. Os poucos fragmentos de cerâmica são do tipo que aparece nos outros abrigos da área.

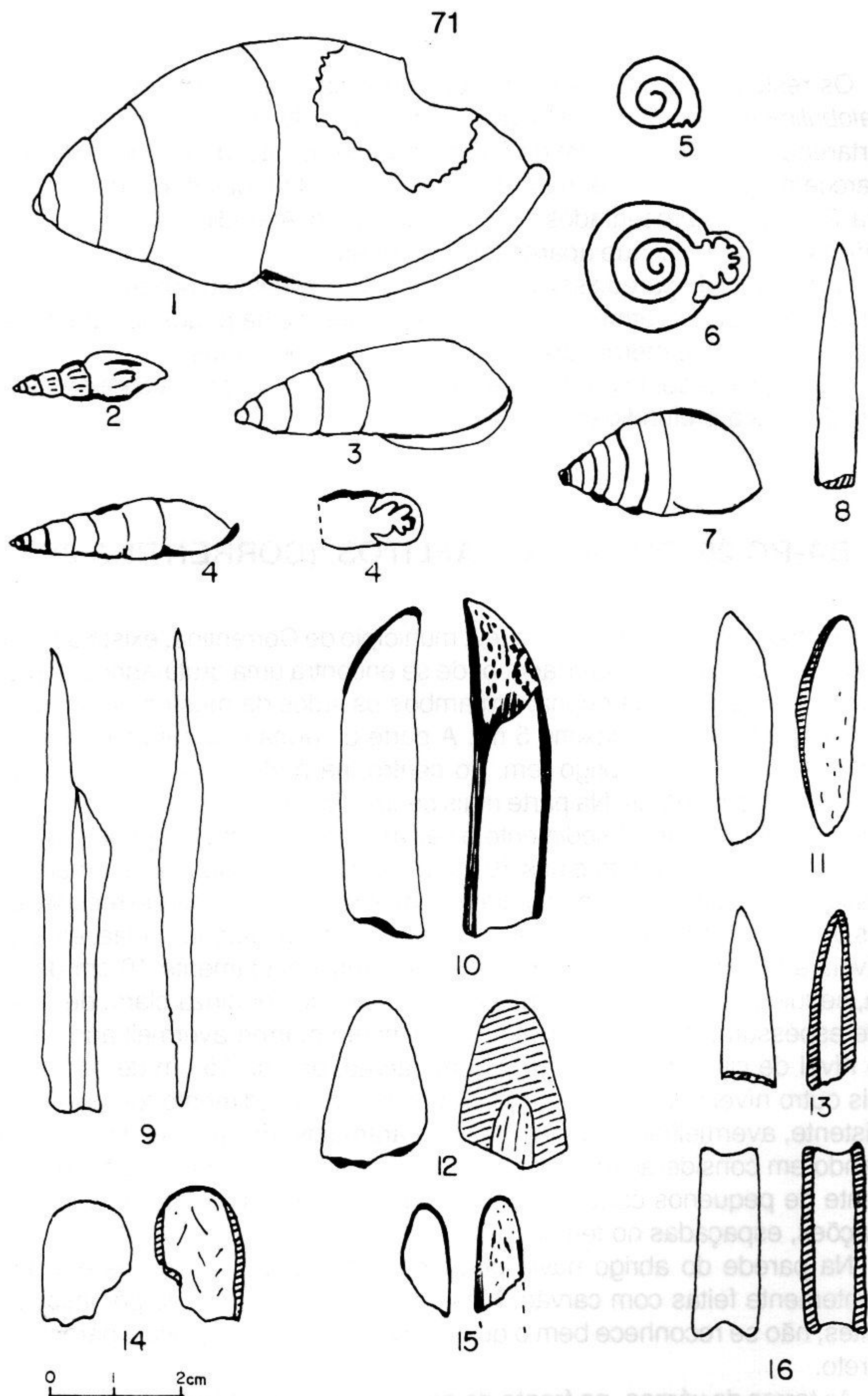


FIGURA 27. Moluscos que aparecem nos cortes de todo o projeto: 1. *Megalobulimus* sp, 2. Tipo não determinado 01, 3. *Drymaeus* sp, 4. *Cyclodontina* sp, 5. *Solaropsis* sp, 6. *Anastoma* sp, 7. *Bulimulus* sp. Os demais números correspondem a ossos trabalhados provenientes de diversos sítios.

Os restos biológicos, além de coquinhos calcinados, mostram moluscos *Megalobulimus* sp em todos os níveis, menos no 5. No nível 1 aparecem ossos de tartaruga, lagarto-teiú, além de outros mamíferos não identificados. No nível 2 aparecem ossos de aves não identificadas, de tatu-galinha e de cutia. Na Figura 27 estão representados os moluscos e no Apêndice estão os nomes científicos dos animais que aparecem nos cortes.

As pinturas da parede são monócromas vermelhas, ou polícromas vermelho-amarelo ou preto-vermelho-amarelo. Além dessas há pequenos grafitos em preto sob a forma de meros rabiscos livres ou antropomorfos.

O abrigo apresenta poucos desmoronamentos e se presta para pequenos cortes, de pouca profundidade.

BA-RC-26. BREJO DOS AFLITOS. (CORRENTINA 2)

Na fazenda de Pedro Rodrigues, município de Correntina, existe um bloco calcário com um paredão num lado, onde se encontra uma gruta/abrigo. A gruta, escavada pela água, é pequena; em ambos os lados da mesma há um abrigo não muito profundo (no máximo 5 m). A parte da gruta está fortemente empedrada, ao passo que o abrigo tem, no centro, na parte mais larga, uma área praticamente sem pedras. Na parte mais central fizemos um corte de 1 x 1 m até 70 cm de profundidade. O sedimento é calcário, mole, com pequenas lajotas de 15 a 20 cm de comprimento e uns 10 cm de largura, com alguns centímetros de espessura. O sedimento foi peneirado em malha de 0,5 cm, sendo recuperados restos de caramujos terrestres, predominantemente megalobulimidae, em todos os níveis até os 65 cm. Na superfície havia aproximadamente 10 cm de solo cinza, seguido de um nível de cinza com carvão, de cor cinza claro, de uns 15 cm de espessura, depois um nível de sedimento marron avermelhado, depois outro nível de cinza mais marron e sem carvão, de uns 15 cm de espessura, depois outro nível marron sem cinza. A uns 65 cm o sedimento tornou-se mais consistente, avermelhado, sem restos de caramujos. Era a base da ocupação. Tomando em consideração a pequena quantidade de restos, consistindo basicamente de pequenos caramujos, acreditamos que o abrigo teria tido poucas ocupações, espaçadas no tempo.

Na parede do abrigo havia pequenas figuras antropomorfas em preto, aparentemente feitas com carvão. Mas como tudo foi recoberto por inscrições recentes, não se reconhece bem o que estava pintado: era pouco e parece tudo em preto.

As terras de várzea, na frente do abrigo, são muito férteis e bonitas; elas vêm sendo cultivadas desde muito tempo. Nas plantações ali feitas, teriam sido encontrados, repetidamente, cacos de cerâmica grossa. Perto de uma

casa, um pouco afastada, recolhemos cerâmica, mas que provavelmente é néo-brasileira.

Na frente do abrigo corria, antigamente, um pequeno córrego, agora só com um pouco de água perto das casas.

BA-RC-30. PONTE VELHA. (CORRENTINA 5)

(Ver Figuras 28-30)

Paredão calcário, na fazenda de Augusto, com abrigo longo, raso (48x8 m), em vários níveis no sentido do comprimento. Na sua parte mais baixa há um vertedouro, donde escorre água e por isso não pode ser ocupada. A parte melhor para ocupar é a mais alta, onde fizemos um corte, e a parte média, já mais inclinada. No lado direito há estalactites formando uma pequena campânula. Na margem do rio crescem grandes árvores, que protegem da erosão e da incidência solar. O paredão não dista do rio mais que uns 10 m. Tanto na parte alta, como na média, há muitos blocos caídos, razão por que o corte deu rapidamente numa laje irremovível.

O corte mediu 1 x 2,30 cm e encostava na parede. A camada superficial, de 5 cm, é marron, com cerâmica. Segue uma camada de cinza de tonalidade mais ou menos clara, de 24 cm, que produziu moluscos, ossinhos, muitas lascas pequenas, carvão; cerâmica só até 20 da superfície. A partir dos 30 cm da superfície começam a aparecer pedras do desabamento, com sedimentos frouxos, cinza escuro, com pequenas lascas e carvão, até 95 cm de profundidade, quando dá numa laje irremovível.

Na parede correspondente ao piso alto e médio há pinturas feitas, geralmente, em preto, representando rabiscos ou pequenas figuras antropomorfas.

Como se pode ver na Tabela I, o material lítico é muito abundante, bem mais que nos abrigos, que serão descritos a seguir. A tipologia usada e os intervalos usados para o comprimento das peças são os mesmos de todo o trabalho.

A matéria-prima é principalmente a calcedônia, semelhante à dos Gerais: fina, uniforme, ocorrendo em grandes blocos. Pouco usavam a cornalina e calcedônias parecidas e, com isso, as marcas de fogo e o brilho ceroso aparecem pouco. Mas continua, para certos materiais, o aquecimento, menos evidente que no BA-RC-28 (Morro Furado): há uma peça com espoucamento para cada 45 peças da coleção. A tecnologia lítica também é melhor que lá.

As lascas têm formas variadas, ao contrário do BA-RC-19. Provêm de retalhamento unipolar, como no sítio mencionado. Distinguimos as lascas comuns, das lascas de redução secundária.

As lascas comuns têm o plano de percussão geralmente preparado, liso, de tamanho variado. Bulbo médio. Face interna geralmente pouco côncava, convexa, convexo-côncava, ou plana. O ângulo entre o plano e a face interna é variável, mas sempre menor que nas lascas de redução secundária. Numa amostra escolhida ao acaso aproximadamente 7% mantém algum resto de córtex. Uma parte muito pequena tinha os bordos naturalmente úteis.

As lascas de redução secundária apresentam formas variadas (ovais, arredondadas, subtriangulares), são finas e de tamanhos bastante regulares. Têm o plano preparado, liso, pequeno, ovaloide ou semicircular, bulbo médio, cornija acentuada, face interna bastante côncava, a externa facetada com cicatrizes em diversas direções. Poderiam resultar da preparação de núcleos e/ou da redução de artefatos como as *lesmas*. 1 para cada 12 outras peças.

Os artefatos produzidos são todos unifaciais: são poucas as lascas com bordos regularizados, endireitando-as ou reforçando-as, formando pontas, bicos, pontas-entre-entalhes, furadores. Algumas, maiores, podem ser classificadas de talhadores. Há também uma *lesma*. Não há percutores.

A proporção de núcleos no total do material não é alta, considerando que aproximadamente 1/3 são estilhas: 1 para cada 131 outras peças. A proporção de artefatos lascados é bastante alta: 1 para cada 40 outras peças.

A quase totalidade dos restos está no intervalo *pequeno*. Só os artefatos retocados estão mais distribuídos: 62,65% são pequenos; 24,09% médios; 13,25% grandes e muito grandes.

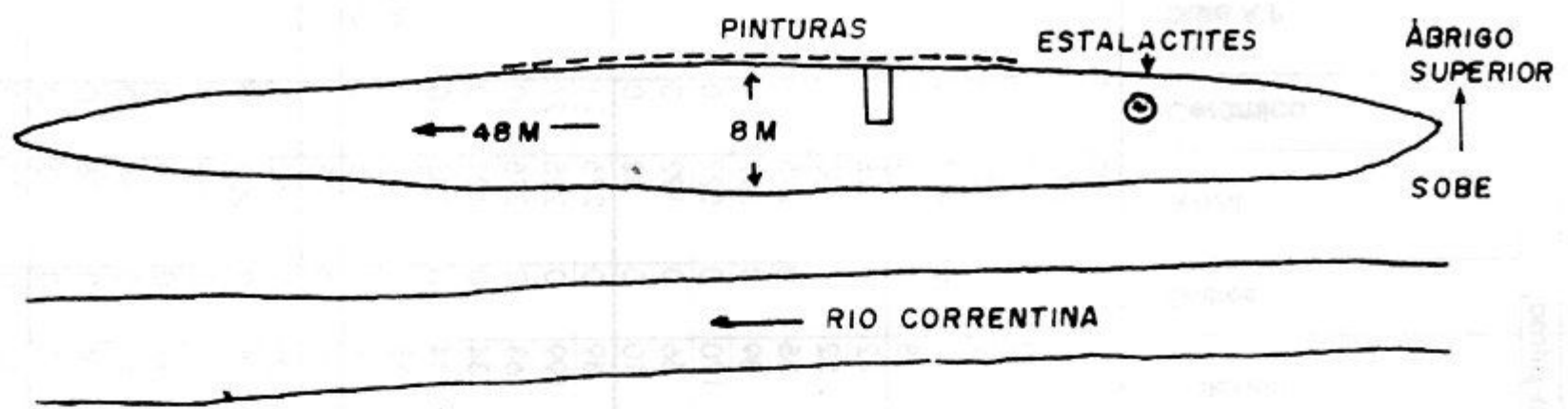
O material biológico recuperado tem uma certa variação: no nível 1 aparecem restos de gueroba, pequi e milho. Moluscos *Megalobulimus* sp existem nos níveis de 1 a 6/7; uma valva de *Diplodon* sp no nível 3. Há ossos de réptil não identificado no nível 3; ossos de tartaruga, no 2, 3 e 4; de anfíbios (rã ou sapo) em 1, 2, 3; de aves não identificadas, no 1; de tatu-galinha nos níveis de 1 a 6/7; de veado, no 2; de rato-do-mato, no 3; de mamíferos não identificados, nos níveis de 1 a 6/7.

Só aparecem seis cacos de cerâmica, 4 no nível 1, e 2 no nível 2. Isto sugere que o abrigo parece mais usado no período pré-cerâmico que no cerâmico. As características desta cerâmica são descritas no sítio seguinte.

Tabela I: Material Lítico dos sítios BA-RC-30, 33, 31A, 43 e 47.

SITIO	CORTE	NIVEL	Produto															Matéria-prima					Cerâmica	Data A.P.													
			Produto															Matéria-prima																			
			Lascas Comuns			Lascas de redução			Fragmentos			Estilhas			Fragmentos de fogo			Núcleos			Artefatos lascados				Lesmas			Artefatos s/ Selos			Outros			TOTAL			Calcedônia
a	b	c	a	b	c	a	b	c	a	b	c	a	b	c	a	b	c	a	b	c	a	b	c	a	b	c	a	b	c	a	b	c					
BA-RC-30	I	1	189	6	1	9	0	0	70	1	0	119	30	10	0	0	0	22	7	2	0	0	0	0	0	0	0	466	450	15	0	1	466	4			
BA-RC-30	I	2	96	2	2	39	1	0	149	4	0	101	26	8	2	0	0	9	1	0	1	0	0	0	0	0	0	441	423	18	0	0	441	2			
BA-RC-30	I	3	573	9	3	174	0	0	437	2	0	437	18	4	1	0	0	14	9	6	0	0	0	0	0	0	0	1687	1597	90	0	0	1687	0			
BA-RC-30	I	4/5	107	0	0	41	0	0	69	2	0	160	0	0	0	0	0	6	2	2	0	0	0	0	0	0	389	377	10	2	0	389	0				
BA-RC-30	I	6/7	138	4	0	25	0	0	83	0	0	146	2	1	0	0	0	2	1	1	0	0	0	0	0	0	403	386	16	1	0	403	0				
BA-RC-30	I	8/9	15	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	18	0	0	18	0	18	0				
BA-RC-33	I	1	224	10	0	1	0	0	44	0	0	4	1	14	4	0	0	21	1	0	3	4	0	0	0	0	0	328	118	168	42	0	328	111			
BA-RC-33	I	2	104	5	1	1	0	0	54	0	0	3	0	8	1	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	180	41	86	52	1	180	16			
BA-RC-33	I	3	132	3	2	9	0	0	30	3	0	4	4	12	2	0	0	9	4	0	0	1	0	0	0	0	0	215	104	76	35	0	215	3			
BA-RC-33	I	4	238	2	0	11	0	0	89	0	1	17	0	30	2	0	0	5	1	0	1	0	0	0	0	0	0	397	233	75	89	0	397	1			
BA-RC-33	I	5	273	3	0	22	0	0	159	4	0	33	22	7	0	1	0	0	2	0	1	0	0	0	0	0	0	527	293	64	170	0	527	0			
BA-RC-33	I	6	99	0	0	21	0	0	50	2	1	13	0	4	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	192	114	22	66	0	192	0			
BA-RC-33	I	7	19	0	0	0	0	0	11	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	32	19	3	10	0	32	0				
BA-RC-33	II	1	153	0	0	1	0	0	67	1	0	16	1	23	2	0	0	6	5	1	0	0	0	0	0	0	0	276	115	122	39	0	276	21			
BA-RC-33	II	2	94	1	0	0	0	0	124	2	2	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	225	24	2	199	0	225	27			
BA-RC-33	II	3	176	0	2	8	0	0	63	2	0	7	1	13	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	275	120	92	63	0	275	0			
BA-RC-33	II	4	232	0	0	45	0	0	64	0	0	43	12	19	1	0	0	3	1	0	1	0	0	0	0	0	421	323	64	34	0	421	0				
BA-RC-33	II	5	86	0	0	14	0	0	28	0	0	11	2	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	143	85	24	34	0	143	0				
BA-RC-33	II	6	69	0	0	13	0	0	14	0	0	3	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	101	34	14	53	0	101	0				
BA-RC-33	II	7	29	0	0	1	0	0	5	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	36	21	4	11	0	36	0				
BA-RC-31 A	Sup.		50	0	0	12	0	0	18	0	0	0	0	10	4	0	0	2	2	1	4	0	0	0	0	0	0	103	72	31	0	0	103	7			
BA-RC-43	I	1	230	4	2	2	0	0	88	5	0	0	3	8	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	350	120	30	200	0	350	111			
BA-RC-43	I	2	125	2	1	7	0	0	51	0	0	0	5	7	1	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	202	89	35	78	0	202	79			
BA-RC-43	I	3	52	0	0	2	0	0	32	1	0	0	0	4	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	93	35	16	42	0	93	4				
BA-RC-43	I	4	27	0	0	0	0	0	37	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	66	16	8	42	0	66	4				
BA-RC-43	I	5	44	0	0	0	0	0	12	4	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2	0	0	0	64	7	10	47	0	64	0				
BA-RC-43	I	6	70	3	2	0	0	0	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	78	1	3	74	0	78	0				
BA-RC-43	I	7	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	1	0	2	0	3	0				
BA-RC-47	I	1	44	0	1	0	0	0	11	0	0	3	0	8	0	0	0	5	4	1	0	0	0	0	0	0	0	77	52	10	15	0	77	0			
BA-RC-47	I	2	24	1	0	0	0	0	26	0	0	1	2	4	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	60	28	16	15	1	60	0			
BA-RC-47	I	3	21	0	0	0	0	0	17	0	0	2	0	1	1	0	0	1	0	0	0	2	0	0	0	0	0	45	21	9	13	2	45	0			

o=menor que 5cm; b=entre 5,0 e 7,5cm; c=maior que 7,5cm.



BA-RC-30
CROQUI E PERFIL

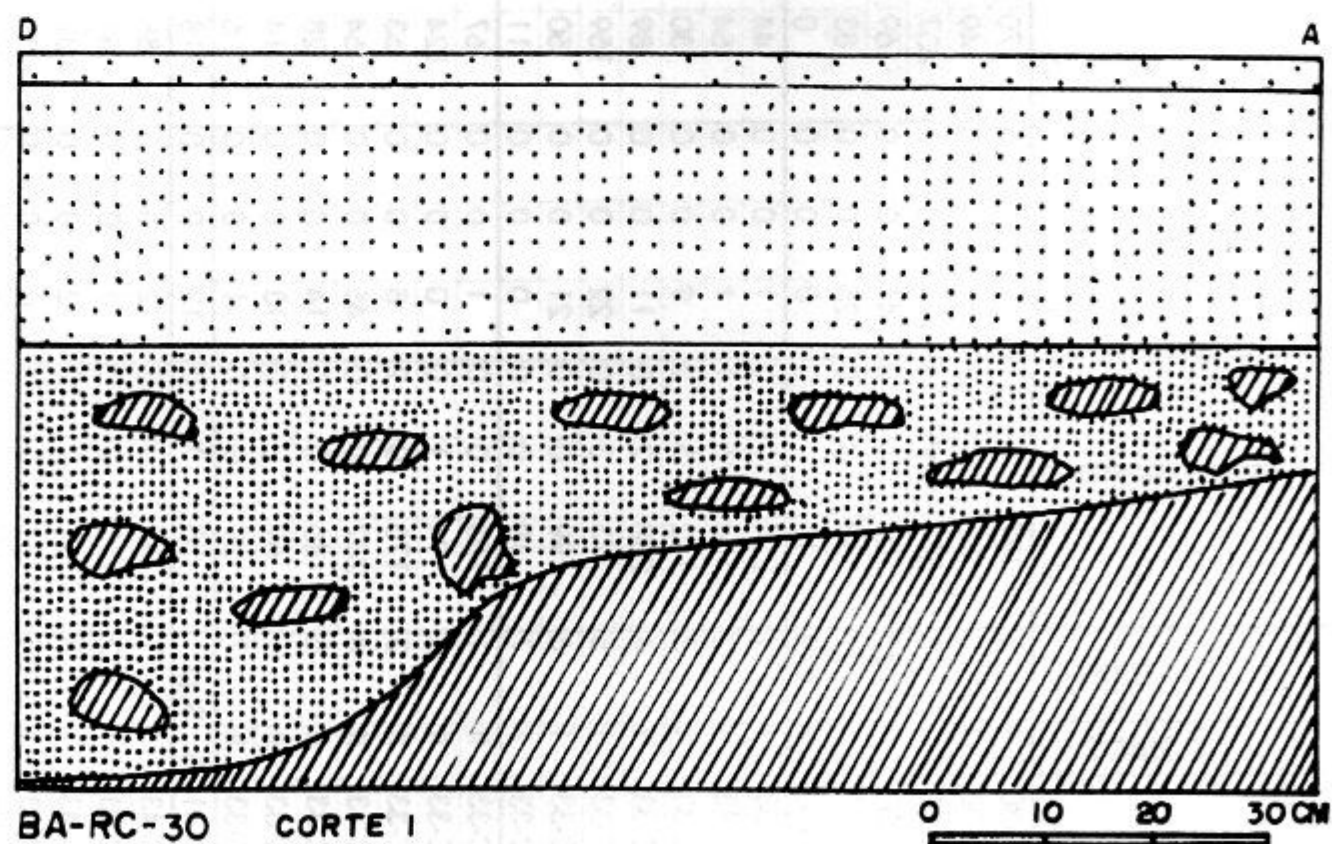
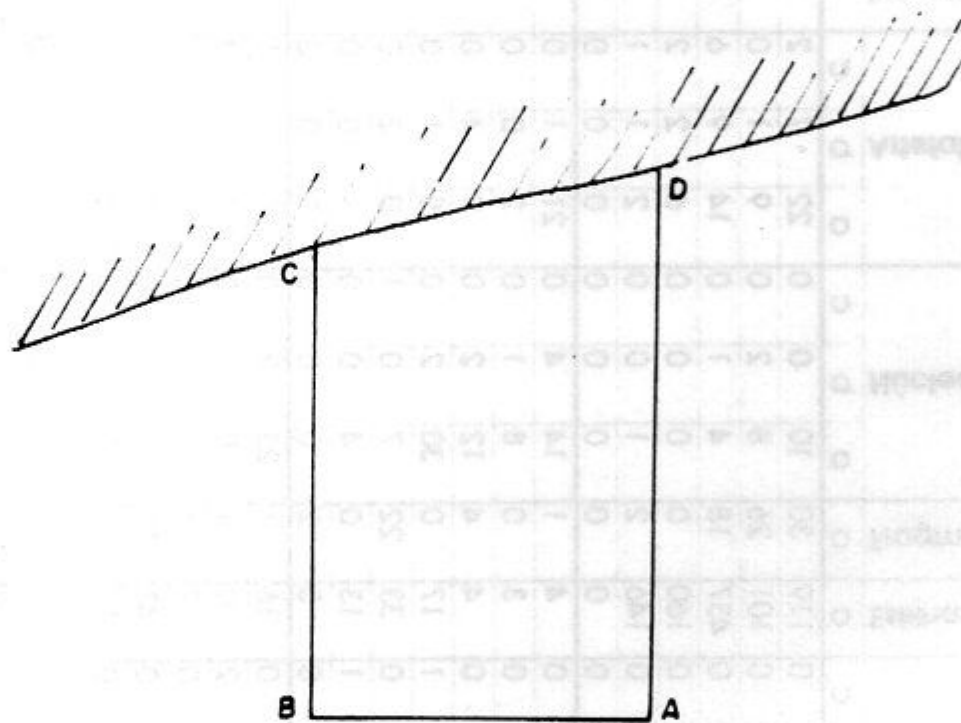
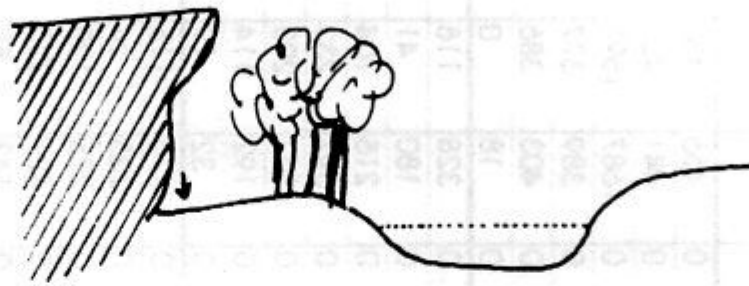


FIGURA 28. Croqui e perfil do sítio BA-RC-30; croqui e perfil do corte realizado.

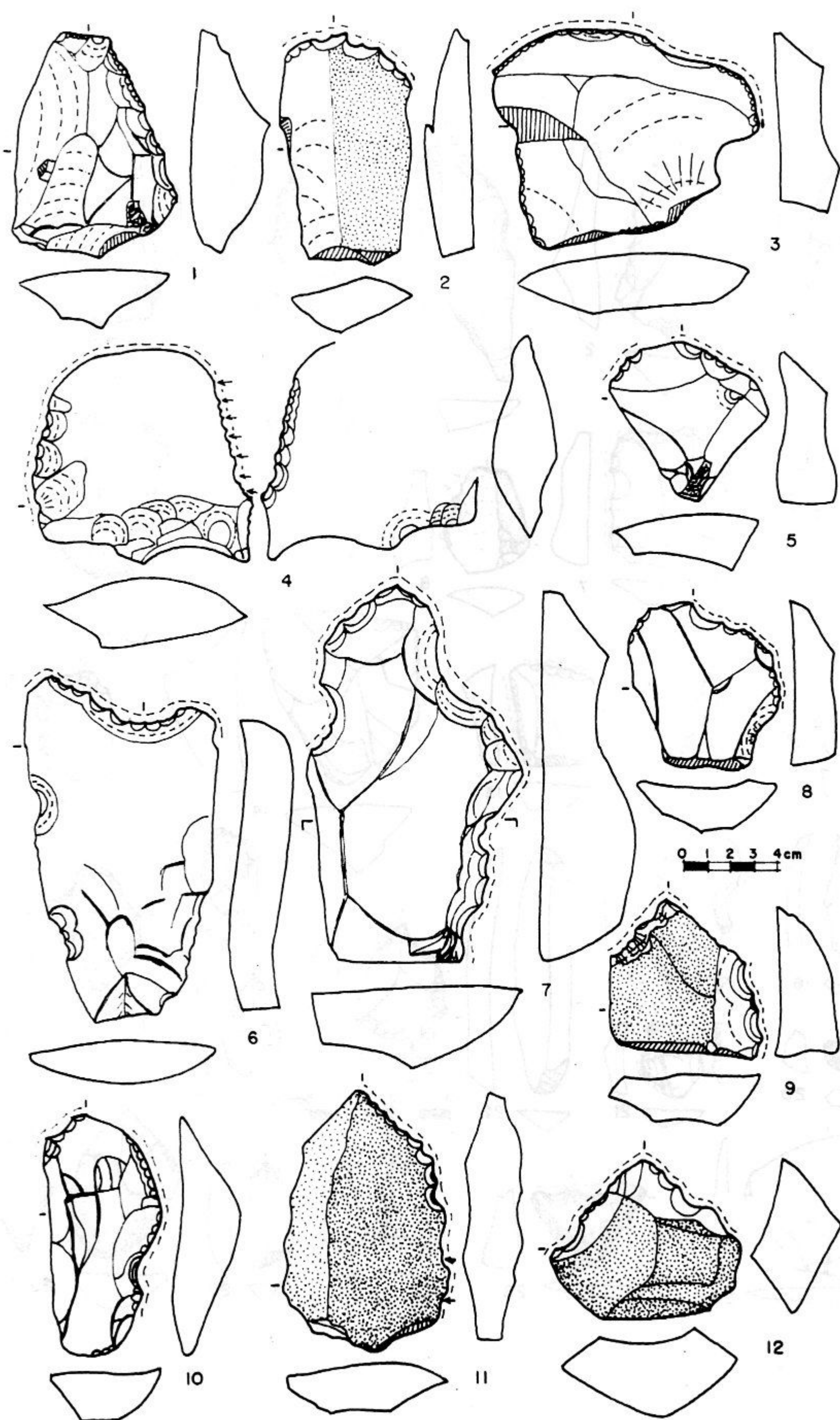


FIGURA 29. Artefatos do corte I do sítio BA-RC-30.

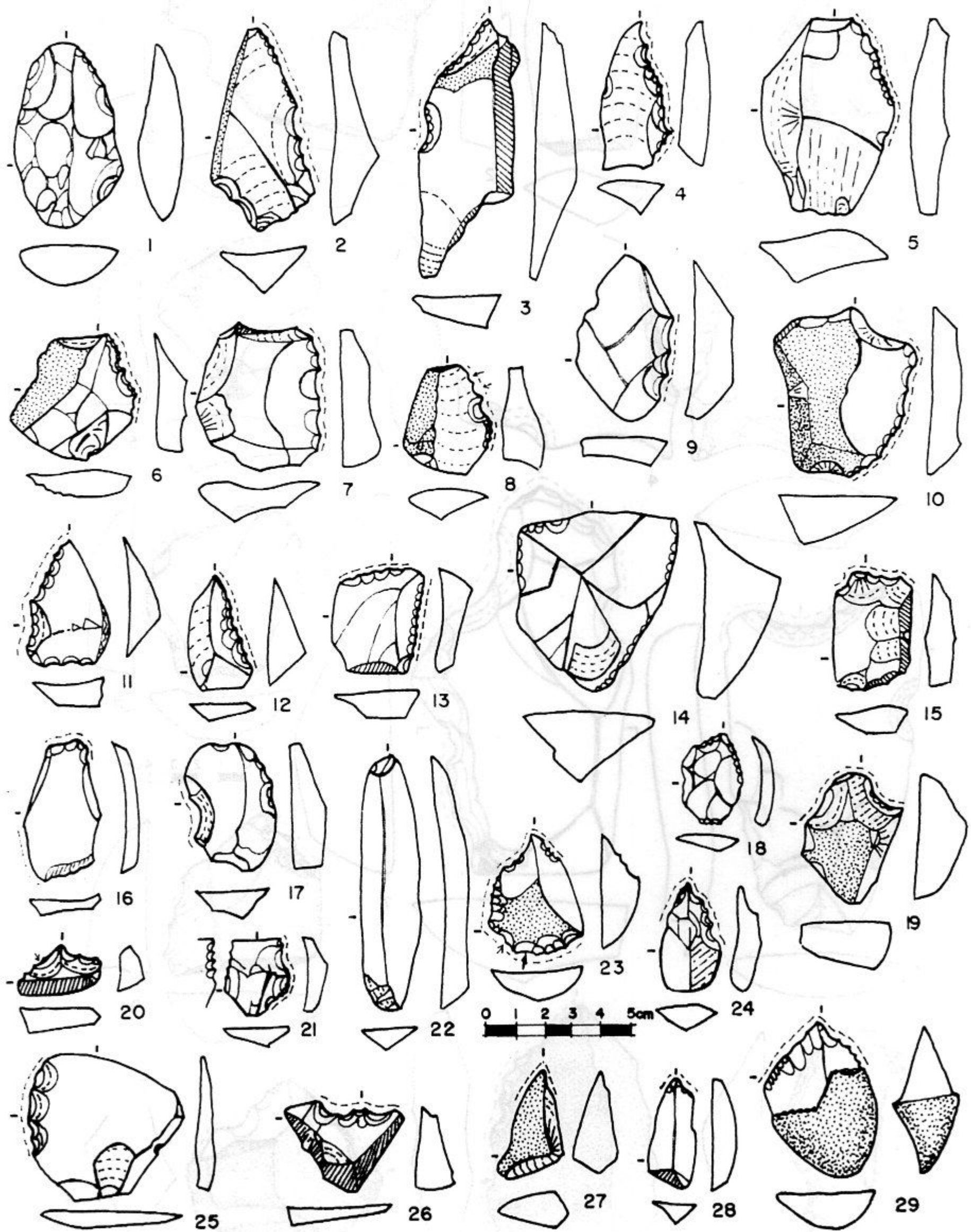


FIGURA 30. Artefatos do corte I do sítio BA-RC-30.

4.2. OS SITIOS NA PROXIMIDADE DO RIO CORRENTE

Área de formação calcária, com solos férteis e com Floresta Montana, mas escassez de água superficial fora do rio.

Os sítios encontram-se predominantemente em abrigos e grutas.

BA-RC-33. GRUTA DO BARREIRO DO CEDRO

(Ver Figuras 31-34)

Grande gruta calcária, limpa, de fácil acesso, que dá em rio subterrâneo de bom potencial, na proximidade do povoado de Barreiro do Cedro. Está encaixada entre morros e se encontra encravada dentro de um deles. A parte mais alta do piso do abrigo, nivelada com o terreno fronteiro, é um imenso salão abobadado (ala A: Figura 31), ladeado pela esquerda e pela direita por paredes rochosas, sem cobertura, mais altas no lado esquerdo, mais baixas no direito (ala B: Figura 32). Um córrego intermitente, que coleta as águas da chuva dos morros circundantes penetra no abrigo e escoas suas águas para o rio subterrâneo; ele formou, na frente do abrigo, um vale com terreno fértil, maior umidade e uma vegetação de Floresta Montana bem desenvolvida, com grandes árvores. Se o lado direito da ala A do abrigo é lavado pelas águas do córrego, deixando as rochas da base expostas e cobertas por seixos e fragmentos rochosos, o lado esquerdo, parcialmente protegido por grandes blocos caídos, é seco e apresenta camadas de sedimentos com 70 cm de espessura.

A gruta apresenta-se em três níveis: o plano principal, que é a superfície maior, nivelada com a superfície do terreno fronteiro, um patamar inferior separado por uma bonita *queda-d'água* de calcário (poço 1), e um piso ainda mais baixo (poço 2) que desemboca num sorvedouro horizontal de uma centena de metros de comprimento (poço 3), que dá no rio subterrâneo, com bom potencial de água, que está uns 15 m abaixo da superfície. O acesso ao rio é um pouco custoso por causa dos altos desníveis entre um piso e outro, mas é possível. A água desse rio, apesar da dificuldade de acesso, é aproveitada pelos moradores do povoado próximo, chamado Barreiro do Cedro, em tempo de grande estiagem, quando nenhuma outra água mais está disponível, nem nos barreiros.

A gruta é varrida pelo sol, a partir do meio-dia, em toda a extensão do primeiro patamar.

Este é um espaço que convidaria o homem pela grande cobertura, o solo fértil, a presença de água e caça.

As pinturas encontram-se espalhadas nas duas alas. Na ala A estão presentes em grande parte da gruta, na maioria já cobertas por estalactites e

líquens; as mais visíveis estão em tetos e paredes do abrigo e num grande bloco caído. Os motivos predominantes são geométricos nas cores vermelha e preta. Junto ao bloco com pinturas encontram-se dois pequenos blocos com petroglifos; são pequenos sulcos com, no máximo, 4 mm de largura e de profundidade. Na ala B aparecem alguns zoomorfos em meio a geométricos simples; há uma maior variação nas cores, aparecendo o vermelho em vários tons, o amarelo e o preto. No geral, as pinturas estão mal conservadas, pouco visíveis e com seus suportes fraturados.

A gruta estava intacta quando chegamos e se pode prestar para escavações sistemáticas com vistas ao estudo das populações ceramistas e pré-cerâmicas da área. A pouca presença de água superficial faz que as grutas com rios subterrâneos se tornem pontos fundamentais no padrão de assentamento de todos os grupos.

Os trabalhos realizados foram o desenho das pinturas e dos petroglifos (não a sua cópia), dois cortes estratigráficos geminados, de 2 x 2 m cada um, escavados em níveis de 10 cm, na parte seca protegida pelos blocos, e a realização da planta do sítio.

As camadas naturais dos cortes apresentam-se da seguinte forma (Figura 33):

Camada a: pó de calcário e cinza e elementos vegetais com pequenos seixos, fragmentos de moluscos, pequena quantidade de grãos finos de carvão; cor cinza; consistência compacta, mais frouxa na superfície. Um pouco perturbada pelo pisoteio do gado; na superfície havia estrume desses animais, que usam este canto como abrigo.

Conteúdo arqueológico: cerâmica, lascas, carvão, pequenos gastrópodos. Corresponde aos grupos horticultores, sendo a cerâmica de tradição Una, pouco abundante.

Camada b: Pacote de estratos brancos intercalados com estratos marrom; podem-se observar até cinco estratos. Os estratos marrom são predominantemente pó de calcário e seixinhos e apresentam consistência compacta. Às vezes, em lugar do estrato marrom, temos um nível de grânulos de carvão separando as camadas brancas. Os estratos brancos são compostos predominantemente de cinza e apresentam consistência compacta. Os estratos marrom podem indicar períodos de maior umidade ou de desocupação. Corresponde a um período pré-cerâmico e é posterior ao Ótimo Climático.

Material arqueológico: lascas, gastrópodos, carvão e cinza.

Camada c: sedimentos calcários com seixinhos, cor marrom, compactados. Entre a camada **b** e a **c** há uma descontinuidade erosiva, com maior quantidade de seixos e poucos sedimentos finos e, em parte, restos de um verdadeiro canal de água, que escorria de mais em cima em momentos de chuva intensa. A camada **c** deveria ter sido mais espessa não tivesse havido a erosão superficial, que supomos corresponda ao Ótimo Climático. Na parte inferior há blocos que podem ter de 10 a 50 cm de diâmetro maior e formam um pavimento irregular, bastante aberto (entre 20 e 25 blocos por quadrícula). Estes blocos

devem corresponder ao final do Pleistoceno e Holoceno inicial, encontrando-se entre e sobre eles as fogueiras dos primeiros ocupantes (camada d).

Material arqueológico: núcleos, lascas, raspadores longos terminais, caramujos, ossos, coquinhos queimados. O material é mais concentrado na superfície de erosão e bastante distribuído no resto, indicando uma ocupação esporádica.

Camada d: lentes dentro da camada **c**, geralmente na base, por cima do pavimento de blocos, ou intercalado neles, indicando restos de fogueiras com muito carvão.

No corte I não se atendeu muito claramente à separação das camadas naturais ainda desconhecidas. No corte II foi separado claramente o pacote de cinza; dentro da camada marrom perceberam-se, então, uma série de buracos com uns 15 cm de diâmetro, que vêm das camadas superficiais e devem corresponder aos grupos ceramistas. O fato de que no corte I apareceu um caco de cerâmica em nível profundo se deve a estes buracos, que poderiam resultar de um telheiro formado com apoio num grande bloco localizado junto à escavação.

Há duas datas de C14 para os cortes. Estas datas não são muito confiáveis devido à perturbação do sítio e a uma percepção incompleta dessas turbações durante o trabalho de escavação. No nível de 50 a 60 cm conseguiu-se uma data de 6.520 $\pm$ 100 anos A.P. (SI-6953) e no nível de 60 a 70 cm uma data de 4.980 $\pm$ 75 anos A.P. (SI-6954). O que leva a desconfiar das datas como medidor absoluto do tempo, além da inversão que representam, é o fato de que nessas camadas apareceram cinco raspadores longos terminais, que, em Goiás, costumam ser datados entre 11.000 e 9.000 anos A.P. Mas, como estes longos raspadores terminais aparecem em Minas Gerais também com datas ainda mais recentes, esta não seria uma razão para eliminá-las.

Como se pode ver na Tabela I, o *material lítico* é bastante abundante: 3.349 peças.

A matéria-prima predominante é a calcedônia, com aproximadamente 50% do total; nas camadas a sua representatividade decresce de $\pm$ 59% para $\pm$ 40%. O quartzito aparece, no total, com aproximadamente 25%; nas camadas a sua representatividade cresce de $\pm$ 10% para $\pm$ 50%. O calcário aparece, no total, com outros 25%; nas camadas sua representatividade decresce de $\pm$ 30% para $\pm$ 13-14%. A matéria-prima não é mais tão boa como no Gerais e os nódulos iniciais são menores. Isto se vê pelos núcleos, que são numerosos, 1:23 outras peças; geralmente são pequenos e de calcedônia.

Como a calcedônia é aquecida para o retalhamento, há numerosos fragmentos de fogo, 1:73 peças. Eles são principalmente numerosos na calcedônia vermelha.

As lascas de redução são poucas, 1:23, indicando que não há muita atividade de redução de núcleos ou artefatos mais elaborados, como seriam as *lesmas*.

As lascas usadas e retocadas são bastante numerosas, 1:43 peças. Aqui se inverte a proporção da matéria-prima: 69,53% são de quartzito; 38,46% de

calcedônia; também cresce a representatividade das lascas médias sobre as pequenas.

Os artefatos produzidos são bicos, pontas-entre-entalhes, denticulados, furadores, raspadores em leque e/ou talhadores sobre lascas grandes ou médias, *lesmas*. Todos são unifaciais e o trabalho secundário, com o retoque, são o mínimo indispensável para tornar a peça funcional.

As lascas de quartzito, geralmente vermelho, têm o plano preparado, liso, raramente cortical. O bordo externo pode ter sido regularizado ou com bico para orientar o eixo de força. O bulbo é médio. A face interna convexa, convexo-côncava ou côncava. O ângulo do plano com a face interna da lasca vai de 50 a 140°, predominando entre 100 e 120°. A face externa costuma ter uma ou duas cicatrizes. As lascas pequenas costumam não ter bons gumes naturais, as médias e grandes com bastante frequência. Poucas lascas mantêm restos de córtex. Os nódulos originais são maiores que os da calcedônia.

A calcedônia usada apresenta cores variadas: preto, vermelho, tonalidades claras.

As lascas têm o plano de percussão liso (cortical ou preparado). O bulbo não é muito grande; algumas são tipicamente bipolares, com o plano de percussão filiforme ou esmagado, mas a maior parte são unipolares. Algumas poucas são de redução secundária. Uma boa proporção ainda têm restos de córtex. A forma é variável. Raras lascas de calcedônia são de uso imediato porque os gumes naturais costumam ser irregulares e/ou frágeis. Os nódulos usados eram pequenos, menores que os do quartzito e deviam originar-se nas rochas locais.

Não se percebe mudança do material lítico nas camadas em que aparece a cerâmica. Os típicos artefatos líticos dos sítios cerâmicos abertos, apesar de a cerâmica parecer a mesma, não aparecem aqui, sugerindo que os abrigos têm outra função que os sítios abertos, mesmo quando usados pela mesma população.

Nos cortes foram recuperados 179 cacos de cerâmica, presentes nas camadas superiores. (Ver na Tabela do lítico)

A *cerâmica* do sítio tem como antiplástico grãos de 2 a 8 mm, geralmente arredondados, às vezes angulosos, distribuídos irregular e densamente na pasta, que é compacta, de fratura irregular e áspera. A queima é oxidante incompleta. A cor das paredes é castanho, vermelho ou cinza escuro. Geralmente a parede externa não é lisa por causa do antiplástico denso e grosso. A parede interna é bem alisada.

As bordas são simples, raramente infletidas, diretas e não reforçadas, mais frequentemente introvertidas que extrovertidas, os lábios são arredondados, as paredes relativamente finas e a abertura de boca das poucas bordas vai de 12 a 32 cm. As formas podem ser incluídas no conjunto A de formas, reproduzidas com o sítio BA-RC-28. (Ver Figuras 70-73)

Esta cerâmica se parece com a dos abrigos BA-RC-30 e 43.

Os *restos de alimentos* recuperados nos estratos são moluscos de vários gêneros, predominando os gastrópodos terrestres; raros anfíbios, peixes e

répteis; algumas aves; variados mamíferos e restos vegetais como caroços e cascas de umbu, coquinhos de gueroba, sabugos e palha de milho, fragmentos de cabaças e flocos de algodão. Ver Quadro I. Os níveis 1 e 3 do corte I, o nível 2 e a parte dos moluscos e vegetais do nível 4/5 do corte II não foram analisados.

Quadro I: BA-RC-33

Níveis	Corte I						Corte II				
	2	4	5	6	/	1	3	4/5	5	6	7
Moluscos											
<i>Megalobulimus</i>	sp	102	13	12	5	/	8	19	-	2	2
<i>Anastoma</i> sp	350	41	34	22	/	69	165	-	4	2	1
<i>Drymaeus</i> sp	27	10	7	8	/	1	16	-	1	1	1
Tipo não det. 01	1	.	.	.	/	.	.	-	.	.	.
Tipo não det. 02	64	9	16	32	/	1	34	-	.	1	.
<i>Diplodon</i> sp	.	2	1	1	/	.	.	-	.	.	.
Anfíbios	x	.	x	x	/	.	x	x	.	.	.
Peixes	.	.	.	.	/	.	.	.	.	.	x
Répteis											
Lagarto-teiú	x	x	.	.	/	.	x	x	.	x	.
Calango	.	.	.	.	/	.	.	x	.	.	.
Serpentes	x	.	.	.	/	.	.	.	.	.	.
Aves	x	.	.	.	/	.	.	x	.	.	x
Mamíferos											
Preá	x	.	.	.	/	.	x	x	.	.	.
Cutia	x	.	.	.	/	.	.	x	.	.	.
Rato-do-mato	.	x	.	.	/	x	x	x	.	x	.
Cuíca	.	.	.	.	/	.	x	.	.	.	.
Tamanduá-mirim	.	x	.	.	/	.	.	.	.	.	.
Tatu-galinha	x	x	x	x	/	.	x	x	x	x	x
Tatu-peludo	.	.	.	.	/	.	x	x	.	.	.
Veado	x	.	.	x	/	x	x	x	x	x	x
Gambá	.	.	.	.	/	.	.	x	.	.	.
Sagüi	.	.	.	.	/	.	.	x	.	.	.
Vegetais											
Gueroba	12	.	1	.	/	.	3	-	.	1	1
Umbú	3	.	.	.	/	5	1	-	.	.	.
Milho	x	.	.	.	/	.	.	-	.	.	.
Cabaça	x	.	.	.	/	.	.	-	.	.	.
Algodão	x	.	.	.	/	.	.	-	.	.	.

No Quadro I, o número dos moluscos é a soma das peças inteiras e dos ápices dos moluscos quebrados. Para as outras espécies de animais indicamos só a presença nos níveis. No nível 4 e no nível 5 havia um osso trabalhado em cada um. (Ver Figura 27)

Este sítio, por suas condições, de disponibilidade de água, de matéria-prima lítica (calcário, calcedônia e um dique de quartzito na proximidade do povoado), caça, frutos e matérias-primas vegetais, é ocupado primeiro por populações pré-cerâmicas, depois ceramistas. É um ponto fixo dentro de um grande espaço de migração.

BA-RC-31

Ao sair do povoado do Barreiro do Cedro em direção à gruta mencionada, a uma distância de aproximadamente 1 km, num lugar mais úmido (barreiro), que dá origem ao córrego intermitente que penetra no abrigo, havia um sítio Tupiguarani. O sítio estendia-se pelos aclives suaves que cercavam o barreiro. Quando aí passamos era uma plantação de milho e sobravam muito poucos cacos, mas suficientes para identificar o sítio.

Recolhemos 4 desses cacos, dos quais 3 são unguilados, incluindo uma borda, e um é simples, que também é borda. O antiplástico é areia de grãos arredondados e caco moído anguloso, em tamanhos que vão de menos de 1 a 3 mm. O núcleo é escuro e as faces de cor castanho, com queima incompleta, que não chegou a oxidar mais que uns 2 mm em cada uma das faces. O alisamento é regular, mas com saliências onde se encontram os grãos maiores de antiplástico.

As bordas representam um alguidar com faces alisadas (Figura 35), que, se for de boca circular, pode ter uns 44 cm; e uma panela unguilada, de boca constrita, com 22 cm de abertura. As unguilações distribuídas em faixas horizontais, regulares, cobrem a borda e também o lábio. As paredes de todos os cacos medem 1,5 cm.

Um caco unguilado, provavelmente originário deste sítio, foi encontrado no terreno fronteiro ao BA-RC-33.

Posteriormente soubemos que as ceramistas artesanais do povoado hodierno recolhiam esses cacos para moê-los e colocar como antiplástico na pasta de seus recipientes.

A cerâmica deste sítio pode ser comparada com a do BA-RC-44.

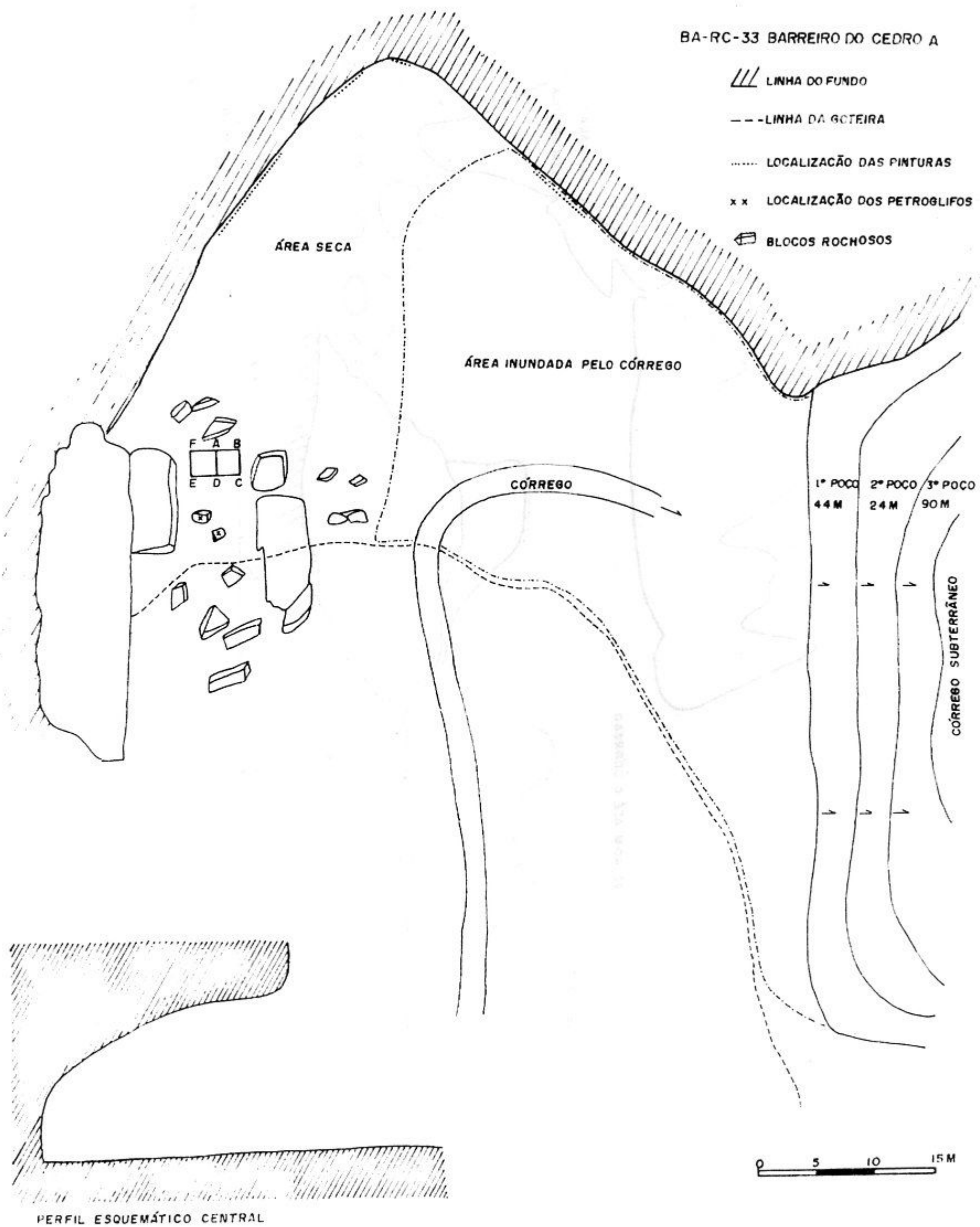


FIGURA 31. Croqui e perfil do sítio BA-RC-33, lado A.

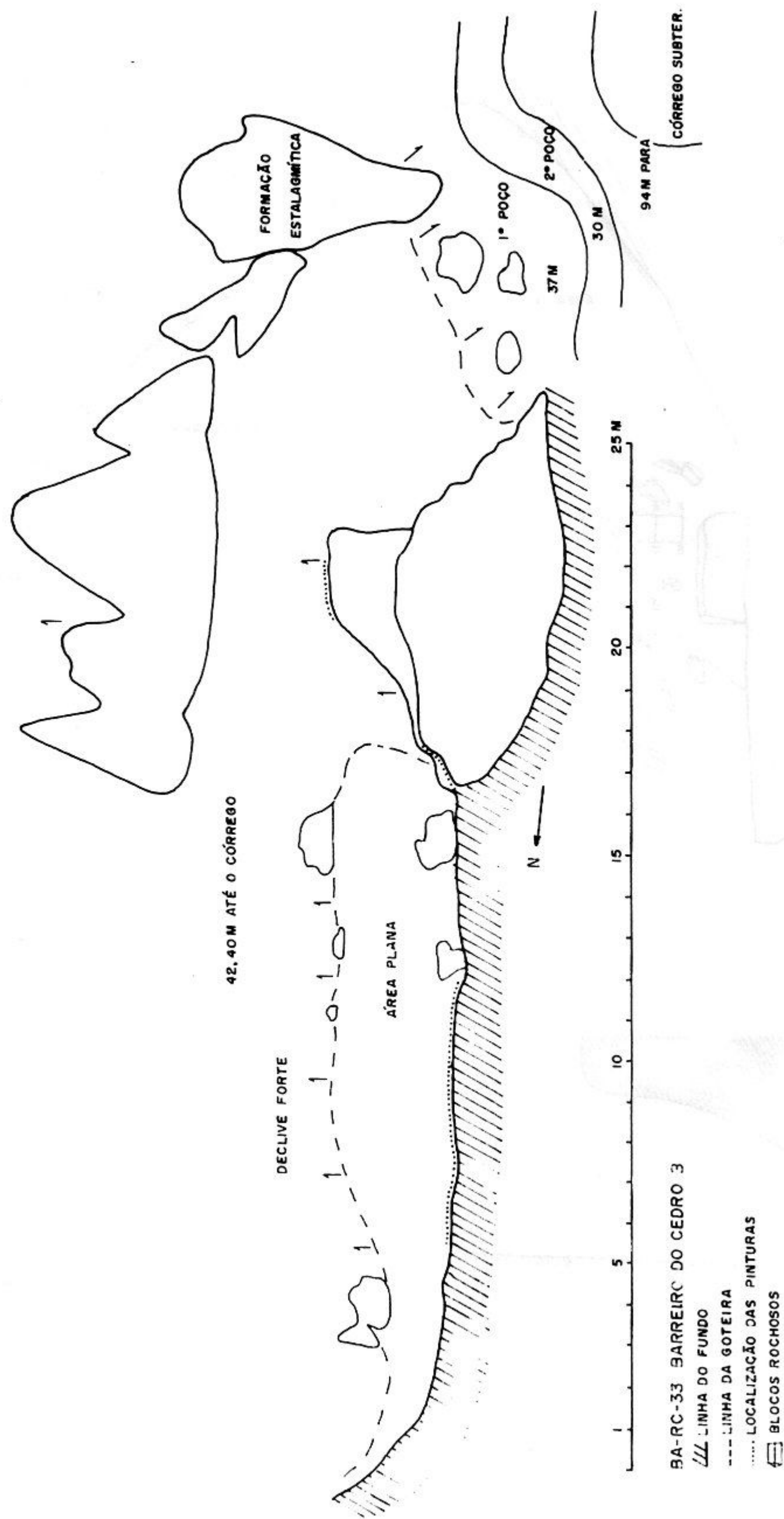


FIGURA 32. Croqui do sítio BA-RC-33, lado B.

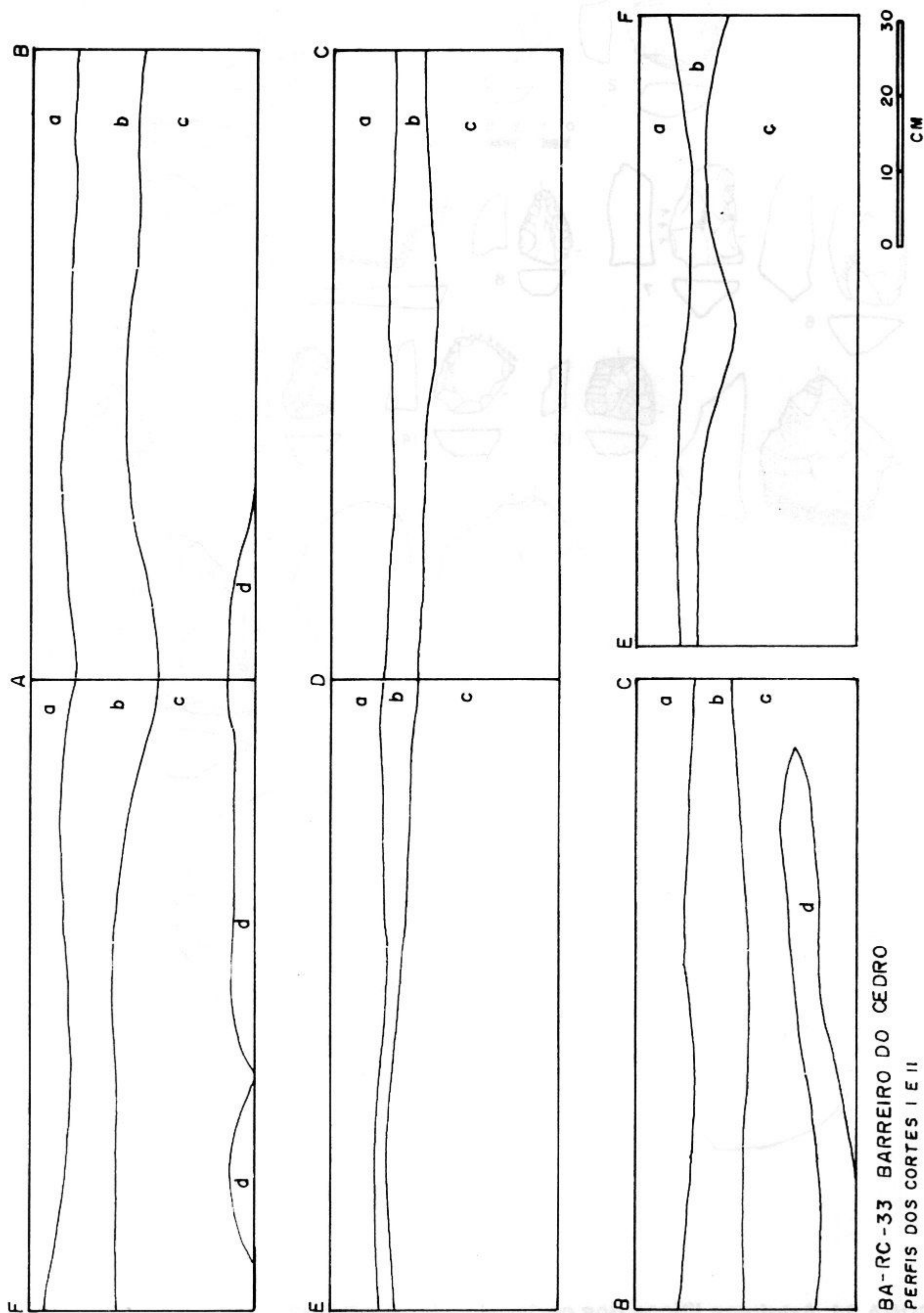


FIGURA 33. Perfis dos cortes I e II do sítio BA-RC-33.

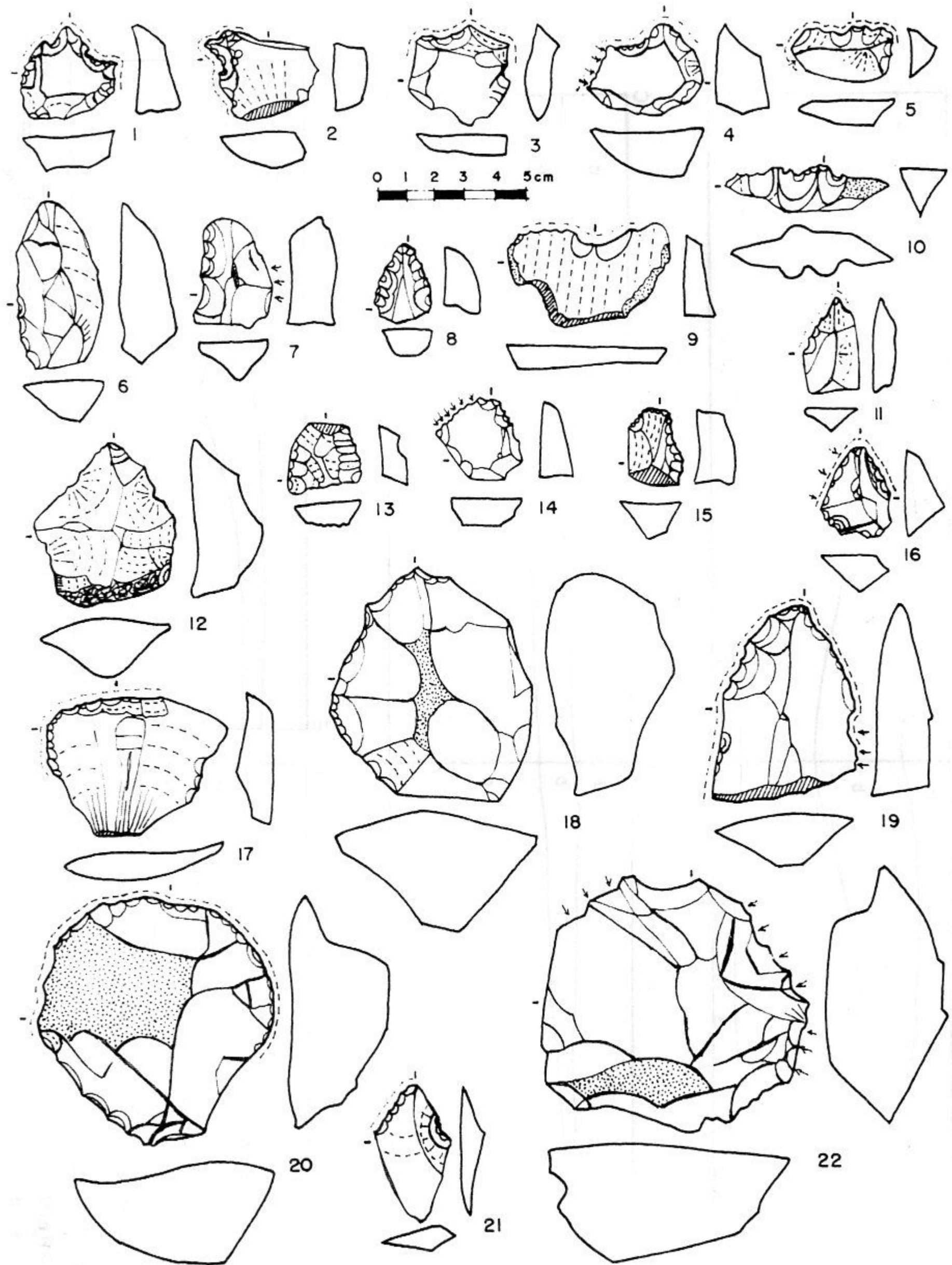


FIGURA 34. Artefatos líticos dos cortes do sítio BA-RC-33.

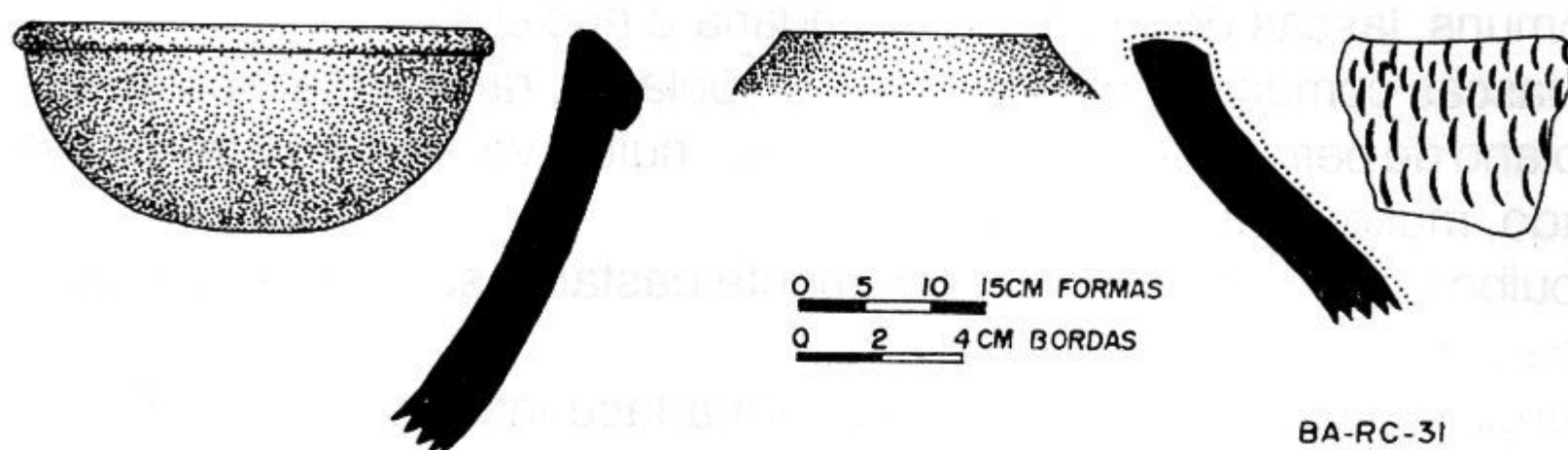


FIGURA 35. Bordas e reconstituição de uma forma, cerâmica Tupiguarani do sítio BA-RC-31.

BA-RC-31A (Ver Figura 36)

Saindo do sítio anterior para chegar no abrigo BA-RC-33 passa-se por um córrego praticamente seco, em cujas margens se encontrou, superficialmente, material lítico e cerâmico. Não foi possível localizar o sítio ou os sítios dos quais provém.

O terreno é inclinado, mas não muito fortemente e o córrego deve cair no abrigo, distante uns 3 km, que está em nível bastante mais baixo.

A *cerâmica* se compõe de apenas 7 fragmentos, que estavam juntos. Tem como antiplástico areia fina com grãos de hematita, de até 3 mm, esparsos. A pasta é compacta, a fratura é irregular, mas não áspera, a queima é oxidante incompleta. A cor das paredes é castanho, o alisamento é bom, a forma é esférica, sendo as duas bordas finas, simples, diretas, e a abertura de boca de 10 e 14 cm.

Não se pode dizer se a cerâmica está associada ao lítico, de características semelhantes às do material da gruta, onde, nas camadas superiores, também aparece cerâmica, porém de antiplástico mais grosso. Os ceramistas poderiam usar o mesmo local que os caçadores junto à fumaça onde sai água no tempo da chuva.

O *material lítico* é produzido em calcedônias de tonalidades vermelhas, castanhas e pretas. O arenito silicificado costuma aparecer em tonalidades vermelhas.

A Tabela I dá a ocorrência do material.

Os retalhamento, a partir de nódulos, produziu os seguintes refugos: lascas comuns, lascas de redução secundária e núcleos.

As lascas comuns geralmente são unipolares, raramente bipolares.

O plano de percussão é preparado, liso, muitas vezes com o bordo externo acomodado, muito raramente cortical.

O bulbo é pequeno a médio, raramente bastante saliente. Algumas vezes existe uma cornija pequena.

O ângulo do plano de percussão com a face interna varia de 80 a 120°, sendo predominantes os ângulos maiores.

A face interna é convexa, côncava ou convexa-côncava.

A face externa é predominantemente facetada, algumas vezes com restos de córtex.

Uma pequena parcela dessas lascas tem bordos naturalmente úteis para cortar.

As lascas de redução secundária são unipolares.

O plano de percussão é preparado, liso, muitas vezes com o bordo externo acomodado.

O bulbo é pequeno. Algumas vezes existe uma cornija média.

O ângulo do plano de percussão-face interna vai de 110 a 140°.

A face interna é côncava a fortemente côncava.

A face externa é facetada; nenhuma apresenta córtex.

Nenhuma tem bordos naturalmente úteis.

Os núcleos são poliédricos, pequenos a médios, no fim do retalhamento em geral bipolares. A metade não tem nenhum córtex, a outra metade tem restos. Os nucleiformes são fragmentos bastante pequenos, mas com semelhança de núcleos.

Os artefatos se compõem de *lesmas* e raspadores parecidos, raspadores, raspadeiras, lascas com bicos, denticulados, grande biface grosseiro (Figura 36:21). Existe ainda uma peça com as faces polidas (Figura 36:19) e uma cônica (Figura 36:18).

BA-RC-43. ABRIGO DO OLHO D'ÁGUA DO CUMBA (Ver Figura 37)

Pequeno abrigo em paredão baixo de calcário, na fazenda Buriti, no local denominado Olho d'Água. O abrigo, com teto plano e horizontal e parede do fundo reta, com uns 7 m de altura, formou-se por desmoronamento de blocos, que formam verdadeiro muro à frente da linha de goteira. O espaço habitável entre os blocos e a parede, é plano, pequeno, mas protegido, comportando razoavelmente uma, ou no máximo duas famílias. O talude fronteiro é acentuado, dando numa grande planície, onde, no momento, está instalado um pasto de capim colônio e onde antigamente deveria ser Floresta Montana. O sítio está aberto para o sol, recebendo iluminação e aquecimento durante quase todo o dia.

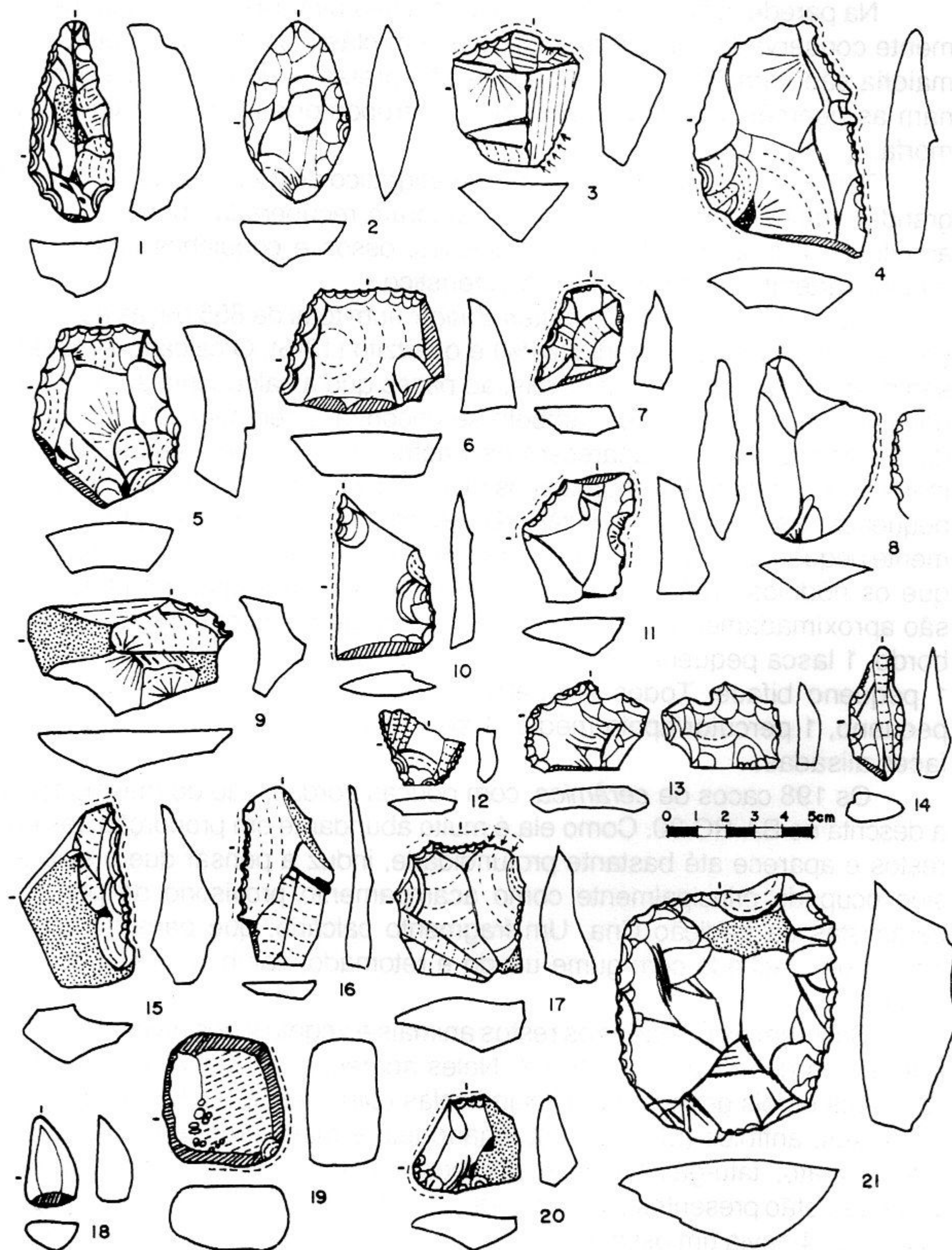


FIGURA 36. Material lítico do sítio BA-RC-31A.

Existe água permanente no córrego Olho d'Água, que dista menos de 500 m. O rio Corrente dista alguns quilômetros.

Na parede, à altura da mão, havia poucas pinturas pequenas, medianamente conservadas que foram copiadas em plástico e fotografadas. Em sua maioria são vermelhas, umas poucas são pretas e uma é branca. Predominam as geométricas, mas há também antropomorfas e talvez alguma zoomorfa.

Também foi realizado um corte estratigráfico de 2 x 2 m, que não alcançou grande profundidade (70 cm) e no qual foram recuperadas bonitas lascas de arenito silicificado e calcedônia, moluscos, ossos e coquinhos carbonizados; nenhum artefato especialmente característico.

Na Tabela I se vê que o *material lítico*, num total de 855 peças é produzido em calcário (56%), calcedônia (31%) e quartzito (12%). O calcário e o quartzito são bastante constantes nos níveis, ao passo que a calcedônia aumenta muito nos níveis superiores, onde também se encontra a cerâmica. Com o aumento da calcedônia também aparecem os fragmentos de fogo, sempre poucos. A maior parte do material, em todos os níveis, se compõe de lascas e fragmentos pequenos. As lascas de redução são poucas. Os núcleos são predominantemente pequenos; cada um deles corresponde a 37 peças do total, o que sugere que os nódulos originais não eram grandes. Os artefatos e gumes usados são aproximadamente 2% das peças: 1 lasca pequena com regularização de bordo, 1 lasca pequena retocada em ponta, 1 média com bordo denticulado, 1 pequeno biface. Todos em calcedônia. Em calcário existe um percutor pequeno, 1 percutor/apoio médio, 1 seixo pequeno apontado com todas as faces alisadas.

Os 198 cacos de *cerâmica*, com poucas bordas, são do mesmo tipo que a descrita no BA-RC-30. Como ela é muito abundante em proporção aos outros restos e aparece até bastante profundidade, induz a pensar que o sítio tenha sido ocupado principalmente como acampamento provisório de populações ceramistas da tradição Una. Um fragmento calcário, que parece pedaço de lâmina de machado com gume usado e retomado, combina com a afirmação anterior.

Só foram examinados os restos animais e vegetais dos níveis 1, 3 e 4; não o foram os dos níveis 2, 5, 6 e 7. Neles aparecem os costumeiros moluscos terrestres e dois gêneros de dulciaquícolas (*Diplodon* sp e *Pomacea* sp), além de peixes, anfíbios (rã ou sapo), lagarto-teiú e mamíferos (preá, cutia, cuíca, rato-do-mato, tatu-galinha, veado e porco-do-mato, entre outros). Entre os vegetais estão presentes coquinhos de gueroba e restos de frutos do umbuzeiro.

- No nível 4 havia um osso trabalhado.

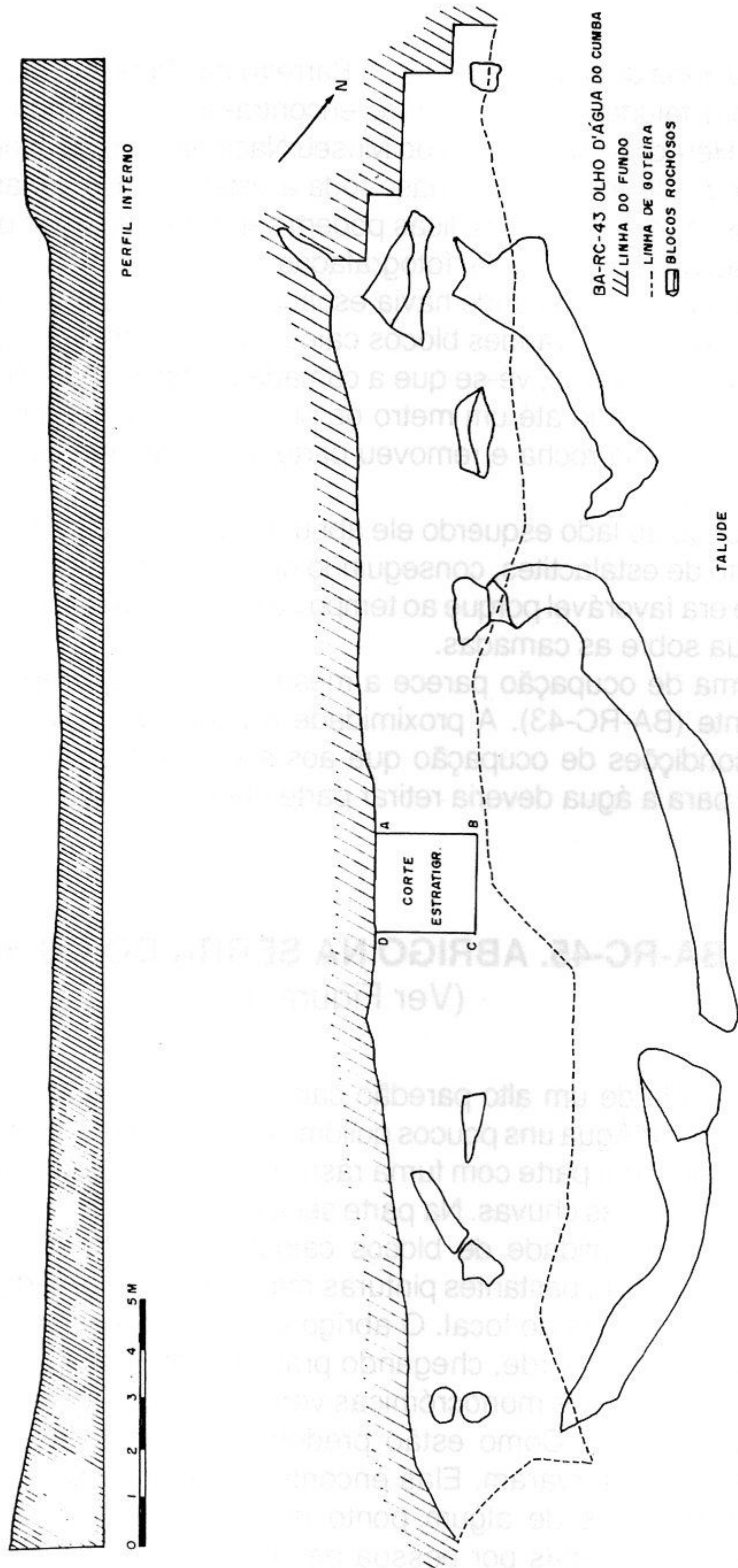


FIGURA 37. Croqui e perfil interno do sítio BA-RC-43.

BA-RC-46. ABRIGO DA CANA BRAVA

Na fazenda João de Oliveira, no Barreiro da Cana Brava, em paredão de calcário, com talude muito íngreme, encontra-se este abrigo, escavado por Osvaldo R. Herédia e sua equipe do Museu Nacional, Rio de Janeiro. Em tempo de chuva deve filtrar água em quase toda a extensão. Há várias estalactites e estalagmites, mas nas paredes lisas podem ser vistas algumas pinturas parcialmente conservadas, que foram fotografadas.

No abrigo principal, onde havia espaço útil para realizar 3 cortes de 2 x 3 m, há, no lado direito, grandes blocos caídos e estalactites. Nos cortes realizados, que ficaram abertos, vê-se que a camada de cinzas não alcança 10 cm de espessura. Escavando até um metro de profundidade, Herédia aprofundou os cortes até dentro da rocha e removeu parte da plataforma calcária subjacente aos sedimentos.

No abrigo ao lado esquerdo ele abriu um corte de 2 x 2 m, debaixo de um pequeno teto de estalactites, conseguindo outra vez uma fina camada de cinza. O lugar não era favorável porque ao tempo da chuva deve escorrer, ou ao menos gotejar, água sobre as camadas.

A forma de ocupação parece a mesma do pequeno abrigo mencionado anteriormente (BA-RC-43). A proximidade do rio deveria dar a estes abrigos melhores condições de ocupação que aos situados no meio da serra, mas o aclave forte para a água deveria retirar parte dessas vantagens.

BA-RC-45. ABRIGO NA SERRA DO CUMBA (Ver Figura 38)

Na beirada de um alto paredão calcário, com direção geral leste-oeste, distante do Olho d'Água uns poucos quilômetros, encontra-se uma aba, em parte com abrigo seco, em parte com fuma rasa com estalactites, onde a água goteja durante o período das chuvas. Na parte seca do abrigo, com poucas estalactites e uma grande quantidade de blocos caídos no interior, existem, no teto e raramente na parede, bastantes pinturas mais bem conservadas que na maior parte dos outros sítios do local. O abrigo está voltado para o norte, de modo que o sol penetra de tarde, chegando praticamente até o fundo. As pinturas pequenas, quase todas monocromáticas vermelhas, são geométricas, antropomorfas e zoomorfas. Como estão predominantemente no teto, são pouco atingidas e se conservaram. Elas encontram-se em superfícies planas, que podem ser atingidas de algum ponto de apoio. Hoje é difícil alcançá-las porque elas foram feitas por pessoa parada em cima de pequena saliência

de estalactite, ou que subiu por uma rachadura na pedra. Na parte onde goteja água não há pinturas.

Apenas uma área reduzida, no setor oeste, mesmo assim prejudicada por blocos e raízes de árvores próximas, contém sedimentos; a camada arqueológica superficial não alcança 10 cm de espessura. Ali foi realizado um corte estratigráfico de 0,85 x 2 m.

O talude, em frente a este abrigo, mede 3,5 m de desnível alcançando 7,5 m de extensão até alcançar o terreno plano.

Para o lado esquerdo continua o paredão calcário, apresentando algumas reentrâncias; a primeira, situada num patamar rochoso, forma um receptáculo natural; uma segunda foi usada parcialmente para pintar; as pinturas são poucas e apagadas porque o sol bate no paredão desprotegido durante grande parte do dia.

Por mais 100 m estende-se o paredão, com uma série de bonitos abrigos, mas sem qualquer evidência arqueológica, porque excessivamente exposto aos raios solares por não ter na frente um anteparo de árvores.

No local desse sítio arqueológico não existe água permanente, mas no tempo da chuva ela goteja do paredão, ao longo do qual se formou um valo. Também na frente do paredão há uma pequena depressão, onde ela se reúne, escorrendo por cima da terra até desaparecer em sumidouro no meio do mato, Floresta Montana bem desenvolvida em solo fértil. Na parte onde o solo é mais profundo, na frente do paredão, instalaram-se duas fazendas, que abriram *tanques* com os tratores para abastecimento de água durante o ano todo.

Na chapada, em cima do paredão cresce caatinga arbórea.

Devido às condições reinantes, o abrigo só poderia ter sido ocupado no tempo da chuva porque o córrego de água permanente dista uns 3 km. A ocupação foi pouco intensa porque os espaços disponíveis eram reduzidos e pouco adequados.

As pinturas foram fotografadas, desenhadas e descritas.

No corte, de 0,85 por mais de 2 m, apareceram lascas, gastrópodos, ossos e coquinhos carbonizados.

BA-RC-32. ABRIGO DA PEDRA ESCRITA

(Ver Figura 39)

O grande abrigo calcário dispõe-se, a grosso modo, no sentido leste-oeste, com abertura para o sul, de modo que se mantém na sombra durante a manhã e só à tarde, a partir das 13 horas, no inverno, recebe o calor do sol.

Desenvolve-se, no sentido longitudinal, em torno de 80 m. Na parte central a largura da parte coberta varia de 6 a 8 m; nos extremos essa área útil gira em torno de 3 m da parede do fundo até a linha da goteira.

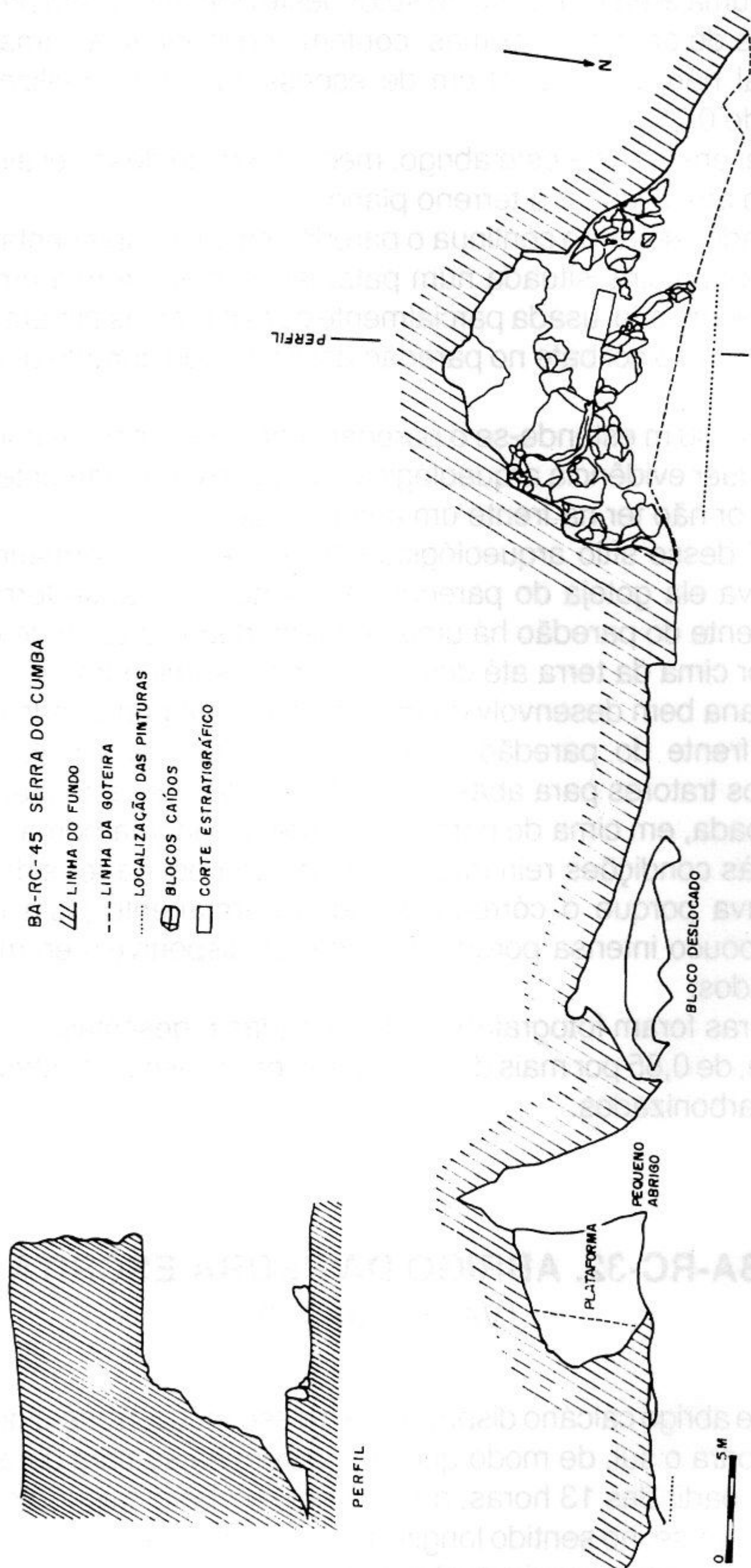


FIGURA 38. Croqui e perfil do sítio BA-RC-45.

No extremo leste há um declive que dá numa depressão cercada pela parede do fundo e um imenso bloco central de estalagmites-estalactites. Por essa depressão, no período das chuvas, desce água de enxurrada formando poças. No tempo da seca apresenta-se como superfície de sedimentos vermelhos limpos, nos quais Osvaldo R. Herédia fez um corte experimental, sem nada encontrar; tampouco na superfície existem vestígios de ocupação humana.

Para o centro, no lado esquerdo do bloco de estalagmites-estalactites há um espaço semeado de blocos rasos de desmoronamento, medindo 30, 40, 50 cm de altura, entre os quais se poderia realizar um corte. O paredão aí é bem alto e se inclina para a frente uns 8 a 10 m. Neste paredão encontram-se as pinturas de que falaremos mais adiante.

Mais para a esquerda existe outro terreno aplanado, estreito, coberto de grandes árvores que, no tempo da chuva, deve oferecer pouco abrigo.

A quase totalidade das pinturas está concentrada no setor central. Algumas estão ao alcance da mão; outras estão em alturas intermédias, em torno de 6 a 7 m; ainda outras estão no teto e nas paredes de um nicho elevado uns 12 a 15m; ao passo que as demais estão muito prejudicadas por fungos e esmaecidas pela umidade e a incidência solar, estas últimas se encontram bem conservadas; este espaço teria sido alcançado passando por uma saliência horizontal da rocha.

No setor esquerdo, onde o abrigo é estreito e atingido pela água da chuva, só existem algumas pinturas isoladas.

As condições internas do abrigo, na estação seca, apresentam-se agradáveis no tocante a temperatura, iluminação, insolação, ventilação, exceto na depressão que fica a leste, onde é um pouco abafado, escuro e cheira a excrementos de morcego.

O desmoronamento pela ação da gravidade e em consequência do intemperismo, parece ter sido o principal agente da formação do abrigo. A dissolução do calcário parece ter sido mais intensa no setor leste, em decorrência de condições morfológicas mais propícias ao escoamento de água nessa porção.

A vegetação é constituída de elementos da caatinga arbórea e, na proximidade da estrutura rochosa, de um resto de Floresta Montana, com árvores de até 15 m de altura.

Na frente do abrigo há um barreiro, que no tempo da chuva tem muita água e no tempo seco mantém a umidade. Aí o morador atual cultiva milho, mandioca e outras plantas. A parte central é tão úmida que a maior parte dos vegetais não chega a desenvolver. O morador abriu lá um poço para abastecimento da casa.

As pinturas foram fotografadas, desenhadas e descritas. Também se realizou um croqui do sítio.

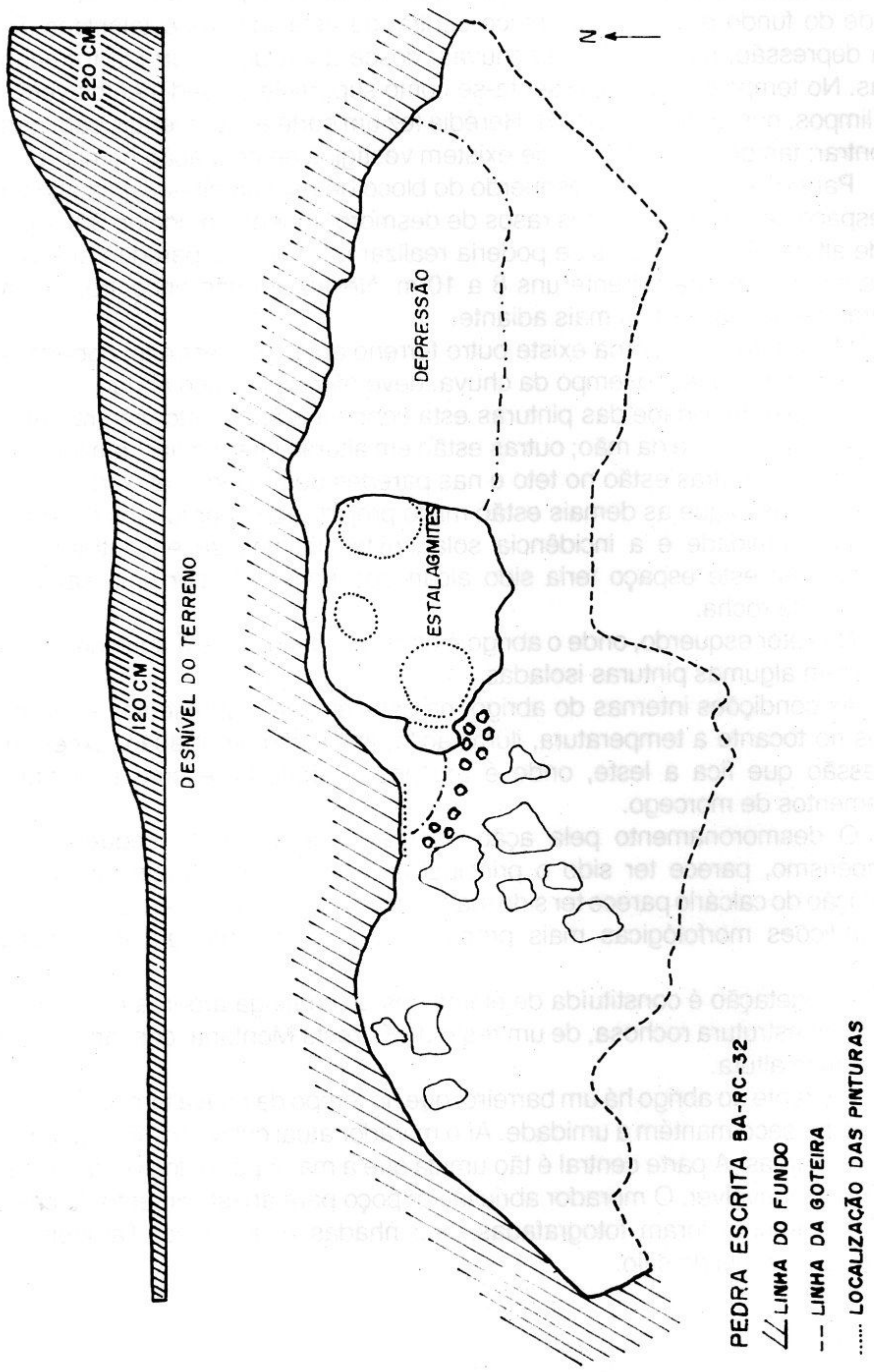


FIGURA 39. Croqui e perfil interno do sítio BA-RC-32.

BA-RC-47. DOLINA DO AMADEU

(Ver Figura 40)

No topo de uma elevação deombo grande e largo se formou uma grande dolina, não muito funda, toda fechada e normalmente seca. O canal subterrâneo, que deve funcionar em tempo de chuva, desmoronou, formando a depressão, que tem entre 3 e 17 m de profundidade com relação ao topo da colina e uns 100 m de diâmetro. A dolina é alongada no sentido do canal; na extremidade da entrada existe, no nível mais baixo, um grande salão subterrâneo com estalactites e estalagmites, por onde, no tempo da chuva, escorre a água que sai do interior da parede; num nível um pouco mais elevado existe outro salão, com belíssimas formações calcárias semelhantes a cachoeiras cristalizadas. Ambos os pisos são escuros, não sendo atingidos nunca pelos raios solares e não apresentam material arqueológico. Nas paredes externas, iluminadas, aparecem pinturas e no piso, material arqueológico.

Na outra extremidade do canal, que atravessa a dolina, encontra-se um grande abrigo semi-escuro, que funciona como sorvedouro, absorvendo a água por entre uma camada fofa de calcário; também neste salão estão ausentes os vestígios arqueológicos. Praticamente todos os tetos e também os pisos são horizontais e ofereceriam, no tempo seco, grandes espaços onde ficar ou pintar. Mas no tempo das chuvas devem estar muito úmidos.

A inclinação do terreno dentro da dolina é predominantemente da periferia para o centro, sendo mais baixa em direção NW, por onde o canal escoar a água das chuvas. Há grandes conjuntos de blocos.

Ao passo que do lado de fora da dolina a vegetação é uma caatinga rala, dentro da depressão há vegetação alta de Floresta Montana, mais alta no lado norte, onde é mais úmido e o sol não chega; mais baixa no lado sul, onde o sol bate mais e os blocos afloram à superfície.

Ao longo dos paredões há inúmeros caramujos mortos naturalmente, indicando que o local deveria ser um excelente habitat desses animais quando houvesse umidade.

No lado do sol a temperatura, a ventilação, a iluminação, os grandes blocos caídos, formando nichos, proporcionariam um local aprazível para ocupação humana, de pequenos grupos ou caçadores individuais, ficando o tempo de permanência vinculado à existência de água no canal. A pequena aba, alcançando talvez 5 m de largura e quase 100 m de comprimento, recebe sol durante todo o dia. O piso está suavemente inclinado em direção à parede. Todo este paredão apresenta pinturas, numa altura facilmente alcançável com o braço estendido.

As pequenas pinturas são monócromas vermelhas, ou bicolores vermelho-amarelo, sendo abundantes as geométricas, mas também as biomorfas. Elas se encontram desde a entrada do canal até o conjunto de blocos onde foi realizado o corte estratigráfico.

No local mais favorável, cercado por blocos, numa pequena depressão, foi realizado o corte de 2 x 2 m, que deu 3 níveis de 10 cm e mais umas fogueiras no 4º nível.

O corte não produziu grande quantidade de *material lítico* (Ver Tabela I): 182 peças. Nele predomina a calcedônia (55%), vindo em seguida o calcário (24%), o quartzito (19%) e tendo ainda quase 2% de outros materiais (basalto, arenito e cristal de quartzo). Como sempre, predominam as lascas e fragmentos pequenos, havendo também algumas estilhas e fragmentos de fogo. Os núcleos são bastante representados, 1:13 do total. Os artefatos se constituem principalmente de lascas pequenas e médias, usadas sem retoque, com gume regularizado, ou denticulado, em calcedônia; uma lasca grande de quartzito escuro com todos os bordos retocados, transformando-se num raspador subcircular; um seixo grande de basaltoide com três faces alisadas e um pouco deprimidas e um seixo pequeno de arenito com uma face lisa e batida, a outra batida e um dos lados alisado. Ao todo são 15 artefatos e lascas usadas (8,24% das peças).

Não existe *cerâmica*.

Os restos biológicos não diferem daqueles dos outros abrigos: moluscos terrestres e um dulciaquícola, lagarto-teiú, serpente, anfíbios (rã ou sapo), aves, mamíferos (preá, rato-de-espinho, tatu-galinha, gambá, veado, porco-do-mato, jaguatirica, morcego entre outros). Entre os vegetais um coco de gueroba. No nível 1 havia um osso trabalhado.

Quadro II: BA-RC-47

Níveis	1	2	3
Moluscos			
<i>Megalobulimus</i> sp	36	49	5
<i>Anastoma</i> sp	113	254	68
<i>Drymaeus</i> sp	72	217	13
<i>Bulimulus</i> sp	29	172	5
Odontostomidae	1	.	.
<i>Diplodon</i> sp	1	1	1
Anfíbios	x	x	.
Répteis			
Lagarto-teiú	x	x	.
Calango	.	x	.
Serpentes	.	x	x
Aves	x	.	x

Mamíferos

Preá	x	x	x
Rato-do-mato	.	x	x
Cutia	.	x	.
Tatu-galinha	.	x	.
Gambá	.	x	.
Veado	x	x	.
Porco-do-mato	x	x	.
Jaguatirica	.	.	x
Morcego	.	x	.
Mamif. não classif.	x	x	x

Vegetais

Gueroba	.	1	.
---------	---	---	---

O sítio está longe do rio e mostra como os caçadores exploravam os nichos com recursos disponíveis na caatinga, onde a falta de água é um fator altamente restritivo.

Processos semelhantes, como o da formação desta dolina, continuam nos arredores, observando-se sumidouros menores e canais subterrâneos. Mas neles não se percebeu ocupação humana.

BA-RC-44. SÍTIO TUPIGUARANI

(Ver Figuras 41-43)

Em terreno de Josias Antônio Dourado, fazenda Buriti, Olho d'Água do Cumba, foi encontrado também um grande sítio cerâmico da tradição Tupiguarani, subtradição Pintada. Está localizado em terreno fértil, levemente inclinado para um córrego intermitente, que nasce no paredão calcário a uns 100 m de distância. Ao lado do sítio, à beira da estrada, encontra-se um cemitério.

Numa antiga plantação de milho e feijão, hoje pastagem, num espaço de 50 x 50 m, a cerâmica era mais densa e com ela foram encontrados numerosos implementos líticos, consistindo de numerosas lâminas lascadas de machado, inteiras ou quebradas, percutores, além de núcleos e lascas de arenito silicificado e calcedônia e pequenos seixos de 6 a 10 cm de eixo maior. Ela era mais concentrada em três manchas, que poderiam ser fundos de habitação. No meio da estrada foi encontrado um vasilhame piriforme, com outro em forma de tijela por dentro.

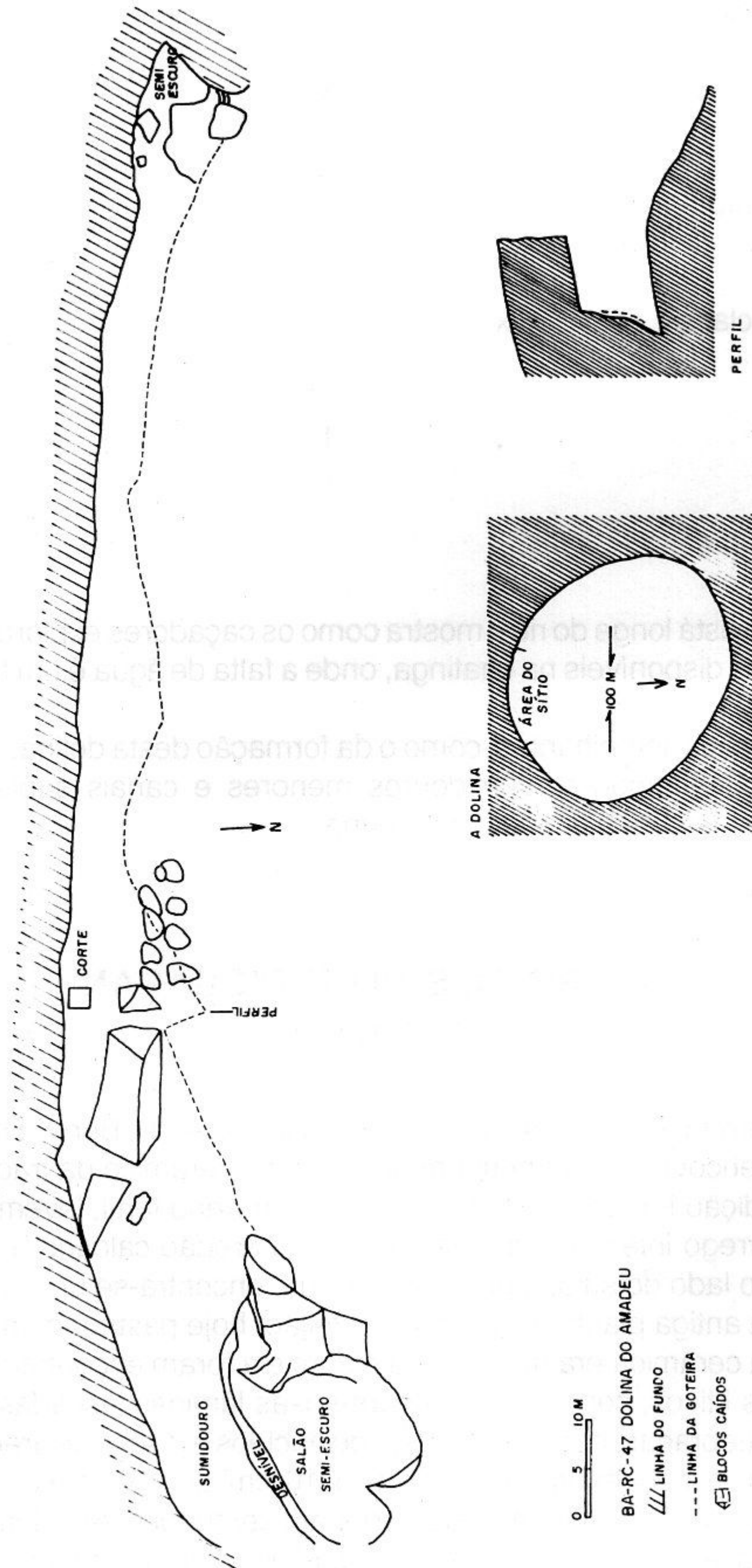


FIGURA 40 - Croqui e perfil do sítio BA-RC-47.

O córrego Olho d'Água também não dista mais que 150 m. Desta maneira o abastecimento de água podia ser feito a partir dos dois córregos e entre eles se podiam fazer as plantações.

Em áreas próximas existiriam outros sítios com características semelhantes, dos quais tivemos informações, mas que não chegamos a visitar.

A CERÂMICA

Nas três manchas separadas foram recolhidos 1.038 fragmentos.

Com poucas exceções, os cacos estão moídos, tendo a maior parte menos que 5 cm de medida maior. Os cacos maiores alcançam 10 cm de medida maior. Como eles estão muito moídos, apresentam grandes problemas de identificação das formas e reconhecimento de restos de pinturas.

O número de fragmentos pintados indicados na lista é o mínimo, tanto para os cacos com engobe branco, como para os de pintura vermelha; este último caso é mais grave porque o solo é vermelho e seria difícil separar os pintados de vermelho dos que estão simplesmente sujos de vermelho.

O acabamento de superfície dos vasilhames era o alisamento, mais ou menos refinado, com ou sem pintura posterior e um só caso de um ungulado espaçado na parte externa do lábio.

I. Pasta

Manufatura: Construção provável dos vasilhames com roletes justapostos. Mas os pequenos cacos são pouco indicativos, encontrando-se fragmentados de tal maneira que os bordos resultantes são muito irregulares e angulosos.

Antiplástico: Os cacos que têm espessuras pequenas, de 0,6 a 1,1 cm, têm um antiplástico constituído de areia de granulação muito fina, associada a fragmentos de granulação também muito fina, com superfícies lisas e frequentemente arredondadas, constituídas provavelmente por fragmentos de rocha. A pasta corresponderia a um sedimento muito fino, com grãos arredondados a sub-arredondados de constituição diversificada.

Os cacos que têm espessuras maiores que 1,5 cm costumam ter como antiplástico areia fina a média em grãos de quartzo hialino sub-arredondados e aparentemente bem selecionados. Associados à areia ocorrem fragmentos um pouco maiores, com superfícies irregulares, de dimensões variadas, de coloração bege claro amarelado, que parecem ser cacos moídos. A frequência desses fragmentos na massa é bastante inferior à da areia, mas varia também de um caco para outro.

O antiplástico é bastante denso.

A massa é compacta, irregularmente estruturada e, muitas vezes, finamente laminada.

Núcleo: escuro, sendo as paredes pardacentas a castanho claro. A parte externa oxidada é muito fina, no máximo de 2 a 3 mm, muitas vezes menos de 1 mm.

Queima: incompleta.

Dureza: ao redor de 3° na escala de Mohs.

II. Superfície:

A cor interna e externa é pardacentas a castanho claro. Raros cacos são avermelhados.

Tratamento: A superfície externa é alisada, mais ou menos irregularmente. A superfície interna costuma ser bem alisada; às vezes está erodida. Alguns cacos têm alisamento grosseiro, irregular, quase um escovado, que é mais freqüente na superfície externa, mas ocorre também internamente em vasilhames fortemente restringidos.

Morfologia (Ver Figura 41): Na análise e reconstituição das formas procedemos como se elas tivessem bocas circulares, o que não é garantido, mas não havia outra maneira para dar ao menos uma idéia da morfologia com fragmentos bastante pequenos. Para evitar ilusões pode-se olhar apenas as bordas, sem os modelos construídos.

Dividimos os vasilhames, cuja forma é insinuada pelos fragmentos das bordas, arbitrariamente em dois grandes conjuntos: no primeiro incluímos as bordas não reforçadas, no segundo as que têm a parte superior da borda reforçada.

No primeiro grupo temos, então, vasilhames hemisféricos, ou em calota de esfera, sendo as bordas geralmente diretas, raramente um pouco infletidas. As aberturas da boca vão de 10 a 32 cm. Na segunda borda da 3ª fila temos claramente uma variante com engobe branco externo. A segunda forma, e primeira borda, reproduzida na 1ª fila é o único vasilhame inteiro, que tem uma forma geral quase piriforme e uma base levemente cônica.

No segundo grupo temos formas bastante padronizadas de alguidares ou tijelas, cuja abertura varia bastante, mas que é difícil determinar porque os fragmentos são pequenos e não temos certeza se a boca dos recipientes é circular, elíptica ou retangular. Alguns cacos apresentam restos de engobe branco na face interna, o qual costuma estender-se pelo lábio. Em geral apresentam um acabamento cuidadoso das faces, mas alguns fragmentos mostram um alisamento grosseiro externo ou externo e interno.

As formas dos dois conjuntos aparecem em todas as manchas, não se notando uma especialização espacial.

As formas dos vasilhames são bastante reduzidas em número, faltando especialmente os grandes e médios vasos com gargalo e ombro, como existem nos dois sítios do lado goiano.

Os fragmentos são bastante numerosos, como se vê na contagem abaixo.

Mancha 1:

Simples: 446 fragmentos
 Engobe branco externo: 1
 Engobe branco interno: 3
 Total: 450 fragmentos.

Mancha 2:

Simples: 463 fragmentos
 Engobe branco externo: 18
 Engobe branco interno: 18
 Engobe vermelho interno: 6
 Lábio unglado: 1
 Total: 596 fragmentos.

Mancha 3:

Simples: 80 fragmentos
 Engobe branco interno: 2
 Total: 82 fragmentos.

O MATERIAL LÍTICO

Do material lítico foi realizada uma coleta geral, sem distinguir as manchas acima indicadas.

1. *Matéria-prima*: A matéria-prima dos artefatos do sítio foi analisada por um geólogo, que a dividiu entre as calcedônias, o arenito silicificado (ou quartzo), o arenito comum e o calcário.

As *calcedônias*, que devem estar presentes, localmente, sob a forma de nódulos mais ou menos grandes, de estruturas pouco regulares, são, macroscopicamente bem variadas. Sob o nome de calcedônias engloba-se aqui o conjunto de quartzos microcristalinos, que os especialistas conhecem como ágata, dendrita, calcedônia verdadeira, crisoprásio, jaspe, cornalina, ônix etc. Tem fratura concoide, é translúcida ou opaca, dureza 7 (na escala de Mohs), composição SiO_2 (óxido de sílica).

Para facilitar o lascamento muitas vezes elas foram aquecidas.

No sítio podem ser separadas nas seguintes variedades macroscópicas:

O grupo da calcedônia branca ou branca amarelada. Pode incluir partículas de coloração preta, vermelha ou castanha. É comum, nela, a existência de concentrações significativas de óxido de manganês, produzindo uma coloração preta em determinadas partes dessa calcedônia.

Além das bandas, devido a variações na cor das amostras, costuma apresentar pequenas cavidades, onde se observam cristais de quartzo e pequenos fragmentos de rocha.

Dentro deste grupo existem as calcedônias com bandas bem nítidas.

O grupo da calcedônia vermelha, ou cornalina, ou jaspe ou sílex. Algumas amostras possuem coloração mesclada, entre vermelho escuro, branco, rosa e lentes amarelas.

O grupo da calcedônia de cores variadas: amarelo escuro, vermelho, cinza, vermelho rosado e branco leitoso, cinza, cinza amarelado.

O *arenito silicificado* (ou quartzito) deve aparecer na região como veios ou nódulos grandes. Sua cor primária é o vermelho escuro, o vermelho acastanhado e o vermelho carne; a cor secundária é amarelo, castanho com alguns pontos brancos. É rocha muito coerente, densa a muito densa. As amostras, de um modo geral, possuem estratificações, marcas onduladas, falhas ou concreções; algumas possuem pequenos veios preenchidos com calcedônia, outras possuem cavidades preenchidas com pequenos cristais de quartzo. A composição mineralógica é 100% quartzo, o cimento é silicoso.

O *arenito* provavelmente não é de ocorrência local. A cor primária do mesmo é branco acinzentado; a secundária é amarelo rosado a amarelo. É uma rocha muito coerente a coerente; a densidade é média. As poucas amostras não possuem qualquer tipo de estrutura. A composição mineralógica é 100% quartzo e o cimento é silicoso.

O *calcário* forma os próprios abrigos da região, donde se desprende sob a forma de blocos, plaquetas ou fragmentos. Sua cor primária é cinza esbranquiçado; a secundária é cinza escuro, cinza azulado, amarelo. É uma rocha muito densa e muito coerente. Possui estruturas sob a forma de níveis com preenchimento de quartzo e cavidades preenchidas parcialmente por calcedônia e cristais de quartzo.

Com exceção do calcário, que pode ser polido ou lascado, as matérias-primas são transformadas por lascamento ou lascamento e picoteamento.

Os artefatos produzidos são lâminas de machado lascadas e picoteadas e talhadores, só lascados; lascas retocadas para a produção de bordos denticulados, pontas-entre-entalhes, bicos, pontas ou furadores, bordos regulares cortantes. Às vezes o bordo natural da lasca é usado sem modificação. Os percutores subglobulares ou aproximadamente discoidais também devem ser incluídos entre os artefatos.

O refugo foi dividido em lascas pequenas e médias, fragmentos pequenos, nucleiformes e núcleos pequenos, médios e grandes.

Na produção das peças e retalhamento do material é usada tanto a percussão unipolar, como a bipolar; o picoteamento é usado para o acabamento das lâminas de machado. Como grande parte das peças e do refugo ainda possuem restos de córtex, presume-se que os nódulos usados eram pequenos, especialmente os de calcedônia.

A matéria-prima mais usada é a calcedônia, seguida do arenito silicificado ou quartzito, sendo raramente usados o calcário e o arenito.

2. Artefatos (Ver Figuras 42 e 43)

As lâminas de machado apresentam forma geral grosseira, petaloide, destacando-se bem o talão, estreitado, produzido geralmente por lascamento e picoteamento para permitir encabamento por encaixe ou inclusão no cabo. A parte ativa, produzida só por lascamento, costuma ser um pouco mais larga, raramente bastante expandida. Mas também há peças em que a parte passiva é mais larga que a ativa, existindo, nestes casos, uma bastante cuidadosa preparação para o encabamento por encaixe ou inclusão no cabo. Às vezes o lascamento da peça é grosseiro e a morfologia tradicional menos clara; às vezes é uma lasca apenas um pouco afeiçoada; nestes casos preferimos chamar as peças de talhadores.

As lâminas de machado, num total de 50 exemplares, são produzidas principalmente em calcedônia (21 exemplares inteiros, 15 talões e outros fragmentos, 3 talhadores); em arenito silicificado são bem mais raros (5 exemplares inteiros, 5 talhadores). Costumam ser produzidas sobre lasca grossa parcialmente cortical, da qual sobram, nas peças, restos da face interna e do córtex. O plano de percussão da lasca, mais ou menos modificado por lascamento posterior ou picoteamento, será a extremidade do talão; a extremidade oposta será o gume. Os bordos longitudinais são trabalhados bifacialmente por lascamento uni ou bipolar, geralmente abrupto, muitas vezes completado por picoteamento. Desta forma também são terminadas as faces. Não existe retoque fino, nem nos bordos, geralmente grossos, nem no gume, em bisel duplo grosseiro; onde é necessário ele é substituído por um picoteamento denso e regular. Também não se registrou polimento.

Existem peças só lascadas e outras predominantemente picoteadas.

A parte destinada ao encaixe no cabo é sempre a mais bem acabada. A extremidade correspondente ao gume costuma ser tão grossa e irregular, com lascamentos produzidos a partir de ambas as faces, que não se vê como poderia ter sido usada. Esta situação não parece resultante apenas de retomadas, mas, ao menos parcialmente, do momento da produção. Algumas peças estão manifestamente quebradas.

Os tamanhos variam de 13,30 a 5 cm de comprimento; a grossura varia entre 3,7 e 2,4 cm; a largura máxima da peça e sua proporção com o comprimento varia mais consideravelmente, podendo ir desde um pouco mais que o comprimento até menos da metade do mesmo.

Não temos certeza a respeito da funcionalidade desses artefatos: geralmente não se percebem desgastes; duas têm o bordo obtuso e uma apresenta brilho bifacial, inclusive nas depressões das cicatrizes de lascamento, indicando corte de material não excessivamente duro. A suposição é de que tenham tido principalmente função de cortar madeira, mesmo que a calcedônia, bastante frágil, quebrasse facilmente, o que explicaria as muitas quebras, retomadas e gumes grossos; mas os artefatos também poderiam servir para abrir e afofar a terra para o plantio em solos bastante compactos.

Existe uma lâmina quebrada, que parece de machado, em calcário alisado, com incisões numa das faces. Suas medidas: 6,3 x 5,2 x 1,6 cm. (Figura 43:19)

Além das lâminas bifaciais aparecem fragmentos ou lascas trabalhadas. Geralmente são pequenas ou médias, raramente grandes. As modificações produzidas são bordos denteados, pontas-entre-entalhes, bicos, pontas, ou bordos simplesmente regularizados. O trabalho que produziu estes artefatos costuma ser um retoque simples, periférico, de poucos golpes a partir de uma face (interna ou externa) ou alternado (num bordo interno, em outro externo), ou interno-externo.

Algumas vezes os bordos cortantes das lascas são usados sem ulterior trabalho, apresentando-se, então, esmagados ou com microlascamento.

Outra categoria de artefatos são os percutores (Figura 43: 1, 3, 4, 6). Não são abundantes, mas muito característicos. Sua forma é maciça, sub-esférica ou discoide. Estão fortemente picoteados em todas as superfícies que não se encontram lascadas como resultado da preparação, ou do uso. O fato de estarem forte e regularmente picoteados poderia indicar que, além de usados para o retalhamento dos nódulos e blocos, estariam associados também ao picoteamento das lâminas de machado.

Três são de arenito silicificado (8,1 x 7,9 x 6,5 cm; 7,7 x 7,5 x 6 cm; 6,8 x 5,7 x 4,8 cm). Três são de calcedônia (7 x 5,5 x 3,9 cm; 5,8 x 5 x 4,6 cm; 4,4 cm), mais um fragmento (6,1 x 5,2 x 2,8 cm).

Há um seixo de calcário, com pequenos lascamentos periféricos com depressões rasas e lisas (2-3 mm de profundidade), 1 numa e 3 na outra face. Poderia servir de apoio para quebrar caroços de frutas. Tamanho: 7,3 x 7 x 6,7 cm.

O refugo de produção é constituído por lascas pequenas e médias, fragmentos pequenos e médios, núcleos e nucleiformes pequenos, médios e grandes. Os núcleos costumam ter tamanho médio (5 a 7,5 cm). Deles se tiraram lascas a partir de um ou de dois planos de percussão, tornando-os grosseiramente prismáticos. Os nucleiformes são fragmentos grossos, ou lascas grossas, facetadas.

Estão distribuídos por matéria-prima: lascas pequenas são 35 em calcedônia, 9 em quartzito; lascas médias são 8 em calcedônia, 4 em quartzito; fragmentos pequenos são 4 em calcedônia, 3 em quartzito; núcleos e nucleiformes pequenos e médios são 31 em calcedônia, 13 em quartzito; núcleos e nucleiformes grandes são 10 em calcedônia, 1 em quartzito, 1 em arenito.

O fato de haver tantos núcleos e nucleiformes certamente está relacionado com a qualidade da matéria-prima, que não é de boa qualidade; com os objetivos buscados, que parecem mais relacionados com a produção de lâminas de machado; com a técnica de retalhamento e redução, que freqüentemente era a bipolar e com a própria coleta em terreno longamente usado para cultivos, onde as lascas facilmente passariam despercebidas, ao passo que os núcleos e nucleiformes são mais aparentes.

Vê-se que a calcedônia predomina; o quartzito está em segundo lugar; o calcário e o arenito aparecem como exceções.

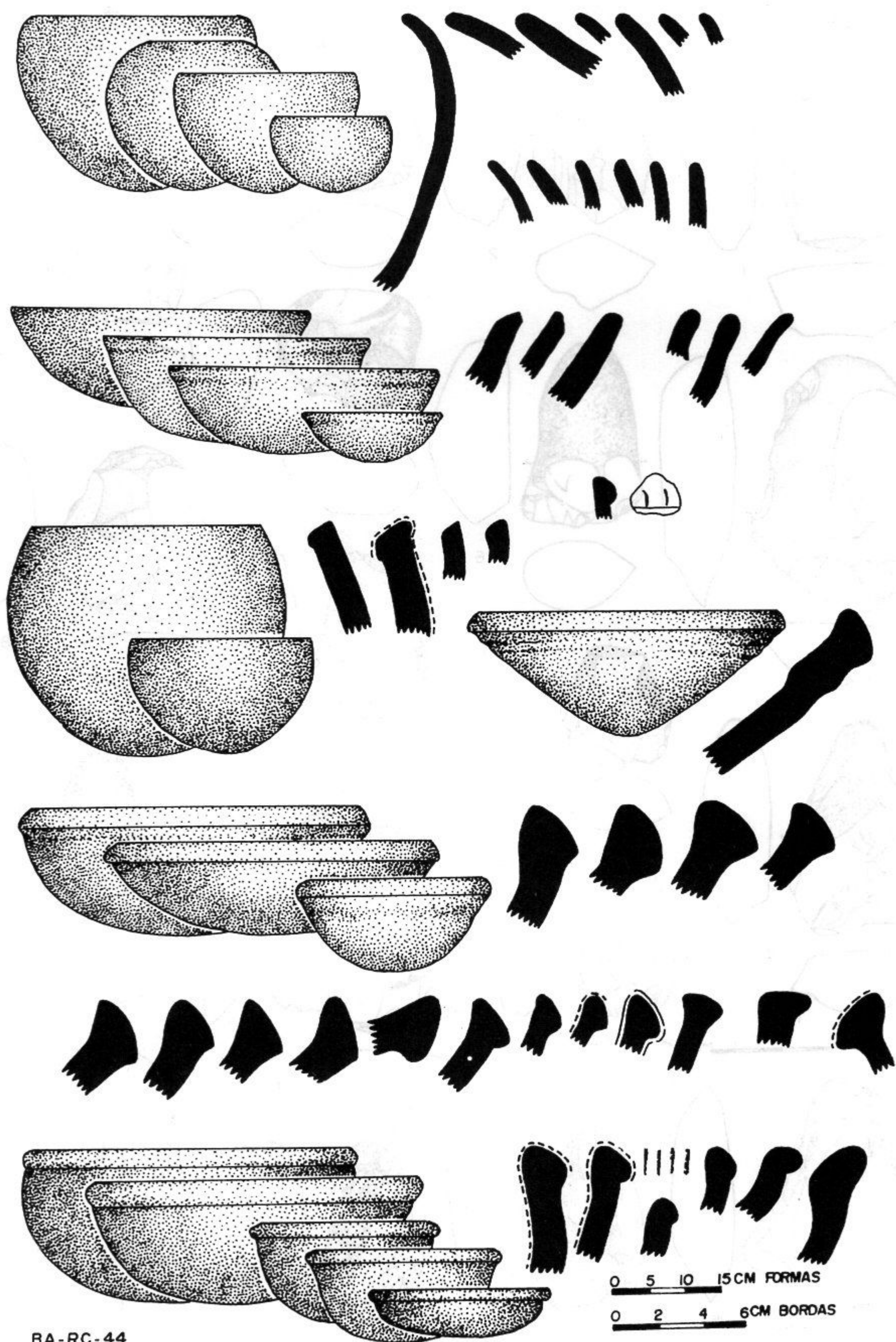


FIGURA 41. Modelos de forma criados a partir de fragmentos da tradição Tupiguarani, do sítio BA-RC-44.

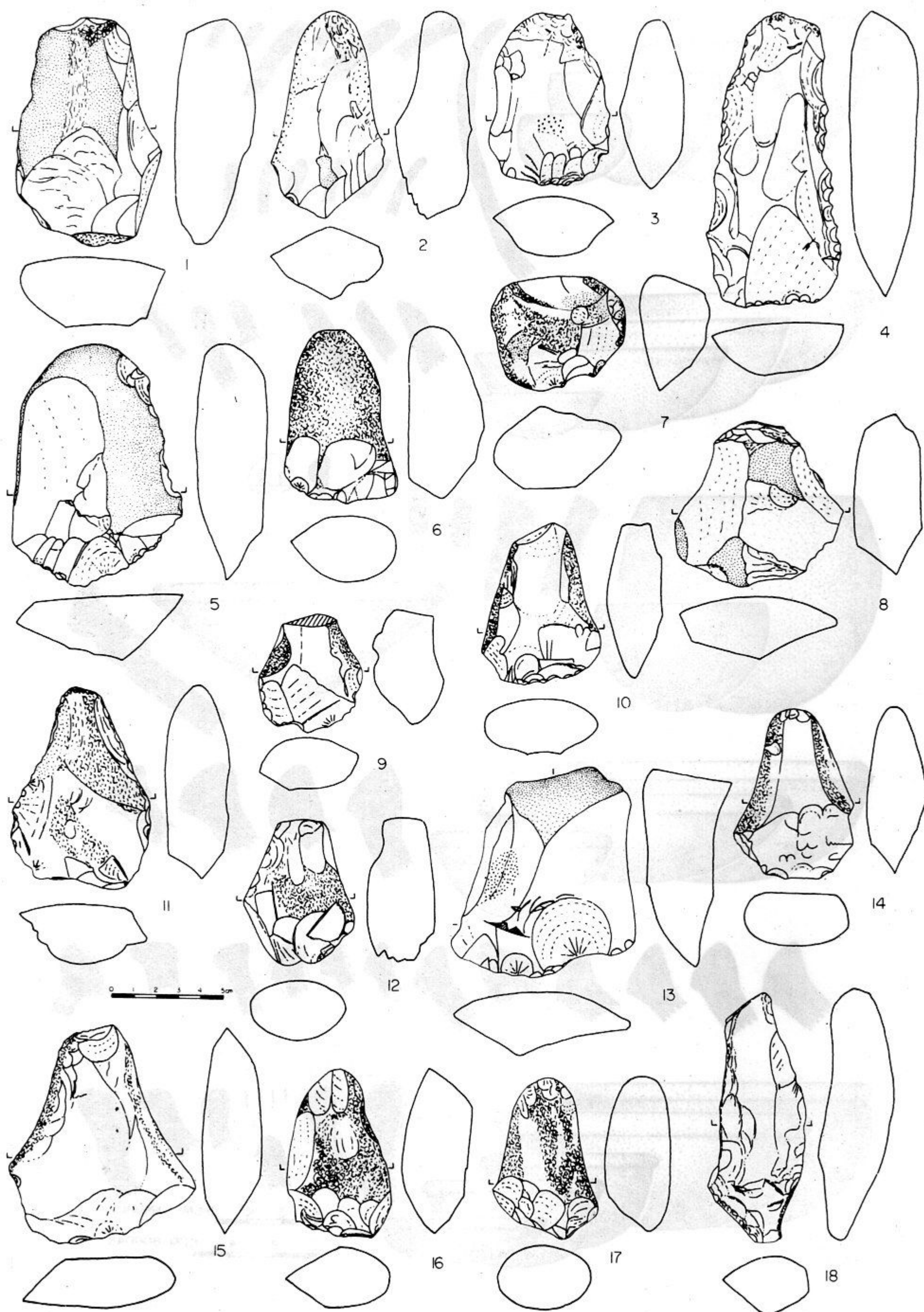


FIGURA 42. Lâminas de machado e talhador do sítio BA-RC-44.

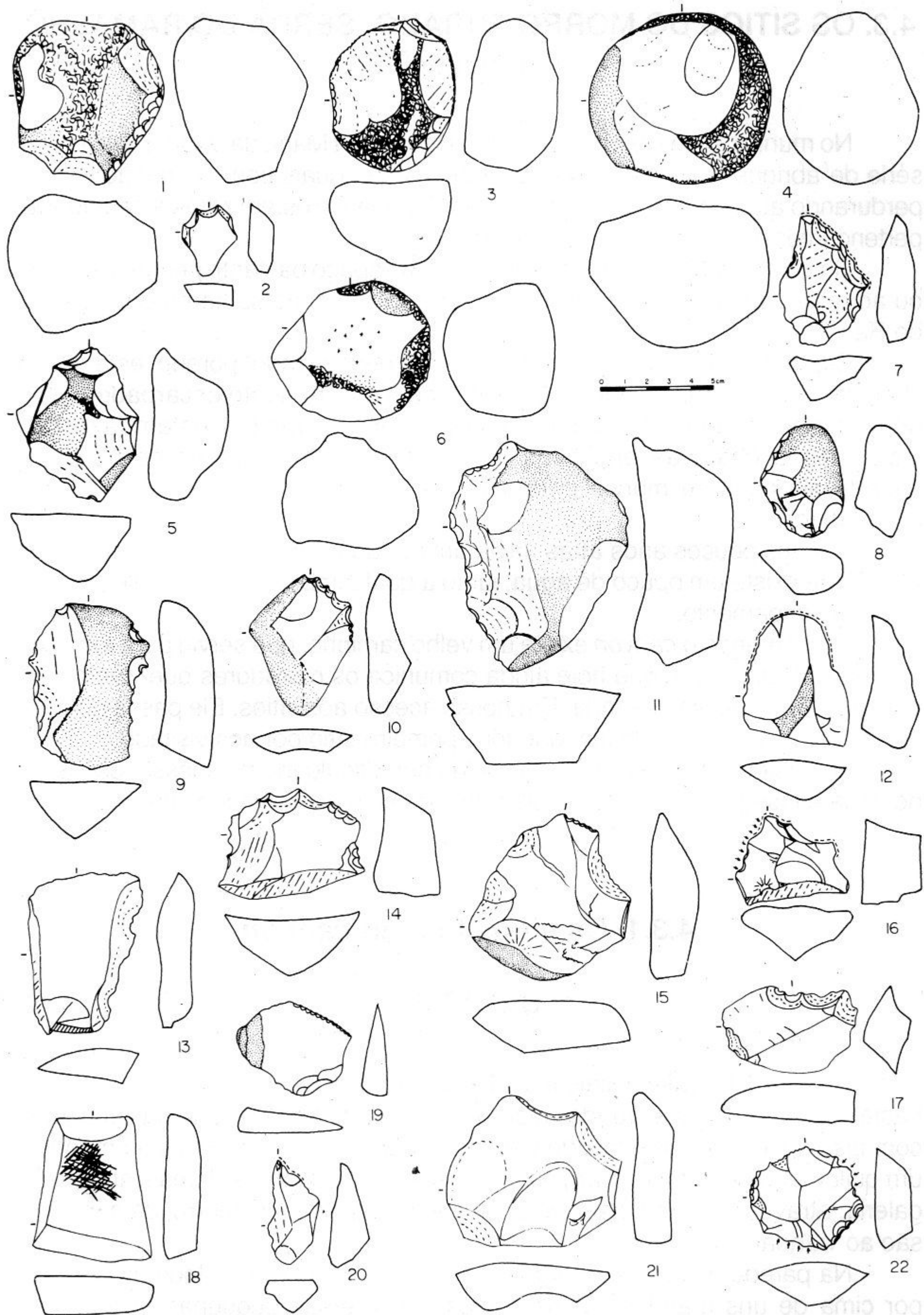


FIGURA 43. Percutores, talhadores, lâmina de calcário com incisões (19), lascas retocadas ou usadas do sítio BA-RC-44.

4.3. OS SÍTIOS DO MORRO FURADO, SERRA DO RAMALHO (Ver Figura 02)

No município de Coribe, a uns 30 km de Santa Maria da Vitória, existe uma série de abrigos e grutas calcárias, algumas das quais com ocupação antiga, perdurando até o tempo dos horticultores. Também existem sítios a céu aberto, pertencentes a horticultores da tradição Una.

Os sítios localizados encontram-se num espaço bastante pequeno dentro, ou ao redor, de um grande *canyon*, no qual corre um rio subterrâneo, na serra do Ramalho.

O local dos sítios encontra-se, hoje, despovoado porque está numa chapada de solo predominantemente litológico e fortemente escarpado e com difícil acesso a água. Ao redor dessa pequena chapada existem fazendas instaladas e chácaras primitivas que fazem uso das águas de córregos superficiais mais ou menos permanentes, ou do rio que sai do fundo dos alcantilados.

Até uns poucos anos atrás havia um morador em cima da chapada, num local onde existe um pouco de água, junto à qual também nós estabelecemos o nosso acampamento.

Contornando o *canyon* existe um velho caminho, que serviu para extração de madeira (aroeira) e que hoje ainda comunica os moradores que vivem num e no outro lado dessa chapada. Era nosso acesso aos sítios. Ele passa no meio de uma ampla galeria calcária, que foi o primeiro sítio por nós visitado.

O ambiente não favorece o trabalho por dificuldade de acesso, escassez de água e insegurança devido à presença de animais selvagens predadores.

4.3.1. Os sítios fora do *canyon*

BA-RC-51

Uma ampla galeria calcária, aberta em ambas as extremidades, com bastantes estalactites e grandes blocos caídos junto às paredes e nas entradas, com piso aplanado que é lavado pela água das chuvas; está mais ou menos a um quilômetro da boca do *canyon*, no qual se encontram os demais abrigos. A galeria, atravessada hoje pelo caminho que cruza o alto do Morro, dá a impressão ao viandante de um túnel.

Na parede do lado esquerdo de quem chega ao morro, logo na entrada, por cima de uns grandes blocos caídos, há diversas pequenas pinturas em vermelho. As mais importantes estão na mesma parede, mas na saída do túnel; as pinturas são vermelhas, pequenas, geométricas bem conservadas, mas muito

altas; foram produzidas a partir de blocos que ruíram posteriormente, ou de árvores que não mais existem.

O piso está perturbado tanto pela erosão de água das chuvas reunidas na chapada contígua, como pela regularização produzida ao abrir o caminho para o trânsito de carros.

Nenhum trabalho arqueológico foi realizado, só uma rápida inspecção. Valeria a pena documentar as pinturas.

BA-RC-52. Um sítio da tradição cerâmica Una.

(Ver Figuras 44, 45, 70-73)

A umas duas centenas de metros antes de chegar no *canyon* propriamente dito, à beira de uma vereda no mato, foi encontrado um sítio cerâmico importante, denunciado por alguns cacos superficiais. Ele está em terreno plano e fértil, coberto por grandes árvores da Floresta Montana, que não deve ter sido nunca derrubada. Os blocos de rocha, ainda baixos, que formam um corredor de mais de cem metros de largura ao redor do mato, já prenunciam o canyon.

O terreno é plano. Não foi possível, só com os cacos da superfície, espalhados no meio da vegetação baixa, delimitar o sítio, que parece grande.

Foi realizado um corte estratigráfico de 2 x 2 m em níveis artificiais de 10 cm, que produziu uma considerável quantidade de cerâmica e alguns artefatos líticos, até 40 cm de profundidade.

O solo é humoso, escuro, compacto, decomposição de calcário.

Procuramos visualizar o **material lítico** (Ver Tabela II), usando uma tabela, onde ele aparece distribuído por tipos, níveis e matéria-prima. Ele está dividido em núcleos e nucleiformes, lascas e fragmentos, lascas e fragmentos retocados, talhadores, lâminas de machados, percutores, seixos e estilhas. As primeiras três categorias estão subdivididas em peças pequenas (até 5 cm), médias (até 7,5 cm) e grandes (até 10 cm). A matéria-prima usada é a calcedônia (todos os materiais microcristalinos), o quartzito (ou arenito silicificado) e o calcário (incluindo a marga).

A *calcedônia* teve o maior uso. É originária de nódulos mais ou menos grandes, que se devem formar nas rochas locais; tem massa mais ou menos homogênea; de acordo com sua qualidade, melhor ou pior, é usada para fazer lâminas de machados, ou lascas, ou permanece como núcleo pouco reduzido.

A lâmina de machado do nível 1 (Figura 44:1) é uma lasca grossa, que, numa face, mantém boa parte do córtex, na outra conserva a face interna da lasca com grande bulbo. O trabalho secundário é marginal, mais invasor num bordo da face externa. O bordo ativo é muito irregular. A matéria, com camadas

mais, outras menos silicificadas. As cicatrizes são grosseiras, mas dão uma boa feição à peça, que poderia ser encabada.

A lâmina de machado do nível 2 (Figura 44:4) é de uma calcedônia cheia de clivagens e material bastante impuro. A face superior mantém o córtex grosso e corrugado; a face inferior mostra várias clivagens. Todo o trabalho consistiu em fazer, numa extremidade longitudinal, um gume irregular e serrilhado com três lascamentos numa face, dois na outra face e a retirada das pontas sobrantes. Este gume não cortaria bem, mas seria mais resistente que o da marga.

Existem núcleos médios a grandes de calcedônia ruim: nódulos que foram abertos e mostraram que não serviam para retirada de boas lascas, nem fabricação de machados.

Ao lado destes há um grande número de núcleos pequenos, esgotados depois da retirada de muitas lascas. Alguns não passam de 1 cm de diâmetro maior, outros chegam a 5 cm ou mais. Não se vê uma razão clara para essa diferença de tamanho: eles são constituídos indiscriminadamente de material bom ou ruim. Os nódulos originais devem ter sido pequenos porque diversos núcleos ainda têm boa parte de córtex. - Os pequenos núcleos são poliédricos: as lascas foram retiradas em qualquer direção, a partir de uma plataforma lisa, não especialmente preparada. Muitos, classificados como nucleiformes, são meros fragmentos finais irregulares.

As lascas representam todo o retalhamento dentro do sítio. Elas têm as formas variadas: algumas são corticais, outras semicorticais, outras não-corticais. Geralmente os bulbos são pronunciados; às vezes há um pequeno bulbo secundário em seguimento do ponto de percussão, uma pequena cornija ou estrias incipientes. Umas poucas mostram espoucamento pelo fogo em uma ou ambas as faces. A maior parte das lascas seria inútil por não ter bordos regulares ou regularizáveis, mas o retalhamento dos nódulos deveria ter por razão produzir lascas úteis. Todas as lascas de um certo tamanho e com morfologia adequada, apresentam desgaste sob a forma de microlascamento numa face, raramente também um pouco na outra; um caso mostra esmagamento. O uso sugerido seria cortar, ou furar.

Um certo número de lascas recebia trabalho posterior ao destacamento do núcleo, transformando-as em furadores, pontas, bicos, pontas-entre-entalhes ou simples bordos regularizados.

O *calcário* está presente por toda parte, como elemento mais importante da geologia da região. Apresenta-se maciço, mas é mole.

Ele também foi muito usado, aparecendo como matéria-prima de duas (ou três) lâminas de machados e numerosas lascas grandes, geralmente grossas, além de núcleos. Seria buscado sob a forma de seixos e nódulos, talvez também de blocos. Na maior parte das vezes o intemperismo mascarou o trabalho feito nas peças e seu uso. Lascas poderiam ter sido usadas para diversas finalidades, mas o predomínio deve ter sido de peças maiores como os machados.

Na transição do calcário (cinza e compacto) aparece a *marga* (esbranquiçado sujo), com muito mais argila. A marga é sedimentar e apresenta camadas visíveis, que permanecem nos artefatos.

É usada para lâminas de machados, formadas a partir de lascas com trabalho secundário marginal, às vezes um pouco invasor. As lascas são finas e não precisariam muito retoque. Como a marga é mole, com a lavagem as arestas do trabalho secundário e dos bordos ficaram arredondadas.

O *quartzito* foi pouco usado, porque provavelmente é exógeno. Aparece como seixo percutor pequeno, como lascas ou grande núcleo.

A CERÂMICA:

	Nível 1			Nível 2			Nível 3			Nível 4		
	Total	Bordas	Bases	Total	Bordas	Bases	Total	Bordas	Bases	Total	Bordas	Bases
Antiplástico												
Areia	48	5	2	138	15	-	284	20	-	40	3	-
Antiplást.												
Areia+Calcário	6	-	-	-	-	-	49	1	1	8	-	-
Antiplást.												
Calcário	39	8	1	16	1	1	77	9	-	20	2	-
Total	93	13	3	154	16	1	410	30	1	68	5	-

I. Pasta:

Manufatura: Provavelmente acordelada; os roletes são pouco visíveis. Nos cacos com antiplástico areia a pasta é bem compacta e uniforme. Os cacos com antiplástico calcário estão de tal maneira erodidos que os bordos estão muito gastos.

Antiplástico: a) Um conjunto de cacos contém fragmentos de calcário (branco), cujos tamanhos vão até 0,2 e 0,3 cm. Raros fragmentos de cristal de quartzo.

b) Outro conjunto contém areia média a fina de quartzo.

Ainda existem aqueles cacos cujo antiplástico é predominantemente areia, mas também contêm alguns fragmentos de calcário.

Textura: No conjunto a) o antiplástico é denso, visível nas bordas e nos lugares erodidos. A granulação é bastante uniforme, sendo de 1 a 2 mm predominantemente. Os cacos, depois de lavados e dissolvida parte do calcário, ficam cheios de pequenos vazios. Inicialmente (enquanto a cerâmica é nova) não há bolhas ou laminações; o antiplástico fecha bem a massa. A fratura é irregular, mas as saliências e a cerâmica em geral são suaves ao tato.

No conjunto b) o antiplástico é, geralmente, muito denso, uniformemente distribuído na pasta e bem visível. Não se percebem bolhas de ar, nem laminações, nem se vêem as junções dos roletes. A fratura é irregular, áspera ao tato.

Cor do núcleo: Vai do cinza escuro até o castanho forte, havendo toda a gradação. Geralmente a face externa se apresenta mais oxidada, sem chegar até a face interna.

Queima: Oxidante incompleta.

Dureza: Ao redor de 3° na escala de Mohs.

II. Superfície:

Cor da parede interna: Geralmente um castanho escurecido, menos freqüentemente cinza.

Cor da parede externa: Aproximadamente a mesma.

Tratamento da superfície externa: Alisado. Quando o antiplástico é muito grande, ele pode tornar esta face um pouco áspera.

Tratamento da superfície interna: Alisado bom.

III. Morfologia:

As formas não variam sensivelmente nas duas variedades de antiplástico. Tomando em consideração o pequeno número de bordas recuperadas, representâmo-las num quadro só (Conjunto A de formas: Figuras 70-73)).

A espessura dos cacos varia de 0,3 a 1,0 cm, agrupando-se o maior número entre 0,5 e 0,8 cm.

As bordas são diretas ou levemente infletidas, e desde fortemente introvertidas a bem extrovertidas. Não são reforçadas.

Os lábios são arredondados, raramente aplanados.

As bases são convexas, arredondadas.

As aberturas da boca variam de 6 a 34 cm.

Tabela II: Material Lítico do Sítio BA-RC-52

	Nível 1			Nível 2			Nível 3			Nível 4			Total		
	Calced.	Quartz.	Calcaril.	Calced.	Quartz.	Calcaril.	Calced.	Quartz.	Calcaril.	Calced.	Quartz.	Calcaril.	Calced.	Quartz.	Calcaril.
Núcleos e Nucleiformes															
Pequenos	3												27	0	0
Médios	1		1						2		1		5	0	3
Grandes		1	1										1	1	1
Total	4	1	2	12	0	0	16	0	2	1	0	0	33	1	4
Lasclas e Fragmentos															
Pequenos	29	1		49	2	7	105		17	18	1	4	201	4	28
Médios		1		1		7	1		2				2	1	9
Grandes		1	2		1	4			1				0	2	7
Total	29	3	2	50	3	18	106	0	20	18	1	4	203	7	44
Lasclas e Fragmentos Retocados															
Pequenos	5			5		1	7						17	0	1
Médios				1									1	0	0
Grandes			1			2							0	0	3
Total	5	0	1	6	0	3	7	0	0	0	0	0	18	0	4
Talhadores	1														
Lâminas de Machados	2		2	1		2							1	0	0
Percutores								1					3	0	4
Seixos			3			1			2				0	1	0
Estilhas	11			13		6							24	0	6
Total													282	9	68

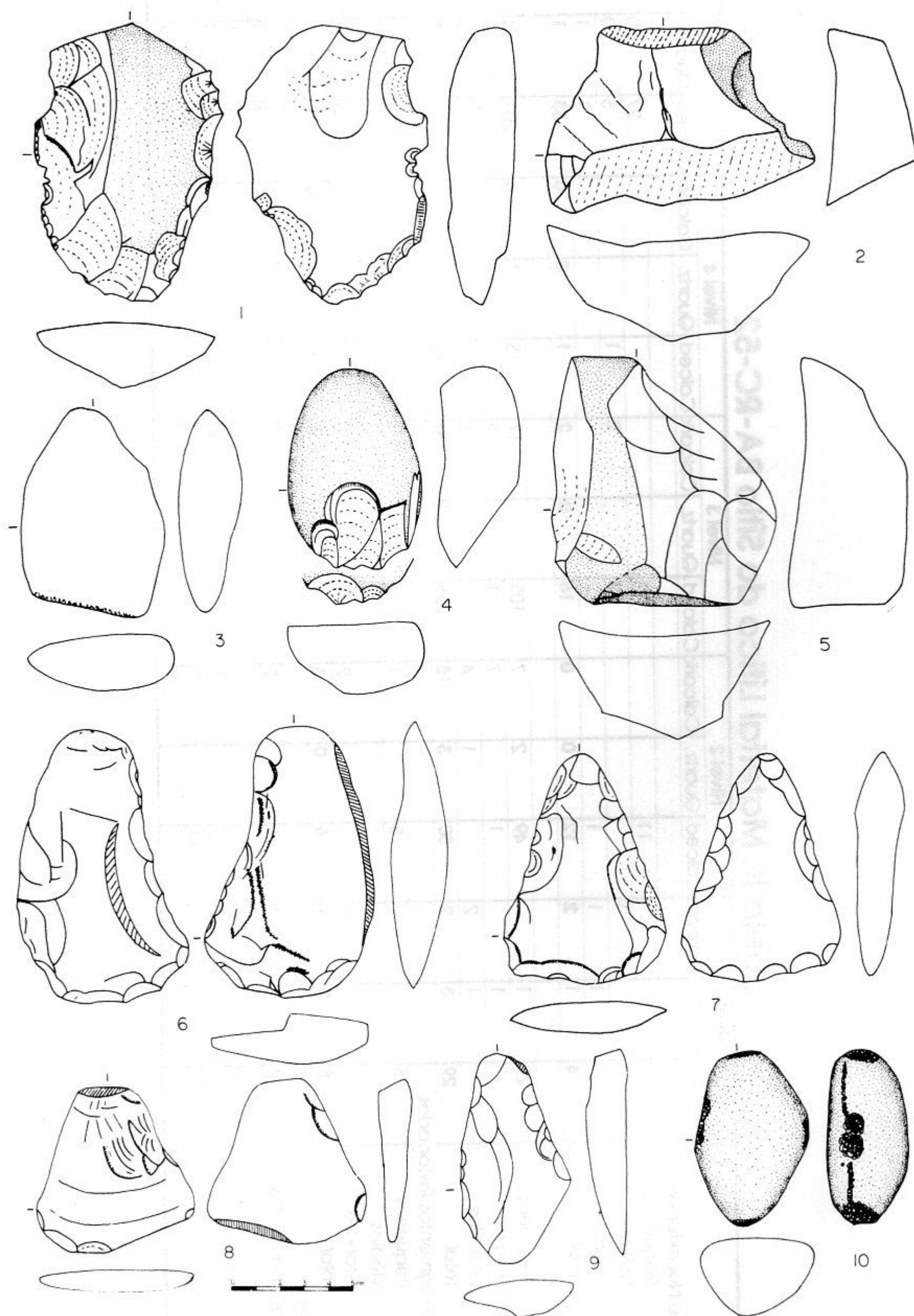


FIGURA 44. Artefatos do corte I do sítio BA-RC-52.



FIGURA 45. Lascas retocadas ou usadas do corte I do sítio BA-RC-52.

IV. Decoração:

Não se observa nenhum tipo de decoração, nem plástica, nem pintada.

A cerâmica, bastante abundante, parece exclusivamente utilitária e destinada a fins domésticos.

Os *restos ósseos* não diferem daqueles encontrados nos abrigos. São moluscos terrestres e um dulciaquícola, anfíbios (sapo ou rã), répteis (lagarto-teiú e tartaruga), aves não identificadas, mamíferos (preá, rato-do-mato, tatu, anta, veado, porco-do-mato, entre outros não identificados). No nível 3 havia uma ponta de osso de mamífero (Figura 27:8) e um osso polido.

Quadro III: BA-RC-52. Corte I

Níveis	1	2	3	4
Moluscos				
<i>Megalobulimus</i> sp	x	x	x	x
<i>Cyclodontina</i> sp	.	x	x	.
<i>Drymaeus</i> sp	.	?	.	.
<i>Diplodon</i> sp	x	x	x	x
Anfíbios	x	.	x	.
Répteis				
Lagarto-teiú	x	x	.	.
Tartaruga	.	x	.	.
Aves	x	.	x	.
Mamíferos				
Preá	.	.	x	.
Rato-do-mato	x	x	x	x
Tatu	x	x	x	x
Anta	x	x	x	.
Veado	x	x	.	x
Porco-do-mato	x	.	x	.
Não identif.	x	x	x	x

BA-RC-53. Outro sítio da tradição cerâmica Una (Ver Figura 46)

Ainda fora do *canyon*, no caminho da fazenda do Sr. Jobim para o morro, junto a um córrego encaixado, atravessado por uma pinguela, foi visto um sítio

cerâmico: BA-RC-53. Os cacos e artefatos líticos foram encontrados na barranca do caminho, onde começa a descida para a pinguela do córrego. O terreno, transformado em pasto, era muito duro e só foi realizada coleta do pouco material superficial. Para um trabalho maior teriam sido necessários instrumentos que, no momento, os pesquisadores não tinham consigo.

O *material lítico* (Figura 46) é o mesmo do BA-RC-44. São 42 lascas pequenas: 40 em calcedônia, 2 em quartzito; 3 lascas médias: em calcedônia; 3 núcleos e nucleiformes pequenos: em calcedônia; 1 núcleo grande: em calcedônia; 9 lascas e fragmentos retocados ou usados pequenos: 7 em calcedônia, 1 em quartzito, 1 em calcário; 3 médios: em calcedônia; 19 lâminas de machado: em calcedônia; 5 talhadores: em calcedônia; 3 percutores: em calcedônia. Ao todo 84 peças em calcedônia, 3 em quartzito, 1 em calcário.

A *cerâmica* compõe-se de apenas 143 fragmentos entre 1 e 7 cm de medida maior, 4 bordas, sem bases identificáveis.

Aparecem os dois antiplásticos como no sítio BA-RC-52.

A espessura desses cacos vai de 0,5 a 1,1 cm, predominando ao redor de 0,8 cm.

Os fragmentos mais finos (até 0,8 cm) têm, em matriz de areia fina quartzosa, antiplástico de areia média a grossa, mal selecionada, no qual se observam grãos de quartzo hialino angulosos de até 0,2 cm e caco moído. Massa estruturada.

Os mais grossos contêm, em matriz de areia fina quartzosa, concreções limoníticas, algumas bem arredondadas, com dimensões que alcançam 3 mm. Massa porosa. Não se observa a presença de calcário.

A queima é oxidante incompleta e a coloração castanho a castanho alaranjado.

Possivelmente a cerâmica seja a mesma do BA-RC-52.

Não se recuperaram restos vegetais ou animais.

4.3.2. OS SÍTIOS DENTRO DO CANYON

O *canyon* apresenta paredões de calcário, que iniciam com uma altura de uns 10 m, aumentando progressivamente, à medida que o piso apresenta rebaixamento. Nossa inspecção se restringe aos primeiros 4 km mas, segundo nosso informante local, bom conhecedor da área, ele é muito maior e recebe diversos tributários.

Na entrada o *canyon* apresenta direção geral N70E, infletindo a partir do abrigo BA-RC-28 para N50E e depois de uns 100 m para E/SE. (Figura 47)

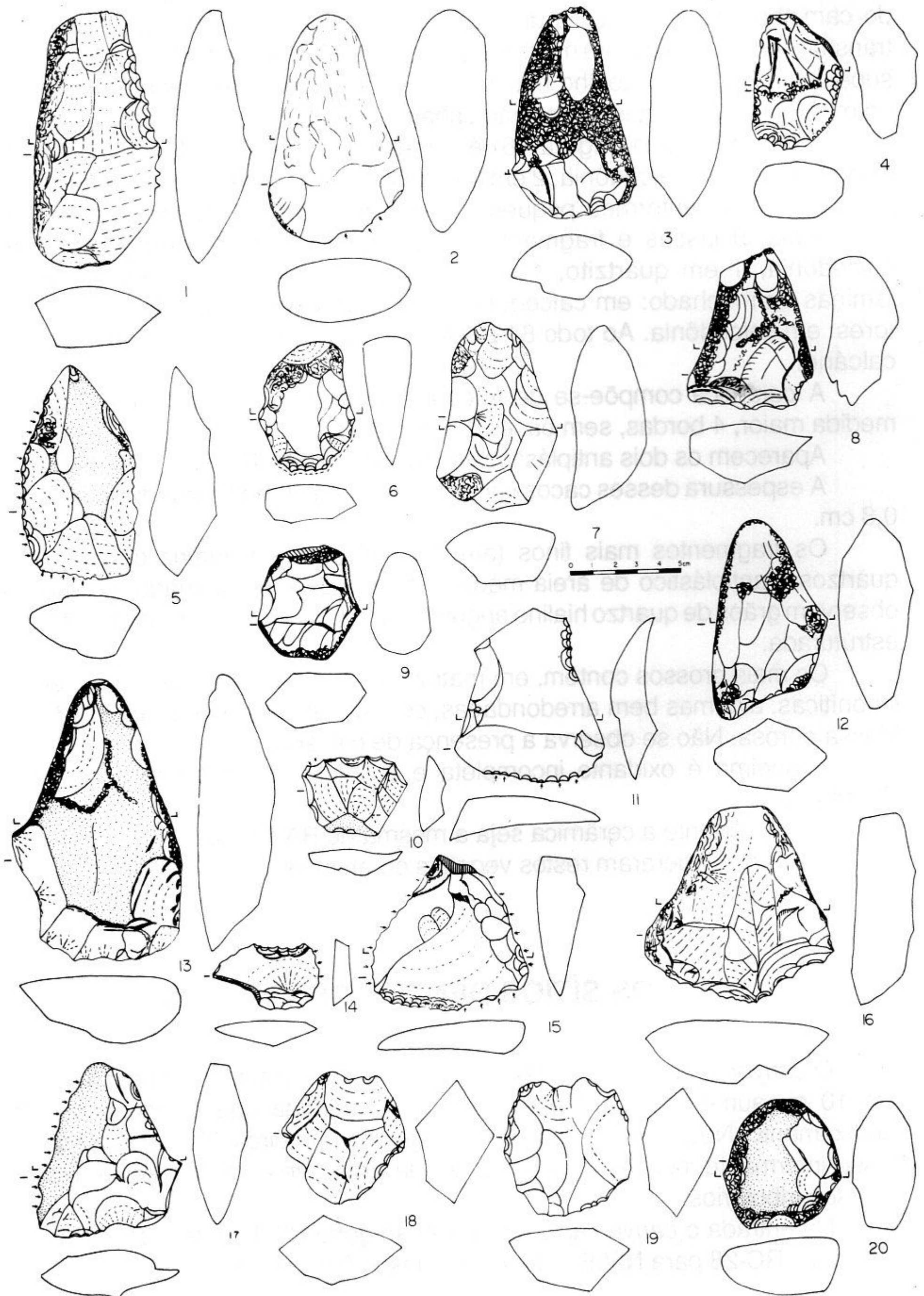


FIGURA 46. O material lítico mais característico do sítio BA-RC-53.

Foram inspeccionadas várias grutas e abrigos. A primeira está quase na boca e recebeu a sigla de BA-RC-28. É um abrigo-sob-rocha, formado pela queda de blocos, consequência da dissolução do fraturamento do calcário preto da Formação Lagoa do Jacaré, que ocorre na região; ele se encontra finamente laminado.

Topograficamente situa-se na cota de 800 m, associado a um modelado cárstico do tipo corredor, com paredões tipo *canyon*, com direção geral N/NE e caimento para W/NW.

No local do abrigo o canyon possui uma largura de aproximadamente 50 m, com as paredes elevando-se a partir do solo até uma altura em torno de 40 m.

Dentro do canyon a vegetação caracteriza-se por uma Floresta estacional semidecidual Montana, passando, a partir do topo do paredão, a Floresta estacional decidual Montana, que é caracterizada normalmente como caatinga arbórea.

Com exceção de um afloramento do córrego subterrâneo e de um pequeno tributário intermitente, que escoas as águas da chuva no interior do canyon, deveria haver dificuldade de acesso à água fora do tempo da chuva. O ambiente local parece ter sido adequado para o aumento das populações de moluscos porque suas carapaças encontram-se acumuladas por toda parte. Os quadrúpedes e aves também teriam ambiente para se desenvolver; no tempo de nossa pesquisa havia armadilhas tanto para onças como para carnívoros menores e na borda do córrego subterrâneo havia pisadas de veados.

Logo à frente deste primeiro abrigo há um desnível pronunciado em direção ao vale, vencido o qual, a uma distância de uns 30 m do abrigo, chega-se a um terreno aplanado, encaixado em paredões que podem levantar-se entre 70 e 100 m. Na base do paredão, do lado direito, existe uma pequena gruta, de teto raso, que dá acesso ao córrego subterrâneo que, em épocas de chuva, transborda e se espraia por cima do estreito vale. Mas esta grutinha é úmida e não apresenta superficialmente e nas paredes sinais de ocupação humana.

Seguindo pelo canyon chega-se, no lado esquerdo, a uma ampla gruta calcária, formada por desmoronamento de grandes blocos, sobrepostos irregular e discordantemente, sem sedimentos; ao lado deles abre-se um sumidouro, no fundo do qual escuta-se novamente o barulho do mesmo córrego subterrâneo. A gruta está no lado da sombra e, por esta razão, não se prestaria absolutamente para ocupação humana; não tem nenhum vestígio da mesma.

Mais à frente, outra vez no lado direito, sobre alto talude, imensa gruta abobadada, surgida por dissolução e desmoronamento. Do ponto de vista turístico é a mais bonita porque tem enormes estalactites e estalagmites e degraus formados por águas paradas, representando um trono, ou púlpito. No lado direito, a partir da entrada, o terreno é alto e permite passagem para os fundos, ao passo que no lado esquerdo se escancara um sumidouro, cheio de blocos desmoronados, no fundo do qual se escuta o córrego subterrâneo. No final da gruta uma longa galeria continua para dentro da parede, numa distância

não medida. Não há, na superfície, nenhuma pintura ou resto arqueológico. Nem haveria possibilidade de índio morar, devido ao declive da superfície e à água no tempo da chuva.

Segue, no lado esquerdo, a entrada de um pequeno córrego superficial, com relativa água no tempo da chuva e nenhuma quando a estiagem é muito forte. Ele percorre boa parte do vale e depois se junta com o córrego subterrâneo.

BA-RC-49

No lado direito, a alguma distância, há outra gruta não muito grande, de uns 10 x 10 m, formada por dissolução, sobre um alto talude, em cuja frente se encontra o leito seco do córrego do vale.

O piso é irregular e em sua maior parte litológico. No centro da boca há estalagmites em diversos degraus, que possibilitam subida, com o que se alcança o teto pintado.

A parte da frente é iluminada pelo sol, ao passo que o meio e o fundo são escuros e povoados por legiões de morcegos, que deixam o piso com densa camada de excrementos mal-cheirosos.

Na parte iluminada, o teto e as paredes laterais acessíveis a partir do chão, de blocos ou estalagmites, estão pintados com figuras predominantemente geométricas e bicolores, mas também com antropomorfos monócromos em vermelho. Como não se encontram expostas ao sol, por sua posição, acham-se bastante conservadas, mais que as dos outros abrigos da região.

Na parede do lado esquerdo havia uns poucos petroglifos simples, meros rabiscos.

Pouco material havia na superfície, junto à boca: alguns cacos cerâmicos e umas lascas.

O espaço era pouco adequado para ocupação humana e deveria ser usado esporadicamente.

As pinturas foram documentadas.

No lado direito há mais espaços abrigados, bastante escuros, que poderiam ser complementares com o abrigo; neles estava uma grande armadilha para onça, feita com grossos troncos de árvores.

Seguindo ainda mais chega-se, no lado esquerdo, a uma imensa furna, profunda, larga, alta, de teto abobadado, chamada "dos ventos" porque nela existe forte movimentação de ar. Embora não se veja, na outra extremidade deve haver uma abertura que origina este movimento. A parte da frente do teto está caída. O piso é plano e constituído de sedimentos. Durante o tempo da chuva deve correr muita água pela superfície. Não existem estalactites e estalagmites, mas blocos caídos dispersos. Nenhuma pintura, nem sinal de ocupação indígena.

BA-RC-54

Seguindo mais ainda, no lado direito, aparece pequena gruta rebaixada, debaixo de um bloco isolado, em área relativamente rasa, já longe dos paredões. O terreno fronteiro é uns dois metros mais alto que o piso rebaixado e a este se chega por um declive bastante forte. No meio do abrigo, de uns 5 x 2 m, há uma coluna de estalactites-estalagmites. Tanto o piso, como o talude de entrada estavam cobertos por caramujos quebrados ou furados pelo homem. Também havia no chão um pequeno pote quase inteiro e vários outros cacos, junto a duas pedras que poderiam ter servido de assento. Todos esses materiais da superfície indicam uma ocupação não muito antiga, nem intensa. Nas paredes há figuras, pintadas predominantemente em uma só cor, a vermelha.

Na rápida passagem de inspecção só foi recolhida a cerâmica, que se compõe de partes de três vasilhames finos, com antiplástico de caco moído, dois com bordos fletidos, um direto, com abertura de boca 14, 16 e 22 cm, que foram incorporados no conjunto A de formas de cerâmica do Morro Furado.

BA-RC-28

(Ver Figuras 48-76)

O abrigo (Figura 48-50) está orientado segundo a direção N80W, aberto para o Norte, sendo desta forma bastante ensolarado, praticamente no decorrer de todo o dia e particularmente pela manhã. O comprimento máximo é de 64 m.

O lado direito, mais alto e decaindo para o centro e o fundo, está coberto por grandes blocos rochosos, expostos por causa da permanente erosão da água, que escorre em direção ao fundo, onde, atrás de uma coluna formada por estalactites-estalagmites unidas, desaparece num pequeno sumidouro. Este lado é bonito e formaria uma parte externa do assentamento.

A parte central e esquerda do abrigo é aplanada e se prestaria para as funções básicas do assentamento. Mede cerca de 32 m de comprimento com uma largura máxima da ordem de 10 m na porção média do abrigo. A parede inteira do fundo do abrigo, tanto na parte coberta por blocos, como na parte aplanada, até uma altura bastante grande, só atingível hoje com a utilização de uma escada, estava coberta por pinturas monocromáticas em vermelho, amarelo, preto ou branco e policromáticas. Elas são predominantemente geométricas, mas também há zoo e antropomorfas. Na superfície do solo havia conchas de caramujos e um regular número de fragmentos de cerâmica.

Descendo o talude, de poucos metros, está-se num terreno plano, coberto por grandes árvores e, descendo um forte desnível, de uns 10 m, chega-se à entrada do córrego subterrâneo, onde se dispõe de água o ano todo.

O ambiente geral seria convidativo para uma ocupação repetida e mais duradoura, o que é raro na área.

Três expedições foram realizadas para prospecção desses sítios: a primeira (julho de 1981) fez um reconhecimento geral, coleta de superfície e um corte (I) mais ou menos no centro da parte mais plana do sítio BA-RC-28; a segunda (julho de 1983) fez outro corte (II) perto da linha de goteira na mesma área mais plana do mesmo sítio e documentou a arte rupestre; a terceira (julho de 1984) fez dois cortes, o IIb complementando o corte II e o corte III ao pé da parte inclinada, junto à linha de goteira.

A documentação de campo e desenhos do abrigo e dos cortes II e III, bem como a interpretação em termos de páleo-ambiente são da geóloga Maira Barberi Ribeiro.

O corte I, de 150 x 100 cm, foi escavado em níveis artificiais de 10 cm, até 190 cm e o material peneirado em malha de 0,4 cm. A caracterização dos níveis é a seguinte:

0-10 cm: sedimento friável, cinza claro, com carvão, 48 fragmentos de cerâmica, lascas, muitos moluscos e pequenos ossos, fogueira em toda a extensão da superfície.

10-20 cm: sedimento friável, cinza claro, com carvão, lascas, muitos moluscos, fogueira em toda a extensão da superfície. Sem cerâmica.

20-30 cm: sedimento friável, cinza, com carvão, lascas, muitos moluscos e pequenos ossos, fogueira em toda a extensão da superfície. Sem cerâmica.

30-40 cm: sedimento friável, cinza, com carvão, 4 fragmentos de cerâmica, lascas, moluscos, fogueira em toda a extensão da superfície.

40-50 cm: sedimento friável, cinza, moluscos, fogão em toda a extensão da superfície. Não há mais cerâmica.

50-60 cm: sedimento friável, cinza pouco mais escuro, moluscos, fogueira em toda a extensão da superfície.

60-70 cm: sedimento friável, cinza como o nível anterior, pouco carvão, moluscos e muitos pequenos blocos de calcário.

70-140 cm: sedimento friável, marrom claro, lajes maiores e menores de calcário removíveis, carvão, moluscos, pequenas lascas de calcário.

150-190 cm: sedimento friável, marrom claro, lajes maiores e menores de calcário removíveis, poucos grânulos de carvão, moluscos em menor quantidade, lascas grandes e pequenas, núcleos prismáticos e lâminas de ângulo.

O sedimento continua e o fundo não foi atingido.

No nível de 30-40 cm foi conseguida uma data de C14 de 955 +- 85 A.P. (SI-6291). No nível de 80-90 cm conseguimos uma data de C14 de 8.860 +- 115 A.P. (SI-5565).

Neste corte não se registrou tão fortemente a erosão como nos cortes posteriores e nas camadas os blocos estão misturados com os sedimentos.

O corte II foi realizado inicialmente com a dimensão de 2 x 2 m, estando a linha CD localizada quase sobre a linha de goteira. Encontra-se no ponto por onde a água caída dentro do abrigo se escoava para o talude. Os sedimentos

foram, também, removidos em níveis artificiais de 10 cm e peneirados em malha de 0,2 a 0,4 cm.

Na faixa DE em direção a A ocorreu grande quantidade de blocos de calcário desmoronados, que formam uma barreira com 1 a 2 m de altura, que fecham o espaço habitável e formam o talude; no talude eles vêm soltos e sem sedimentos. Esta barreira deve ser responsável pela inclinação para dentro das camadas mais profundas do corte. As camadas claras da base do corte parecem encaixadas entre a barreira de blocos do talude e os blocos caídos que aparecem no perfil YW e XT.

Estes blocos nos impediram de continuar o corte por mais um metro em toda a sua largura, como pretendíamos, tendo a largura de ser reduzida a 1 m. Com isto o corte ficou com 5 m².

Depois acrescentou-se o corte IIB, com o objetivo de compreender melhor a estratigrafia do corte anterior, especialmente no que se refere às camadas claras da base, das quais saíram datas grandes e buscar elementos comparativos com o corte III, realizado anteriormente, na mesma temporada.

As camadas naturais foram mais bem entendidas com este acréscimo; vêm descritas para o corte inteiro e aqui comparadas com as do corte III.

Para entender as comparações feitas pode ser útil ler primeiro a descrição das camadas do corte III.

As camadas podem ser assim caracterizadas (Figura 65-67):

Camada 1: Sedimentos de granulação argila com alguns fragmentos mais angulosos de 2 a 3 mm, constituídos de calcário. Frouxos. Cor castanho acinzentado com zonas alaranjadas.

No nível superior da camada ocorre grande quantidade de carvão e cinza, juntamente com sabugos de milho, coprólitos, caramujos, corda, um bolsa de corda, lascas e cerâmica.

No meio do corte aparece uma fossa com muito material, compreendendo cordas, embiras, restos de alimentos e excrementos.

Do ponto F em direção ao E, e a partir de E em direção a D, entrando no corte, ocorre uma quantidade de blocos angulosos, desmoronados, de grande dimensão, o que propiciou a formação de um nicho a partir do ponto F em direção a G, propício à colocação de fogueiras.

Alcança a profundidade de 40 a 50 cm.

Camada 2: Acúmulo de pequenos blocos e fragmentos e raros blocos maiores, com poucos sedimentos, de cor castanho alaranjado, correspondente a um período erosivo.

Apresenta-se menos definida que no corte III e é mais difícil separá-la das camadas 1 e 3.

Camada 3: Sedimentos de granulação silte, mal selecionados, com fragmentos angulosos a sub-angulosos, com dimensão variando de 1 a 3 mm. Castanho alaranjado.

Ocorre também grande quantidade de blocos angulosos com dimensões em torno de 10 a 15 cm, com bastante variação para mais e menos.

Imediatamente abaixo dos blocos ocorre cinza associada a sedimento, bastante compacta, formando quase uma concreção, um conglomerado.

Bastante semelhante à camada 3 do corte III.

As camadas 2 e 3 ocupam os níveis 6 a 10.

Camada 4: A partir do nível 12 aparece um nível de pedras com sedimentos parecidos a cinza que, em linhas gerais, deve corresponder à camada 4 do corte III. Apresenta certas variações que identificamos como 4A, 4B, 4C. 4A, de caráter lenticular, corresponde a um pacote de cor cinza claro, onde predomina sedimento fino. 4b apresenta cor cinza mais escuro, meio alaranjado, onde ocorre sedimento fino associado a sedimento mais grosseiro, mal selecionado, de granulação areia fina com alguma quantidade de material de granulação silte. 4A e 4B apresentam-se compactos, agregados, formando quase concreções.

4c possui cor cinza claro e constitui-se de sedimento fino. Ocorre ao longo da camada grande quantidade de caramujos, inclusive de espécies que parecem mais antigas.

A camada 4 aprofunda-se até 170 cm.

Os níveis de sedimentos finos da camada 4 repousam sobre uma camada de grandes lascas de calcário, em sobreposição descontínua, sem sedimentos nos interstícios, que estão preenchidos por carapaças de moluscos.

O corte foi aprofundado até 190 cm, quando se alcançou a camada de blocos sem sedimentos.

No nível de 10 a 20 cm conseguimos uma data de C14 de 1.985 $\pm$ 85 A.P. (SI-6290).

Moluscos datados do nível de 130-140 cm e retirados da camada 4A forneceram uma data de C14 de 26.600 $\pm$ 620 A.P. (SI-6292). Moluscos do nível de 140-150 cm, retirados da camada 4C, forneceram uma data de 26.970 $\pm$ 570 A.P. (AI-6293). Moluscos retirados entre os blocos sobrepostos, na base da escavação, forneceram uma data de C14 maior que 43.000 A.P. (SI-6294).

No corte II, em virtude de sua localização, no escoadouro de eventual água superficial do abrigo, as camadas apresentam um comportamento um pouco diferente do corte III: a camada 4 não apresenta blocos caídos intercalados e impregnados de sedimentos finos semelhantes a cinza, mas uma sequência de fogueiras e camadas de cinzas, que inicia na profundidade de 100 cm e segue até 170 cm. Mas, no todo, observamos um marcante paralelismo. Embora diferentes em valores absolutos, as cinco datas da camada 4 são pleistocênicas; as diferenças entre elas podem ser atribuídas tanto ao material usado (concha e carvão), como à sua posição nas camadas estratigráficas.

O corte III (Figuras 51-64), de 3 x 3 m, situa-se na porção média do abrigo a aproximadamente 1,5 m da parede do fundo, em um local que representaria provavelmente o cotidiano dos grupos que ocupavam a área, com suas fogueiras e fossas; os sepultamentos e pigmentos ligados às pinturas deveriam estar mais perto do paredão. O corte foi realizado em níveis artificiais de 10 cm e o sedimento peneirado em malha de 0,2 e 0,3 cm.

0-10 cm (Figura 55): sedimento de cor cinza claro, de consistência friável, com muitas fogueiras caracterizadas por blocos de pedra dispostos de forma apropriada com fragmentos de carvão entre os blocos. Ocorrem fossas com folhas secas, moluscos, sabugos de milho, cordas, tecidos com fibras vegetais e algodão. Ocorrem ainda fragmentos de cerâmica, lascas, ossos, caroços de frutas, uma ponta de madeira com farpas e fragmentos de uma bolsa.

10-20 cm (Figura 56): sedimento de cor cinza a cinza amarelado, de consistência friável. Continuam as fossas com folhas secas, fibras, sementes de frutas, cordas, sabugos de milho e moluscos. Ocorrem lascas de arenito silicificado e calcedônia, algumas de grandes dimensões dispersas pelo nível.

20-30 cm (Figuras 57 e 58): sedimento de cor cinza a cinza amarelado, de consistência friável. Continuam as fossas com lascas, pouca cerâmica, sabugos de milho, sementes de umbuzeiro e outros elementos, como nos níveis anteriores. Na camada cinza claro que realmente corresponde ao nível 03, só ocorrem lascas e moluscos.

30-40 cm (Figura 59): sedimento de cor cinza branco com áreas de concentração de cinzas de fogueiras, consistência mais compacta. Continuam as fossas dos níveis anteriores. Ocorrem lascas de calcedônia.

40-50 cm (Figura 60): Grande quantidade de blocos caídos, constituídos de calcário angular, alguns de grandes dimensões, alcançando 50 cm. Alguns blocos poderiam ter sido acomodados de modo a constituir fogões com grande quantidade de carvão. Duas pequenas fogueiras apresentam caramujos, alguns dos quais furados. Apareceram 2 falanges de pé humano. O sedimento associado à camada é castanho acinzentado, passando na base a castanho avermelhado. Abaixo dos grandes blocos ocorrem muitos blocos menores, em geral angulosos e formas concrecionadas formadas de fragmentos de calcário já alterados, que apresentam cor alaranjado, faces arredondadas, semelhantes a "seixos lavados". Foi coletado carvão próximo ao vértice B, que proporcionou uma data de C14 de 6.805 $\pm$ 90 A.P. (SI-6746).

50-60 cm (Figura 61): Sedimento de cor castanho acinzentado, apresentando grande quantidade de fragmentos de rocha de pequena dimensão e formas concrecionadas. A linha de blocos que tem orientação NE, pode ter se formado por desmoronamento na época do Ótimo Climático ou constituir um muro construído pelos grupos que habitavam o abrigo, ou ainda ser resultado de correnteza ou enxurrada que correria em sentido NE. Ocorrem fragmentos de caramujos, lascas de calcedônia e de calcário.

60-70 cm (Figura 62): Apresenta-se quase que totalmente formado por blocos de calcário e fragmentos de rocha. Os blocos possuem dimensões que variam de poucos centímetros até meio metro. Ocorrem também formas concrecionadas que correspondem a fragmentos de calcário alterados, com as bordas arredondadas, parcialmente laterizados, com aparência de fragmentos rolados. Ocorre pequena quantidade de sedimento de cor castanho acinzentado, passando a castanho avermelhado. O material arqueológico é constituído por lascas de calcário e calcedônia, moluscos e poucos ossos de animais; alguns moluscos

e ossos já apresentam início de fossilização. Próximo ao vértice C da quadrícula há manchas de cor acinzentado que correspondem a fogueiras. A data de C14 deste nível é 7.707 ± 115 A.P. (SI-6467), de carvão recolhido próximo ao vértice B.

70-80 cm (Figura 63): Sedimento de cor castanho claro alaranjado, ainda com fragmentos de rocha, porém com quantidade bem menor que no nível anterior. Ocorrem formas concrecionadas e pequena quantidade de blocos de grande dimensão. Aparecem moluscos, alguns fossilizados, pequenos fragmentos de ossos, também fossilizados, lascas de calcário com e sem bulbo, duas falanges de pé humano. No vértice C, entre blocos que constituem uma fogueira, foram recolhidas fezes e um fragmento de esteira.

80-100 cm (Figura 64): Sedimento de cor castanho rosado, friável, com pequenas lascas de calcário, moluscos e pequenos ossos fossilizados. Num dos lados apareceram ossos humanos, representados por uma rótula e algumas falanges de pé humano, cuja origem deve ser sepultura feita a partir de camadas superficiais. O carvão coletado próximo ao vértice C, na profundidade de 80-90 cm proporcionou uma data de 9.110 ± 100 (SI-6748).

100-120 cm: Sedimento de cor castanho claro rosado, friável. Em todo o nível ocorrem blocos de rocha de dimensões variadas, aparecendo entre os blocos manchas de cinza com pequena quantidade de carvão. O possível material arqueológico está representado por lascas de calcário, caramujos e fragmentos de ossos fossilizados. Carvão coletado junto à parede AB e junto ao vértice C, abaixo de um bloco de grande dimensão, proporcionou uma data de 21.090 ± 420 (SI-6750).

120-140 cm: Sedimento de cor castanho claro rosado, friável e de granulação fina. Por todo o nível ocorre grande quantidade de blocos angulosos de diversas dimensões, bem como fragmentos de rocha. Do meio da face CD em direção ao vértice C o corte encontra-se tomado por blocos, avançando cerca de 0,5 m para dentro do corte. Há muita cinza dispersa no nível e a coleta de carvão foi efetuada por todo o nível. Como possível material arqueológico ocorrem lascas de calcário, caramujos e pequenos fragmentos de ossos. A data conseguida com a coleta de carvão, correspondente a diversas posições naturais, é de 18.570 ± 130 (SI-6751).

140-160 cm: Sedimento de cor castanho claro alaranjado, fino, com blocos ao longo do nível e áreas com concentração de cinzas (ou sedimentos finos parecidos), que aparentemente constituíam fogueiras. Estas fogueiras localizam-se abaixo de um nível de pedras e entre blocos. Como possível material arqueológico recolhemos lascas de calcário e caramujos. A data conseguida com o carvão recolhido no meio desses sedimentos proporcionou uma data de 16.200 ± 290 (SI-6752).

160-180 cm: Sedimento de cor castanho avermelhado, com grande quantidade de concreções de diversos tamanhos, geralmente silicificadas. Na base do nível 18 ocorre uma crosta compacta, que não foi possível remover com os recursos técnicos de que dispúnhamos no momento. Nesses níveis não ocorre

cinza ou sedimentos parecidos, nem material arqueológico, somente caramujos fossilizados.

Concluído o corte até uma profundidade de 180 cm, foi realizada a descrição detalhada das paredes, com perfis e coleta de amostras para futuras análises.

Na descrição dos perfis do corte III e do corte IIB procedeu-se a uma tentativa preliminar de interpretação através da análise dos sedimentos em campo, visando o estabelecimento das oscilações climáticas que teriam ocorrido na região nos últimos 26.000 anos.

A interpretação é da geóloga Maira Barberi Ribeiro. Este trabalho está sendo retomado pela geóloga Ana Luisa Vietti Bitencourt, na sua tese de doutorado.

Apresentamos primeiro o corte III, onde a observação foi mais minuciosa. O corte foi realizado depois de termos conseguido as altas datas do corte II e visava a confirmar a estratigrafia.

No perfil observa-se a existência de cinco camadas. (Ver Figuras 51-54)

Camada 1: Cor castanho acinzentado, com manchas intercaladas de material de cor cinza mais escuro, que apresenta uma granulação silto argilosa mais bem selecionada. Ocorrem áreas de cor castanho claro esbranquiçado, de granulação silto argilosa, nas quais deve ocorrer maior concentração de cinza vegetal. Ocorrem ainda faixas onde o sedimento apresenta cor castanho levemente alaranjado, granulação aparentemente mais grosseira, silto argilosa a areia fina, com sedimento mal selecionado. Ao longo da camada ocorrem raramente pequenos blocos angulosos de calcário, com dimensão nunca superior a 10 cm.

A camada apresenta uma inclinação em direção à parede do abrigo, apresentando maior espessura junto aos vértices A e B.

Corresponde a um período de ocupação intensa, registrando-se, ao longo de toda a espessura, fogueiras com carvão, fossas com detritos variados, caramujos inteiros associados a caramujos quebrados, lascas de calcedônia e calcário e folhas secas.

Nas fossas ocorrem pequenos ossos de animais, espigas e grãos de milho, sementes de umbu e de pequi, lascas, caramujos, folhas, fragmentos de cabaças, cordas de algodão e de outras fibras, fragmentos de bolsas, fezes e fragmentos de cerâmica.

Os primeiros 20 cm devem corresponder a grupos horticultores.

Talvez o clima seja semelhante ao de agora.

Camada 2: Com a espessura de uns 20 cm, corresponde a um conglomerado constituído de fragmentos angulosos de calcário com dimensões que variam de poucos centímetros a blocos de 30 cm de diâmetro maior. Os blocos e fragmentos encontram-se geralmente deitados e acomodados como se tivessem caído uns sobre os outros. Ocorrem ainda associados pequenos fragmentos de concreções constituídas por calcário alterado parcialmente laterizados ou silicificados. Próximo ao vértice D existem associados aos blocos pequenos

seixos e folhas, como se o sedimento tivesse sido lavado, sendo muito pequena a presença de uma matriz silto-argilosa que seria o esperado numa sedimentação normal, tratando-se de calcário.

Deve ter sido formada num período úmido, em que a água infiltrando no calcário fraturado provocaria uma intensa queda de blocos. Próximo aos vértices A e B, provavelmente ao longo da linha AB, poderia haver uma área onde ocasionalmente correria água com maior intensidade, já que não se observam folhas associadas ao sedimento e se encontrar em um nível inferior à linha CD.

A espessura atual deve corresponder a muitos milhares de anos, pois a camada foi intensamente erodida no seu topo, aglomerando mais os blocos. Estes devem ter começado a cair em período anterior, pois já se observam alguns intercalados na camada de baixo e há uma mistura de sedimentos, sendo que em alguns locais a camada 1 parece estar em contato com a 3, por causa da erosão no topo da camada 2, onde os seixos estão bem compactados, associados a folhas e sem a presença praticamente de uma matriz.

Próximo aos vértices D e C, formando uma linha CD, o sedimento parece ter sido lavado por chuva, que penetraria no abrigo até mais ou menos este ponto, e lavaria o sedimento, escorrendo em direção à parede do abrigo, já que ocorre uma inclinação em direção a esta.

A ocupação humana parece reduzida em comparação à camada 1. Ocorrem algumas fogueiras, predominantemente em seu topo, aproveitando os blocos caídos.

As datas sugerem que a camada corresponda a um período anterior ao Ótimo Climático e parte desta, que erodiu a sua parte superficial.

Camada 3: Com espessura média de 40 a 50 cm, tem cor castanho alaranjado e é constituída basicamente por material silto argiloso, passando a areia fina mal selecionada, com alguns blocos angulosos dispersos ao longo da camada, principalmente na parede AB.

Apresenta também uma inclinação para o interior do abrigo.

A cor alaranjada do sedimento indica provavelmente um período mais oxidante, mais seco, onde prevaleceria um processo de laterização, que estaria formando um latossolo sem concreções.

A ocupação humana parece ser mais rala. Não há marcas de fogueiras, o carvão é esparsos. Ocorre pouco material arqueológico e não se observam mais fossas com material recente. Os restos de esqueleto humano certamente provém de uma sepultura de origem incerta.

Esta camada deve corresponder ao começo do Holoceno. A temperatura deveria ser quente e seca, intercalada de períodos quentes menos secos.

Camada 4: Com espessura média em torno de 40 a 50 cm, é constituída de blocos angulosos de calcário, com dimensões que variam de poucos centímetros a 40 cm. Os blocos estão acomodados de qualquer forma, deitados, em pé, escorados e apresentam-se bastante frágeis, fraturando-se com facilidade.

Intercaladas entre os blocos ocorrem raízes e cinza (ou sedimentos parecidos), com pequena quantidade de carvão. Não há grande quantidade de

sedimentos acomodando os blocos. As *cinzas* impregnam toda a camada e se encontram completamente conservadas, o que deve indicar que não haveria chuvas que as lavassem ou dissolvessem.

Ocorre pouco material possivelmente arqueológico, representado por caramujos, lascas de calcário e poucos pequenos fragmentos de ossos. Nos interstícios dos blocos há grande quantidade de caramujos inteiros.

A pequena amostra de carvão, proveniente dos níveis 11/12, corresponde ao topo da camada 4 e foi coletada numa fogueira próxima ao vértice D. É a mais segura das três que foram conseguidas para o nível porque provém de carvão mais concentrado.

Na mesma camada, nos níveis artificiais 13/14 foi coletado, usando peneira com malha menor que 1 mm, carvão esparsos, que deve vir de várias posições estratigráficas diferentes, devido à inclinação das camadas em direção à parede e à horizontalidade dos níveis. A previsão era que esta data seria pleistocênica, com mais de 15.000 anos, o que realmente se deu. O fato de que ela é menor que a do nível anterior é que ela provém de material disperso de várias posições estratigráficas, ao passo que a outra provém de uma posição definida e não houve necessidade de juntar elementos de um espaço maior.

Na mesma camada ainda foi coletado carvão, com a mesma técnica da amostra anterior, no que corresponde aos níveis 15/16. A previsão, devido à inclinação das camadas, era a mesma, e o resultado deu de acordo com o esperado.

As três datas indicam claramente uma situação pleistocênica da camada e do carvão e das *cinzas* nela encontradas. Elas são todas maiores de 15.000 anos e confirmam, dessa maneira, a posição pleistocênica das datas do corte II, conseguidas sobre moluscos e por isso sujeitas a dúvidas.

Camada 5: De cor castanho alaranjado, mais intenso que o da camada 3; é constituída por um sedimento silto-argiloso com grande quantidade de concreções silicificadas, com dimensões predominantes de um a dois centímetros, mas também com concreções maiores. Ocorrem blocos angulosos e o sedimento apresenta-se mais friável próximo à parede CD e mais compactado próximo à parede AB, na linha da estalactite, que ocorre aproximadamente 5 m a oeste do vértice A.

Não ocorre material arqueológico e os fragmentos de caramujo encontram-se todos silicificados, fossilizados.

O **material lítico** (Tabela III; Figuras 68 e 69) se comporta de maneira parecida no corte I, II e III. No corte I, com 1,5 m², foram recuperadas 390 peças, correspondendo a 260 por m²; no corte II (com o IIB), com 7 m², foram recuperadas 799 peças, correspondendo a 114 peças por m²; no corte III, com 9 m², foram recuperadas 1.588 peças, correspondendo 176 por m². Esta diferença não parece casual, mas provavelmente dependente da localização dos cortes no abrigo.

Como matéria-prima, em todos os cortes predomina a calcedônia, vindo em segundo lugar o calcário, em terceiro o quartzito e finalmente outros. A

percentagem varia um pouco de um corte para o outro: no corte I, 48,20%, 46,66%, 4,87% respectivamente; no corte II, 59,07%, 33,41%, 6,00% e 1,50%; no corte III, 60,83%, 34,45%, 4,21% e 0,50%.

Calcário é a rocha presente, ao passo que as demais matérias-primas teriam de ser trazidas de fora; donde, exatamente, não sabemos ainda.

Nas camadas mais profundas raramente aparece outra matéria-prima que não o calcário. Depois cresce rapidamente a calcedônia; com menor intensidade aparece o quartzito e outras matérias-primas.

No corte I a calcedônia aparece e começa a crescer a partir do nível 9, datado de 8.860 A.P.; o quartzito vai aparecer a partir do nível 4. O calcário decresce fortemente a partir do nível 8.

No corte II a calcedônia, o quartzito e outros começam a crescer a partir do nível 7, mas aí também cresce o calcário.

No corte III a calcedônia e o quartzito crescem a partir do nível 8, colocado entre as datas de 9.110 (nível 9) e 7.701 (nível 7); a média seria 8.405, semelhante à do corte I. Outras matérias-primas crescem mais tarde. O calcário primeiro cresce, depois decresce. Lascas pequenas acompanham todas as camadas. Os fragmentos pequenos e as estilhas costumam acompanhar a tendência da calcedônia e do quartzito. Os núcleos não apresentam tendência tão definida. Os artefatos são tão poucos que é difícil definir sua tendência.

A proporção dos núcleos no total das peças é a seguinte: corte I, 1:22; corte II, 1:22; corte III, 1:42.

A proporção dos artefatos no total das peças também tem variações: no corte I, 1,8%; no corte II, 3,62%; no corte III, 3,65%.

De acordo com a quantidade e qualidade da matéria-prima, teríamos dois períodos pré-cerâmicos: o primeiro aparentemente muito antigo, até o nono milênio A.P., com o uso quase exclusivo de calcário local e pouca densidade de ocupação. O segundo, a partir do nono milênio A.P., com uma ocupação crescente, mas também não muito intensa. Este é o período em que aparece mais material.

A seguir damos uma demonstração de como as diversas matérias-primas são usadas.

A calcedônia usada é de várias cores e matizes: vermelha, laranja, castanha, escura (sangue coagulado), esverdeado, cinza.

As lascas têm o plano de percussão liso, preparado, geralmente não cortical. O bulbo não é muito grande. O comprimento da lasca acompanha o eixo de força ou não. Bulbo médio. Ângulo do plano com a face interna: desde 50 a 120°, predominando os maiores. Face interna convexa, côncava, convexo-côncava. Face externa facetada, muito raros casos com restos de córtex. Muito raras são lascas de redução secundária. Gumes bons para uso imediato são muito raros.

Algumas lascas são tipicamente bipolares, com plano de percussão filiforme ou esmagado, mas a maior parte são unipolares.

Do retalhamento da calcedônia e do quartzito resultam ainda muitíssimos fragmentos pequenos e estilhas.

Os núcleos de calcedônia e quartzito, usados para retalhamento unipolar e bipolar, são explorados até se reduzirem a peças poliédricas de 2 a 4 cm, completamente facetadas, às vezes tabulares bem finas.

A calcedônia parece ter sido submetida ao calor, o que dá um aspecto de cera e muitas *tampas de caçarola*. A mais sensível ao calor é uma calcedônia fina, avermelhada ou cor de sangue escuro, na qual as *tampas de caçarola* e os desprendimentos de fogo são mais freqüentes.

Os seixos, dos quais provêm, parecem ter sido pequenos.

Os artefatos produzidos a partir de calcedônia e quartzito são peças de tamanho predominantemente pequeno porque os nódulos deveriam ser pequenos. Calcário e mesmo quartzito produziram artefatos maiores.

Os artefatos em calcedônia e quartzito mais comuns são lascas e fragmentos pequenos com bordo retocado para reforçar, ou endireitar, reduzir arestas ou remover ondas transversais. Apresentam bordos convexos ou côncavos, mais raramente retos. Estes bordos muitas vezes são denticulados porque o retoque é grosseiro e freqüentemente se criam bicos ou pontas-entrelhalhes, ou pontas como furadores.

Também se produzem artefatos sobre lascas e fragmentos médios e grandes de calcedônia e quartzito. Podem ser talhadores com talão para encabar (peças grossas, parcialmente corticais).

O retalhamento e o trabalho em *calcário* é muito diferente.

As pequenas lascas de calcário costumam ser corticais, raramente secundárias. O plano de percussão costuma ser cortical também, às vezes facetado; indica que se produzem a partir de um nódulo, bloco ou plaqueta sem preparação anterior. Os bulbos estão marcados, ou a partir do ponto de impacto se formam estrias divergentes. O ponto de impacto deixa uma mancha branca no calcário escuro, na superfície da plataforma e da face interna. Às vezes, com o desprendimento principal, se produz um desprendimento menor na face externa, podendo, excepcionalmente, produzir uma plataforma em asa-de-pássaro. Não aparecem cornijas.

Raramente uma lasca de calcário teria gume natural em condições de ser usado sem modificação.

Praticamente não há núcleos pequenos, mas alguns médios.

Em calcário se produziram outros artefatos, como serão anotados mais abaixo.

O trabalho com todo o material lítico é muito simples, produzindo artefatos expeditos, com matéria-prima geralmente ruim.

Além das lascas e dos artefatos produzidos a partir das mesmas, temos ainda os seguintes:

Percutores: Seixos grandes, corticais, geralmente alongados, com as extremidades batidas, às vezes toda a periferia; um deles com uma face alisada; outro com entalhes laterais para encabamento, deixando as extremidades livres.

Peças com faces polidas: duas mãos sobre seixo; uma cunha natural com uma face (a inferior) polida; um pequeno seixo com superfícies aplanadas em ambas as extremidades; um pequeno seixo com pequenas depressões alongadas, produzidas por esmagamento ou quebra de elementos duros (caroços ou pedras).

Um talhador sobre seixo aplanado, só com pequeno gume produzido por lascamento bifacial.

Uma plaqueta de hematita com os lados fortemente gastos (vermelho); um pequeno seixo com depressão de uso e estrias (vermelho); um pequeno seixo com estrias (amarelo).

A CERÂMICA

Variedade A

Recolhidos na superfície do sítio: 176 fragmentos.

Corte 1, nível 1: 48 fragmentos, sendo 2 bordas.

nível 4: 4 fragmentos.

Corte 2, nível 1: 34 fragmentos.

nível 2: 6 fragmentos.

nível 3: 2 fragmentos.

nível 4: 3 fragmentos.

nível 5: 1 fragmento.

Corte 2b, nível 5: 1 fragmento.

Corte 3, nível 1: 30 fragmentos, sendo 3 bordas e 1 base.

nível 2: 9 fragmentos, sendo 1 borda.

nível 2, fossa 2: 26 fragmentos.

nível 3: 5 fragmentos.

nível 3 (fossa): 9 fragmentos.

nível 4 (fossa): 2 fragmentos.

Total estudado: 357 fragmentos.

No corte 3, nível 3 aparece, ainda, um fragmento cônico com 2,3 cm de comprimento por 1,5 cm de diâmetro máximo.

I. Pasta:

Manufatura: Provavelmente acordelada. Os cacos estão quebrados irregularmente e não deixam ver se foram feitos por rolete ou não; alguns poucos estão quebrados ao longo dos roletes; mas geralmente a massa é tão fechada que não parece acordelada; às vezes se vêem placas justapostas horizontalmente.

Antioplástico: a) Areia: Numa matriz silto-argilosa, freqüentemente com pó de calcário, antioplástico muito denso e visível, composto principalmente por areia média a grossa, mal selecionada, com fragmentos angulosos de quartzo cristalino e leitoso, de até 3 a 4 mm de eixo maior. Ocorrem, ainda, em pequena quantidade, nódulos sub-arredondados de concreções limoníticas com dimensão em torno de 0,1 a 0,7 cm e pequenos fragmentos de calcário. As partículas maiores estão distribuídas irregularmente na pasta, ora mais densamente, ora menos. Cacos mais finos costumam ter areia mais fina.

b) Caco moído: Em matriz silto-argilosa, fragmentos angulosos com dimensões que variam de 0,1 a 0,5 cm, sem concreções limoníticas.

Textura: Compacta. Não há bolhas, ou laminações visíveis. A pasta está bem amassada e os grãos maiores bem implantados. A fratura é angulosa e áspera ao tato.

Cor do núcleo: Varia do cinza escuro ao preto. Eventualmente castanho alaranjado.

Queima: Oxidante incompleta. Freqüentemente a parte mais oxidada está na face externa, comportando 0,1 a 0,2 cm. Uns 5% apresentam oxidação a partir da face externa, alcançando cerca da metade do núcleo. Uma porcentagem um pouco menor tem a parede inteira oxidada.

Dureza: Ao redor de 3° na escala de Mohs.

II. Superfície:

Cor da parede interna: Cinza escuro, preto, castanho, castanho alaranjado, esta principalmente nos fragmentos que apresentam queima mais acentuada.

Cor da parede externa: Acinzentado, castanho, castanho alaranjado. Geralmente a cor da parede externa é mais clara e mais alaranjada que a da parede interna.

Tratamento da face externa: Alisamento bom, às vezes lembrando um polido estriado; áspera, quando o antioplástico grosseiro é muito denso.

III. Morfologia:

Existem poucos fragmentos de bordas e bases, os quais se assemelham aos do corte I do sítio BA-RC-52. Na ilustração os incluímos no conjunto A de formas. (Ver Figuras 70-73)

A espessura dos fragmentos vai de 0,5 a 1,2 cm, sendo mais numerosos entre 0,6 e 0,9 cm.

As bordas são diretas ou suavemente infletidas. Não reforçadas. Os lábios são arredondados ou um pouco aplanados.

As bases são convexas, arredondadas ou um pouco cônicas, às vezes um pouco reforçadas.

A abertura da boca vai de 6 a 24 cm, predominando as medidas pequenas, até 16 cm.

IV. Decoração: Num caco sobrava uma mancha de tinta vermelha.

Variedade B

23 fragmentos, a maior parte proveniente do mesmo vasilhame, recolhidos na superfície e numa fossa culinária.

I. Pasta:

Manufatura: Provavelmente acordelada. Não se vêem os roletes porque a pasta está muito bem amassada e o antiplástico grosso faz uma junção muito forte.

Antiplástico: Matriz fina, que parece de pó de calcário, com grande quantidade de concreção limonítica, em grãos arredondados, de 0,1 a 0,5 cm, fragmentos angulosos de rocha (siltito ou calcário), de quartzo e caco moído, que vai de 0,1 a 0,8 cm.

Textura: Muito densa, compacta. A fratura é angulosa, irregular, mais que a variedade A.

Cor do núcleo: Cinza a castanho acinzentado.

Queima: Oxidante incompleta, atingindo, no máximo, a metade da espessura do fragmento. Também existem fragmentos totalmente oxidados.

Dureza: Ao redor de 3° na escala de Mohs.

II. Superfície:

Cor da parede interna: Castanho alaranjado a acinzentado.

Cor da parede externa: Castanho claro a alaranjado.

Tratamento da face externa: Alisado. O tamanho do antiplástico saliente faz que ela seja ondulada.

Tratamento da face interna: Alisado, como acima. Às vezes parece raspado.

III. Morfologia:

Há poucos elementos para determiná-la (Ver conjunto B de formas, Figura 74).

Espessura dos cacos de 0,9 a 1,1 cm.

Há duas variedades de bordas: uma com a parte superior reforçada, com ou sem engobe branco externo, lembrando claramente formas carenadas da tradição ceramista Tupiguarani; abertura da boca com apenas 12 cm. A outra variedade de borda é infletida, com o lábio aplanado ou arredondado. Abertura da boca entre 22 e 34 cm.

IV. Decoração:

Alguns cacos de borda mostram engobe branco na face externa.

Variedade C

Dois cacos do mesmo vasilhame.

I. Pasta:

Manufatura: Acordelado bem visível.

Antiplástico: Cinza e carvão.

Textura: Uniforme e compacta, mas com pequenas porosidades. Quebra ao longo dos roletes. Suave ao tato.

Cor do núcleo: Cinza escuro.

Queima: Não definida.

II. Superfície:

Cor da parede externa: Cinza escuro.

Cor da parede interna: Cinza escuro.

Tratamento: Alisado irregular com depressões amplas em ambas as faces.

III. Morfologia:

Não definida (Ver Formas C, Figura 74). Só há dois fragmentos do corpo.

Espessura da parede: 0,7 cm.

Na superfície do BA-RC-28 foram encontrados dois cachimbos angulares, de cerâmica, com antiplástico areia fina, bem cozidos e com bom acabamento (Figura 6 e 8) e um cachimbo tubular com restos de resina ou cera junto de uma das extremidades (7).

Fazemos um comentário único sobre os *restos biológicos* dos quatro cortes. Neste abrigo eles oferecem um espectro cronológico mais amplo que em quaisquer outros com camadas mais finas e menos duradouras. (Ver Quadros IV, V, VI; Figura 27)

Os moluscos *Megalobulimus* sp, *Cyclodontina* sp, *Drymaeus* sp e *Anastoma* sp, todos terrestres, são comuns e aparecem em todos os níveis. Além de indicarem as condições ambientais existentes durante a formação do sítio, certamente estão ligados à dieta alimentar. O *Anastoma* sp é o mais típico para isto: aparece, às centenas, aberto no lado plano, sempre da mesma forma. A representatividade dos diversos gêneros muda através do tempo: o 1º e o 2º têm uma representatividade um pouco maior na parte inferior e superior dos estratos; o 3º decresce em representatividade através das camadas e o 4º cresce.

Outros moluscos estão menos representados: o *Diplodon* sp, dulciaquícola, e o *Solaropsis* (?) sp, terrestre, só aparecem nas camadas superiores; certamente o primeiro está ligado à dieta alimentar; o tipo não-determinado 01 só aparece nas camadas inferiores; o *Bulimulus* sp só se encontra uma vez na parte superior.

Não é fácil dizer se os moluscos foram usados como alimento, especialmente nas camadas mais profundas, com datas pleistocênicas. O único indicador possível, nas circunstâncias presentes, seria ver se estão queimados. De fato, moluscos com a concha azulada ou cinzenta aparecem em todas as camadas. Reconhecemos que este indicador precisaria ser submetido a teste para ter validade.

Restos de peixe só apareceram uma vez. De fato os rios de certo porte estão bastante distantes; o pequeno rio subterrâneo tem pouca água para comportar peixes de certo tamanho.

Os répteis costumam aparecer nas camadas superiores. Só a serpente é encontrada desde os níveis mais profundos, mas pode não ter servido sempre de alimento.

As aves não puderam ser determinadas nem em gêneros, nem em famílias; aparecem em todos os níveis.

Os mamíferos estão representados em todos os níveis, embora nem sempre possam ser identificados por gêneros. Ossos queimados de mamíferos também aparecem em todos os níveis, desde os mais fundos, reforçando a hipótese de que também as carapaças azuladas e cinzentas dos moluscos estejam queimadas. Os vestígios se tornam mais densos nas mesmas camadas em que também os vestígios líticos crescem, ao redor do nono milênio antes do Presente.

Os animais que foi possível identificar são variados e representam aproximadamente a fauna local, incluindo espécies de grande porte como a anta e pequeno como a preá. Alguns deles, como o morcego e os ratos, talvez não tenham servido de alimento, podendo ter morrido de morte natural no ambiente em que costumavam viver.

No corte I, nível 2, havia um osso de veado, polido.

Neste sítio foram encontrados, superficialmente e em fossas, restos vegetais variáveis. Restos de frutos estão representados por caroços e cascas de umbu (*Spondias tuberosa*), caroços de pequi (*Caryocar brasiliensis*), cocos quebrados de gueroba (*Syagrus oleracea*), cascas de frutos de jatobá (*Hymenaea stigonacarpa*), caroços de pitomba (*Talisia esculenta*), sementes de leguminosas não identificadas, pedaços de porongos, palha e sabugo de milho.

No Anexo I encontra-se a lista dos animais identificados nos sítios.

Quadro IV: BA-RC-28 Corte I.

[illegible]

Quadro V: BA-RC-28 Corte II e IIb.

Níveis	1	2	3	4	5	6	7/8	9/10	11/12	13	14	15	16	17
Moluscos														
<i>Megalobulimus</i> sp	94	66	48	18	17	9	8	17	32	67	29	26	36	54
<i>Anastoma</i> sp	373	311	178	64	46	27	5	6	23	24	17	14	.	8
<i>Drymaeus</i> sp	117	19	20	4	4	8	13	18	69	186	188	172	16	272
<i>Cyclodontina</i> sp	35	26	7	6	2	3	6	28	67	56	39	40	12	75
<i>Solaropsis</i> (?) sp	2	12	.	3	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Tipo não det.01	1	.	.	.	1	.	.	3	5	12	6	13	1	34
<i>Diplodon</i> sp	15	.	.	.	1	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Peixes	.	.	.	.	X	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Anfíbios	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	X	X	X	.
Répteis não ident.	X	.	X	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Tartaruga	X	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Lagarto-teiú	.	X	X	X	X	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Serpentes	X	.	X	.	.	.	X	.	.	.	.	.	X	X
Aves	X	X	.	.	X	X	.	.	X	X	X	X	.	X
Mamíferos														
Preá	X	X	X	X	X	X	X	.	X	.	X	X	X	X
Rato-do-mato	.	.	X	X	.	.	X	.	X	.	X	X	.	X
Rato-de-espinho	.	.	.	.	X	X	.	X	.	.	.	.	.	.
Tatu-galinha	.	.	X	.	.	X	X	.	.	.	.	.	.	.
Tatu-peludo	.	.	X	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Veados	.	X	X	X	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Morcego	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	X
Vegetais														
Gueroba	246	12	9	2	1				X					
Umbu	150	117	106	33	7	8			X					
Milho	X								.					

Quadro VI: BA-RC-28 Corte III.

[illegible]

Aves	x	.	x	.	x	x	.	.	x	.	.	.
Mamíferos												
Preá	x	x	x	x	.	.	.	.	.	.	.	.
Cuíca	x	.	.	.	.	.	x	.	.	.	.	.
Rato-do-mato	x	.	x	x	x	.	x	.	.	.	.	.
Tamanduá-mirim	x	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Tatu-galinha	x	.	.	.	.	.	x	.	.	.	.	.
Tatu-peludo	.	x	.	.	x	.	.	.	.	.	.	.
Anta	.	x	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Veados	x	x	x	x	.	.	.	.	.	.	.	.
Morcego	.	x	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Vegetais												
Gueroba	354	47	12	19	3	1	.	.	.	.	.	.
Umbu	448	183	92	60	12	.	.	.	.	.	.	.
Pequi	x	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Milho	28	x	x	x	x	.	.	.	.	.	.	.
Pitomba	x	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Jatobá	x	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
Cabaça	x	x	.	x	.	.	.	.	.	.	.	.
Leguminosa não ident.	x	x	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.

A parte inferior da espiga de milho, que a liga ao caule, e onde se implanta a palha, aparece, com certa freqüência, com a palha queimada. Podem ser restos de tochas.

Ainda foram recolhidos restos de madeira (Figura 75); os principais são uma ponta-de-projétil com farpas, uma ponta de seção subcircular, outra menor, pedaços de madeira cortados numa extremidade e queimados na outra, aparentemente todos de madeira de palmeiras. Com as superfícies trabalhadas e alisadas. As duas últimas poderiam ter servido de tochas ou acendedores de cigarros ou cachimbos.

Feitos de fibras (Figura 76) foram recuperados 10 pedaços de cordão, um pedaço de braçadeira, três partes de bolsas, dois emaranhados de fibra vegetal não trabalhada, pequenos chumaços de algodão, pequenos aglomerados elipsoidais de fibras que parecem de fezes de um animal, além de fezes humanas.

Os cordões, a braçadeira, os emaranhados de fibras e dois fragmentos de bolsas estão bem conservados. Um aglomerado de fibras trançadas, correspondente a uma bolsa, está impregnado de uma substância que poderia ser cera ou material de um cupinzeiro, encontrando-se muito frágil e sem possibilidade de manuseio.

Os Cordões: dois exemplares são de fibra vegetal não identificada (A, B), os outros oito são de algodão (C-J). Todos apresentam Torção Horária em Z (Cf. Hurley, 1979, p. 5) e com exceção do exemplar J, são cordões de duas pernas; J tem 3 pernas.

Conforme Berta G. Ribeiro (1986, p. 392) o algodão pede fiação em Z, ao passo que o linho é mais fácil de fiar em S. Denomina-se fio tanto um único fio de fibra, como o cordão, composto de dois ou mais fios torcidos. Também se pode usar a denominação *perna* para cada fio do cordão.

- A - Cordão duplo. Torção: horária em Z. Composição: fibra vegetal não identificada. Espessura: 2 mm - irregular. Tamanho: 48,5 cm. Característica: apresenta nó numa das extremidades e, logo após, um laço simples.
- B - Cordão duplo. Torção: horária em Z. Composição: fibra vegetal não identificada. Espessura: 3 mm. Tamanho: 14 cm.
- C - Cordão duplo. Torção: horária em Z. Composição: algodão. Espessura: 1 mm. Tamanho: 38 cm. Características: apresenta nó no meio do cordão.
- D - Cordão duplo. Torção: horária em Z. Composição: algodão. Espessura: 1 mm. Tamanho: 27,5 cm.
- E - Cordão duplo. Torção: horária em Z. Composição: algodão. Espessura: 1 mm. Tamanho: 24,5 cm.
- F - Cordão duplo. Torção: horária em Z. Composição: algodão. Espessura: variada entre 1,5 e 3 mm. Tamanho: 33,7 cm.
- G - Cordão duplo. Torção: horária em Z. Composição: algodão. Espessura: 3 mm. Tamanho: 26,3 cm.
- H - Cordão duplo. Torção: horária em Z. Composição: algodão. Espessura: 2,5 mm. Tamanho: 12 cm.
- I - Cordão duplo. Torção: horária em Z. Composição: algodão. Espessura: 2 mm. Tamanho: 5 cm.
- J - Cordão triplo. Torção: horária em Z. Composição: algodão. Espessura: variada entre 2 e 3 mm. Tamanho: 30,5 cm. Característica: envolto por uma camada de cera.

A *braçadeira* é confeccionada com cordão de duas pernas, de fibra vegetal não identificada, com Torção Horária em Z, espessura de 1 mm, em sistema de tecelagem. Comprimento 16,5 cm.

A parte central apresenta-se desfiada e numa das extremidades aparecem sinais de queima, ao passo que na outra existe um nó que provavelmente foi usado para amarrar a peça no braço, unindo suas pontas.

As *bolsas* são confeccionadas em cordões duplos, com Torção Horária em Z, compostos de fibra vegetal não identificada e com espessura de 1 a 2 mm.

Cf. Berta G. Ribeiro (1986, p. 390-391), utilizou-se a técnica de Enlace Interconectado Malha-Ampulheta Laçadas duplas (em figura de ampulheta são interconectadas lateralmente e por sua porção terminal: double interconnected looping). Malhas duplas, adjacentes, interconectadas e sobrepostas formam figura-de-8. Esta técnica também é conhecida como Filé ou enredamento: um fio enredado contínuo, de extensão limitada, utilizando-se o auxílio de agulha de orifício e um gabarito.

No diário de campo foi registrado um fragmento de esteira que não foi encontrado ao se analisar o material.

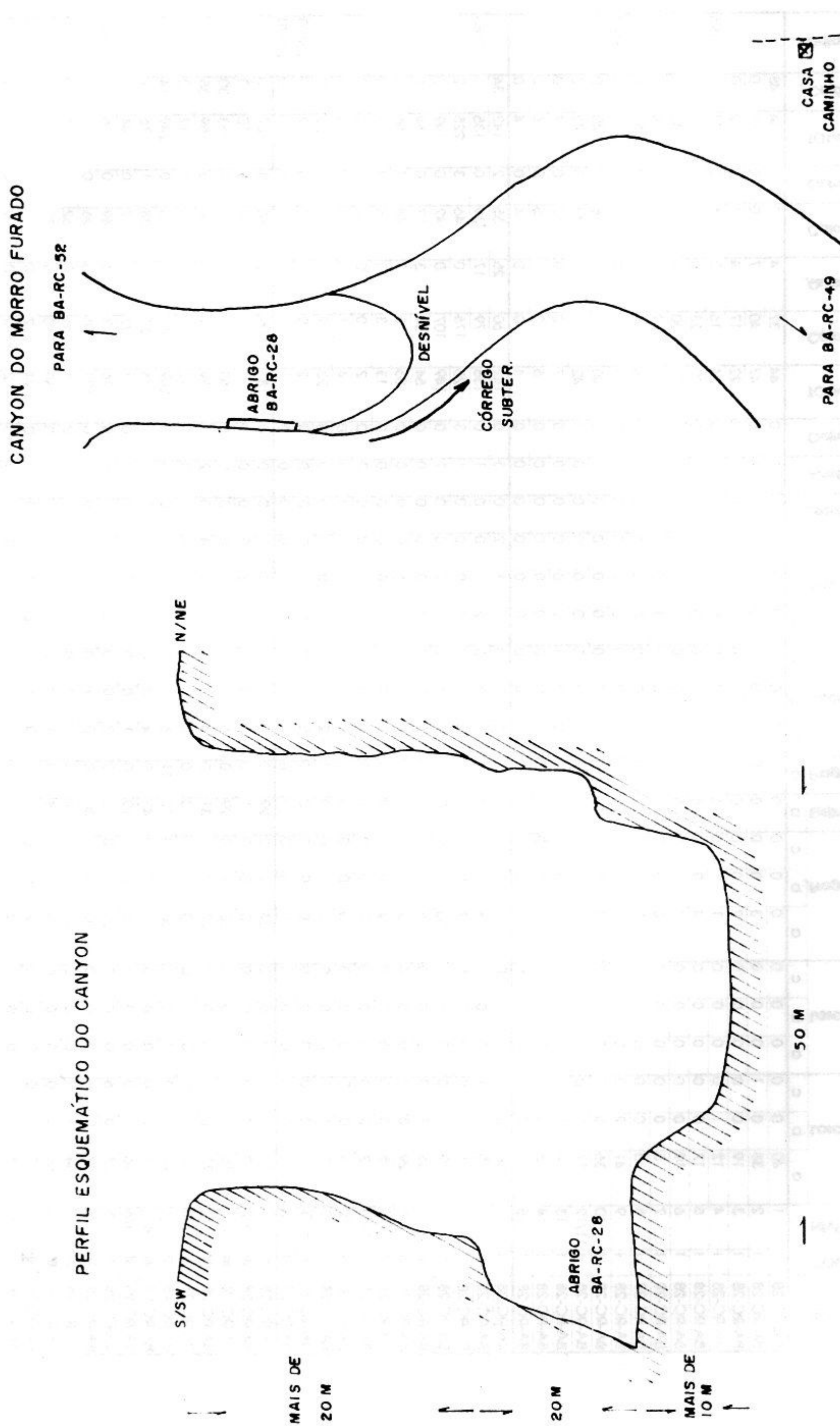


FIGURA 47. Perfil e croqui da parte inicial do canyon do Morro Furado.

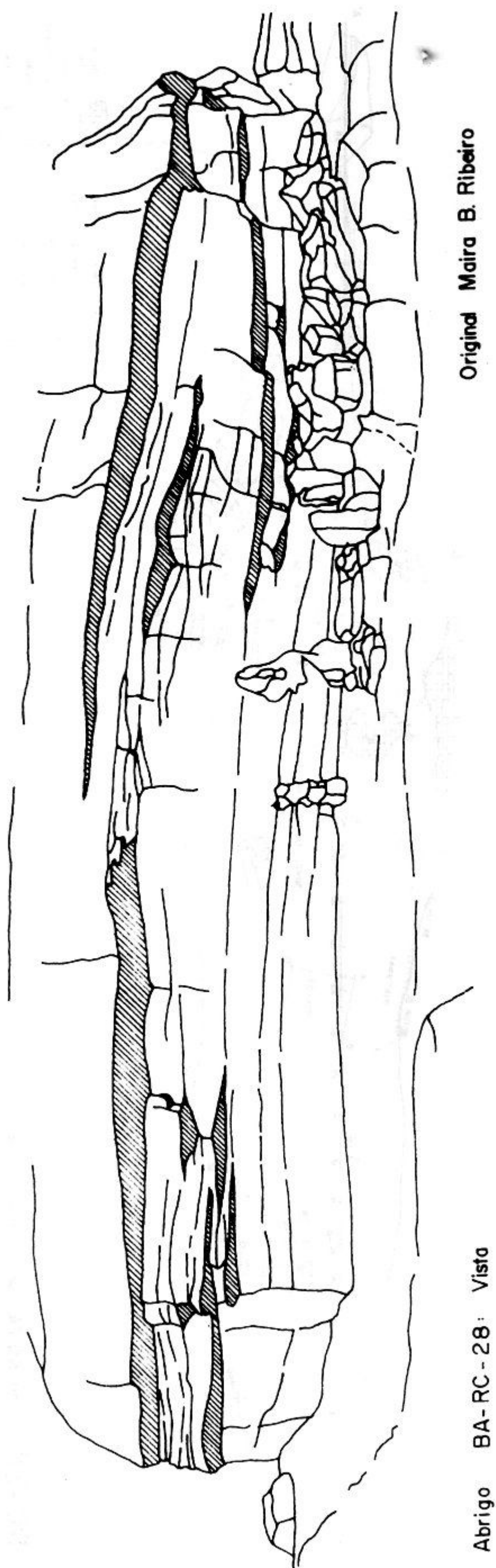


FIGURA 48. Vista do sítio BA-RC-28. (Original da Geol. Maira Barberi Ribeiro).

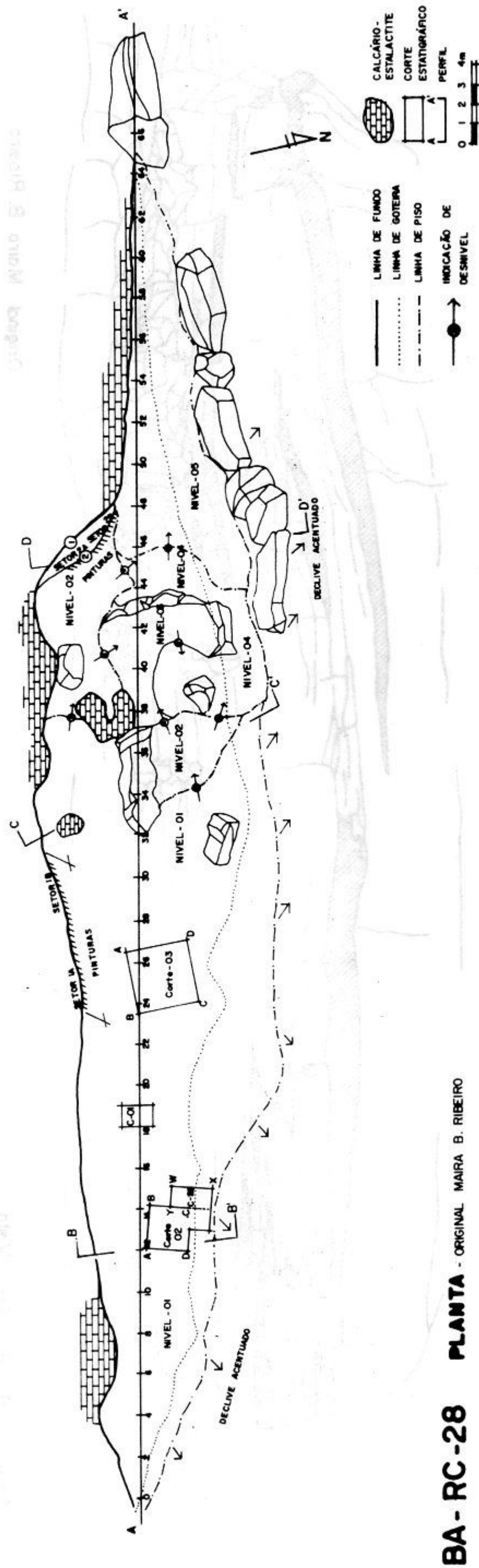


FIGURA 49. Planta do sítio BA-RC-28. (Original da Geol. Maira Barberi Ribeiro).

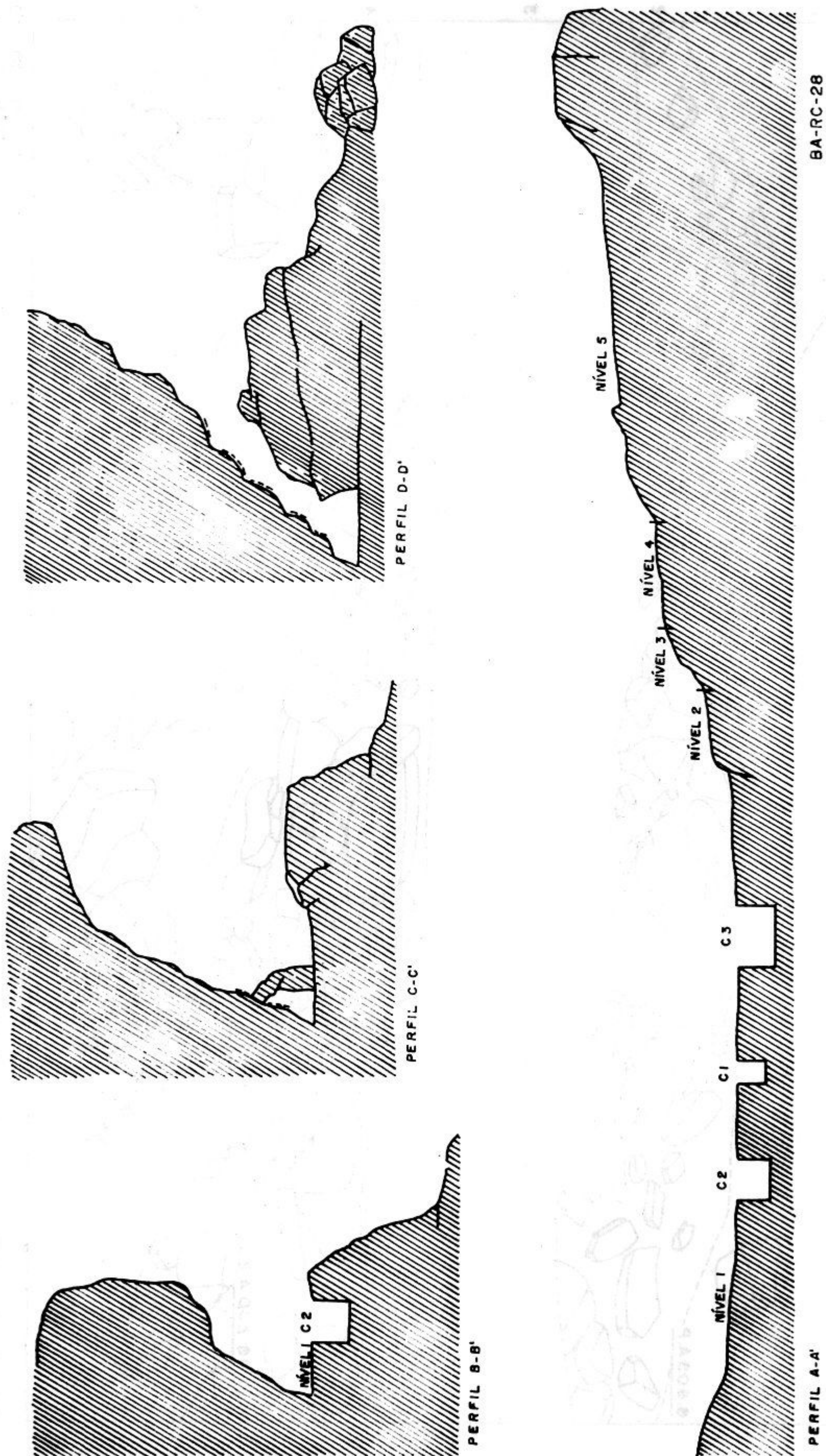
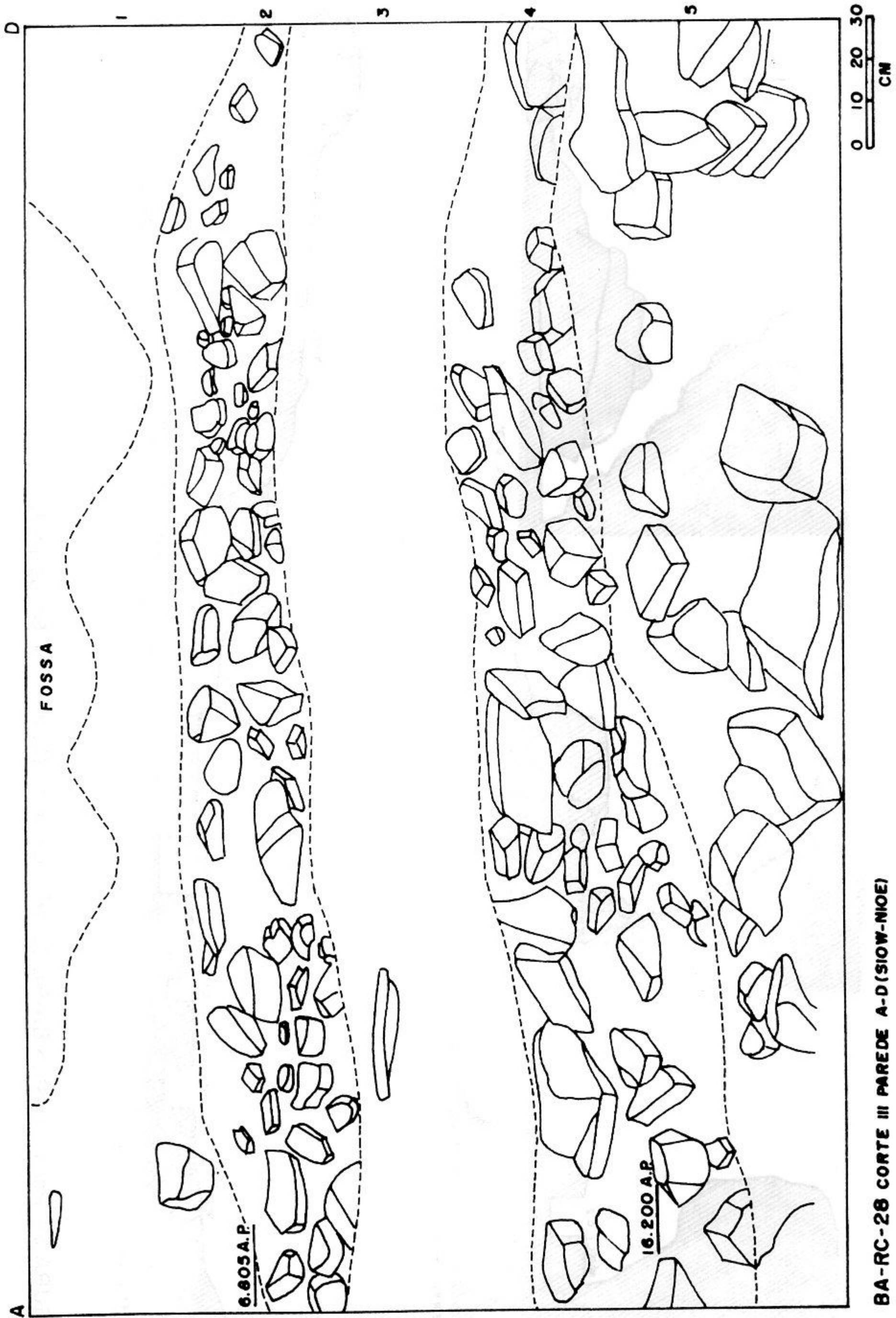


FIGURA 50. Perfis do sítio BA-RC-28. (Originais da Geol. Maira Barberi Ribeiro).



BA-RC-28 CORTE III PAREDE A-D (SIOW-NIOE)

FIGURA 51. Perfil do corte III, parede A-D, BA-RC-28.

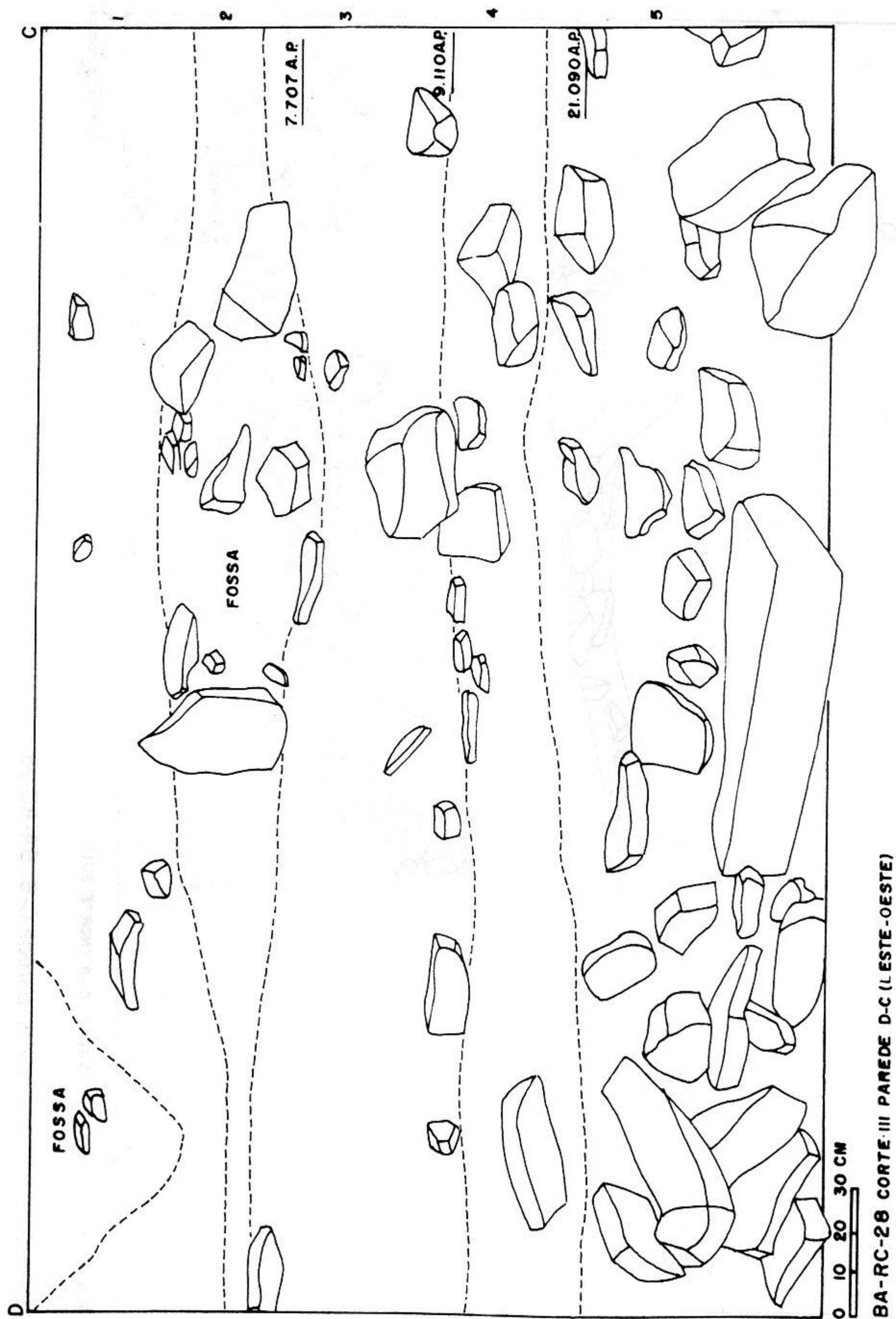


FIGURA 52. Perfil do corte III, parede D-C, BA-RC-28.

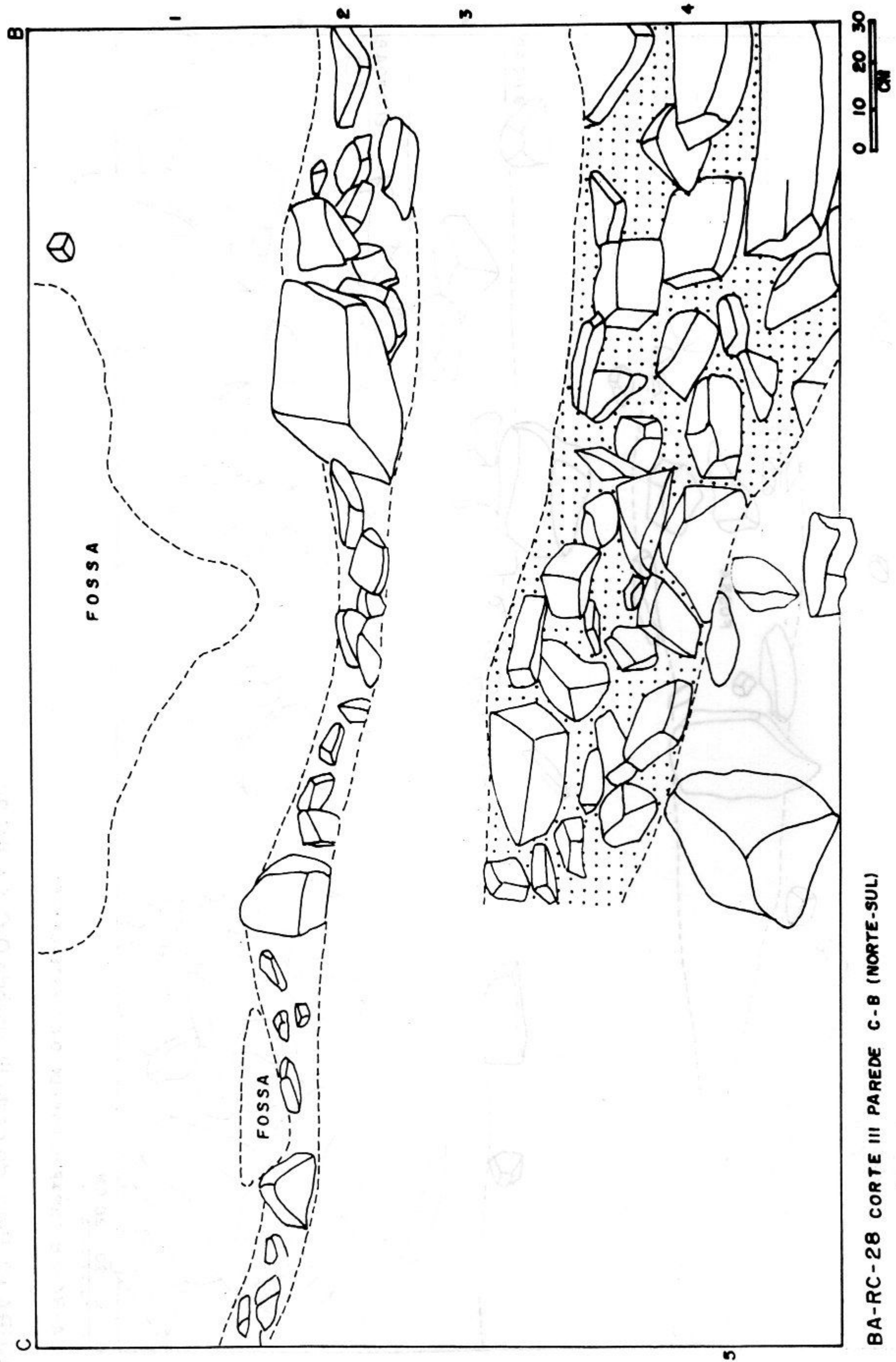
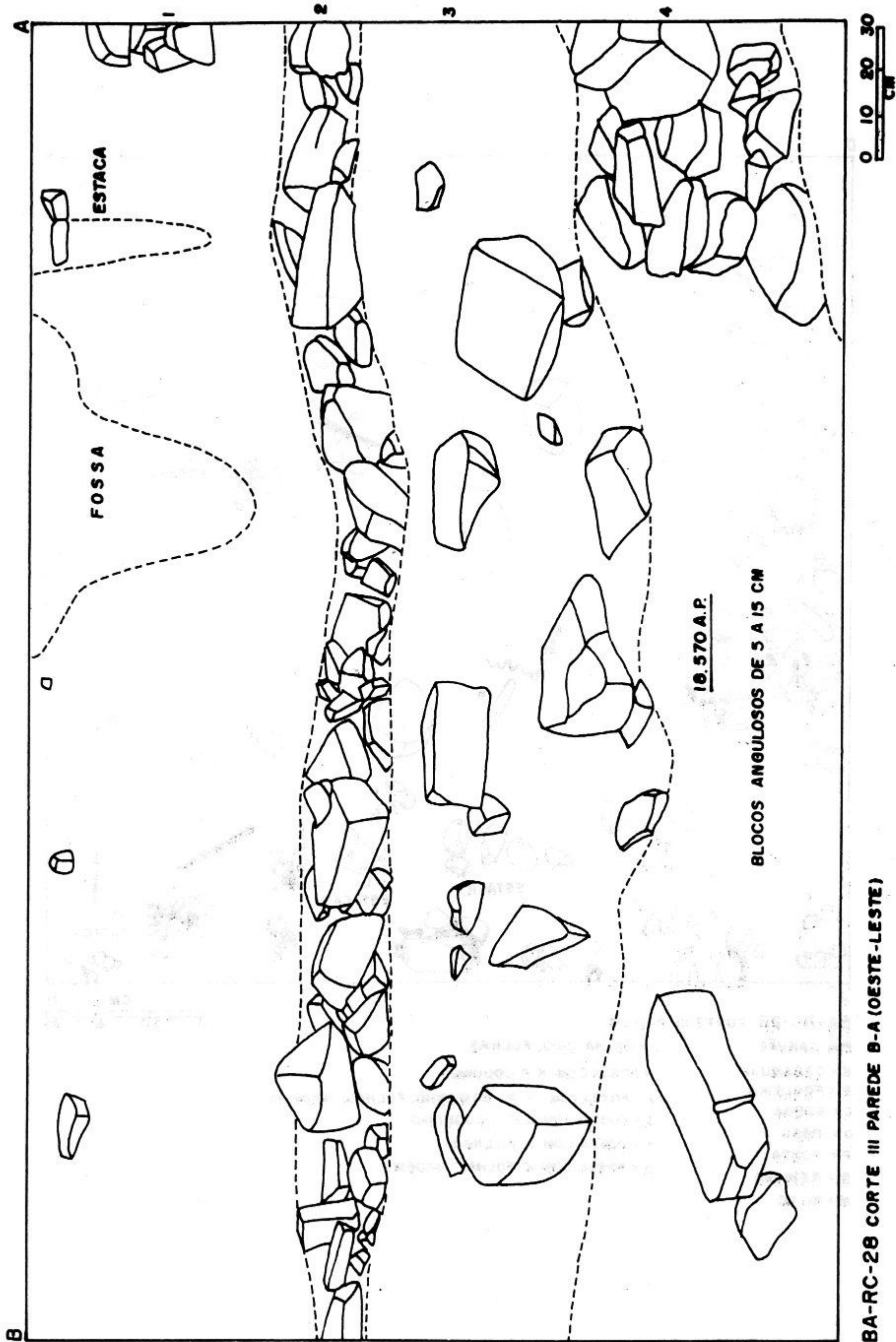


FIGURA 53. Perfil do corte III, parede C-B, BA-RC-28.



BA-RC-28 CORTE III PAREDE B-A (OESTE-LESTE)

FIGURA 54. Perfil do corte III, parede B-A, BA-RC-28.

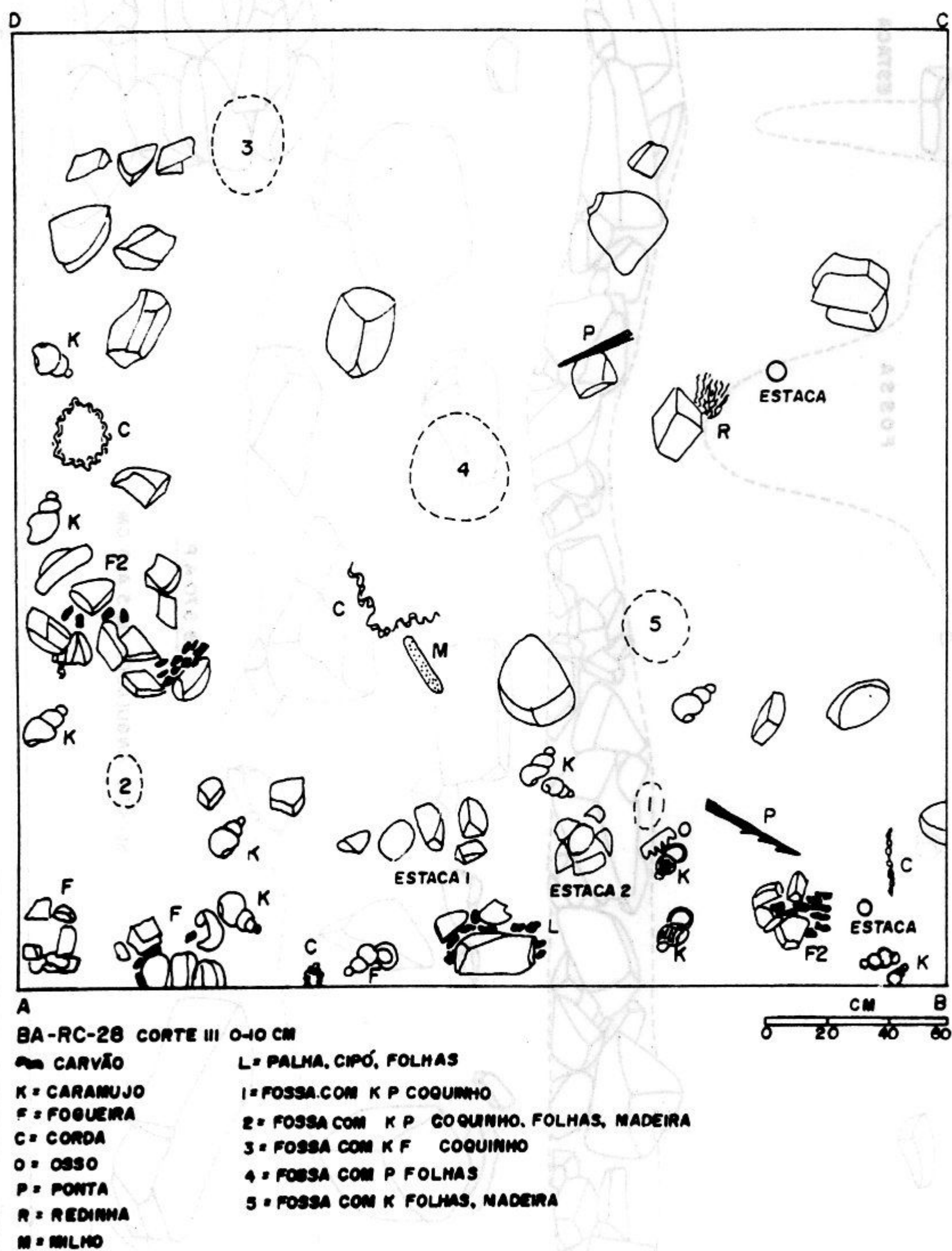
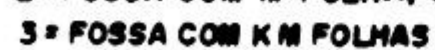


FIGURA 55. Planta do corte III, 0-10 cm.



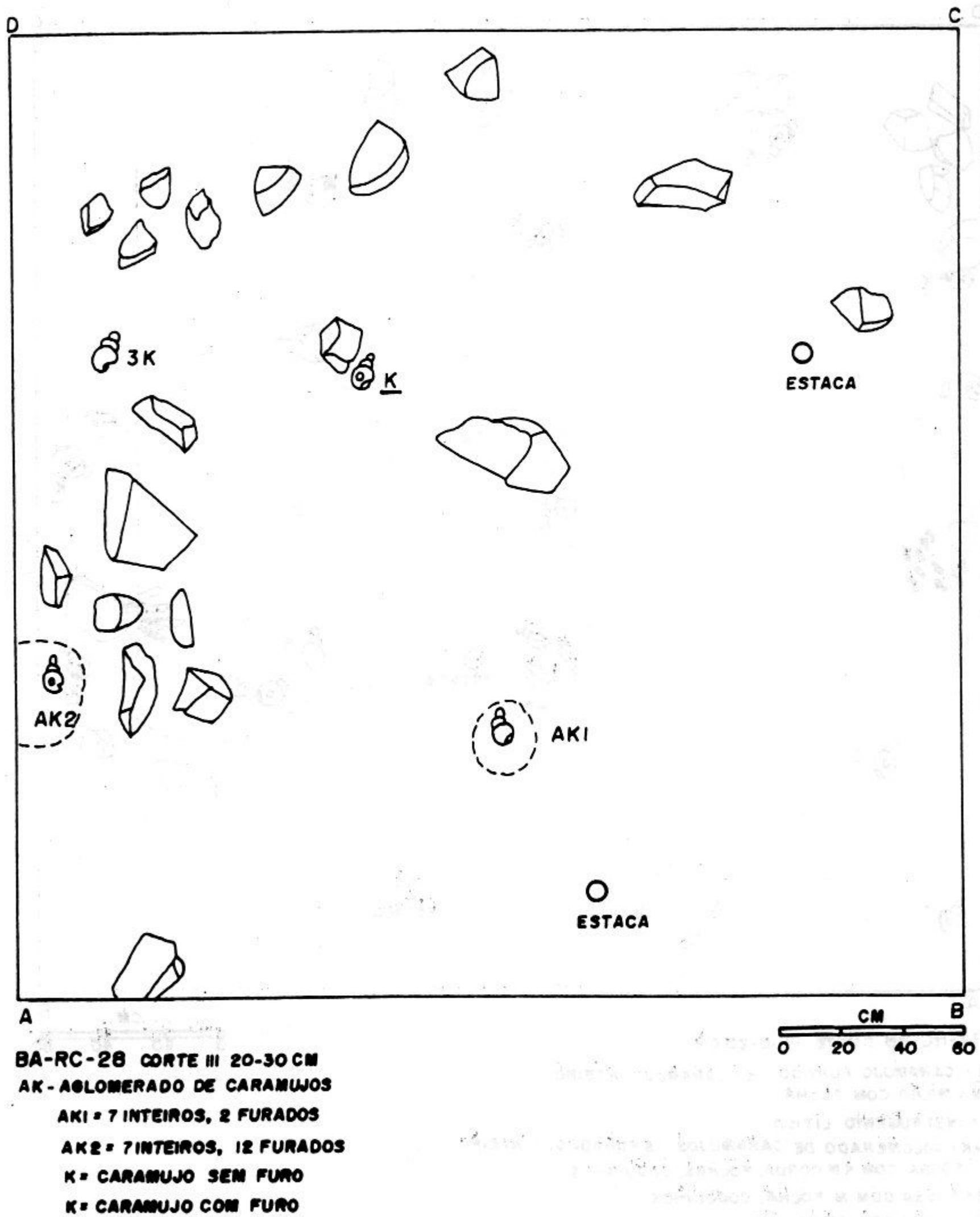


FIGURA 57. Planta do corte III, 20-30 cm.

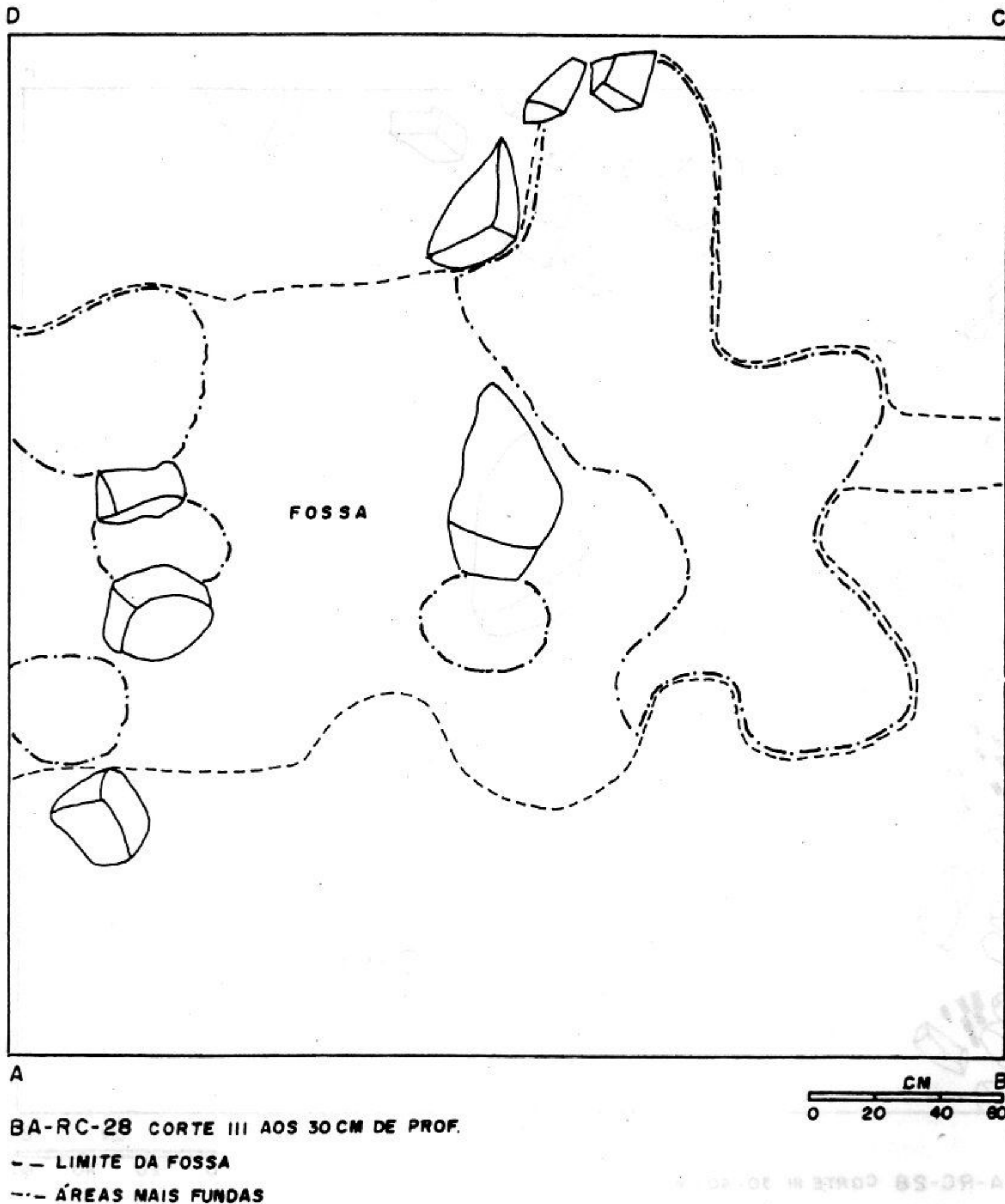


FIGURA 58. Planta do corte III, aos 30 cm de profundidade: limite da fossa que iniciou no nível 2. No nível 4 ela abrange outras áreas, dando a impressão de serem várias fossas que se fundiram. Em alguns locais está limitada por pedras. Separa-se dos sedimentos do nível 4 por se apresentar menos consistente e com uma cor castanho mais escuro.

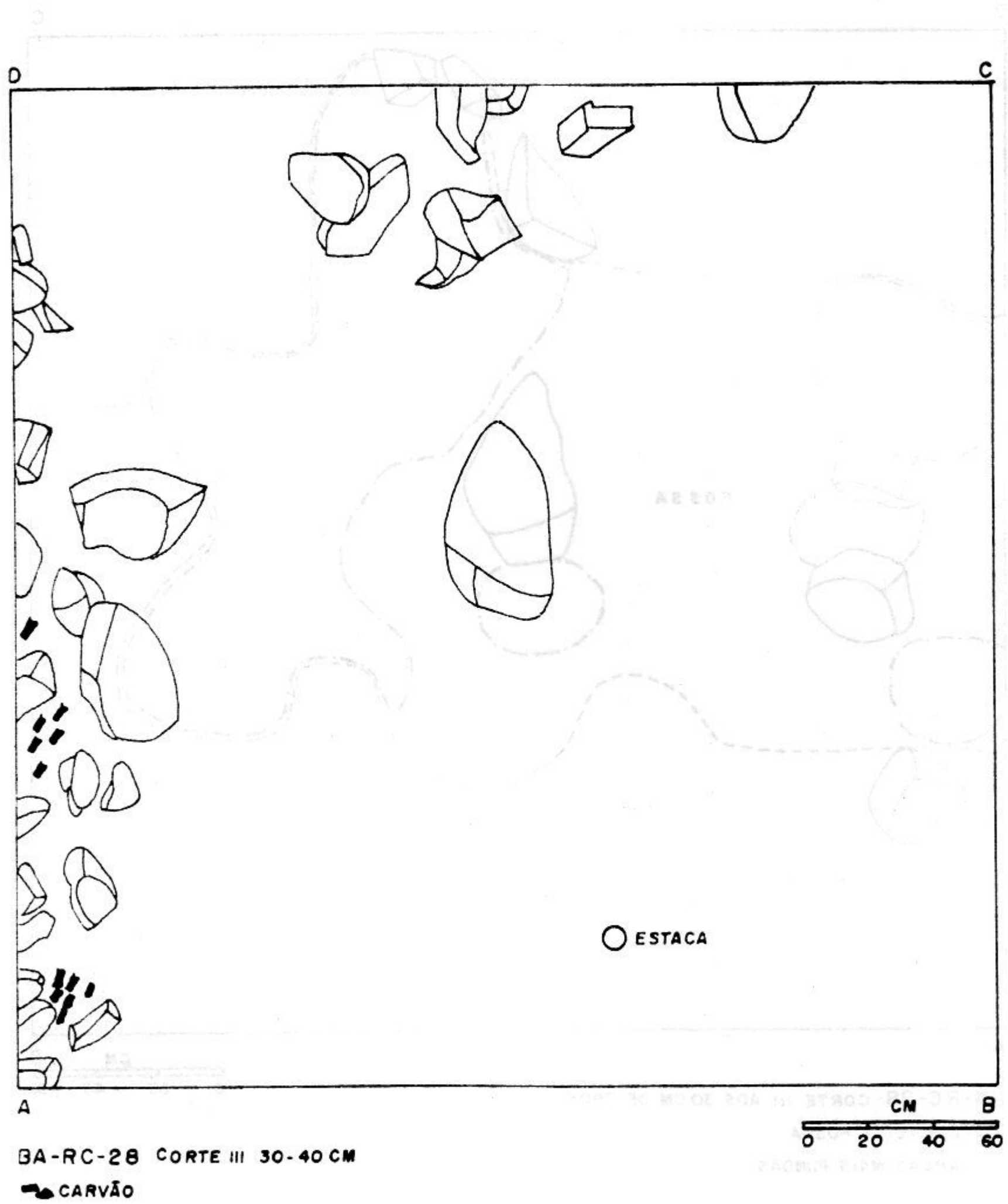


FIGURA 59. Planta do corte III, 30-40 cm.

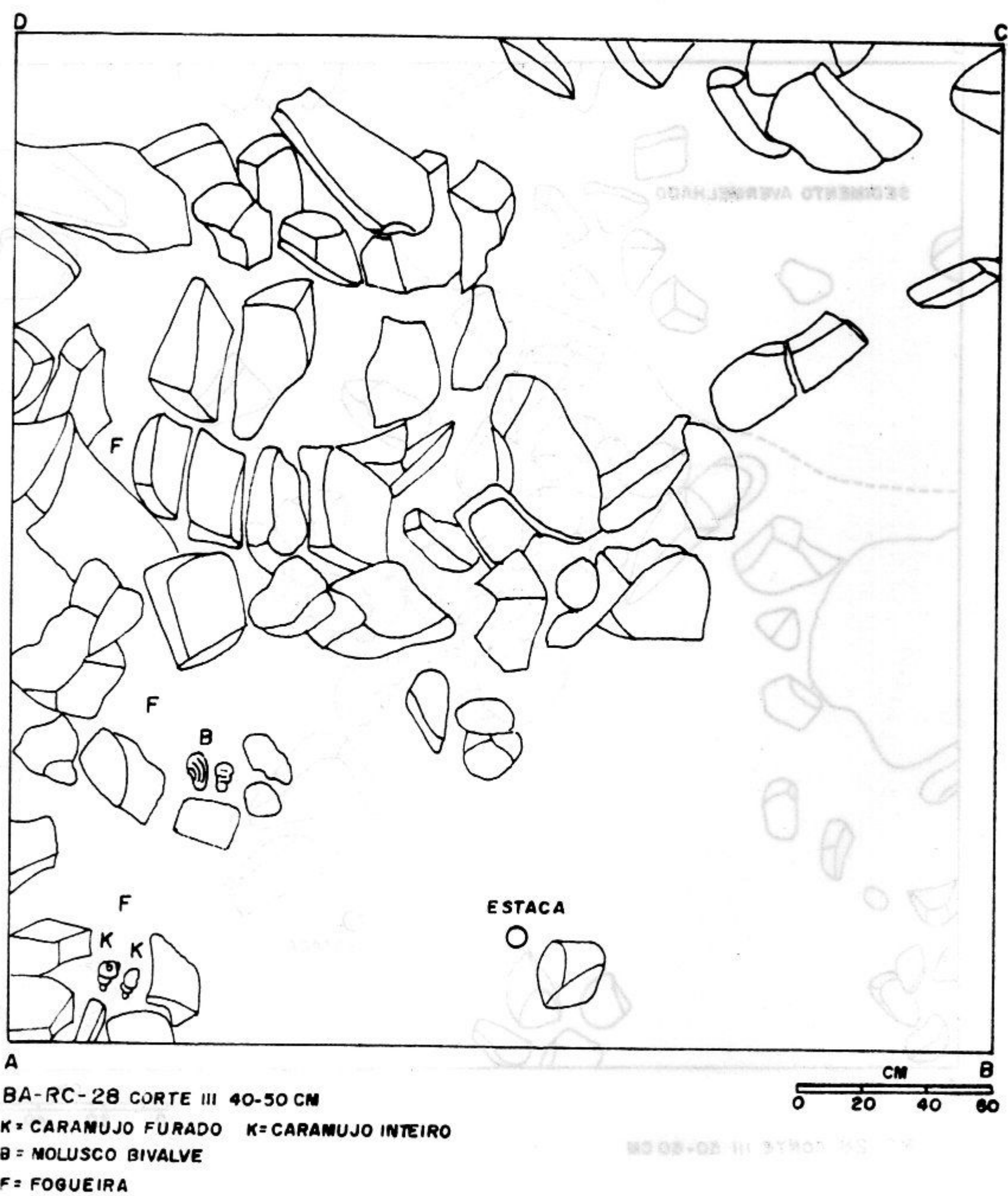


FIGURA 60. Planta do corte III, 40-50 cm.

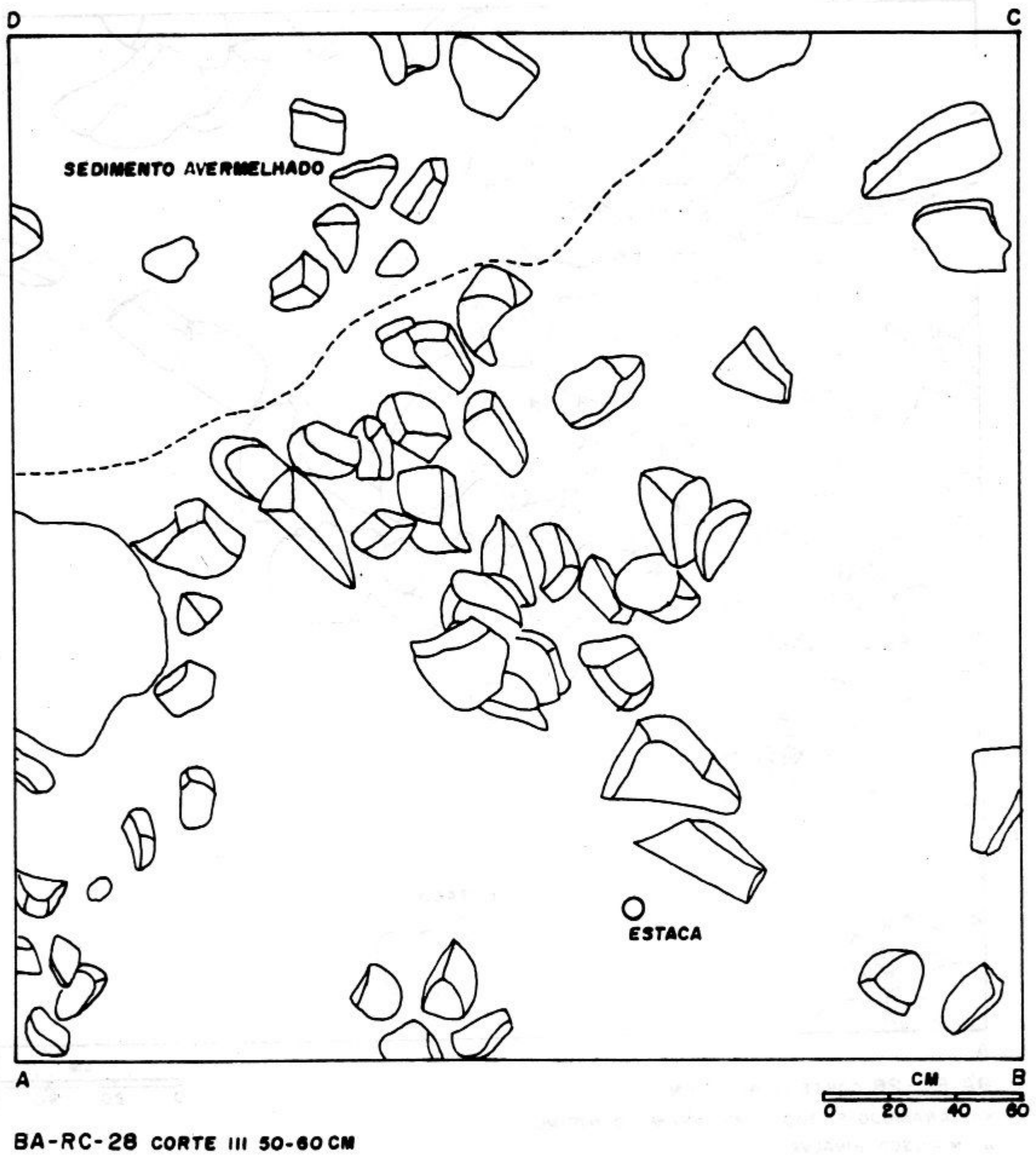


FIGURA 61. Planta do corte III, 50-60 cm.

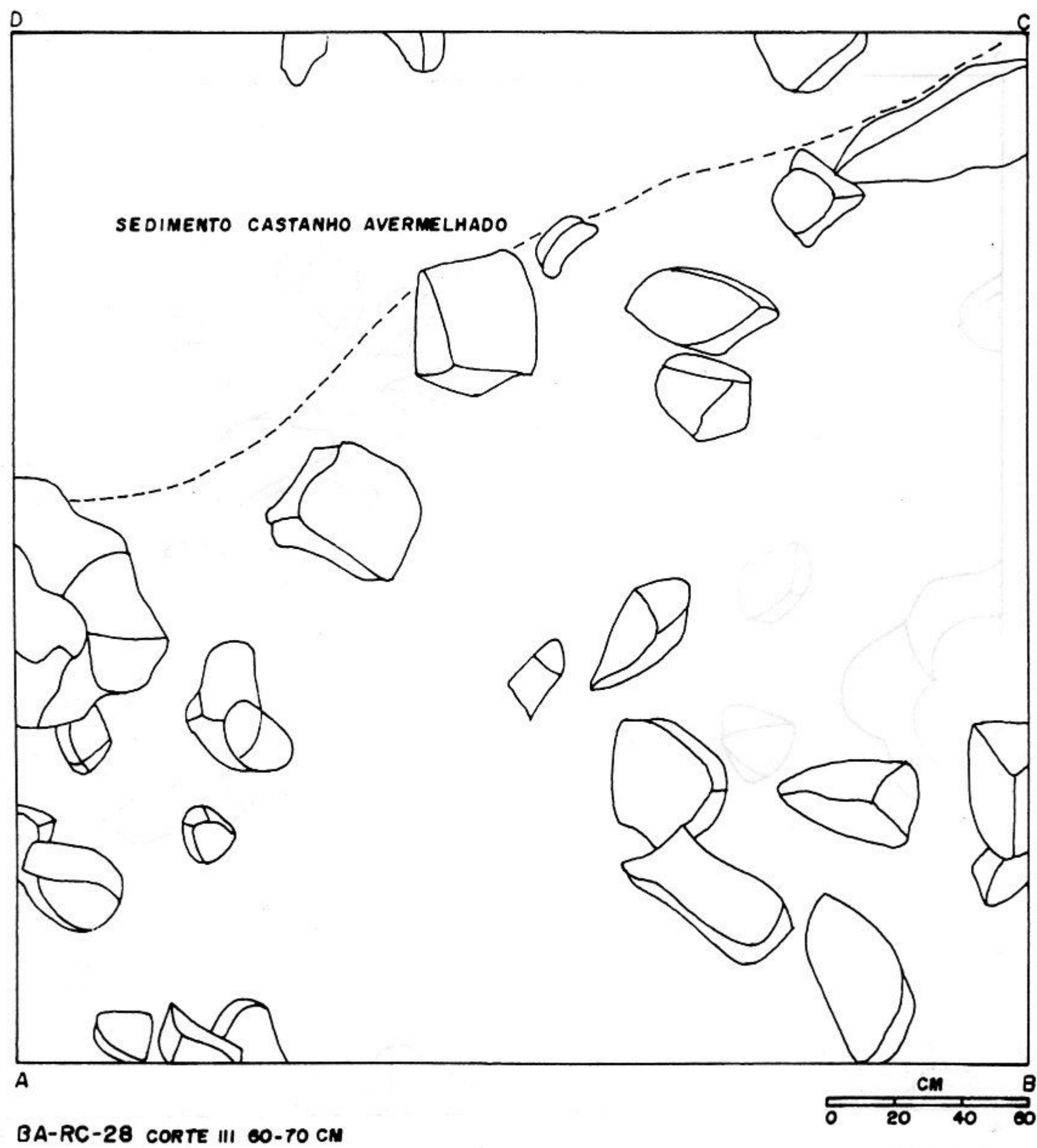


FIGURA 62. Planta do corte III, 60-70 cm.

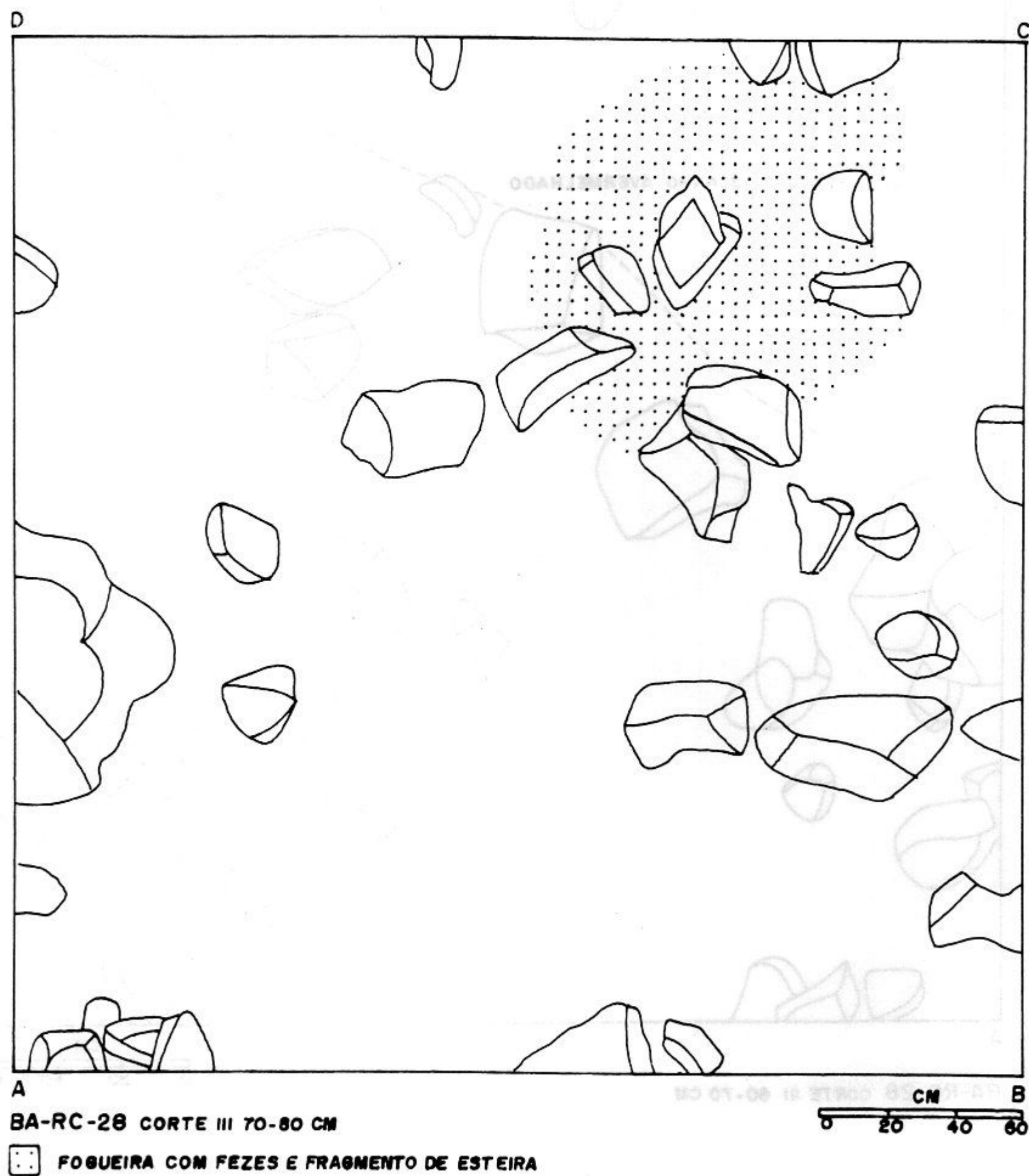


FIGURA 63. Planta do corte III, 70-80 cm.

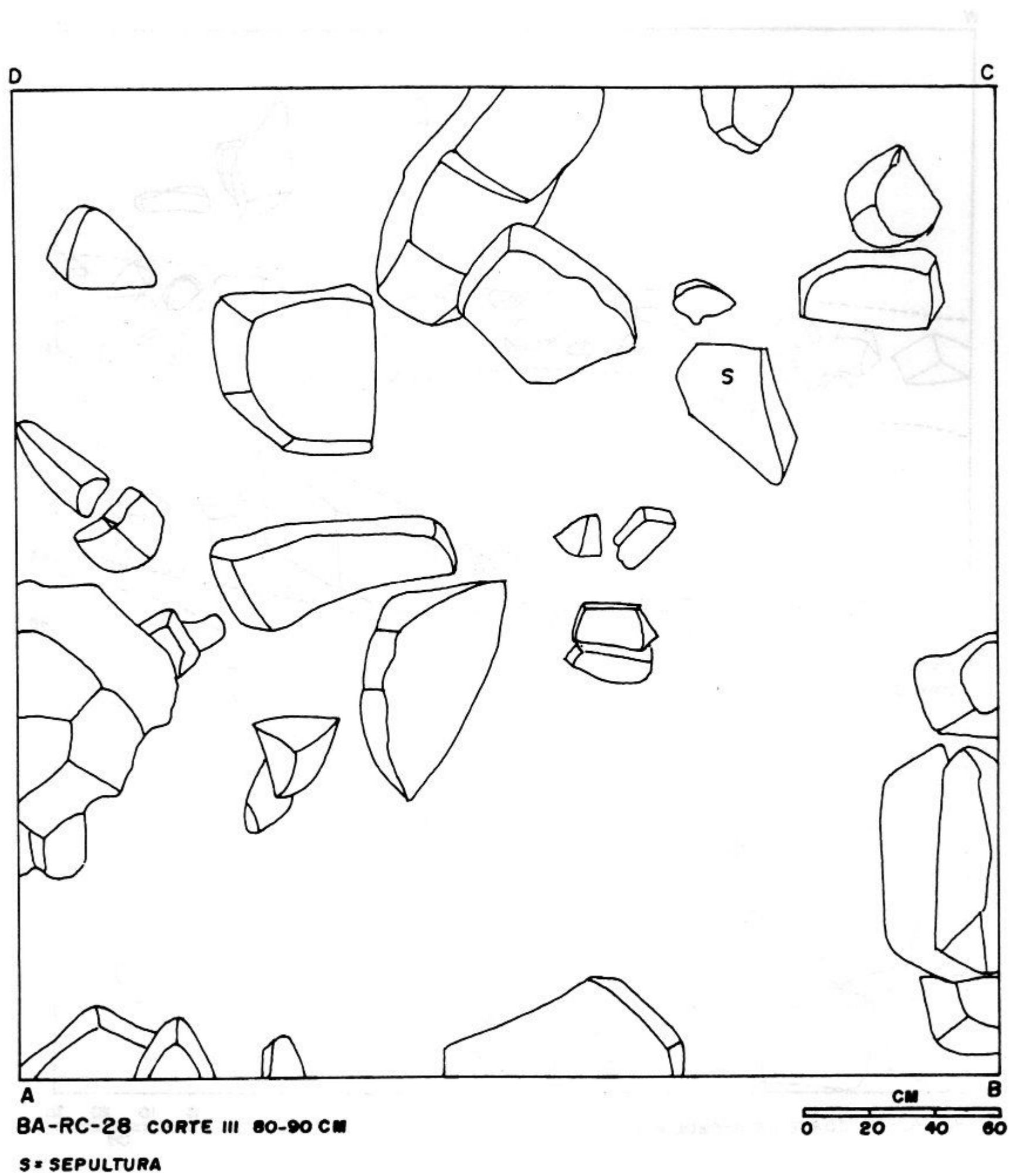


FIGURA 64. Planta do corte III, 80-90 cm.

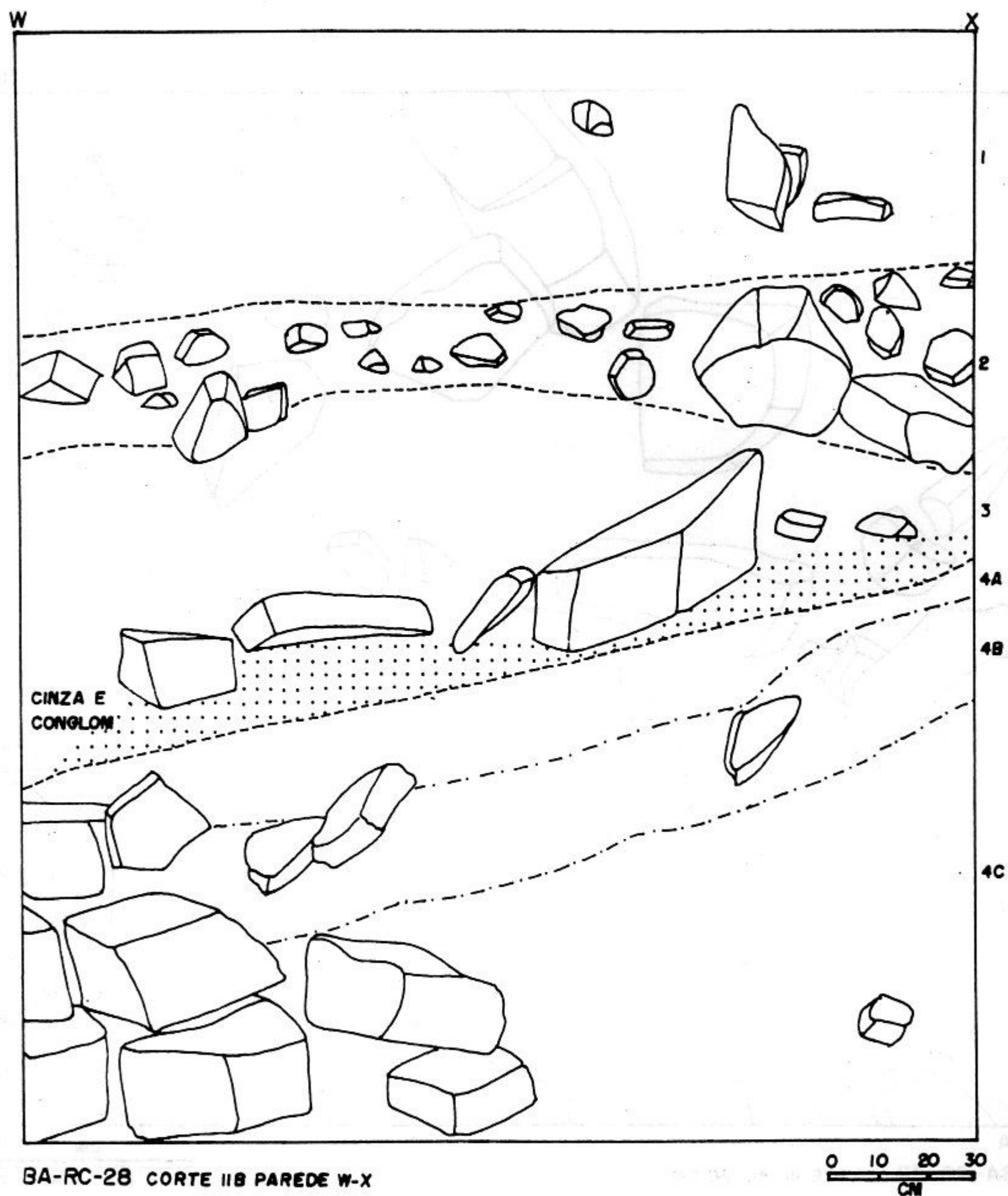


FIGURA 65. Perfil do corte 2B, parede W-X.

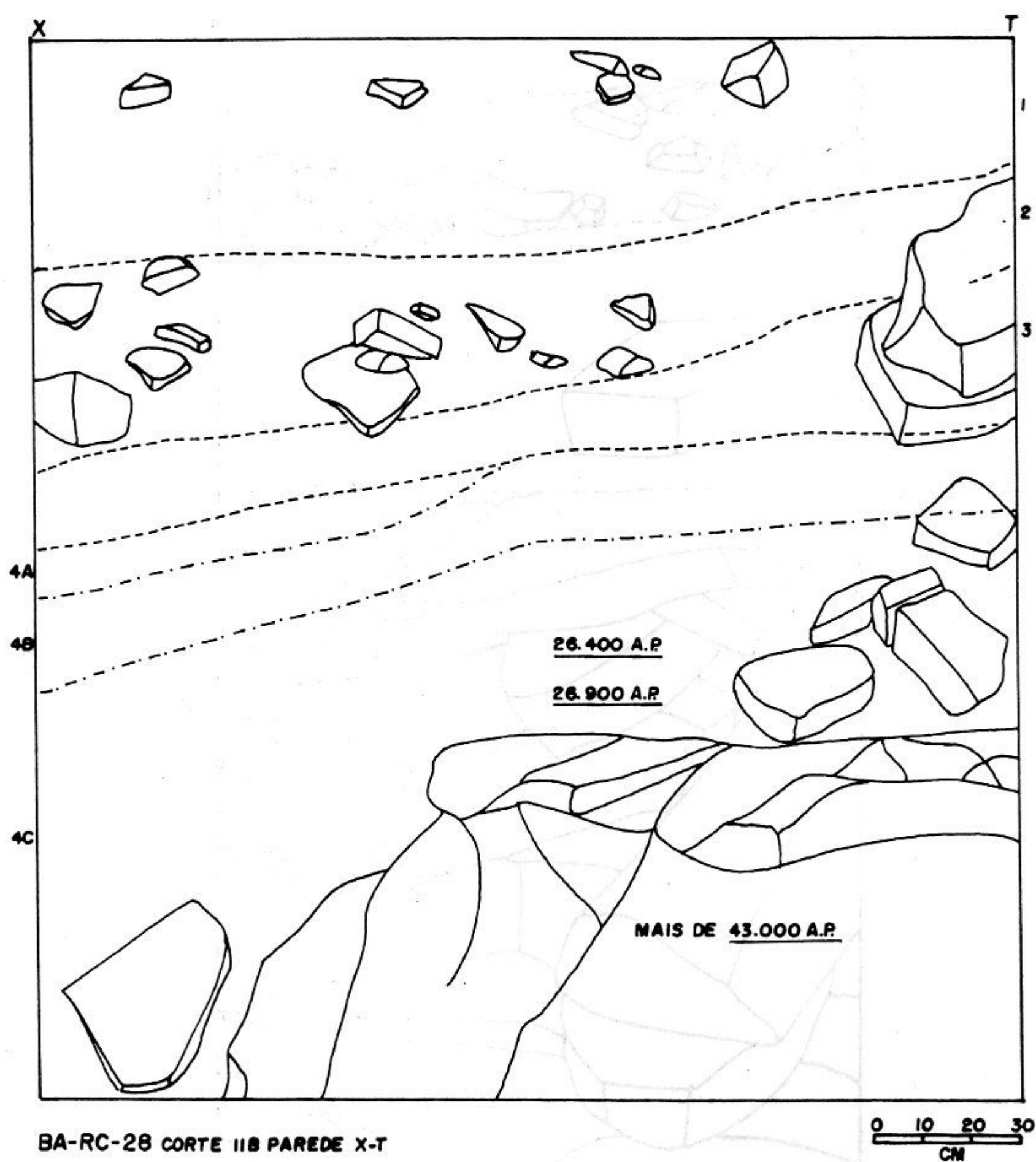


FIGURA 66. Perfil do corte 2B, parede X-T.

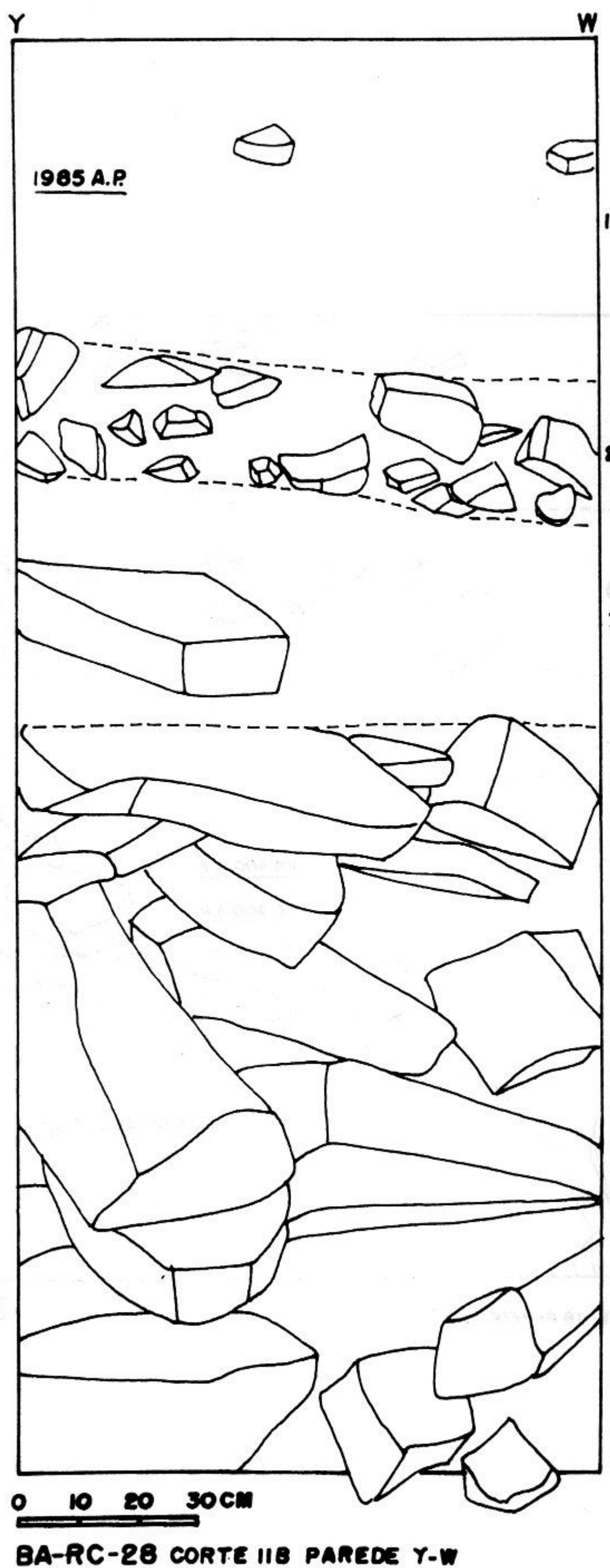


FIGURA 67. Perfil do corte 2B, parede Y-W.

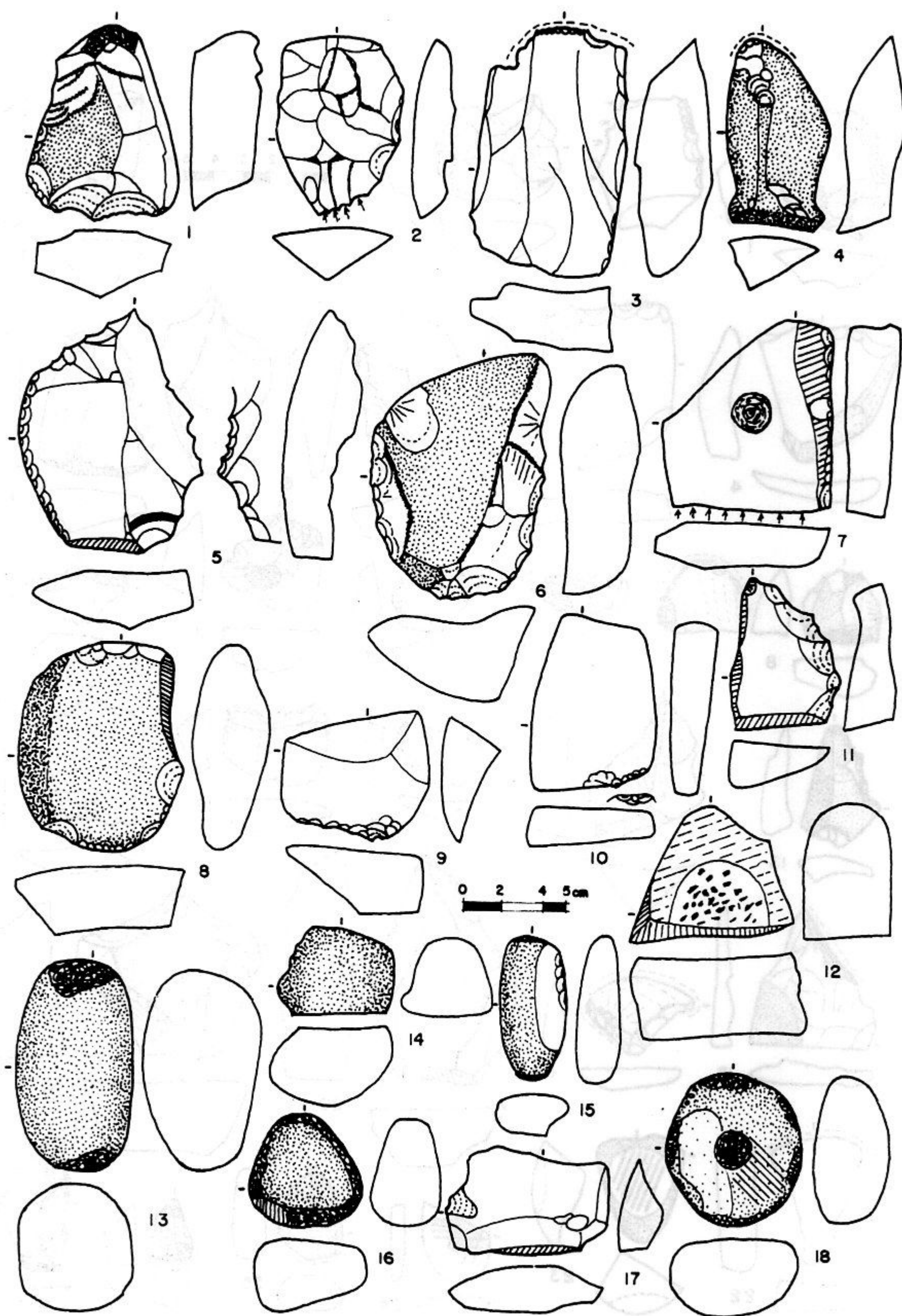


FIGURA 68. Artefatos líticos dos cortes do BA-RC-28. No 7 mancha escura; no 18 mancha cor vinho.

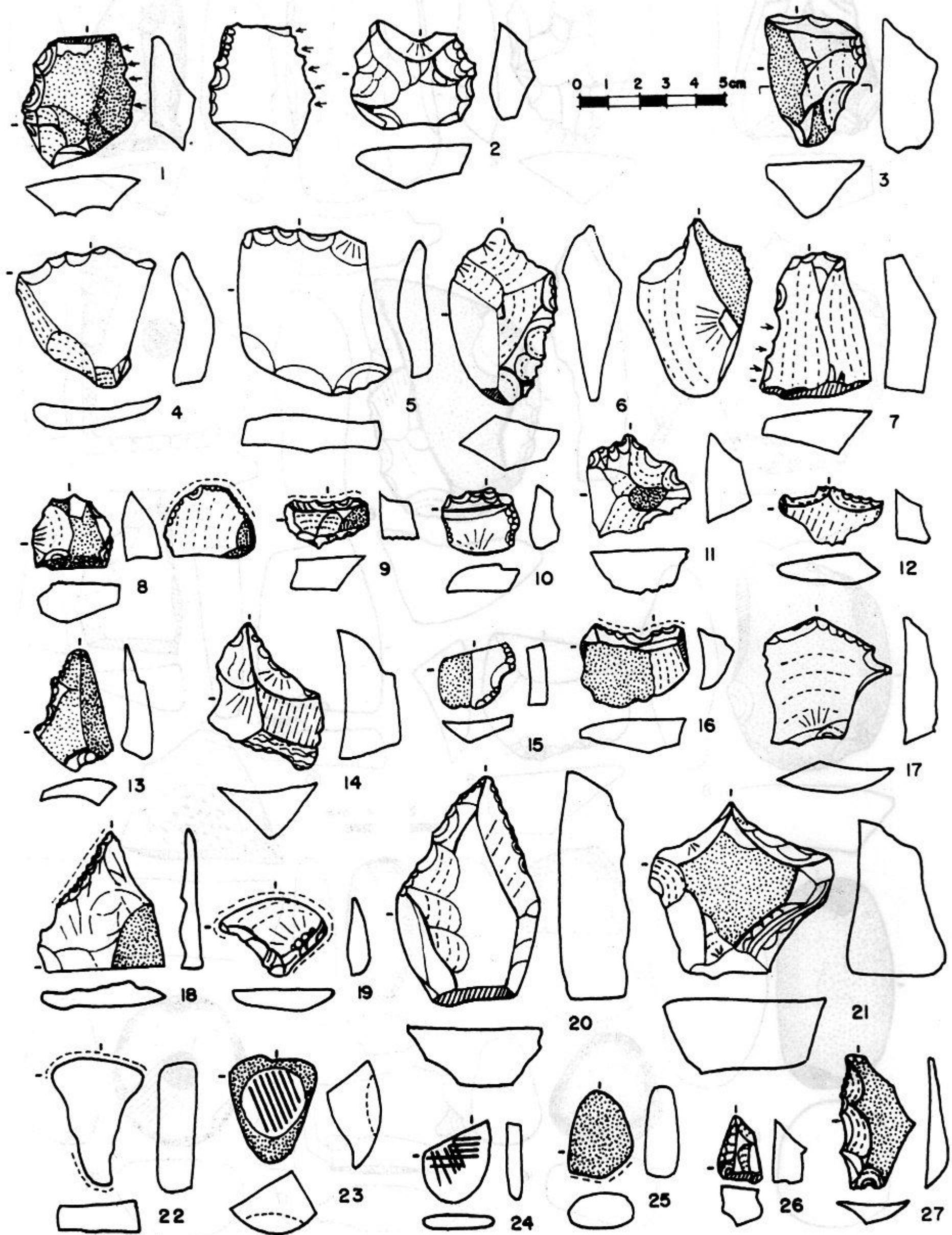


FIGURA 69. Artefatos líticos dos cortes do BA-RC-28.

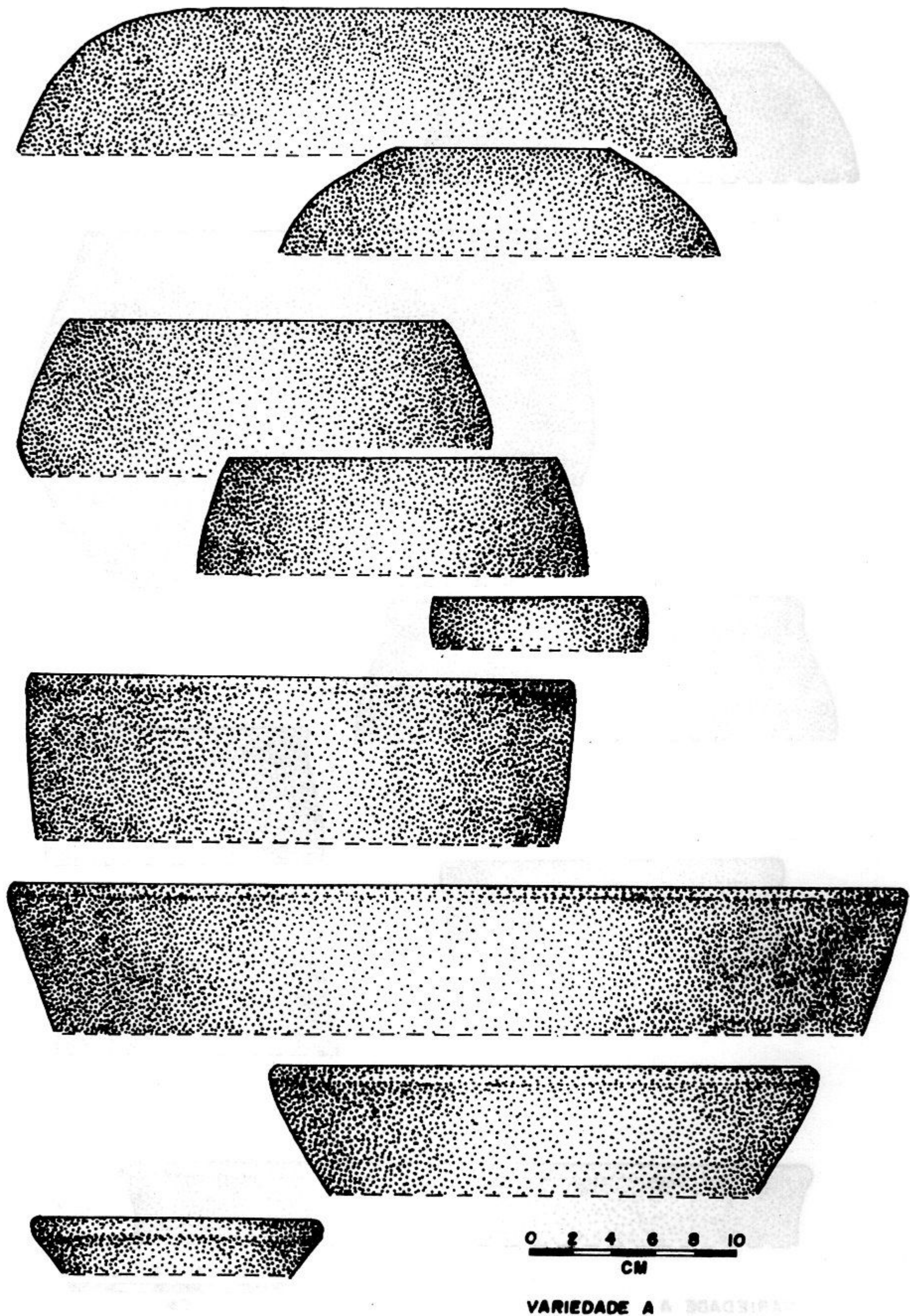


FIGURA 70. Cerâmica dos sítios BA-RC-52 e 28, variedade A.

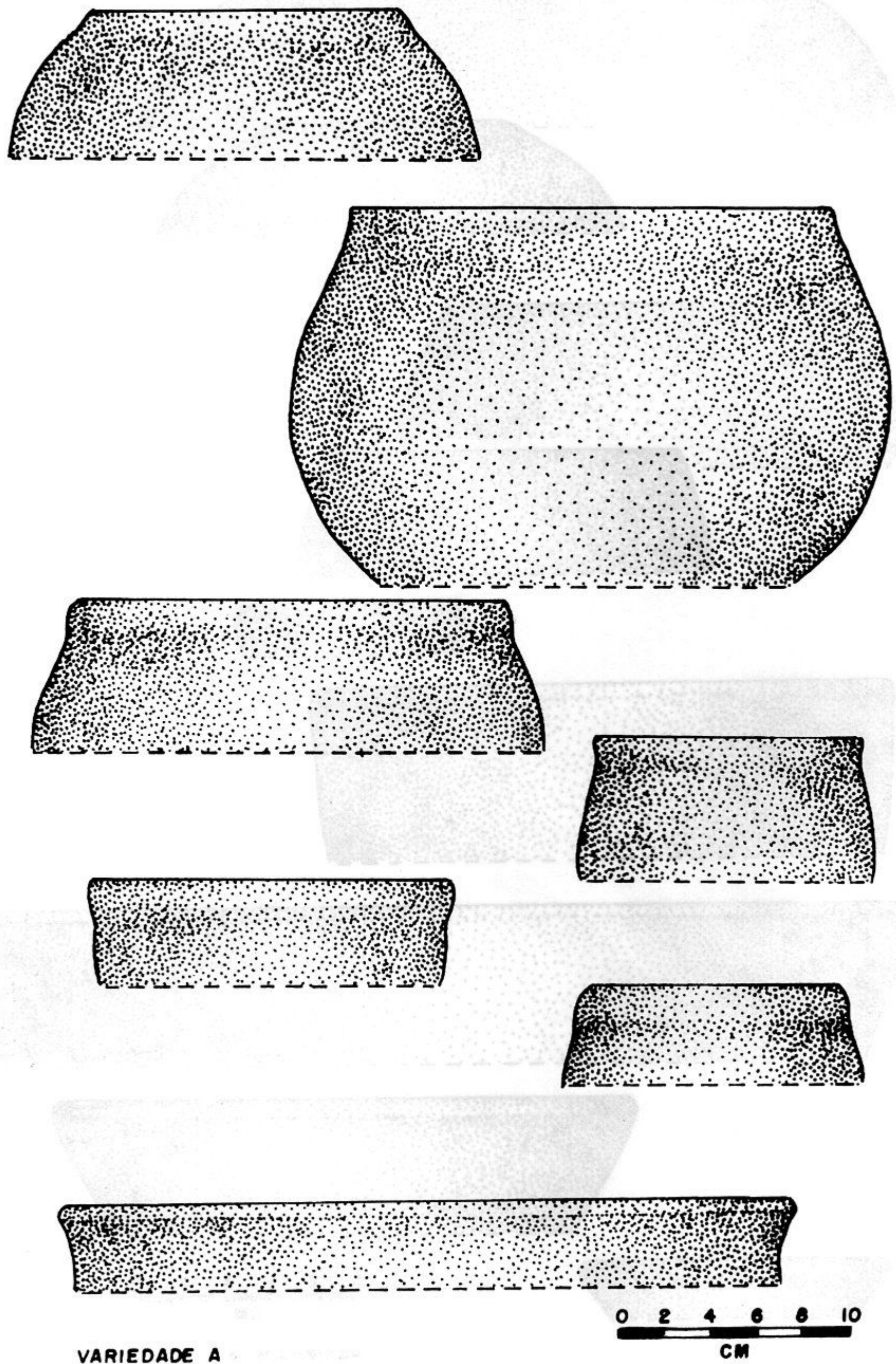
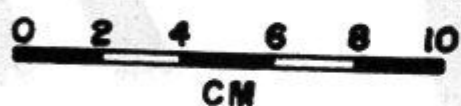
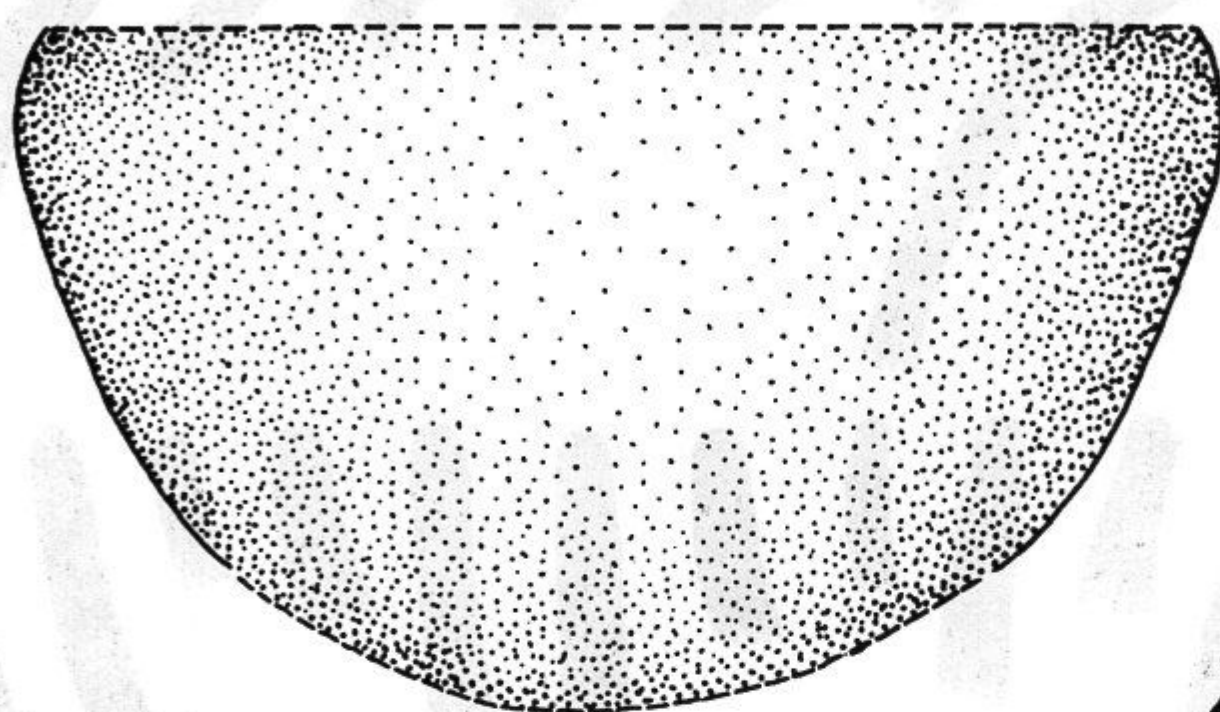
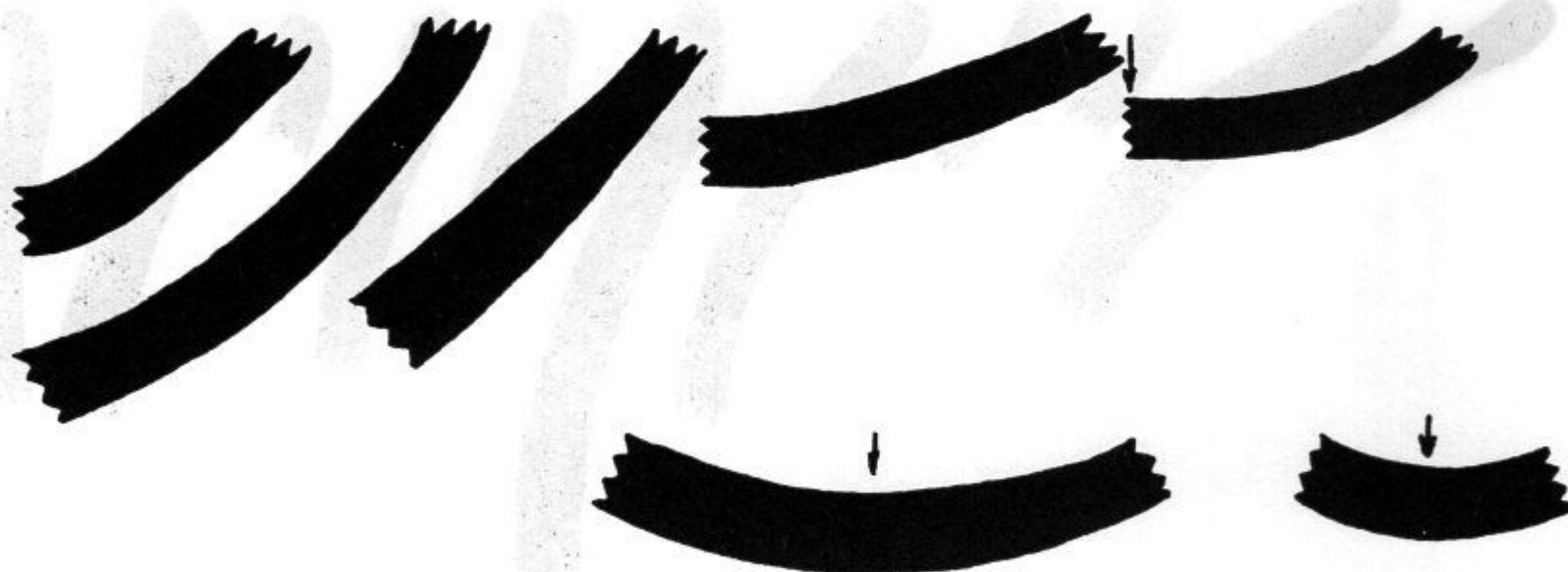
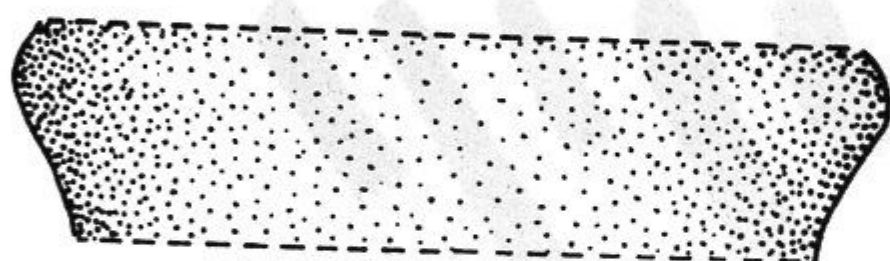


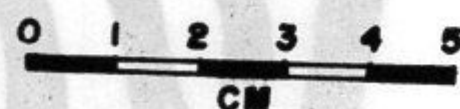
FIGURA 71. Cerâmica dos sítios BA-RC-52 e 28, variedade A.



FORMAS



VARIEDADE A



FRAGMENTOS E BASES

FIGURA 72. Cerâmica dos sítios BA-RC-52 e 28, variedade A.

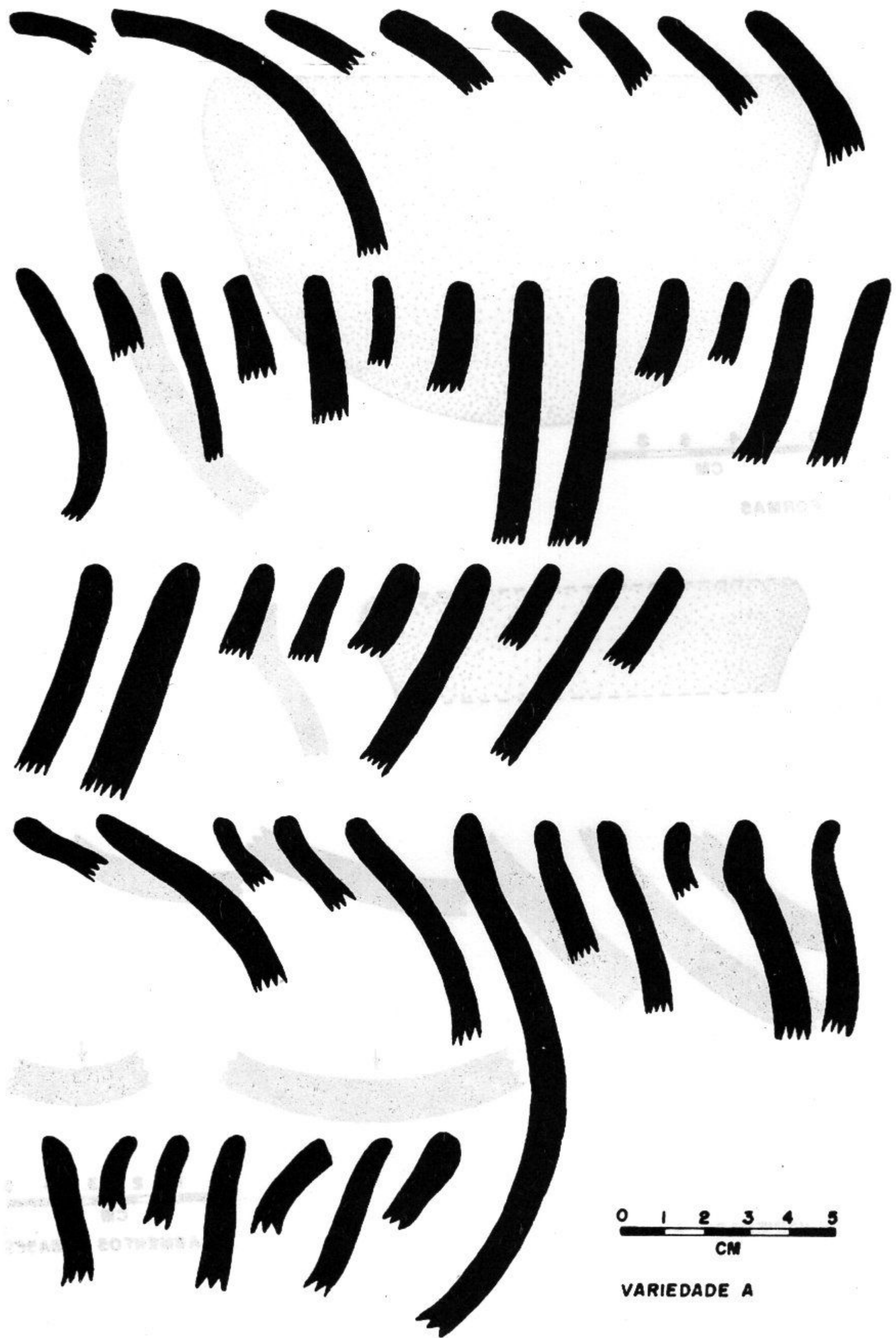


FIGURA 73. Cerâmica dos sítios BA-RC-52 e 28, variedade A.

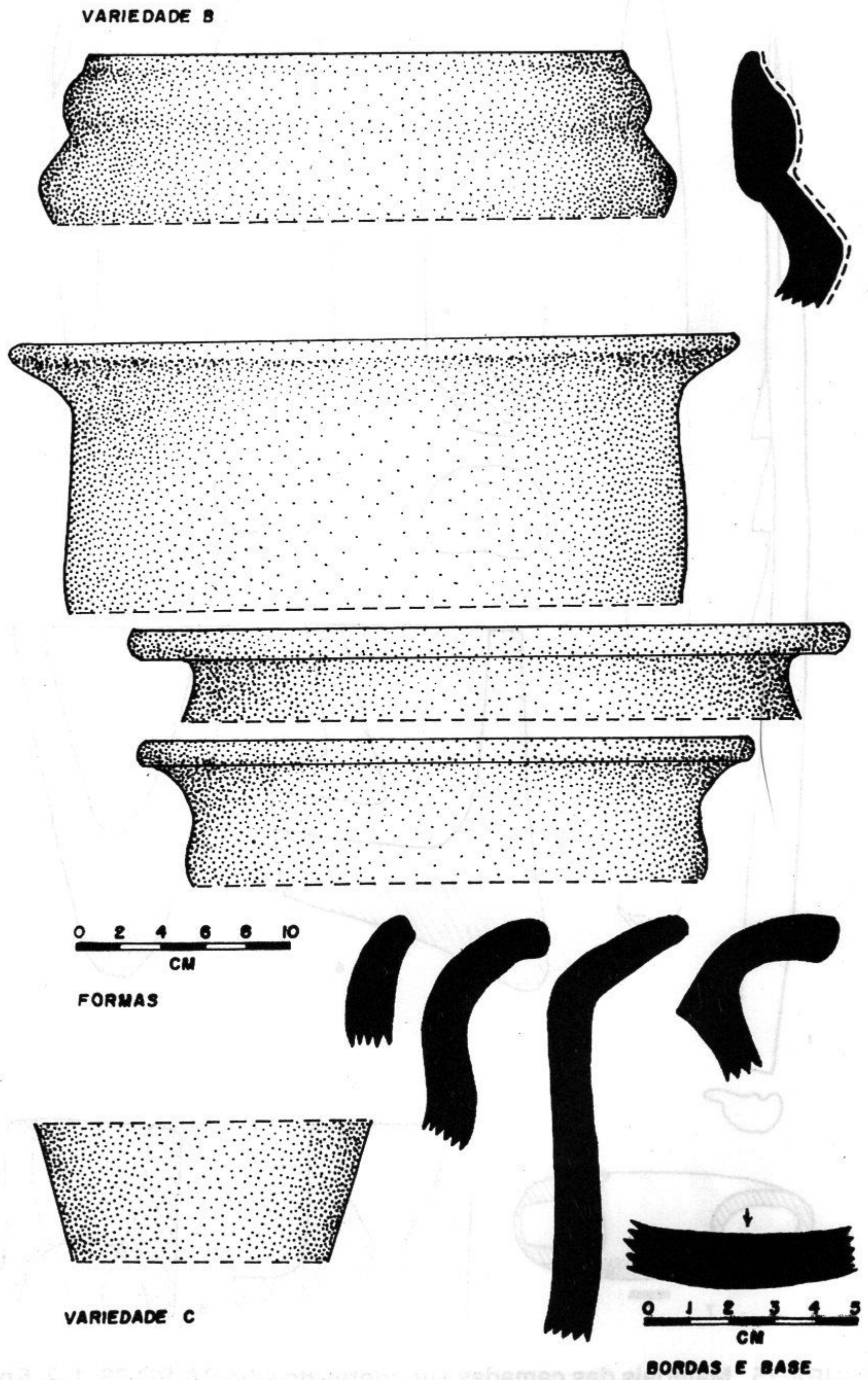


FIGURA 74. Cerâmica do sítio BA-RC-28, variedades B e C.

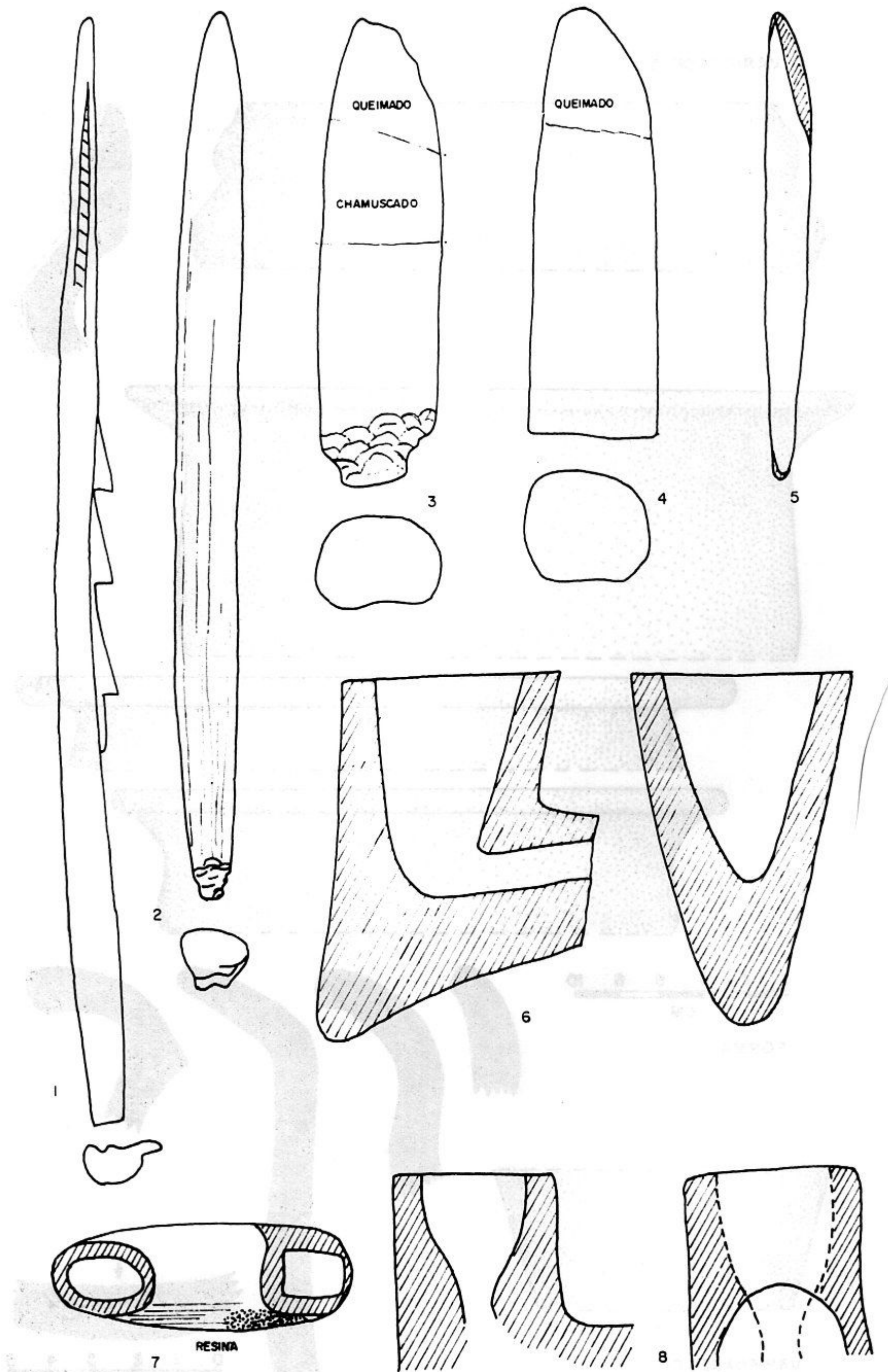


FIGURA 75. Materiais das camadas superiores do sítio BA-RC-28: 1, 2, 5 pontas de projétil em madeira; 3, 4 madeira cortada e alisada, queimada numa extremidade; 6, 8 cachimbos angulares de cerâmica; 7 cachimbo tubular de cerâmica.

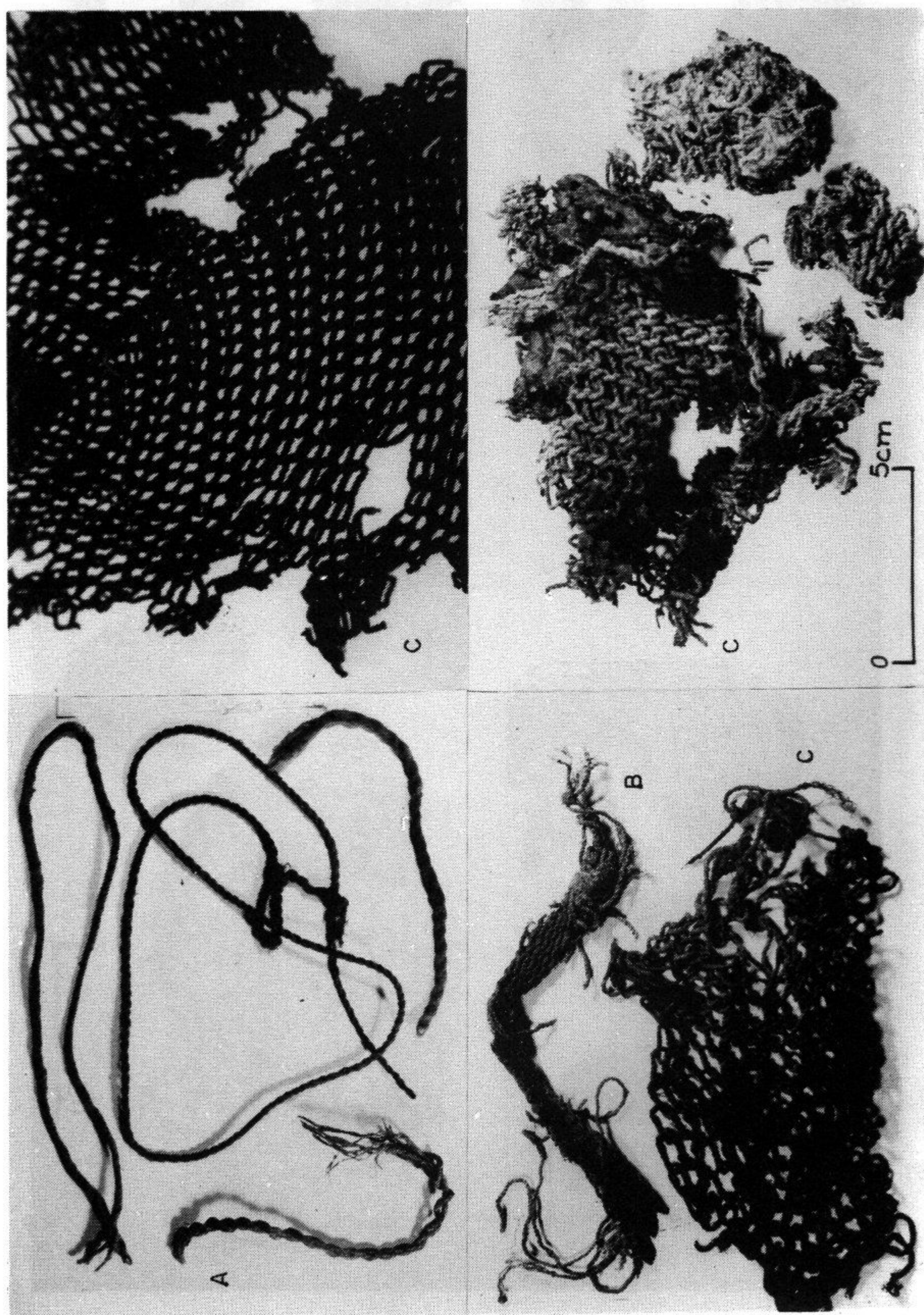


FIGURA 76. Material recolhido na superfície e fossas do GO-JA-28: a) cordas, b) braceadeira, c) bolsas.

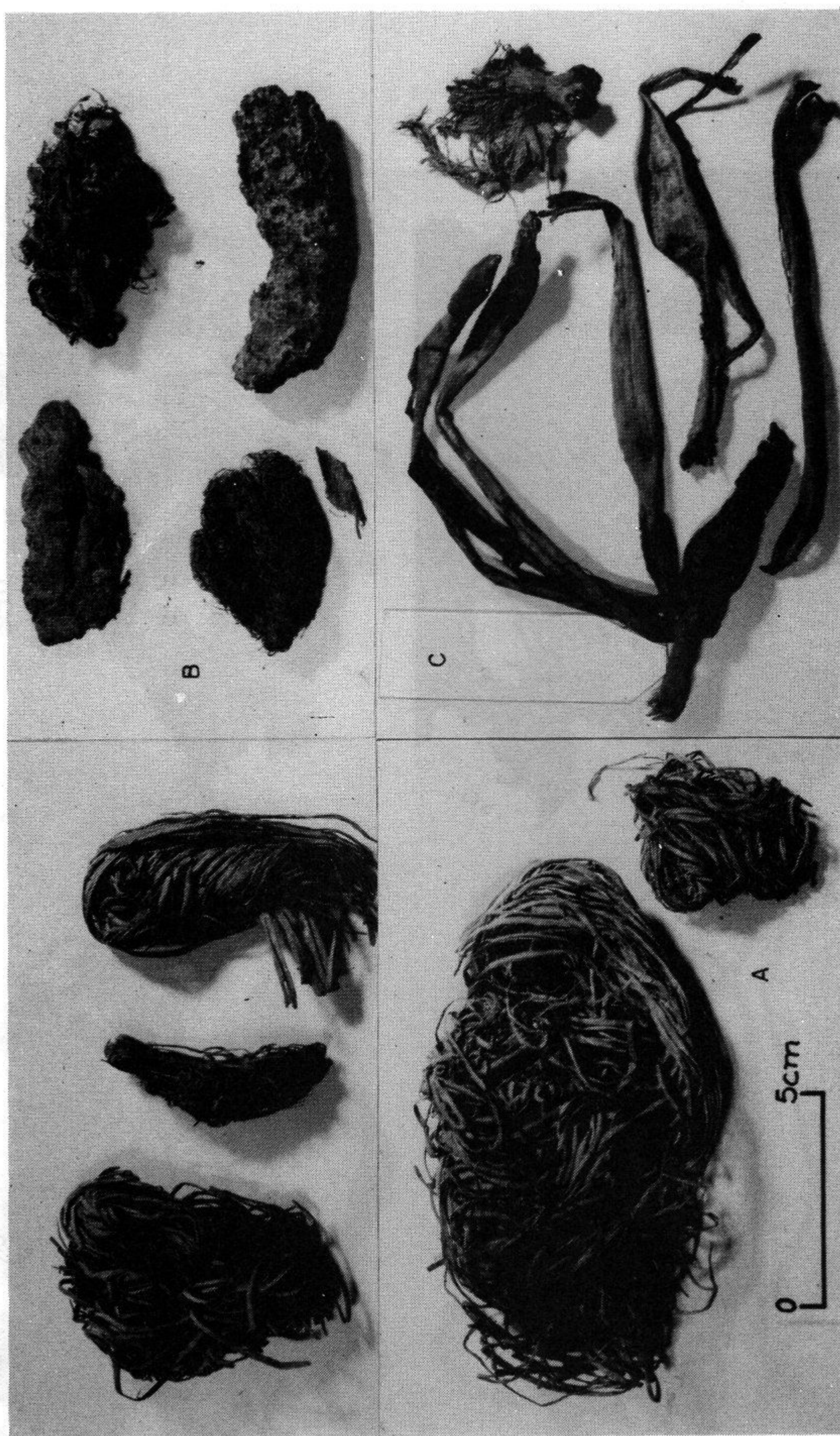


FIGURA 77. Material recolhido na superfície e fossas do GO-JA-28: a) pacotes de fibras vegetais, b) excrementos; c) restos de frutos.

4.4. RESUMO: OS SÍTIOS DA CAATINGA

Nesta área foram registrados 18 sítios, em terrenos de formação calcária.

A variedade de culturas e de implantação no terreno é maior do que na área dos cerrados, anteriormente considerada.

A maior parte dos assentamentos deu-se em abrigos e grutas calcárias, que têm nos estratos inferiores restos de populações caçadoras-coletoras pré-cerâmicas e nas camadas superiores cerâmica de tradição Una e restos de cultivos. No maior aglomerado de abrigos e grutas com essa cerâmica superficial (o *canyon* do Morro Furado) existem restos de duas aldeias aparentemente associadas, de modo que se pode supor que a ocupação dos abrigos e das aldeias seriam partes integrantes e complementares de um mesmo processo de assentamento.

Em terrenos ondulados, um pouco mais distantes dos espaços enfunados dos abrigos e grutas, foram localizados dois sítios cerâmicos da tradição cerâmica Tupiguarani.

O estabelecimento de sítios mais permanentes, ou mais freqüentemente ocupados, exigia certas condições do ambiente. Como as chuvas, na área, são escassas e irregulares, a primeira seria a disponibilidade de água. Alguns sítios estão ao longo de rios superficiais: o do Meio (BA-RC-25), do Correntina (BA-RC-30); ou de rios subterrâneos (BA-RC-28, 49, 52, 54); ou córregos permanentes (BA-RC-43, 44, 53); sítios de ocupação menos intensa podem estar mesmo dependentes de disponibilidade apenas estacional de água (BA-RC-31, 31A, 45, 47).

Os locais de disponibilidade regular de água normalmente tinham vegetação mais densa, representada por Floresta Montana semi-decídua ou decídua, onde havia recursos de caça e coleta e geralmente melhores condições para os cultivos. Esta é a opção dos caçadores-coletores pré-cerâmicos e dos horticultores da tradição cerâmica Una. Os horticultores da tradição cerâmica Tupiguarani se afastam dos terrenos enfunados e estabelecem suas aldeias junto a córregos ou barreiros em terrenos ondulados.

Vamos falar primeiro da ocupação pré-cerâmica.

Todos os abrigos estudados têm uma ocupação pré-cerâmica, que é seguida de uma ocupação ceramista, ou ao menos de um contato com populações ceramistas. A cerâmica foi atribuída à tradição Una; Barbosa (1984) lhe deu o nome de fase Jaborandi (Ver também Schmitz & Barbosa, 1985). O único corte sem cerâmica foi o do BA-RC-47, no fundo de uma dolina de difícil acesso.

Se para o sítio BA-RC-28 temos uma série de datas pleistocênicas, com ocupação humana sugerida, mas insegura, a intensificação da ocupação neste e em outros abrigos parece ter-se dado ao redor de meados do nono milênio antes do Presente.

A matéria-prima usada inicialmente para a produção de artefatos líticos é quase exclusivamente o calcário; ele é substituído, mais e mais, ao redor da data acima, pela calcedônia e o quartzito.

Os artefatos produzidos, embora em alguns dos abrigos (BA-RC-30 e 33) existam raras lesmas, costumam ser muito simples, consistindo de lascas retocadas para formar uma pequena raspadeira, um denticulado, um bico, uma ponta-entre-entalhes; raramente aparece um talhador rudimentar, nunca uma ponta-de-projétil ou um biface regular. Estes artefatos não mudam nas camadas superiores, com a presença de cerâmica e plantas cultivadas.

Os restos biológicos recuperados consistem, em grande parte de moluscos gastrópodes terrestres, os maiores dos quais teriam sido usados como alimento; mas, como os abrigos fazem parte do habitat dessas espécies, é difícil separar os recolhidos pelo homem daqueles mortos naturalmente. Os poucos exemplares que provêm de espécies dulciaquícolas (*Diplodon* sp e *Pomacea* sp) certamente foram trazidos pelo homem. No BA-RC-28, onde se percebe uma representatividade diferencial através das camadas, os moluscos poderiam ser usados também como indicadores das mudanças no ambiente do Pleistoceno final, através do Holoceno, até tempos recentes. Nos outros abrigos e grutas esta diferença, através das camadas, é pouco visível, porque os estratos escavados atingem um período menor de tempo e são menos espessos.

Os demais restos ósseos mostram a prática de uma caça bastante generalizada, mas da qual os felídeos parecem excluídos; isto não porque estivessem ausentes do ambiente. O puma ainda era abundante em tempos bem recentes. Como no caso dos moluscos, é possível que animais de algumas espécies não tenham sido predados, ou predados exclusivamente pelo homem. Pensamos nos anfíbios, nas serpentes, nos ratos, nos morcegos.

Nas camadas inferiores do BA-RC-28 pouco aparecem restos de caça. Eles se tornam mais abundantes quando também os restos líticos crescem em número. E, outra vez, não se percebe muita diferença ao passarmos dos estratos pré-cerâmicos para os cerâmicos.

Apesar de o material ósseo estar bastante conservado dentro dos abrigos e grutas, são muito raros os ossos trabalhados; costumam ser diáfises partidas com uma extremidade polida unifacialmente, criando uma ponta ou espátula (Figura 27).

Nas camadas superiores (em fossas) e na superfície temos também uma certa quantidade de restos vegetais: coquinhos de palmeiras, frutos de umbu, de pequi, de pitomba e de jatobá e restos de plantas provavelmente cultivadas, especialmente o milho, o porongo e o algodão.

Todos os abrigos e grutas com estratos arqueológicos estão pintados dentro da colorida tradição São Francisco, com predomínio de geométricos polícromos, acompanhados de zoomorfos e antropomorfos estilizados monócromos. Muito raras são figuras biomorfas brancas sobre fundo escuro. A última de todas as manifestações são pequenos e finos rabiscos pretos com rudimentares figuras antropomorfas. Se a tradição São Francisco provavelmente está predo-

minantemente ligada à ocupação pré-cerâmica, as pequenas figuras negras talvez sejam dos grupos ceramistas.

Em nenhum dos cortes encontramos sepultamentos reconhecíveis. Só no corte III do BA-RC-28 apareceram algumas falanges de pé humano, mas o resto do esqueleto deveria estar fora do âmbito do corte.

Os abrigos e grutas não parecem ter sido ocupados, em nenhum momento, com certa intensidade, nem mesmo no período cerâmico, quando poderiam ser estações de apoio estratégico e ritual para aldeias a céu aberto.

A tradição cerâmica Una, como se disse, está representada nas camadas superiores e na superfície dos abrigos e nas aldeias a céu aberto, que estão associadas. A cerâmica que a identifica é abundante, composta por vasilhames pequenos, utilitários, sem maior cuidado com a decoração. No abrigo ou na gruta vem acompanhada, além dos restos de alimentos já mencionados, também de fragmentos de produtos artesanais, como bolsas de corda, cordas, braçadeira, esteira, pontas de projétil em madeira, fragmentos de cabaças. Também de cachimbos angulares e tubular.

A cerâmica e os restos de alimentação de origem animal dos assentamentos a céu aberto são semelhantes aos dos abrigos. Mas os artefatos líticos são bastante diferentes e praticamente idênticos com os do sítio Tupiguarani (BA-RC-44). Isto sugere que os sítios Una a céu aberto não se relacionam unilinearmente com a ocupação dos abrigos e grutas, mas talvez desempenhem funções diferentes. Supomos que os assentamentos a céu aberto são os verdadeiros sítios residenciais e a ocupação de abrigos e grutas são sítios de apoio. Como a quase totalidade dos sítios tem cerâmica da tradição Una, podemos pensar que os seus portadores seriam os donos da área. As poucas aldeias Tupiguarani seriam intrusas neste espaço. Ainda, tomando em consideração que existem alguns cacos de cerâmica Tupiguarani no abrigo BA-RC-28, podemos supor que houvesse algum contato entre as duas populações ceramistas.

A única aldeia com cerâmica da tradição Tupiguarani, da qual temos bastante material, possuiria ao menos três moradias, como indicam os três espaços em que está distribuído o material, mostrando que se trata de uma aldeia típica, não mero acampamento de atividades restritas.

5. O ASSENTAMENTO DOS GRUPOS PRÉ-COLONIAIS NOS CERRADOS E NA CAATINGA

O Projeto Serra Geral é uma primeira prospecção, realizada pela equipe do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da UCG e do Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS. O seu objetivo é localizar e avaliar os sítios e buscar uma definição da cultura arqueológica neles representada.

O território do projeto abrange uma pequena parte do leste de Goiás e o sudoeste da Bahia. Na área das formações areníticas temos campos de altura no limite entre um Estado e o outro, cercados pelo cerrado em altitudes menores; e caatinga sobre as formações calcárias, na medida em que nos aproximamos do rio São Francisco.

Os sítios arqueológicos mais antigos são de populações caçadoras-coletores, com assentamentos a céu aberto, em grutas e abrigos. Os horticultores, que os sucedem, são classificados dentro de duas grandes tradições tecnológicas de cerâmica: a tradição Una (fase Jaborandi) e a tradição Tupiguarani (fase Itapicuru e fase São Domingos).

Os caçadores-coletores exploravam dois ambientes distintos: o cerrado e a caatinga.

No **cerrado** os sítios estão localizados ao longo dos rios Correntina e Pratudão/Formoso. Trata-se de assentamentos a céu aberto, predominantemente superficiais primários, nos quais parece predominar a exploração de matéria-prima, composta de calcedônia e quartzito. Ela aflora sob a forma de nódulos, blocos ou lajes no meio das areias finas da Formação Urucuia. Dois dos sítios, que parecem mais duradouros, poderiam ser algo assim como acampamentos centrais e de ocupação mais freqüente, ao passo que os demais provavelmente seriam ocupações mais esporádicas, embora muitos deles também apresentem abundantes restos.

Na proximidade dos rios, onde os sítios foram localizados, os recursos deveriam ser mais abundantes que nos interflúvios, havendo aí possibilidades de caça, pesca, coleta de frutos, fibras e madeiras, nas *veredas* de buritis e no cerrado. Mas o que deveria mantê-los na proximidade do rio seria a disponibilidade de matéria-prima mineral e água, difíceis de localizar nos terrenos elevados.

Estes recursos deveriam estar distribuídos com certa regularidade ao longo dos cursos principais de água, possibilitando acampar ora aqui, ora ali,

sem grandes vantagens ou desvantagens. Alguns lugares seriam mais favoráveis por apresentarem melhor matéria-prima, mais fácil acesso à água, ou maior riqueza de caça e frutas. Tais poderiam ter sido o BA-RC-19 e o BA-RC-35. Incursões rápidas para os interflúvios deviam constar no esquema de abastecimento, especialmente no período das chuvas, quando haveria disponibilidade de água em toda a extensão do terreno.

Não temos nenhuma pretensão de ter elucidado o padrão-de-assentamento do grupo, que ocupou o cerrado, porque nossos levantamentos foram muito localizados, em apenas dois trechos ao longo da estrada que margeia os rios Correntina e Pratudão/Formoso. O terreno, ainda coberto de cerrado nas áreas secas e capim alto na proximidade do rio, oferecia pouca visibilidade, especialmente para sítios pequenos, como seriam acampamentos ocasionais de caça ou coleta, de cuja localização depende fundamentalmente o estabelecimento do padrão-de-assentamento. O resultado foi que se destacaram muito os sítios, que poderiam ter sido predominantemente de exploração de matéria-prima e preparação de artefatos, obstruindo a compreensão do sistema de ocupação.

Nosso trabalho nos sítios também foi reduzido. Geralmente se tratava de reconhecer a sua existência e de recolher algumas peças mais evidentes.

Num sítio estratificado (BA-RC-19) fizemos um corte de 2 x 2 m, no qual buscamos elementos para entender a tecnologia de produção. Aí conseguimos uma data de C^{14} , importante numa área de sítios predominantemente superficiais. Infelizmente nele não estavam preservados os restos alimentícios, que nos informariam sobre a dieta alimentar.

No outro sítio importante (BA-RC-35), superficial primário, também buscamos observar a tecnologia de produção. Evitamos, inclusive, uma coleta significativa de artefatos, reservando-o para um trabalho exaustivo, posterior, que ainda não foi executado.

Em laboratório foi realizada uma classificação inicial do material lítico, da qual resultaram as tabelas, as descrições e os esboços das formas do texto. Os grandes nódulos de calcedônia e quartzito eram primeiro abertos numa extremidade ou lado, retirando o córtex, que era geralmente grosso na calcedônia e mais fino no quartzito. A partir desta plataforma se continuava o descorticamento e seguia a produção de lascas, geralmente longas e estreitas. O retalhamento do núcleo era, muitas vezes, continuado usando outras cicatrizes como plataformas de lascamento. O núcleo rejeitado nem sempre era pequeno. Frequentemente era prismático ou cônico, mas também podia ser poliédrico e mantinha faces corticais. A produção de lascas longas, de bons gumes naturais, a serem usadas diretamente, parece ter sido um dos objetivos do trabalho. Outras lascas recebiam pequenos retoques regularizadores ou constitutivos, formando bicos, pontas-entre-entalhes, raspadeiras, raspadores, denticulados, pontas ou *lesmas*. Com exceção de pouquíssimos bifaces grandes, os instrumentos são unifaciais e se enquadram na grande tradição de unifaces das savanas tropicais

do Brasil. Não há pontas-de-projétil líticas, como as que caracterizam a grande tradição pré-cerâmica das áreas abertas do sul do Brasil.

A única data, do oitavo milênio A.P., pouco nos diz do processo de povoamento. Os longos raspadores, para os quais se tem usado o nome de *lesmas*, que aparecem em diversos sítios, podem sugerir que o começo do povoamento coincidiria com o horizonte da tradição Itaparica (Schmitz, 1980; Schmitz e outros, 1989). A cerâmica, da tradição Una, que está associada ao material lítico em alguns sítios, nos obriga a pensar que alguma ocupação na área se tenha protraído até tempos muito recentes.

O tipo de sítio superficial, que caracterizamos no sudoeste da Bahia, não é novidade no Planalto Central do Brasil, na grande superfície ondulada coberta pelo cerrado. Encontramos ampla referência ao mesmo nas publicações sobre o Projeto rio Paranã, afluente da margem direita do rio Tocantins, no Estado de Goiás, nas fases Paranã, Cocal e Terra Ronca, onde os sítios superficiais podem estar próximos e associados a abrigos e grutas (Simonsen, 1975; Mendonça de Souza e outros, 1977, 1981-1982, 1983-1984).

No Projeto Anhangüera de Arqueologia de Goiás, sítios superficiais semelhantes foram estudados no município de Planaltina, em área mais central do Estado (Andreatta, 1988).

No Projeto Caiapônia, do Programa Arqueológico de Goiás, no sudoeste do Estado, eles existem na proximidade de abrigos, mas são mais raros e menos característicos (Schmitz e outros, 1986).

Referências temos igualmente para o Estado de Minas Gerais, na fase Paracatu (Dias Júnior, 1974) e no Curral de Pedra, no município de Jequitaiá (Prous, 1992, p. 182).

As semelhanças não se resumem à apresentação do sítio, mas estão, também, na disponibilidade e exploração da matéria-prima, na tecnologia lítica e morfologia do produto e provavelmente também na cronologia. Eles se protraem do 11º milênio A.P. até o período ceramista. Eles não formam um padrão de assentamento completo, mas devem ser considerados complementares com ocupações em abrigos e grutas, geralmente próximos; ou mesmo distantes, como acreditamos aconteça com os dos Gerais. Se alguns parecem legítimos sítios de habitação, ou acampamentos centrais, para a maior parte tem-se a impressão de locais de acampamentos passageiros, predominantemente para exploração de matéria-prima, com preparação de artefatos para atividades a serem desenvolvidas em outra parte, em acampamentos mais permanentes ou mais transitórios, de caça e coleta. A exploração e preparo de que falamos certamente exige que os usuários acampem na proximidade por algum tempo, alimentando-se e desempenhando outras atividades, o que faz que os sítios não possam ser considerados de forma simplista.

Na **caatinga** os sítios pré-cerâmicos estão localizados em abrigos pouco profundos e totalmente iluminados e na parte fronteira, iluminada, de grutas calcárias. Só foi encontrado um acampamento a céu aberto e, assim mesmo, com pouco material.

Não se trata mais de sítios de mineração, mas de locais de acampamento provavelmente para funções variadas. Fatores importantes na escolha dos pontos: abrigo iluminado, nivelado, seco e ventilado, água, recursos alimentares de coleta vegetal e animal, além de caça, às vezes de pesca. Abrigos e grutas grandes, mas sem os requisitos acima, não apresentam marcas de ocupação humana.

O assentamento se fez em áreas enfurnadas, como a do Morro Furado, ou do Barreiro do Cedro, ou ao longo de paredões empinados. Água encontrava-se em rio fronteiro superficial (onde também haveria peixe), em rio subterrâneo, em córrego permanente ou intermitente. Os recursos alimentares deveriam ser mais abundantes nessas áreas, onde os moluscos terrestres encontravam ambiente favorável, os mamíferos e outros animais se acoitavam e o gradiente vegetacional reunia maior variedade. A matéria-prima mineral provavelmente existiria na proximidade, mas era menos visível, abundante e qualificada que no cerrado; além do calcário havia, também aqui, calcedônia e quartzito, mas em nódulos pequenos.

Nesta área foi realizado um trabalho de campo mais intenso e o padrão de assentamento se tornou mais conhecido. O território foi percorrido, e conhecedores da área nos acompanhavam. Em quase todos os abrigos e grutas foram realizados cortes estratigráficos, alguns bem representativos, além de coletas superficiais e documentação da arte rupestre, sempre presente. Existe um número suficiente de datas de C^{14} para estabelecer a cronologia da ocupação. Os restos líticos e biológicos foram previamente analisados. Sobre os restos de alimentos e a arte rupestre haverá publicações separadas.

Quando tentamos reconstituir o padrão-de-assentamento do grupo temos de pensar a área da caatinga como um território em que a população freqüenta os sítios em rodízio, acampando ora num, ora noutro abrigo, ou conjunto de abrigos. Eles não apresentam as mesmas condições básicas e por isso alguns seriam mais procurados que outros, de acordo com objetivos ocasionais. Também aqui teria sido importante localizar os acampamentos rápidos, de coleta, caça e mineração de matéria-prima fora dos abrigos, mas a visibilidade desses sítios aqui também é pequena. O sítio BA-RC-31A foi descoberto por acaso, porque em nosso trajeto para a gruta do Barreiro do Cedro, diariamente passávamos por cima dele. Quantos sítios pequenos desse tipo existem é impossível adivinhar.

Os artefatos líticos são produzidos, de início, quase exclusivamente em calcário local. Com o crescimento da ocupação ele é substituído progressivamente pela calcedônia, depois também pelo quartzito, como se pode ver nas Tabelas. No abrigo BA-RC-28, onde há mais cortes e datas, esta substituição deve ter-se dado por meados do nono milênio A.P.. Como os nódulos originais da calcedônia e do quartzito são muito menores que os do cerrado e os de calcedônia ainda são submetidos ao fogo, os produtos do retalhamento são pequenos e irregulares e os núcleos residuais, geralmente bipolares, costumam ser inferiores a 5 cm. Os artefatos produzidos são unifaciais. Com exceção de

umas poucas *lesmas*, costumam ser lascas retocadas para reforçar ou endireitar gumes, formar pequenas raspadeiras, raspadores, denticulados, bicos, pontas-entre-entalhes e talhadores atípicos. Raramente temos algum percutor, suporte ou percutor-suporte, ou seixos com faces ou lados alisados.

Os restos de alimentos mostram abundantes moluscos terrestres de vários gêneros, raros moluscos aquáticos; caça generalizada de animais pequenos, médios e grandes do ambiente; rarissimamente peixe. Nas camadas correspondentes poucos restos vegetais ficaram preservados.

Também não encontramos sepultamentos.

Os estratos arqueológicos refletem bastante claramente as mudanças ambientais através dos últimos 25.000 anos: o Pleistoceno final, o começo do Holoceno, o Ótimo Climático e o período atual, como buscamos mostrar nas camadas do BA-RC-28.

Neste sítio aparecem datas pleistocênicas bastante antigas. Das cinco datações, duas foram realizadas sobre moluscos terrestres, três sobre carvão vegetal. Olhando os restos líticos, ósseos e conchíferos dessas camadas tem-se indícios de possível presença humana: ossos e conchas queimados e primitivos instrumentos em calcário. Novas pesquisas estão sendo feitas sobre estas camadas (ver também Bitencourt e Schmitz, 1994), razão por que não avançamos além desta notícia.

A ocupação torna-se mais intensa a partir de meados do 9º milênio A.P., com maior variedade de matéria-prima (além do calcário aparece calcedônia e quartzo), de restos de alimentação (além dos moluscos aparece caça generalizada) e maior volume de restos líticos e biológicos.

Para os outros abrigos temos menos datas, mas nota-se que, depois dos primeiros momentos, em que predomina o calcário como matéria-prima, também a calcedônia e o quartzito passam a predominar. A riqueza de restos biológicos é a mesma ou maior.

Nos estratos superiores de todos os abrigos, menos no BA-RC-47, encontramos cerâmica de tradição Una, sem que mude visivelmente a indústria lítica, sempre unifacial e com um mínimo de trabalho, como é típico da grande tradição das savanas tropicais do Brasil.

Os abrigos costumam apresentar dois estilos de pintura: um típico da tradição São Francisco (Prous, 1992:525 ss; Prous, Lanna & Paula, 1980; Prous, Junqueira & Malta, 1984), com seus geométricos multicores e seus zoomorfos e antropomorfos estilizados predominantemente monócromos vermelhos, raramente brancos; o outro estilo, de pequenos grafitos pretos, sobrepostos aos anteriores, com raras figurações estilizadas antropomorfas e zoomorfas. O primeiro desses estilos certamente é dos caçadores-coletores, o segundo possivelmente dos ceramistas da tradição Una.

Devido à pequena espessura, densidade e extensão das camadas arqueológicas devemos atribuir a ocupação dos abrigos a bandos nômades, pouco numerosos ou bastante divididos, como aparecem os grupos jê do Planalto brasileiro em tempos históricos (Lowie, 1946). Seu território não estaria reduzido

ao espaço por nós estudado, mas abarcaria área maior, dentro da bacia do São Francisco.

Quando pensamos nas relações desses caçadores-coletores com grupos de áreas vizinhas, nos lembramos primeiro dos povoadores do cerrado, dos quais acabamos de falar. Alguns elementos comuns existem: as *lesmas* e toda uma indústria lítica unifacial. Mas estas características são compartilhadas em espaços muito maiores, do Centro-Oeste e Nordeste do Brasil. Os sítios mais próximos do cerrado, como o BA-RC-30, partilham a excelente calcedônia do cerrado, mas as pinturas são claramente do resto dos abrigos e grutas calcárias. É possível que os sítios do cerrado e da caatinga sejam do mesmo grupo, que poderia usar estacional, ou ocasionalmente, ora uma, ora a outra área. Mas isto não passa de conjectura, para a qual não possuímos dados empíricos.

Coincidências claras temos com o noroeste de Minas Gerais, onde existem o mesmo ambiente, a mesma tecnologia e os mesmos estilos de pintura (Prous, Junqueira & Malta, 1984), sendo possível, aqui sim, que se trate dos mesmos grupos circulando em ambos os espaços. Coincidências em termos de ambiente, indústria lítica, vestígios alimentares e formas de ocupação encontram-se também em outras áreas de Minas Gerais: no sítio Zé Preto (Dias Júnior e outros, 1988), na fase Paracatu, na Gruta do Gentio, na Lapa da Foice (Dias Júnior, 1978/79/80) e nos sítios escavados por André Prous e equipe (Prous, 1978/79/80 e 1992).

Semelhanças muito grandes, na forma de ocupação, na indústria lítica e nos resíduos alimentares, mas não nas pinturas, existem, outra vez, com as fases Paranã, Cocal e Terra Ronca (Simonsen, 1975; Mendonça de Souza e outros, 1977, 1981-1982, 1983-1984). Já um pouco mais afastados estão os sítios do sudoeste de Goiás, onde as semelhanças se restringem à fase Serranópolis (Schmitz, 1980; Schmitz e outros, 1989).

Embora com nuances locais, esta ocupação representa bem o Holoceno médio e recente das savanas tropicais do Brasil.

Nos estratos superiores, nas superfícies dos abrigos e partes frontais das grutas aparece cerâmica da tradição Una, denominada fase Jaborandi.

É uma cerâmica utilitária, pequena, sem maior decoração que, em alguns sítios, chega a ser abundante.

Ela vem acompanhada de restos vegetais sob a forma de caroços e/ou cascas de frutos da caatinga, como umbu, pequi, pitomba, jatobá, gueroba e de plantas provavelmente cultivadas, como o milho, a cabaça e o algodão.

Nesse contexto aparecem ainda restos artesanais como bolsas, cordas, fibras, esteira, pontas de projétil em madeira, cachimbos de barro cozido.

Este material pode estar na superfície ou em fossas de várias dezenas de centímetros de profundidade, que têm menos aspecto de silos do que de buracos de lixo, algumas vezes até de cova de algum animal.

A cerâmica de tradição Una aparece nas camadas superiores e na superfície dos abrigos e grutas, sem modificar visivelmente o contexto lítico. Mas

o lítico dos sítios cerâmicos a céu aberto é muito diferente, como se pode ver nos sítios BA-RC-52 e 53.

Se as ocupações Una em abrigos e grutas geralmente são numerosas, as aldeias a céu aberto, associadas às mesmas, costumam ser mais raras. No Morro Furado elas não estão dentro do *canyon*, mas na parte externa, em acessos ao mesmo, mas a pequenas distâncias dos abrigos ocupados, em espaço maior e terreno plano ou ondulado.

A cerâmica e os restos de coleta e caça parecem os mesmos, dentro e fora, mas dentro do abrigo faltam os típicos artefatos líticos das aldeias, especialmente as lâminas de machados e talhadores. Estes artefatos, por sua vez, são semelhantes aos das aldeias do grupo ceramista Tupiguarani, localizadas na mesma área da caatinga.

A quantidade relativamente pequena de fragmentos de cerâmica nos abrigos (menos de 400 em todo o grande abrigo BA-RC-28), com relação às aldeias (725 num corte de 4 m²) e a diferença no material lítico sugerem que a ocupação das aldeias e dos abrigos não é equivalente, devendo as aldeias desempenhar uma função de residência e os abrigos e grutas uma função de acampamento ocasional, para fins econômicos, sociais ou rituais.

Como esses grupos ceramistas usam os abrigos e grutas da área da caatinga podíamos perguntar se as ocorrências de cerâmica em alguns sítios do cerrado não seriam também deles. Sendo os cacos geralmente poucos, uma asserção é difícil.

Os sítios da área partilham características com os de outras áreas colocadas dentro da mesma tradição cerâmica Una. Faremos uma breve revisão dessa tradição, buscando o espaço que, nela, cabe à fase Jaborandi.

A tradição Una, criada pelo PRONAPA (Brochado e outros, 1969), reúne sítios com cerâmica utilitária, escura, praticamente sem decoração, de tamanho pequeno e formas simples, produzida por grupos cultivadores, cujo assentamento mais freqüente se dá em abrigos, grutas ou cavernas, menos freqüentemente em sítios a céu aberto, próximos aos cobertos. Seu território se estende do estado do Rio de Janeiro até o rio Araguaia e seu ambiente são terrenos acidentados dentro do cerrado ou da mata.

A tradição foi dividida em diversas fases regionais e apresenta ocorrências ainda não agrupadas sob nenhum nome genérico.

As fases são: Tanguí, 1.140 $\pm$ 80 A.P. (SI-1189), no Espírito Santo (Perota, 1974); Mucuri, 1.430 $\pm$ 65 A.P. (SI-705), no Rio de Janeiro (Dias Júnior, 1969a b c, 1978/1979/80, 1979; Dias Júnior & Carvalho, 1980); Una, 1.060 $\pm$ 80 A.P. (SI-436), no Rio de Janeiro (Dias Júnior, 1978/79/80); Piumhi, 1.840 $\pm$ 90 A.P. (SI-2360), em Minas Gerais (Dias Júnior & Carvalho, 1982); Jaborandi, 955 $\pm$ 85 A.P. (SI-6291) (Barbosa, 1984; Schmitz & Barbosa, 1985); Palma, 1.230 $\pm$ 90 A.P. (Gif 3910) e 740 $\pm$ 90 (Gif 3909), no Projeto Paranaíba, GO (Simonsen e outros, 1981, 1981-1982); Jataí, 1.000 $\pm$ 75 A.P. (N-2349) e 925 $\pm$ 60 A.P. (SI-3690). no sudoeste de Goiás (Wüst & Schmitz, 1975; Schmitz e outros, 1989). Em Goiás há outros sítios com características parecidas: GO-NI-

06 (Gruta Maracanã), 1.060 A.P. e GO-NI-11 (Gruta dos Milagres), ambos no município de Planaltina (Andreatta, 1988). Atualmente no Estado de Tocantins: fase Pindorama, 2.360 +- 70 A.P. (SI-4068), 1.015 +- 60 A.P. (SI-4067), sobre o Médio Tocantins (Barbosa e outros, 1982). Prous e equipe também estudaram diversos sítios (Prous, Junqueira & Malta, 1984; Prous, 1992; Prous, Brito & Lima, 1994).

A tradição parece um grande guarda-chuva, que reúne sítios arqueológicos com características parecidas, mas não coincidentes. Na cerâmica se encontram as maiores semelhanças. Sempre aparecem várias espécies de plantas cultivadas e restos de coleta vegetal nativa. A indústria lítica pode coincidir com a das ocupações pré-cerâmicas imediatamente anteriores, como na fase Palma, em parte na fase Jaborandi e nos abrigos do Noroeste de Minas, ou ser diferente, como na fase Jataí, em parte na Jaborandi; pode ser diferente também dos sítios a céu aberto com relação aos sítios dos abrigos, como na fase Jaborandi. Prous, Brito & Lima (1994) pensam que os grandes artefatos, como os que aparecem nos sítios a céu aberto no Morro Furado, poderiam ser de ocupantes posteriores e bem recentes, que também teriam deixado a maior parte dos artefatos em materiais perecíveis, encontrados na superfície. Restos de tecidos e trançados, bem como artefatos em madeira estão conservados em abrigos do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahía e Goiás. O assentamento pode estar restrito a sítios cobertos, como na fase Jataí, ou dividido entre sítios cobertos e abertos próximos, como acontece geralmente. Os sítios cobertos podem ter funções diferentes dos abertos (na fase Mucuri parecem mais rituais, em outras fases podem ser rituais ou de complementação social ou econômica). Na fase Jataí parecem predominantemente habitacionais.

A ocupação nos sítios cobertos parece ter sido pouco intensa e os abertos costumam ser pequenos em comparação com os de outros horticultores da área, sugerindo que se trata, em cada fase ou território, de populações pouco numerosas e semi-sedentárias.

Finalmente é sugerido que os sítios poderiam ser dos antepassados de grupos Jê coloniais: a fase Una, dos Puri e a Mucuri, dos Goitacá (Dias Júnior & Carvalho, 1980; Prous, 1992:344).

Com essas considerações parece que encontramos o local e o sentido dos sítios da fase Jaborandi. Eles não se constituem num fenômeno isolado, mas fazem parte de um amplo conjunto de assentamentos, distribuídos pelos cerrados do Centro e Nordeste e as matas do Sudeste do Brasil, em áreas acidentadas, longe dos aldeões da tradição Aratu/Sapucaí, dona dos espaços ondulados e às vezes bem próximos dos aldeões da tradição cerâmica Tupiguarani, intrusivos na área, com os quais mantiveram algum contato.

As fortes coincidências com sítios pesquisados por Prous, Junqueira & Malta (1984) e Prous, Brito & Lima (1994), no noroeste de Minas Gerais, num espaço praticamente contínuo com o que estudamos no sudoeste da Bahía, insinuam que se trata de um mesmo fenômeno, separado apenas por um limite

político recente. Nas outras fases possivelmente estejam representados grupos tribais de afirmação independente.

Sobre a origem concreta dessa população, cujos sítios rastreamos usando como indicador a cerâmica, e sua continuidade no período colonial não temos ainda suficiente informação. O padrão de assentamento, alguns elementos tecnológicos e o espaço ocupado, insinuam, por suas semelhanças, que, de fato, poderiam ser os antepassados dos grupos Jê das savanas tropicais.

O outro grupo ceramista, representado também por dois sítios de aldeia a céu aberto, é da tradição Tupiguarani, subtradição Pintada.

No único sítio, no qual se conseguiu quantidade representativa de fragmentos cerâmicos e artefatos líticos, se percebia a distribuição em três espaços, que provavelmente correspondiam a três habitações. Tendo parte do terreno pouca visibilidade, não podemos assegurar que estas teriam sido as únicas habitações da aldeia.

A cerâmica parece ter muitas formas rasas, de bordas reforçadas, semelhantes a tigelas e alguidares e poucos vasos profundos. Apresenta um aspecto consideravelmente diferente dos vasilhames altos e pintados dos sítios do lado goiano (fase São Domingos), que também podem ser classificados dentro da mesma tradição Tupiguarani e na mesma subtradição Pintada.

O abundante material lítico, no qual predominam lâminas de machado e talhadores, é parecido com o dos sítios a céu aberto da fase Jaborandi, tradição Una, dos quais falamos acima.

Provavelmente os dois grupos de horticultores são contemporâneos na área. No abrigo BA-RC-28 aparecem alguns cacos engobados de branco e com formas típicas da tradição Tupiguarani e na frente da gruta BA-RC-33 se encontrou um fragmento unglado. Já comentamos que este caco poderia ter sido arrastado pela água a partir do sítio BA-RC-31, que se encontra uns 3 km a montante, no dreno seco que desemboca no abrigo.

Como a cerâmica de tradição Una se encontra nos abrigos e em mais dois sítios superficiais, tem-se a impressão de que seus portadores teriam sido, em tempos recentes, os donos da área. A fraca ocupação Tupiguarani teria sido, então, intrusiva.

Não são raras pequenas intrusões de grupos portadores da tradição Tupiguarani, subtradição Pintada ou subtradição Corrugada, em territórios dominados por outros grupos ceramistas, onde vão ocupar pequenos nichos pouco aproveitados, contactar com outras populações ou mesmo se assentar junto a elas.

Uma pequena revisão dessas ocorrências pode iluminar o fenômeno que observamos em nossa área de estudo.

A tradição cerâmica Tupiguarani, estabelecida pelo PRONAPA (Brochado e outros, 1969), está dividida em duas subtradições: a Corrugada, cuja área de maior concentração é encontrada nos Estados sulinos do Brasil, mais Mato Grosso do Sul, Paraguay e Nordeste argentino; e a subtradição Pintada, cuja área de maior concentração está no Sudeste e Nordeste do Brasil. Além de áreas

de grande concentração de sítios, existem pequenas intrusões em espaços dominados por outras tradições cerâmicas: no da tradição Una, dona dos terrenos acidentados no Sudeste, Centro e parte do Nordeste, e no das tradições Aratu/Sapucai, estabelecidas em terrenos ondulados do Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil.

Calderon (1967 e 1969) estabeleceu, para a Bahía, duas fases arqueológicas: a Coribe, que atribuiu à subtradição Corrugada e a Itapicuru, que ficou na subtradição Pintada.

Os poucos sítios da fase Coribe, dentro da área por nós prospectada, estariam na parte mais elevada das serras, apenas acessíveis por trilhas extremamente perigosas, com a preocupação de estabelecer as aldeias em sítios defendidos por obstáculos naturais, tais como serras escarpadas, agulhas de calcário etc. O antiplástico é caco moído e areia. A decoração da cerâmica é quase exclusivamente plástica, destacando-se, percentualmente, a técnica corrugada e, depois, a escovada, a ponteadada, a ungulada, a serrungulada, a incisa, a borda talhada e, em apenas um sítio, 3 cacos com engobo branco. Bordas reforçadas externamente, semelhantes às da fase Itapicuru, assim como alguns tipos de decoração plástica, mostrariam a filiação existente entre ambas as fases. As principais formas são globulares, embora a tigela oval seja uma das características desta fase, como o é também na Itapicuru. Pequenas urnas funerárias, de enterramento secundário, corrugadas ou escovadas, parecem ser freqüentes nesta fase. (Calderon, 1960:139-140).

Os mais numerosos sítios da fase Itapicuru se encontram perto do litoral, mas também distribuídos pelo interior. Sua localização varia desde pequenas elevações dominando vales até serras de considerável altitude, sendo uma constante, em todos, a presença de terras apropriadas para a agricultura incipiente. Conforme o local, os sítios podem ser grandes, com diâmetros de até 200 m, ou pequenos, não ultrapassando os 50 m. O antiplástico é areia com cacos moídos. A decoração é ponteadada por dedos, ungulada de vários tipos, grossas linhas vermelhas ou finos traços pretos sobre engobo branco, ou mesmo complicados desenhos abstratos de linhas vermelhas e pretas. As formas podem ser de vasos com ombros quase que em ângulo reto ou globulares, tigelas ovais com bordas reforçadas exteriormente por grossos lábios de secção muito típica, não faltando também assadores. Vários enterratórios foram escavados. Consistiam em grandes vasos de forma quadrangular ou tigelas ovais de diversos tamanhos, desde 32 a 55 cm de diâmetro máximo na boca, utilizados como urnas funerárias para enterramento secundário; sempre aparecem cobertas por outras tigelas ou fragmentos de vasos (Calderón, 1967:113-114; 1969:143-144).

Pelas descrições acima vê-se que nosso material só pode ser incorporado na fase Itapicuru, apesar de nos encontrarmos na área atribuída à fase Coribe.

Quando Calderón fala que havia alguns artefatos de quartzo verde ou amazonita na fase Itapicuru, quebrados ou sem concluir, tais como tembetás e machados polidos, pode estar se referindo a artefatos líticos semelhantes aos que nós encontramos, abundantemente, no sítio BA-RC-44.

No interior de Minas Gerais observamos um fenômeno parecido com o da Bahia: o Tupiguarani infiltrado em áreas dominadas por grupos ceramistas das tradições Una e Aratu/Sapucai. Junto ao rio Carinhanha, limite com a área por nós estudada, Dias Júnior (1976/77:123) estabeleceu a fase Cochá, da subtradição Pintada, cujas características podemos supor sejam parecidas com as do sítio por nós estudado. Como a nossa, a área era dominada pela tradição Una. - Mais ao sul, no vale do rio Grande, estabeleceu a fase Belvedere, da subtradição Corrugada, cujos sítios estão praticamente cercados pela tradição Aratu/Sapucai, sendo também aí intrusivos.

Prous, Brito & Lima (1994) registram sítios Tupiguarani, subtradição Pintada, em áreas abertas do vale do rio Peruaçu, onde os abrigos são dominados, em tempos recentes, pela tradição Una.

Lembramos situações parecidas em outras áreas: a fase Iporá, no oeste de Goiás (Fensterseifer & Schmitz, 1975; Schmitz e outros, 1982); os sítios GO-CA-O5 e GO-RV-01, no centro de Goiás (Andreatta, 1975 e 1988); os sítios MT-SL-03 e 10A, no Mato Grosso (Wüst, 1990) e finalmente os sítios descritos na parte goiana deste projeto (fase São Domingos), em áreas densamente ocupadas pelas tradições Aratu ou Uru.

Um exemplo atual e muito ilustrativo desta penetração de populações do grande grupo Tupi, ou ligadas à tradição cerâmica Tupiguarani, em territórios de predominância Jê é o dos Avá-Canoeiro que, tendo subido o rio Tocantins, vieram fixar-se nas matas do Alto-Tocatins, onde seus poucos sobreviventes e sua história foram estudados por Pedroso (1992).

Toda esta revisão foi realizada não simplesmente para mostrar que as populações da tradição cerâmica Tupiguarani penetraram como pequenos grupos no meio de populações de outras tradições cerâmicas igualmente horticultoras, donas da área, mas para observar seu comportamento no meio dessas populações.

No sudoeste da Bahia pouco se percebe este contato: o sítio BA-RC-44 parece não ter nenhuma contaminação da tradição Una, mas no abrigo BA-RC-28 temos alguns cacos engobados de branco e com morfologia típica do Tupiguarani. Dificilmente estes poucos cacos teriam sido deixados aí, no centro mais forte da tradição Una, por indivíduos da outra tradição. É mais provável que os próprios freqüentadores tradicionais do abrigo os tenham deixado aí. A identidade das formas das lâminas de machado entre sítios abertos da tradição Una e as do sítio Tupiguarani poderia ser considerada uma coincidência se isto ocorresse também nas outras áreas, mas poderia também ser uma contaminação.

A presença de material Tupiguarani em sítios das outras tradições cerâmicas da área é constatada por todos os autores principais, demonstrando que é um fenômeno recorrente.

Calderón (1974:152) observa a presença de poucos cacos da fase Itapicuru associados com material da fase Aratu (tradição Aratu), em sítios do norte e do sul do Recôncavo baiano.

Dias Júnior & Carvalho (1980:69-70) anotam influência Tupiguarani na fase Mucuri, expressa na decoração do vasilhame junto à borda com uma faixa de corrugado simples.

Influências parecidas se observam em sítios da fase Una (Dias Júnior & Carvalho, 1982:31).

Na fase Piumhi registram engobo branco, corrugado, ponteadoungulado, inciso e outras formas de decoração ou acabamento de superfície em algumas peças possivelmente intrusivas. (Dias Júnior, 1974:110; Dias Júnior & Carvalho, 1982:22).

Dias Júnior (1971:141-142) registra decoração Tupiguarani também em poucos cacos dum sítio da fase Itaci e de outro da fase Sapucaí (tradição Aratu/Sapucaí).

Prous, Brito & Lima (1994) registram peças cerâmicas Tupiguarani em abrigos do vale do rio Peruaçu.

No estado de Goiás temos corrugado simples, engobo laranja, tembetás em T e afiadores em canaleta nos dois sítios da fase Itaberaí, que parecem influências Tupiguarani sobre cerâmica que tem características básicas da tradição Aratu/Sapucaí (Schmitz e outros, 1982).

No oeste de Goiás, num sítio da tradição Uru (GO-JU-36) temos uma mancha Tupiguarani (fase Iporá, subtradição Pintada) e ao menos mais uma mancha com cerâmica das duas tradições. Na mesma área, um sítio da fase Mossâmedes, da tradição Aratu/Sapucaí (GO-JU-40) tem uma mancha Tupiguarani (fase Iporá), com alguns cacos, agora intrusivos, da fase Mossâmedes. (Fensterseifer & Schmitz, 1975; Schmitz e outros, 1982)

No abrigo GO-RS-01 (fase Pindorama), no médio rio Tocantins, perto de Porto Nacional, TO, aparecem cacos Tupiguarani na superfície do abrigo (Barbosa e outros, 1982). Em Serranópolis, na superfície dos abrigos GO-JA-01, 8A, 11¹ e 24, ocupados por ceramistas da tradição Una, também aparecem cacos Tupiguarani (Schmitz e outros, 1989).

Ainda no Mato Grosso, Wüst (1990) anota 2 sítios Tupiguarani puros e 4 com elementos das tradições Tupiguarani e Uru.

González (1995), depois de estudar a ocupação dos grupos ceramistas pré-coloniais do Brasil Central, chega à seguinte conclusão: *No caso da ocupação de grupos portadores de cerâmica Tupiguarani notamos ainda que, embora tenham instalado suas aldeias no Brasil Central apenas a partir do século XII, e em porções bastante restritas de área, a ocorrência de artefatos e/ou elementos de sua cerâmica em sítios relacionados a todas as demais ocupações ceramistas da região, e desde épocas bem remotas, parecem indicar uma rede de relações e uma possibilidade de acesso com amplitude não observada para qualquer outra indústria da época. Esta interferência parece ter-se iniciado por volta do século IX, quando diversos assentamentos relacionados aos ceramistas de abrigos (Una), aos agricultores do Oeste (Uru) e do leste (Aratu) apresentam evidências de contato com portadores da indústria Tupiguarani. Além disto a análise desenvolvida a partir de artefatos permitiu identificar que, neste caso,*

existe um padrão de circulação de vasilhames inteiros, e não apenas de elementos isolados (sejam tecnológicos, morfológicos ou estilísticos) incorporados a outras indústrias... Em nossas leituras observamos que também ocorrem contaminações ou convivências nos mesmos assentamentos.

Com todas essas comparações cremos ter mostrado o lugar que os sítios do Projeto Serra Geral ocupam no povoamento das savanas tropicais do Brasil. Não se trata de achados inéditos, mas do próprio padrão de povoamento dessa área, onde, desde o começo do Holoceno até a conquista definitiva pelo colonizador de origem européia, temos assentamentos em espaços abertos e cobertos, primeiro de caçadores-coletores, depois de horticultores ceramistas.

Como o território apresenta restrições significativas, de solos ou de água, para a instalação dos grupos de horticultores mais desenvolvidos e sedentários da tradição Aratu/Sapucaí e da tradição Tupiguarani, o espaço permanece dominado por grupos caçadores-coletores pré-cerâmicos, nômades, no cerrado dos Gerais e por, aparentemente, pequenos grupos semi-sedentários da tradição Una na caatinga, com pequenas intrusões Tupiguarani.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ANDREATTA, Margarida D. 1977. Projeto arqueológico Anhangüera, Estado de Goiás - Missão 1976. *Revista do Museu Paulista*, n.s., vol. XXIV:111-129. São Paulo.
- _____. 1988. Projeto Anhangüera de Arqueologia de Goiás (1975-1985). *Revista do Museu Paulista*, n.s., vol. XXXIII:143-156. São Paulo.
- BARBOSA, Altair Sales. 1984. Modelo arqueológico no projeto Serra Geral. Tentativa de correlações sistêmicas e ecológicas. Goiânia, IGPA, UCG. MS.
- _____, SCHMITZ, P.I., STOBAS, A., MIRANDA, A.F. de. 1982. Projeto Médio Tocantins: Monte do Carmo, GO. Fase cerâmica Pindorama. *Pesquisas, Antropologia* nº 34:49-92. São Leopoldo.
- BITENCOURT, Ana Luisa Vietti & SCHMITZ, P.I. 1994. O paleoambiente do sítio arqueológico BA-RC-28: um estudo através dos minerais dos sedimentos do abrigo. *Revista de Arqueologia* 8(1):255-272. São Paulo.
- BROCHADO, José J.J. Proenza e outros. 1969. Arqueologia brasileira em 1968. Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi* 12. Belém.
- CALDERON, Valentin. 1967. Notícia preliminar sobre as seqüências arqueológicas do médio São Francisco e da Chapada Diamantina, Estado da Bahia. PRONAPA 1. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi* 6:107-119. Belém.
- _____. 1969. Nota prévia sobre arqueologia das regiões central e sudoeste do Estado da Bahia. PRONAPA 2. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi* 10:135-147, il. Belém.
- _____. 1974. Contribuição para o conhecimento da arqueologia do Recôncavo e do Sul do Estado da Bahia. PRONAPA 5. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi* 26:141-154, il. Belém.
- DIAS JUNIOR, Ondemar F. 1969a. Resultados preliminares do segundo ano de pesquisas no Estado do Rio de Janeiro. PRONAPA 2. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi* 10:119-133. Belém.
- _____. 1969b. Considerações iniciais sobre o 3º ano de pesquisas no Estado do Rio de Janeiro. PRONAPA 3. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi* 13:143-160. Belém.
- _____. 1969c. Fase Mucuri (Estado do Rio de Janeiro): algumas considerações. *Pesquisas, Antropologia* 20:113-119. São Leopoldo.
- _____. 1971. Breves notas a respeito das pesquisas no sul de Minas Gerais. PRONAPA 4. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi* 15:133-148. Belém.

- _____. 1974. Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas em Minas Gerais. PRONAPA 5. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi* 26:105-126, il. Belém.
- _____. 1976 e 1977. A evolução da cultura em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. *Anuário de Divulgação Científica* 3 e 4:111-130. Goiânia: IGPA, UCG.
- _____. 1978/79/80a. O Arcaico do interior brasileiro: Minas Gerais. In: SCHMITZ, P.I., BARBOSA, A.S., RIBEIRO, M.B. (eds). *Temas de Arqueologia Brasileira* 3:33-42. Goiânia: IGPA, UCG.
- _____. 1978/79/80b. Os cultivadores do planalto e do litoral. In: SCHMITZ, P.I., BARBOSA, A.S., RIBEIRO, M.B. (eds). *Temas de Arqueologia Brasileira* 5:17-40. Goiânia: IGPA, UCG.
- _____. 1979. Dados para o povoamento não Tupiguarani do Estado do Rio de Janeiro. Relações arqueológicas e etnográficas. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira* 8:18-40. Rio de Janeiro.
- _____ & CARVALHO, Eliana. 1980. A pré-história da Serra Fluminense e a utilização das grutas do Estado do Rio de Janeiro. *Pesquisas, Antropologia* 31:43-86. São Leopoldo.
- _____ & _____. 1982. A fase Piumhi: seu reconhecimento arqueológico e suas relações culturais. *CLIO* 5:5-43. Recife: Mestrado de História da UFPE.
- _____, SEDA, Paulo & BELLO, Mônica T. 1988. Escavações arqueológicas no Norte de Minas Gerais - Varzelândia: o sítio Zé Preto (MG-VG-27). *Revista de Arqueologia*, vol. 5(1):75-89. São Paulo.
- FENSTERSEIFER, Ellen & SCHMITZ, P.I. 1975. Fase Iporá. Uma fase Tupiguarani no sudoeste de Goiás. *Anuário de Divulgação Científica*, ano 2, nº 2:19-70. Goiânia: IGPA, UCG.
- GONZÁLEZ, Erika Marion Robrahn. 1995. Os grupos ceramistas pré-coloniais do Brasil Central: origens e desenvolvimento. Comunicação apresentada na VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, setembro de 1995. Porto Alegre, RS.
- HURLEY, William M. 1979. *Prehistoric Cordage*. Identification Impression Pottery. Washington: Taraxacum ed.
- LOWIE, Robert H. 1946. The Northwestern and Central Ge. In: STEWARD, Julian H. (Ed.). *Handbook of South American Indians*, vol. 1:477-517. Washington: Smithsonian Institution.
- MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo A.D., FERRAZ, Sheila Maria, MENDONÇA DE SOUZA, Arminda C. 1977. *A fase Paranã: apontamentos sobre uma fase pré-cerâmica e de arte rupestre do planalto central*. Goiânia: Museu Antropológico da UFGO.
- _____, MENDONÇA DE SOUZA, Sheila Maria, SIMONSEN, Iluska, OLIVEIRA, Acary de Passos & MENDONÇA DE SOUZA, M. Arminda. 1981-1982. Seqüência arqueológica da bacia do Paranã I. Fases pré-cerâmicas: Cocal, Paranã, Terra Ronca. *Arquivos do Museu de História Natural*, vol. VI-VII:81-87. Belo Horizonte: UFMG.

- _____, SIMONSEN, Iluska & OLIVEIRA, Acary de Passos. 1983-1984. Nota preliminar sobre a indústria lítica da fase Terra Ronca. *Arquivos dos Museu de História Natural* VIII-IX:21-27. Belo Horizonte: UFMG.
- PEDROSO, Dulce Madalena Rios. 1992. *Avá-Canoeiro: a história do povo invisível. Séculos XVIII e XIX*. Dissertação de Mestrado. UFGO, Goiânia.
- PEROTA, Celso. 1974. Resultados preliminares sobre a arqueologia da região central do Espírito Santo. PRONAPA 5. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi* 26:127-139, il. Belém.
- PROUS, André. 1978/79/80. O Arcaico do interior brasileiro - Minas Gerais. In: SCHMITZ, P.I., BARBOSA, A.S. & RIBEIRO, M.B. (eds.). *Temas de Arqueologia Brasileira* 3:32-42. Goiânia: IGPA, UCG.
- _____. 1992. *Arqueologia brasileira*. Brasília, D.F.: Universidade de Brasília.
- _____, LANNA, Ana Lúcia & PAULA, Fabiano Lopes de. 1980. Estilística e cronologia na arte rupestre de Minas Gerais. *Pesquisas, Antropologia* nº 31:121-146. São Leopoldo.
- _____, JUNQUEIRA, Paulo & MALTA, Ione. 1984. Arqueologia do alto médio São Francisco. *Revista de Arqueologia* 2(1):59-72. Belém.
- _____, BRITO, Marcos Eugênio & LIMA, Márcio Afonso. 1994. As ocupações ceramistas no vale do rio Peruaçu (MG). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Universidade de São Paulo, nº 4:71-94.
- RADAMBRASIL vol. 29. Folha Brasília SD-23. 1982. Rio de Janeiro: FIBGE.
- RIBEIRO, Berta G. 1986. Glossário dos tecidos. In: RIBEIRO, Darcy (ed). *Suma etnológica brasileira* 2:390-396. Petrópolis: Vozes.
- _____. 1988. *Dicionário do artesanato indígena*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. 1980. A evolução da cultura no sudoeste de Goiás. *Pesquisas, Antropologia* nº 31:185-225. São Leopoldo.
- _____, WÜST, Irmhild, COPÉ, Sílvia Moehlecke, THIES, Ursula Madalena B. 1982. Arqueologia do centro-sul de Goiás: uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil. *Pesquisas, Antropologia* nº 33. São Leopoldo.
- _____, RIBEIRO, Maira Barberi, BARBOSA, Altair Sales, BARBOSA, Mariza de Oliveira & MIRANDA, Avelino Fernandes de. 1986. *Arqueologia nos cerrados do Brasil Central. Caiapônia*. Publicações Avulsas nº 8. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS.
- _____, BARBOSA, Altair Sales, JACOBUS, André Luis, RIBEIRO, Maira Barberi. 1989. *Arqueologia nos cerrados do Brasil Central. Serranópolis I*. Pesquisas, Antropologia nº 44. São Leopoldo.
- _____ & BARBOSA, Altair Sales. 1985. *Horticultores pré-históricos do Estado de Goiás*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS.
- _____ & _____. 1994. Prospeções arqueológicas no sudoeste da Bahia. Projeto Serra Geral. *Revista de Arqueologia* 8(1):173-181. São Paulo.
- SIMONSEN, Iluska. 1975. *Alguns sítios arqueológicos da série Bambuí em Goiás*. Goiânia: Museu Antropológico da UFGO.

- _____, OLIVEIRA, Acary de Passos, MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo A.C. 1981. Seqüência arqueológica da bacia do Paranã - II. Sítios cerâmicos: a fase Palma. *Arquivos do Museu de História Natural* VI-VII:249-264. Belo Horizonte: UFMG.
- _____, MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo A.C. & OLIVEIRA, Acary de Passos. 1981. *Escavação arqueológica da gruta do Salitre*. Goiânia: Museu Antropológico da UFGO.
- WÜST, Irmhild. 1990. *Continuidade e mudança. Para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso*. São Paulo/Goiânia. Tese de doutorado na USP.
- _____ & SCHMITZ, P.I. 1975. Fase Jataí, estudo preliminar. *Anuário de Divulgação Científica*, ano 2, nº 2:71-95. Goiânia: IGPA, UCG.

ANEXO I: RESTOS DE ANIMAIS E PLANTAS RECUPERADOS NOS CORTES

CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	GÊNERO/ESPÉCIE	NOME POPULAR
Animais				
Gastropoda	Mesogastropoda	Ampullariidae	<i>Pomacea</i> sp	aruá-do-banhado
Gastropoda	Stylommatophora	Megalobulimidae	<i>Megalobulimus</i> sp	aruá-do-mato
Gastropoda	Stylommatophora	Bulimulidae	<i>Bulimulus</i> sp	
Gastropoda	Stylommatophora	Bulimulidae	<i>Drymaeus</i> sp	
Gastropoda	Stylommatophora	Bulimulidae	<i>Anastoma</i> sp	
Gastropoda	Stylommatophora	Odontostamidae	<i>Cyclodontina</i> sp	
Gastropoda	Stylommatophora	Pleurodontidae	<i>Solaropsis(?)</i> sp	
Gastropoda	Não ident. 01			
Gastropoda	Não ident. 02			
Bivalvia	Unionoida	Hyriidae	<i>Diplodon</i> sp	
Osteichthyes	Cypriniformes	Characidae		piranha
Amphibia	Anura			sapo
Reptilia	Chelonia			tartaruga
Reptilia	Squamata	Teiidae		calango
Reptilia	Squamata	Teiidae	<i>Tupinambis</i> sp	lagarto-teiú
Reptilia	Squamata	Viperidae (?)		serpente
Aves				
Mammalia	Marsupialia	Didelphidae	<i>Didelphis</i> sp	gambá
Mammalia	Marsupialia	Didelphidae		guaiquica ou cuíca
Mammalia	Edentata	Myrmecophagidae	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	tamanduá-bandeira
Mammalia	Edentata	Myrmecophagidae	<i>Tamandua tetradactyla</i>	tamanduá-mirim
Mammalia	Edentata	Dasypodidae	<i>Dasypus novemcinctus</i>	tatu-galinha
Mammalia	Edentata	Dasypodidae	<i>Euphractus sexcinctus</i>	tatu-peludo
Mammalia	Chiroptera			morcego
Mammalia	Primates	Callitrichidae	<i>Callithrix</i> sp	sagüi
Mammalia	Carnivora	Felidae	<i>Felis pardalis</i>	jaguaririca
Mammalia	Perissodactyla	Tapiridae	<i>Tapirus terrestris</i>	anta
Mammalia	Artiodactyla	Tayassuidae	<i>Tayassu</i> sp	porco-do-mato
Mammalia	Artiodactyla	Cervidae	<i>Mazama</i> sp	veado
Mammalia	Artiodactyla	Cervidae	<i>Ozotocerus</i> sp	veado-campeiro(?)
Mammalia	Rodentia	Caviidae	<i>Cavia</i> sp (?)	preá
Mammalia	Rodentia	Dasyproctidae	<i>Dasyprocta</i> sp	cutia
Mammalia	Rodentia	Cricetidae		rato-do-mato
Mammalia	Rodentia	Echymyidae		rato-de-espinho

CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	GÊNERO/ESPÉCIE	NOME POPULAR
Plantas				
Magnoliopsida	Theales	Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i>	pequi
Magnoliopsida	Violales	Cucurbitaceae		
Magnoliopsida	Fabales	Leguminosae	<i>Hymenea stigonocarpa</i>	jatobá
Magnoliopsida	Fabales	Leguminosae	Não ident.	
Magnoliopsida	Sapindales	Sapindaceae	<i>Talisia esculenta</i>	pitomba
Magnoliopsida	Sapindales	Anacardiaceae	<i>Spondias tuberosa</i>	umbú
Magnoliopsida	Malvales	Malvaceae		algodão
Liliopsida	Arecales	Palmae	<i>Syagrus oleraceae</i>	gueroba
Liliopsida	Cyperales	Gramineae		milho

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** - Inácio Schmitz, S.J. - Pesquisas 1, 1957, 122-142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** - José de Moura, S.J. - Pesquisas 1, 1957, 143-180, 293-295.
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul)** - Inácio Schmitz, S.J. - Pesquisas 2, 1958, 1133-266.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** - Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 3, 1959, 199-266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea** - Inácio Schmitz, S.J. - Pesquisas 3, 1959, 267-324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien** - Guilherme Tiburtius - Pesquisas 1960, Antropologia nº 6, 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná** - Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella - Pesquisas 1960, Antropologia nº 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** - Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1960, Antropologia nº 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas** - J. Hasler - Pesquisas 1960, Antropologia nº 9, 17 pp.
10. **Os Munkû, 2ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche** - José de Moura, S.J. - Pesquisas 1960, Antropologia nº 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien** - Guilherme Tiburtius - Pesquisas 1961, Antropologia nº 11, 28 pp. 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** - Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1961, Antropologia nº 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** - Igor Chmyz - Pesquisas 1962, Antropologia nº 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961)** - Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1962, Antropologia nº 14, 27 pp., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina. I. Exploração sistemática do sítio de Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga** - Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1966, Antropologia nº 15, 61 pp., 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul** - Pedro Ignácio Schmitz, S.J. e outros - Pesquisas 1967, Antropologia nº 16, 58 pp., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13** - João Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1967, Antropologia nº 17, 24 pp., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata** - Pesquisas 1968, Antropologia nº 18, 190 pp., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes** - João Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1969, Antropologia nº 19, 30 pp. 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências** - Pesquisas 1969, Antropologia nº 20, 216 pp., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil** - Tom O. Miller, Jr. - Pesquisas 1969, Antropologia nº 21, 48 pp., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna** - João Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1969, Antropologia nº 22, 37 pp., 1 mapa, 2 fig., 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardo (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1ª parte** - Pedro Ignácio Schmitz e outros - Pesquisas 1970, Antropologia nº 23, 54 pp. 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense** - João Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1971, Antropologia nº 24, 56 pp., 12 fig., 4 pr. fora do texto.
25. **Os Espíritos Maus dos Nanbikuára e Quinze Lendas dos Rikbáktsa** - Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. - Pesquisas 1973, Antropologia nº 25, 48 páginas.
26. **A morte e a outra vida do Nanbikuára. Lendas dos Índios Nanbikuára** - Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. - Pesquisas 1974, Antropologia nº 26, 54 pp.
27. **Lendas dos Índios Iránxe** - Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. - Pesquisas 1974, Antropologia nº 27, 84 pp.
28. **História dos Munkû (Iránxe)** - Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. e Pe. José de Moura e Silva, S.J. - Pesquisas 1975, Antropologia nº 28, 40 pp.

29. **O Índios Kaingáng no Rio Grande do Sul** - Ítala Irene Basile Becker - Pesquisas 1976, Antropologia nº 29, 264 pp.
30. **Sítios de Petroglifos nos Projetos Alto-Tocantins e Alto-Araguaia, Goiás** - Pedro Ignácio Schmitz, Sílvia Moehlecke & Altair Sales Barbosa - Pesquisas 1979 - Antropologia nº 30, 73 pp.
31. **Estudos de arqueologia e pré-história brasileira em memória de Alfredo Teodoro Rusins**. Pedro Ignácio Schmitz, Editor. Pesquisas 1980, Antropologia nº 31, 249 pp.
32. **Contribuciones a la prehistoria de Brasil** - Pedro Ignácio Schmitz - Pesquisas 1981, Antropologia nº 32, 243 pp.
33. **Arqueologia do Centro-Sul de Goiás**. Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil - Pedro Ignácio Schmitz, Irmhild Wüst, Sílvia Moehlecke Copé, Úrsula Madalena Elfriede This - Pesquisas 1982, Antropologia nº 33, 281 pp.
34. **Petroglifos do Estilo Pisadas no Centro do Rio Grande do Sul** - Pedro Ignácio Schmitz, José Proenza Brochado. **Projeto Médio-Tocantins: Monte do Carmo, GO. Fase Cerâmica Pindorama** - Altair Sales Barbosa, Pedro Ignácio Schmitz, Angélica Stobäus, Avelino Fernandes de Miranda - Pesquisas 1982, Antropologia nº 34, 93 pp.
35. **O Povoamento Tupiguarani no Baixo Ijuí, RS, Brasil** - Jussara Louzada Ferrari - Pesquisas 1983, Antropologia nº 35, 132 pp.
36. **O Pensamento Mítico dos Mambikwára** - Adalberto Holanda Pereira, S.J. - Pesquisas 1983, Antropologia nº 36, 144 pp.
37. **El Indio y la Colonización** - Ítala Irene Basile Becker - Pesquisas 1984, Antropologia nº 37, 288 pp.
38. **Prehistoria del N.E. Argentino, sus Vinculaciones con la Republica Oriental del Uruguay y sur de Brasil** - Maria Amanda Caggiano - Pesquisas 1984, Antropologia nº 38, 109 pp.
39. **O pensamento Mítico do Iránxe** - Adalberto Holanda Pereira, S.J. - Pesquisas 1985, Antropologia nº 39, 167 pp.
40. **Craniometria Radiográfica em População Pré-Histórica Brasileira; Ecologia e Cultura Material; Estratégias Usadas no Estudo dos Caçadores do Sul do Brasil - Alguns Comentários; Fase Itapiranga: Sítios da Tradição Planáltica; O Material Lítico do Sítio RS-CA-14, Capão Grande, Camaquã, RS.** - Pe. João Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1985, Antropologia nº 40, 144 pp.
41. **O Pensamento Mítico do Paresi - Primeira Parte** - Adalberto Holanda Pereira - Pesquisas 1986, Antropologia, nº 41, 441 pp.
42. **O Pensamento Mítico do Paresi - Segunda Parte** - Adalberto Holanda Pereira - Pesquisas 1987, Antropologia, nº 42, 398 pp.
43. **Paleogenética dos Grupos Pré-Históricos do Litoral Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina)** - Walter Alves Neves - Pesquisas 1988, Antropologia nº 43, 178 pp.
44. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central. Serranópolis I** - Pedro Ignácio Schmitz, Altair Sales Barbosa, André Luiz Jacobus e Maira Barberi Ribeiro - Pesquisas 1989, Antropologia nº 44, 208 pp.
45. **O Sítio Arqueológico da Praia da Tapera: Um Assentamento Itararé e Tupiguarani** - Sérgio Baptista da Silva, Pedro Ignácio Schmitz, Jairo Henrique Rogge, Marco Aurélio Nadal de Masi e André Luiz Jacobus - Pesquisas 1990, Antropologia nº 45, 210 pp.
46. **História da Arqueologia Brasileira** - Alfredo Mendonça de Souza - Pesquisas 1991, Antropologia nº 46, 157 pp.
47. **Lideranças Indígenas no Começo das Reduções da Província do Paraguay** - Ítala Irene Basile Becker - Pesquisas 1992, Antropologia nº 47, 197 pp.
48. **O Sítio Arqueológico da Armação do Sul. Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J.** - Pedro Ignácio Schmitz, Marco Aurélio Nadal de Masi, Ivone Verardi, Rodrigo Lavina & André Luis Jacobus - Pesquisas 1993, Antropologia nº 48, 220 pp.
49. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J.; O Sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma Aldeia da Tradição Ceramista Itararé** - Pedro Ignácio Schmitz, Ivone Verardi, Marco Aurélio Nadal de Masi, Jairo Henrique Rogge & André Luiz Jacobus - Pesquisas 1993, Antropologia nº 49, 181 pp.
50. **O Pensamento Mítico do Rikbaktsa** - Adalberto Holanda Pereira - Pesquisas 1994, Antropologia nº 50, 336 pp.
51. **O Pensamento Mítico Kayabí** - Adalberto Holanda Pereira - Pesquisas 1995, Antropologia nº 51, 160 pp.